

Carvalho

HISTORIA UNIVERSAL.

TOMO QUINTO.

Historia Testis temporum; Lux veritatis; vita memoriæ; Magistra vitæ; Nuncia vetustatis.

Cicero.

HISTORIA UNIVERSAL.

SEGUNDA PARTE: HISTORIA MODERNA,

ESCRITA EM FRANCEZ

PELO ABBADE MILLOT;

E TRADUZIDA EM VULGAR

POR J. J. B.

Professor de Lingua Franceza no Real Collegio de Alcobaça.

TOMO QUINTO.



LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

MDCCLXXXIV.

Com Licença da Real Meza Censoria.

PREFAÇAÕ
DO
AUTHOR.

JÁ fica exposto o plano deſta Obra na Prefaçaõ, e Introducçaõ á Hiſtoria antiga. O que tenho de accrescentar neſte lugar he ſobre a Hiſtoria moderna em particular, muito mais difficultoſa de tratar-ſe, viſta, e conſiderada geralmente.

O meu trabalho naõ tem ſido para meninos incapazes ainda de reflexões ſeguidas, mas para a mocidade já inſtruida nos primeiros eſtndos, e para as peſſoas do mundo, que pertendem, ou adquirir as principaes noções hiſtoricas, ou renovallas na memoria com fructo, e ſem muito eſtudo. Todavia minha intençaõ he ſer tambem util aos proprios meninos; pois facilmente pódem eſcolher-ſe as paſſagens mais convenientes, explicar-lhes as diffi-

cul-

culdades, e duvidas, que nellas acharem, e ſuprir os poucos conhecimentos preliminares, que requer ſemelhante leitura.

Os elementos, em materia de ſciencias exactas, devem definir, e demonſtrar tudo, contribuir para que ſe formem immediatamente todas as idéas, naſcendo humas das outras, enlaçar os principios, e as conſequencias em huma ordem neceſſaria, e igualmente luminoſa: ſendo muito raro que os entendimentos mediocremente exercitados os aprendaõ ſem ſoccorro algum.

Semelhante methodo naõ he proprio para a hiſtoria, e particularmente para a hiſtoria geral, que he hum número infinito de factos, a maior parte ſoltos, confundidos no abyſmo dos ſeculos, e na immenſidade do Univerſo; mais, ou menos intereſſantes a noſſo reſpeito, conforme os noſſos goſtos, e as noſſas correlações peſſoaes; taes em fim, que cada naçaõ (por naõ dizer cada

da povoaçaõ) compõe dos factos a ella concernentes, hum montaõ de enormes volumes. Como se póde extrahir de semelhante chaos, como se póde arrumar com ordem, concisaõ, clareza, exactidaõ, e elegancia, a materia de huma obra propria para dar os conhecimentos essenciaes, e para fazer o estudo mais agradavel, e menos fastidioso?

Se cheguei a alcançar o fim da minha idéa, he todo o feliz successo que podia esperar deste dilatado trabalho, cujos defeitos iráõ talvez a menos na continuaçaõ desta obra. O titulo de *Elementos* naõ tem neste lugar o mesmo sentido rigoroso, que se dá n'outros generos. Preferi este titulo por ser o que melhor procede com o meu objecto, sem me sujeitar aos obstaculos de hum constrangimento inutilmente escrupuloso. A brevidade me pareceo especialmente necessaria: e muitas vezes basta indicar os factos,

ctos, para formar a uniaõ das idéas. N'huma palavra, naõ devia efcrever nem huma efteril Chronologia, cheia de nomes, e de datas; nem huma enfadonha compilaçaõ de noticias triviaes, e faftidiofas: devia debuxar o grande retabulo das coufas humanas, e naõ aprefentar nelle fenaõ as individuações abfolutamente neceffarias, para fixar a attençaõ nos factos os mais importantes de confervar-fe na memoria, Efta he a origem dos conhecimentos, que as Hiftorias particulares haõ de defcobrir.

Nas Obras defta natureza, naõ he facil a boa narraçaõ; porém muito menos facil he o bom methodo. O melhor, a meu vêr, feria o que excitando mais a curiofidade do entendimento, dirigiffe melhor as operações da memoria. Porém de qualquer modo que fe proceda, o ponto principal he ajuntar os objectos analogos, notar o fio das caufas, e dos

ef-

effeitos, obſervar o principio das diverſas revoluções, ſeguir o caminho da intelligencia humana, e diſtribuir as materias por certos limites, por onde poſſaõ ſer viſtas, e conſideradas diſtinctamente. As Épocas, taes como ſe empregaõ ordinariamente, me parecem muito inſufficientes. A pezar da minha vigilancia em aperfeiçoar ſemelhante methodo, naõ me liſongeio de ter chegado ao ponto de perfeiçaõ, que conſiderava.

Diſcorramos a reſpeito da hiſtoria, para extrahir della idéas juſtas, e conſequencias praticadas ſobre tudo quanto intereſſa a ſociedade. Eis-qui ſem dúvida a eſſencial em hum curſo de inſtrucçaõ, onde todos ſe propõem de nunca ſeparar nem as luzes, nem os ſentimentos. Tudo deve guiar ou para as reflexões, ou para as máximas: tudo deve ou illuminar o entendimento, ou formar o coraçaõ.

A

A ſabedoria, ſe tiveſſe reinado ordinariamente entre os homens, ſer-lhes-hia natural, e quaſi que naõ exigiria nem eſtudos, nem esforços. Tal he pelo contrario a humana fraqueza, que a Hiſtoria Geral continuamente offerece hum eſpectaculo de loucuras, e de deſordens, e que nos inſtrue muito mais por meio dos erros, e das infelicidades dos noſſos antepaſſados, do que por meio dos exemplos dignos de todos os elogios.

Eſta a razaõ, porque os vicios dos antigos governos chegáraõ a ſer huma das melhores lições da politica; aſſim como as diſtracções, ou os erros do antigo clero, huma das melhores lições de diſciplina, e de moral.

Naõ hei de pois diſſimular nenhum dos exceſſos, que tiveraõ perniciosos effeitos; nem ainda aquelles meſmos, que taõ cruelmente ſe arguem ao Pontificado, ao Sacer-

do-

docio, e aos Religiosos. Sou obrigado a mostrar, que semelhantes excessos, nos seculos da ignorancia, e da superstiçaõ, foraõ a origem de huma grande parte das desgraças da humanidade. Por ventura naõ descrevem os Livros Santos semelhantes desordens com as cores as mais vivas? Por ventura a Lei Divina naõ condena até as imperfeições dos seus Ministros? Hum dos triunfos da Igreja he o ter subsistido entre tantos escandalos. Em vaõ se afouta o impio a imputallos á mesma Religiaõ: nelles acha o Christaõ hum motivo de mais para adorar a Providencia.

Além de que, todo o homem imparcial ha de julgar, que se o abuso do Ministerio Santo produzio muitas vezes grandes infelicidades, o seu uso diario sempre produzio grandes bens. O mal he conhecido por manifestos effeitos; o bem he incognito por hu-

huma uniforme continuaçaõ. O primeiro occupa infelizmente a hiſtoria; o segundo ſegue o curſo habitual da ſociedade.

Finalmente ſemelhante mal procedeo muito mais do erro, do que das paixões. O meſmo mal póde de algum modo hoje em dia ſervir para gloria dos Miniſtros do Altar; pois que huns o confeſſaõ com candura, outros o evitaõ com cuidado, e a maior parte, conhecendo melhor as obrigações da ſociedade civil, e chriſtã, moſtraõ-ſe mais dignos da confiança, ou da eſtimaçaõ publica.

A perfeiçaõ he huma quimera admiravel na terra. Porém todo o governo devia rectificar-se, e ſe rectificará ſempre mais, por meio de qualquer exame reflectido dos antigos erros. Em todos os generos de funções, eccleſiaſticas, politicas, e civís, os precipicios, e as dacadencias de outrem enſi-

naõ

naõ a arte de cada qual haver-ſe com ſiſudeza.

Aquelles, que pretendem alterar, ou affectar de disfarçar os factos hiſtoricos a eſte reſpeito; ſempre ſeráõ ſuſpeitos de hum orgulho, e de hum intereſſe, taõ mal entendidos, que patenteando-ſe a verdade depois de muito tempo, nada a faz brilhar tanto como os vãos modos, dos quaes uſa a imprudencia a fim de a eſcurecer. A meſma verdade amiga eſſencialmente da Religiaõ, das Leis, e da boa ordem naõ tem outro fim ſenaõ inſpirar as virtudes, e as obrigações. Sem a deſnaturalizar, naõ a podemos fazer favoravel para a exceſſiva liberdade. Todo aquelle que, em eſcrevendo, ſe aparta dos principios fundamentaes do Chriſtaõ, e do Cidadaõ, ou he cégo, ou mentiroſo; e a Hiſtoria ſempre ha de depôr contra elle.

Praza a Deos que a meſma Hiſtoria poſſa formar por toda a parte

paſ-

paſtores dignos de citar-ſe para modelos; magiſtrados, verdadeiros orgãos da juſtiça; guerreiros, generosos defenſores do Eſtado: vaſſallos fieis ao ſeu Principe, e zeloſos pela ſua Patria; Principes attentos em merecer o amor, e o zelo dos ſeus Vaſſallos; eſcritores capazes de illuminar as Nações; e finalmente homens, em cada condiçaõ particular, felices por meio da prudencia, e da ſabedoria, e uteis para a ſociedade por meio do trabalho!

Se eſta pequena, e fraca Obra inſpirar a algumas almas o goſto da verdade, e da virtude, terá o ſucceſſo coroado os meus empenhos. Se der a qualquer juſto motivo de queixa, naõ haverá couſa mais contrária ás minhas intenções. Taõ injurioſa ſeria para mim a ſatyra, como vergonhoſa à liſonja.

OB-

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

A respeito de estabalecimento dos Barbaros no Imperio Romano.

A ruina do Imperio Romano, grande objecto de reflexões.

ENTRE tantas revoluções sanguinolentas, que mudáraõ a face do mundo, nenhuma ha mais digna das attenções da politica, e da mesma filosofia, do que aquella, que destruindo o Imperio Romano, levantou sobre as suas ruinas as Monarquias da Europa. A gloria, a grandeza, as forças, e as luzes daquelle famoso Imperio; tudo acabou em pouco tempo. Huns Barbaros desconhecidos, ou desprezados, destroem a obra dos seculos, a obra de innumeraveis Heróes, e engenhos immortaes. Os mesmos Barbaros triunfaõ de Roma, assenhoreaõ-se das suas Provincias, e dellas fazem Estados independentes, estabelecem-lhes as suas Leis, e as suas preoccupações juntamente com o seu poder. As causas, e os effeitos de taõ memoravel successo dariaõ materia para muitos volumes, todos ajuntarei n'huma só descripçaõ, limitando-me a algumas reflexões uteis, sem procurar na historia mais que aquillo que póde illuminar a razaõ, inspirar sabedoria.

O

Explica-se esta revoluçaõ por meio das causas moraes.

O nome Romano nos impõe a sabedoria. Pouco falta para naõ gememos sobre as ruinas do Imperio, aborrecermos os seus destruidores, como huns monstros vís, e igualmante abominaveis. Porém o colosso, que arruinava as nações, e que das suas ruinas se tinha formado, acaso deve interessar-nos mais do que os Póvos, cujo sangue corre pelas nossas veias? Por ventura os Honorios, os Arcadios, e os herdeiros da sua cobardia, e da sua estupida imprudencia, saõ mais dignos da nossa veneraçaõ do que os Alaricos, os Ataulfos, os Clovis, os Odoacros, os Theodoricos, os Totilas, os Alboinos, os Autharicos, &c.? Acaso o jugo dos Imperadores era preferivel ao jugo dos novos fundadores de Monarquias? Finalmente, naõ se devem considerar as victorias, e o estabelecimento fixo dos Barbaros como huma serie das causas moraes, cuja influencia cedo ou tarde produz a elevaçaõ, e a decadencia dos Imperios? Nós o julgaremos pela Historia. Voltemos hum instante sobre os nossos passos; lembremo-nos de algumas idéas importantes, dispersas na primeira parte desta Obra, que saõ a origem das consequencias, que nos ficaõ para descobrir.

Era

Era Roma devedora da sua fortuna tanto aos seus costumes, como á sua politica, e ás suas armas. As suas conquistas dilatáraõ-se, e fortificáraõ-se por causa da nobreza dos sentimentos, do amor da liberdade, e da patria, da paixaõ da gloria, da invencivel constancia nos trabalhos, do desprezo dos perigos, e da mórte, da obediencia ás Leis, e sobre tudo da disciplina militar. As suas proprias injustiças eraõ revestidas de huma certa, e brilhante magestade, e o *Povo Rei* fazia respeitar a sua tyrannia.

Como os Romanos tinhaõ adquirido o seu Imperio.

Produziraõ as riquezas em Roma, o mesmo que por toda a parte: o luxo corrompe os costumes, e os vótos da plebe foraõ comprados pela ambiçaõ dos grandes; a liberdade extinguio-se no sangue dos Cidadãos; as gueras civís naõ socegáraõ, senaõ com o dominio de hum Senhor; do interesse nascêraõ os Cortezãos, e os escravos da força; as legiões chegáraõ a ser os instrumentos do despotismo, julgando ter direito para dispôr da Soberania: os Pretorianos vendidos sempre a quem melhor partido lhes fizesse, zombáraõ assim da vida dos Principes, como das Leis da República; n'huma palavra, com a fórma do antigo governo viraõ-se reinor o crime, e os abusos mais monstruosos. Hum Senado vil, Ma-

Como, e até que ponto se corrompêraõ os Romanos.

gistrados sem authoridade ou sem honra, tropas desenfreadas, hum Povo cobarde, opprimido, e insolente, abandonáraõ-se a todos os generos de desordens; sómente o ar da Corte teria sido sufficiente para infectar toda a Naçaõ: as desordens, a perfidia, e quasi todos os vicios, ordinariamente estavaõ annexos ao Throno.

Alguns grandes Imperadores naõ remediáraõ o mal senaõ de paffagem.

Alguns homens grandes chegando á occupar o Supremo lugar, traçáraõ novamente a imagem das virtudes antigas. Roma pareceo renascer; porém semelhante áquelles enfermos, que se livráraõ da sepultura, sem extirpar o principio da mórte annexo á sua substancia, a sua decadencia foi horrorosa, assim que novamente se abriraõ as origens da corrupçaõ.

Licença horrorofa dos foldados.

Os exercitos, os quaes estabeleciaõ Principes, a fim de tirar delles violentamente immensas liberalidades, e os matavaõ cruelmente, a fim de tirar tambem violentamente as mesmas quantias de seus Successores, chegáraõ a tal extremo de devassidaõ, a tal excesso, que o nome de disciplina se torna em sinal de rebelliaõ. Já os mesmos exercitos naõ se compunhaõ de soldados, mas de huns destruidores da Patria; os soldados já naõ eraõ Cidadãos armados para a defeza commum,

eraõ

eraõ huns salteadores desenfreados, que naõ se fartavaõ de roubar: alistando-se tambem entre elles hum grande número daquelles Barbaros, cujos compatriotas, e cujos irmãos tinhaõ dado por ultimo sobre as Provincias. Os inimigos achavaõ até nas proprias legiões homens ansiosos de recebellos.

Vicios, e miseria do Povo.

Ao mesmo tempo que guardava, ou arruinava as Fronteiras huma milicia temerosa, o Povo nas Capitaes, longe da guerra, de cuja arte naõ tinha já conhecimento, quasi do mesmo módo ignorava o trabalho taõ necessario para a conservaçaõ dos costumes. Como indigente, e ocioso vivia de distribuições, de prodigalidades, estabelecidas por huma pessima politica, a fim de acarear a sua benevolencia. O mesmo Povo exigia paõ, e jogos, naõ como o salario, ou alivio dos seus suores, mas antes como fructo, e alimento dos seus vicios; prompto sempre para soblevar-se quando se lhe naõ podia pagar semelhante tributo, por causa das necessidades do Estado. A Italia mudada em jardins por causa de huma ostentaçaõ Asiatica, naõ queria alimentar os seus habitadores. Se por infelicidade faltavaõ as frotas da Africa, e da Sicilia, desgraça que de ordinario acontecia em meio das perturbações, e das guerras,

o Povo respirava sómente sedições. Se o inimigo apparecia ás pórtas da Cidade: o Povo naõ sabia nem obedecer, nem combater. Estava Roma totalmente falta de Romanos.

Estado deploravel do Occidẽte, depois da fundaçaõ de Constantinopla.

QuandoConstantino fundou a sua Capital, para a qual attrahio, por meio de hum orgulho imprudente, quasi todas as riquezas do Estado, exaurido o Occidente cahio n'huma especie de aniquilaçaõ. Certifica-se, naõ obstante, que no tempo da tomada de Roma por Alarico, a renda de muitas familias excedia a quantia de quatro milhões de livras de França, (hum milhaõ e seiscentos mil cruzados) e que as familias da segunda ordem ao menos tinhaõ hum milhaõ de livras Francezas de renda, (quatrocentos mil cruzados.) Se diminuirmos ainda muito de semelhante calculo, por ventura naõ he próva evidente, de que o pequeno número absorvia a riqueza da Naçaõ; que hum luxo abominavel multiplicava continuamente os crimes, augmentava continuamente a miséria; e que as Provincias eraõ a victima dos Cortezãos, dos Magistrados, e dos Officiaes dos Erarios?

Roubos públicos.

Com effeito, a Historia naõ apresenta senaõ huma descripçaõ de concussões, e de roubos. O fomoso imposto do chrysargiro, imposto que se pagava de

de quatro em quatro annos) estabelecido sobre as cousas- as menos susceptiveis de taxa, e de algum modo sobre a mesma mendicidade, manchou a memoria de Constantino. Diversas Leis, principalmente aquellas dos loucos filhos de Theodosio, como que pozéraõ freio á injustiça. Porém as Leis naõ eraõ mais que palavras desprezadas. Nunca a injustiça foi nem maior, nem mais impune. Os ministros, as mulheres, os eunucos, e os infimos criados, tudo sacrificavaõ ás suas paixões com o nome sagrado do Imperial poder: semelhante nome annunciava unicamente tyrannia.

Revoluções continuas.

Basta reflectir sómente sobre dous pontos de historia incontestaveis. No espaço de sincoenta annos, depois de Alexandre Severo, mais de sincoenta Cesares, ou Augustos saõ acclamados, e degollados pelos militares, taõ promptos para a rebelliaõ, e homicidio, como indifferentes para a gloria, e o Estado. Por outra parte, a infame traiçaõ chega a ser hum dos recursos principaes do governo. Mandaõ-se assassinos contra os Principes, cujas armas saõ para temer: armaõ-lhes tambem siladas, para as quaes saõ attrahidos com apparencias de amizade, e a hospitalidade he homicida; a hospitalidade, taõ santa antigamente entre os Romanos!

Traições praticadas contra os Barbaros.

a hospitalidade, exercitada pelos Barbaros com sinceridade taõ generosa! O Reinado de Valencio offerece dous exemplos de Reis mortos cruelmente deste modo ao sahir da meza. Modo extraordinario de suspender as emprezas daquelles Póvos conquistadores, ao mesmo tempo que se naõ envergonhavaõ de pagar-lhes tributos, e de comprar a paz, fazendo-lhes desejar a guerra!

Já naõ ha virtude, já naõ ha hóra.

He logo para admirar que dasapparecendo da Corte, dos exercitos, e dos empregos a verdade, e a honra, naõ conservasse hum Povo infeliz, e vil, mais que o unico nome de Romano? Que este nome, chegando a ser commum para todos os vassallos do Imperio, naõ despertasse em nenhum os sentimentos da antiga Roma? Que os animos antigamente taõ fervorosos a favor dos publicos interesses, naõ se inflammassem senaõ pelos partidos de cocheiros, e disputas Theologicas? Finalmente, que os odios de religiaõ, acabando de extinguir o patriotismo, chegassem a ser huma das causas principaes da ruina, que se preparava?

Odios de religiaõ, depois do estabeleci-

Tinha o Christianismo subido felizmente ao Throno. A verdade, por meio do Christianismo, devia desterrar os erros, e a virtude triunfar das paixões; por meio do

do mesmo Christianismo devia huma caridade universal unir os homens com Deos, cuja bondade, e misericordia infinita lhes eraõ propostas por modelo. Porém esta Religiaõ naõ os fazia impeccaveis. Podiaõ os homens, apartando-se das suas maximas, tomalla por pretexto para os mais perniciosos excessos. Se os Christãos chegassem a ser perseguidores, depois de ter confirmado a sua fé sob o ferro das perseguições, huma guerra intestina arruinaria o Corpo Politico, e abriria por todas as partes as brechas, por onde os inimigos exteriores penetrassem no seu seio. O que effectivamente succedeo.

mento do Christianismo.

Constantino, posto que tivesse alguma inclinaçaõ para o despotismo, naõ tinha emprehendido violentar as consciencias dos idolatras. Como teria Constantino imaginado que os Romanos ajoelhariaõ diante da Cruz, se a persuasaõ naõ lhes fizesse adorar interiormente o seu mysterio? Muito era que o verdadeiro Deos tivesse Altares, e o Evangelho fosse prégado no Capitolio. Alguns Imperadores seguiraõ este systema de moderaçaõ. Porém o impaciente zelo, com o qual a paixaõ se póde confundir com tanta industria, authorizou-se finalmente do favor. Os Deoses de Roma foraõ insultados publicamente, as suas Estatuas quebradas, e vexa-

Violencias contra os Pagãos.

xados os seus seguidores. Fulmináraõ-se em breve tempo Leis penaes contra o antigo culto: a pena de morte foi pronunciada contra huns sacrificios prescritos antecedentemente pelas Leis; o Senado vío abater o Altar da Victoria, aquelle mesmo Altar taõ precioso para a Naçaõ; e posto que o número dos Pagãos ainda fosse muito consideravel, posto que o imperio naõ tivesse bastante força contra hum diluvio de inimigos, o governo excluio dos empregos, e da milicia todo aquelle que naõ seguisse a Religiaõ do Principe, isto he, cortou de algum modo as cabeças, e os braços daquelles mesmos, de cujo soccorro necessitava.

Donde procedéraõ as discordias, e fanatismo.

Daqui nascêraõ as reprehensões, as injurias, e os odios mutuos, taõ proprios para excitar o fanatismo. Daqui nascêraõ os partidos pro, ou contra os novos Augustos, conforme a cada hum se affiguravaõ ou favoraveis, ou contrarios ao partido de que eraõ zeladores. Daqui nasceo aquelle descontentamento dos Pagãos taõ excessivo, que a invasaõ de Radagazio na Italia, na frente de duzentos mil Godos (no anno de 405), foi para elles motivo de jubilo manifesto, como se os Deoses tivessem vindo pessoalmente vingar os seus Altares. N'huma palavra, os Pagãos accusavaõ o Christianismo como

mo causa de todos os desastres do Imperio; os Christãos certificavaõ que os restos do Paganismo attrahiaõ os flagellos do Ceo; a huns, e outros naõ roubava tanto seus cuidados a salvaçaõ commum, como suas religiosas contendas.

Para maior infelicidade, odios muito mais funestos dividiaõ cruelmente os Discipulos de Jesu Christo. Aquelle espirito contencioso, reprovado por S. Paulo, quasi que chegou a ser o espirito geral. As seitas multiplicáraõ-se, e combatêraõ humas contra as outras. Todas louváraõ os seus Apostolos; todas deraõ os seus sofismas por oraculos Divinos: todas pretendêraõ ser depositarias da Fé, e empenháraõ-se a arrastar a plebe sob os seus estandartes. A discordia reinou na Igreja. Os Bispos anathematizáraõ os Bispos; as violencias seguiraõ-se aos argumentos, e a loucura dos Principes ateou o fogo, que causava tantas, e taõ grandes ruinas. Os mesmos Principes pertendêraõ ser Theologos; quizéraõ governar, e ser superiores a todas as opiniões, e castigáraõ todos os que elles naõ podiaõ converter. As Leis contra os idolatras envolvêraõ em breve tempo os Hereges. Porém o mesmo que hum Imperador proscrevia como heresia, era dogma para outro Imperador; deste modo irritava a persegui-

Os mesmos Christãos divididos entre si.

Imperadores Theologos, e perseguidores.

guiçaõ successivamente os diversos partidos, sem produzir já mais bem algum; pois que perseguindo a mesma heresia, fazia a catholicidade mais odiosa do que triunfante.

Grande imperio que o Clero tomava.

Que succedeo? o Clero já poderoso na Corte, e muito mais entre o Povo, principiou desde aquelle tempo a perder o respeito, que a Religiaõ inspira á Soberana authoridade. Disso naõ trarei aqui os exemplos naõ ignorados. Todos chamariamos hòje em dia libellos sediciosos a alguns escritos de pessoas illustres, cujos nomes citaõ os fanaticos com audacia, irritando-se contra as potencias; porém de cujas virtudes se esquecem, a fim de authorizar-se com os seus erros. Abrazando a animosidade de hum grande número de Pastores o impeto popular, naõ houve mais respeito nem ao Principe, nem á Patria, nem ás Leis, nem ás obrigações; houve ampla liberdade para ser ou Ariano, ou Donatista, ou Priscillianista, ou Nestoriano, ou Menothelita, &c. Ninguem era já Cidadaõ; ou para melhor dizer, todos foraõ mortaes inimigos dos Cidadaõs, cujas opiniões se condemnavaõ. E terminando sempre os antigos Romanos as suas disputas a respeito dos direitos mais preciosos, tanto que qualquer sinal de guerra lhes annunciava

Paixaõ furiosa das Seitas.

os

os perigos da Republica; aquella raiva nunca ouvida de irritar-se huns contra os outros, a respeito das materias, em que era necessario referir-se ao parecer da Igreja, nunca já mais se attenuou no meio dos mais terriveis desastres. Tantas eraõ as Seitas, quantos os partidos no Estado, cujos odios reciprocos conspiravaõ para alluir os fundamentos do Estado. Isto he provavelmente o que tinha inspirado a Juliano o furor de abolir o Christianismo. Cégo a respeito de hum objecto taõ essencial, naõ pensava senaõ no abuso que do dogma se fazia, sem ver que semelhante abuso era condemnado expressamente pela Moral Christã, e que os melhores Cidadãos deviaõ formar-se na escóla do Evangelho.

Leis pessimas de Theodosio, e dos seus filhos.

Os vicios do Governo avigoráraõ cada vez mais estes principios de destruiçaõ. A sabedoria, e a prudencia faltou ao mesmo Theodosio, o qual permittio às violencias aos catholicos, contra os heterodoxos, que se ajuntassem em casas particulares. Declarando Theodosio os Manicheos por dignos de mórte, julgáraõ todos ter direito para matallos como proscritos; e o Imperador vio-se em fim obrigado a prohibir, sob pena de mórte, taes homicidios occasionados pela sua Lei. Ambos os seus filhos Arcadio, e Hono-

rio apressáraõ por meio da sua superstiçaõ, e da maldade dos seus validos, as desolações da torrente que muito tempo havia que ameaçava o Imperio já pouco seguro.

Os Barbaros muito superiores aos Romanos daquelle tempo.

Os Povos do Norte armados contra os Romanos, mereciaõ, sem duvida, o nome de Barbaros; pois que respirando só combates, e roubos, procuravaõ hum clima mais temperado, e terras mais ferteis que os seus matos, e montes, sem mais titulo do que o direito da espada, que elles exercitavaõ sem remorsos, como se fosse o direito da natureza. Mas estes Barbaros, dos quaes bem longe estou de querer fazer o panegyrico, quaõ tremendos naõ eraõ, e quaõ superiores ás Nações polidas que accommettiaõ! Os seus costumes simples, e duros ignoravaõ até o nome de brandura; tudo era sufficiente para a sua grande frugalidade; os seus corpos acostumados aos trabalhos, como que eraõ insensiveis ás dores; sendo a guerra, por assim dizer, o seu alimento, zombavaõ dos perigos, e desprezavaõ a morte com sinaes de júbilo; livres, e inimigos da sujeiçaõ, nem por isso eraõ menos sujeitos aos seus Chefes, porque sempre elegiaõ os mais dignos de governallos. Hum valor feróz, posto que assim o digaõ, naõ era a sua unica virtude.

Te-

Temos a descripçaõ dos costumes Germanicos feita por hum Historiador filosofo, na qual vemos a santidade do matrimonio, huma generosa hospitalidade, o odio aos vicios depravadores, e diversas acções respeitaveis de sabedoria, ás quaes para fazer hum Povo solidamente virtuoso, só falta a cultura da razaõ, que guia aos verdadeiros principios da vida social. Acaso naõ diz a historia que os proprios Hunos, aquelles salteadores salvagens, cumpriaõ inviolavelmente a sua palavra? De mais disso os Francos, os Godos, e outros muitos Barbaros, humas vezes combatendo contra os Romanos, outras vezes peleijando a seu soldo, tinhaõ adquirido idéas, e conhecimentos; e os seus desprezos para hum Povo, do qual exigiaõ tributos, mostra sufficientemente que tinhaõ a seu respeito as vantagens, que asseguraõ as conquistas. Os seus Principes conquistadores foraõ homens grandes: estes homens grandes, com forças terriveis accommettêraõ fracos inimigos; o valor, e a politica dos vencedores, os vicios, e os erros dos vencidos explicaõ a revoluçaõ.

Os Vandalos no Reinado de Genserico.

Grande he o horror, que causa a leitura das barbaridades, que commettêraõ na Gaula, e depois disso além dos Pyreneos, os Vandalos, os Alãos, e os Suevos, pri-

primeiros conquistadores da Hespanha. Com tudo, assenhoreados que estivessem os Barbaros daquella regiaõ, logo os vemos suavizar a sua ferocidade, cultivar a terra, arredar os temores dos habitadores, e socegar por meio da sua reputaçaõ de justiça, e de clemencia, aquelles mesmos, que tinhaõ fugido por causa do terror. Alguns annos depois, vemos a Genserico, Rei dos Vandalos, preferindo á Hespanha huma conquista mais util, tomar a Africa aos Romanos, assim pela sua prudencia, como pelo seu valor, formar repentinamente huma marinha tremenda: esse Gensèrico, que nem hum unico navio possuia, manter-se como grande politico, negociar, e combater com o mesmo successo; n'huma palavra triunfar do Imperio até á morte com os mesmos meios, de que Roma se valeo taõ felizmente nos primeiros seculos.

Alarico, e os Visi-Godos.

Alarico, Rei dos Visi-Godos, mostrou-se muito mais admiravel na Italia. As multiplicadas perfidias da Corte de Honorio o irritaõ, sem o poder fazer nem perfido, nem cruel. Alarico reclama a fé dos tratados, vingando-se como hum heróe conduzido pela honra. O mesmo Alarico conserva, e respeita Roma duas vezes; e sendo obrigado finalmente a tomal-la em 410, nada lhe esquece para diminuir os

os horrores da vingança ; ordenando o respeito ás mulheres, e ás Igrejas, a conservaçaõ do sangue dos vencidos, Alarico salva a vida a infinitos Romanos. Por sua morte, Ataulfo, seu Successor, herdeiro dos seus generosos sentimentos, e amigo da paz, vai estabelecer-se além dos Alpes, para a parte dos Pyreneos, e por causa das suas virtudes merece a maõ de Placidia. Sómente a moderaçaõ de Ataulfo era hum penhor do poder dos Visi-Godos.

Attilla, homem grande a muitos respeitos.

Aquelle altivo, e soberbo Attila, o qual depois penetra até o interior do Imperio do Occidente, depois de ter feito tremer a Theodosio II. em Constantinopla; Attila, a quem este Principe tinha pretendido assassinar, e o qual lhe tinha perdoado, arguindo-o de ser hum perfido escravo; Attila, o qual rico com os despojos, tinha recebido os Embaixadores Romanos com huma simplicidade taõ nobre, dando-lhes hum banquete moderado, em o qual comia em huma baixella de páo, ao mesmo tempo que os mesmos Embaixadores eraõ tratados com baixellas de ouro; Attila, o qual se deixou vencer, e applacar por hum Santo Pontifice no mesmo instante de saquear Roma; capaz, valeroso, e igualmente poderoso, chegando a ser o terror do fa-

famoso Aecio, pelo qual tinha sido vencido huma vez; Attila, digo, teria privado do Throno sem grande custo a Valentiniano III., se naõ tivesse preferido antes tello, assim como a Theodosio, para seu tributario.

Odoacro, e Theodorico cõquistadores da Italia.

A conquista da Italia estava reservada para o Chefe dos Herulos, para Odoacro; digno de nella fundar hum Reino, pois que lhe conduzio a paz, a segurança, e a felicidade, incognitas desde muito tempo, governando os Imperadores Romanos. Hum novo conquistador se apresenta para o despojar; porém felizmente para os Povos, Theodorico he o novo conquistador, Principe superior a todo o elogio por causa da sabedoria do governo, do amor do bem público, das intenções de huma consummada prudencia, da eleiçaõ dos seus ministros, dos seus Generaes, e de tudo quanto faz hum Soberano amavel aos seus vassallos, e respeitavel aos seus inimigos. Os Trajanos, e os Antoninos, deviaõ pois renascer em hum Ostro-Godo, ao mesmo tempo que os seus Successores eraõ o opprobrio do Imperio, e o ludibrio dos Barbaros. A naçaõ Gothica devia pois desvanecer a gloria do nome Romano, depois de ter assolado cem vezes as Provincias do Imperio! Deste modo, os

os Póvos formaõ-se, exaltaõ-se, florecem, degeneraõ, descahem, e desapparecem succesivamente; e todas estas revoluções tem suas causas, que o estudo da historia feito com reflexaõ póde descobrir.

A sua tolerancia, comparada com a intolerancia de Justino.

Huma unica acçaõ descreve algumas vezes os homens. Odoacro, e Theodorico, Arianos, protegêraõ os Catholicos com rectidaõ. *Nós naõ temos*, dizia o ultimo, *imperio algum sobre a Religiaõ, porque a Fé naõ póde ser obrigada.* O Imperador Justino pelo contrario, fulminava novos decretos contra os Heterodoxos, sem vêr que enfraquecendo muito o Imperio, dava ao Rei da Italia huma razaõ para tratar os Catholicos com o mesmo rigor. Theodorico indignado ameaçou por semelhante causa a Justino, e pouco faltou para que os Italianos naõ perdessem huma das maiores vantagens, que a prudencia, e a sabedoria de semelhante Principe lhe procurava. Tanto importa para o bem da Religiaõ, naõ irritar os seus adversarios.

Clovis, e os Francos.

Os Francezes, menos illuminados do que os Godos, eraõ, sem duvida, mais barbaros. Porém Clovis possuia sómente na sua pessoa todas as qualidades proprias para dilatar, e fortificar as conquistas. Como heroe politico, soube apro-

veitar-se assim da Religiaõ, como das armas, para executar os seus intentos. E por que razaõ abraçou a Gaula o seu jugo com fervor, senaõ porque Clovis o fez taõ digno de ser desejado, quanto odioso era o jugo dos Romanos? Barbaros desejados, recebidos como os vingadores das Nações sujeitas pelas suas armas! Tal he o horror, que a tyrannia inspira.

Revoluçaõ passageira no tempo de Justiniano.

O Imperio exalta-se na apparencia no tempo de Justiniano. Os Vandalos, frouxos, e corruptos no seio do luxo, saõ vencidos, e expulsados da Africa; os Godos, posto que tenhaõ no Principe Totila, outro Theodorico, tambem saõ vencidos, e expulsados da Italia. Semelhante revoluçaõ passageira foi unicamente obra de dous homens grandes, os quaes necessitáraõ, assim se póde dizer, triunfar primeiramente dos vicios do Governo, antes de triunfar dos barbaros. Belizario, sem tropas, e sem dinheiro, estava reduzido a andar vagamundo como fugitivo na presença de Totila. Se Narséz fosse menos cortezaõ, se naõ se tivesse aproveitado do seu favor para conservar os meios todos de conseguir as suas emprezas, Totila naõ teria tido vencedor.

Quan-

Quando vemos pagar Justiniano pensões immensas aos Persas, aos Hunos, aos Turcos, aos Abaros, &c.; exhaurir os seus thesouros por causa de hum número prodigioso de vãos edificios; arruinar as suas Provincias com grandes, e pezados impostos; empregar Belizario quando havia delle necessidade, sem lhe dar soccorro, e privallo do seu favor, depois dos maiores serviços; declarar-se sequaz de hum dos partidos do circo, e armar por semelhante meio, e vergonhosa imprudencia a raiva sanguinolenta dos partidos; erigir-se como doutor da Igreja, ou antes como juiz da Fé, no centro das calamidades da guerra; despovoar regiões inteiras perseguindo os Heterodoxos, e cahir depois na heresia para perseguir os Catholicos; amontoar no Codigo, e no Digesto infinitas Leis, as quaes apenas lhe sobrevivêraõ; e mudar o mesmo Justiniano perpetuamente aquellas Leis por meio de *Novellas* de pouca entidade, e venaes; quando examinamos, digo, as suas acções, e os seus monumentos, desconfiamos com justiça dos elogios, que prodigamente lhe deraõ os Jurisconsultos; antevê-se com certeza que fataes revoluções haõ de seguir-se ao seu Reinado.

Erros enormes deste Imperador.

As revoluções já principiaõ no tempo de Justino II., seu Successor. Os Italianos, os

Os Lombardos estabelecidos na Italia.

os quaes com o zelo da Catholicidade, se tinhaõ livrado dos Reis Ostro-Godos, cujas Leis rectas respeitavaõ os seus dogmas, e as suas riquezas, arrependêraõ-se logo com o pezo de hum governo mais cruel. As intrigas da Corte de Constantinopla contra Narséz lhes alcançáraõ a mudança, que desejavaõ. Alboino apparecendo na frente dos Lombardos, senhoreou-se facilmente de quasi toda a Italia, onde fez amavel o seu dominio cheio de bondade, e de justiça. Alboino teve sabios, e prudentes Successores, os quaes reináraõ por meio das Leis. Esta admiravel, e excellente Comarca sempre melhorou, passando do Imperio dos Augustos para o Imperio dos Barbaros, taõ temerariamente desprezados.

Heraclio conduz-se muito mal no Oriente.

Basta sómente lançar huma vista de olhos pelo Oriente, para ficar plenamente convencido do principio das revoluções inevitaveis, que examino. Ao mesmo tempo que o Imperador Heraclio escureceo as suas victorias contra os Persas, entregando-se a hum estupido descanço, do qual sómente desperta para os delirios do monothelismo; ao mesmo tempo, que o proprio Heraclio por meio da sua *ectheze*, ou exposiçaõ, pretende regular o dogma, provocando os Theologos para novas disputas; Mafoma ajunta

ta os Arabes debaixo das suas Leis, dos quaes faz hum Povo de heróes, e governa taõ industriosamente os principios do fanatismo, que os seus subditos, sujeitos humildemente ao absurdo dos seus oraculos, saõ invenciveis guerreiros contra os seus visinhos. Mafoma, com hum número pequeno de Musulmãos, dá a primeira ferida ao Imperio, e destroe hum exercito numeroso de Heraclio. Abubeker, e Omar, seus dous primeiros Successores, pobres, virtuosos, prudentes, e intrepidos, voaõ de conquista em conquista. A Mesopotamia, a Syria, a Palestina, o Egypto, e a Africa, além do grande Reino dos Persas, passáraõ em poucos annos ao dominio dos Arabes. Exemplo unico, em o qual a superioridade do procedimento naõ se manisfesta menos, do que a superioridade do valor.

Mafoma, e os Arabicos.

Semelhantes guerreiros, descriptos algumas vezes como monstros insaciaveis de sangue, sempre offereciaõ a alternativa, ou de lhes pagar tributo, ou de abraçar a sua religiaõ. Tomando o segundo partido, estavaõ certos de participar das suas vantagens; e tomando o primeiro, estavaõ certos de hum tratamento moderado. Que he o que a cobarde, e cruel politica dos Imperadores podia oppor a huns meios semelhantes de amplifi-

O seu procedimento a respeito dos Christãos.

ficaçaõ, sustentados por tudo o que a victoria concede? Se os Musulmãos naõ tivessem tambem experimentado o veneno das riquezas, e da grandeza, e a mania do espirito de Seita, o mundo descoberto teria sido totalmente absorvido talvez em o seu Imperio.

Todos os barbaros deviaõ vẽcer os Romanos.

As causas mais notorias do estabelecimento dos Barbaros nas ruinas dos Romanos, saõ de huma parte, a corrupçaõ, e a cobardia, e da outra, valor, vigor, actividade, e politica. As individuações em semelhante genero nunca acabariaõ. Os erros dos Principes, os crimes da Corte, as traições dos Generaes, as sedições do Povo, as acções de perfidia, de cobardia, e de baixeza saõ innumeraveis. Os Barbaros eraõ, sem duvida, menos indignos de reinar; pois que desde o Téjo até o Eufrates, todos os Póvos respiráraõ, quando o Romano poder cessou de os opprimir com o seu jugo.

Triſtes effeitos da revoluçaõ.

Porém por muito necessaria que fosse semelhante revoluçaõ, deve-se considerar como huma infelicidade o ter sido feita por huns barbaros. Observemos os seus effeitos relativamente ás Leis, ao governo, aos costumes, ao entendimento humano, e á religiaõ. Nós acharemos mo-

motivos para gemer a respeito da humanidade, que raras vezes sahe de hum abysmo, sem cahir em outro abysmo.

Decadēcia das Leis Romanas.

As Leis Romanas, sem embargo da grande confusaõ de abusos, que nellas havia, especialmente depois de Constantino, geralmente eraõ as melhores que a razaõ tivesse produzido. Theodorico o Grande as adoptou, e o seu genio, favorecido por Cassiodoro, aproveitou-se de semelhante meio para fazer o seu dominio mais suave, e mais respeitavel na Italia. Porém o seu exemplo foi muito pouco seguido. Chindasuinto, hum dos Reis Visi-Godos de Hespanha, proscreveo semelhantes Leis por serem muito cheias de difficuldades, e muito subtís para a prompta decisaõ dos negocios. Os outros Póvos reprovando-as julgáraõ provavelmente do mesmo modo; he necessario confessar que a simplicidade das Leis Germanicas era muito mais conveniente para homens simples, e ignorantes, para guerreiros incapazes de applicaçaõ, e igualmente de constrangimento.

Abuſo das Leis barbaras.

As Leis Barbaras reináraõ pois quasi por toda a parte, com as quaes reináraõ juntamente as desordens. Estas Leis na apparencia suaves, pois que conservavaõ a vida dos malfeitores, naõ reprimindo sufficientemente o crime, faltavaõ

ao

ao fim da Legislaçaõ. Permittir o resgatar o homicidio a preço de dinheiro, acaso naõ he o mesmo que dizer ao rico que póde livremente sem receio de castigo manchar-se com homicidios? Por ventura a prova do duelo, estabelecida para decidir os processos, naõ reduzia tudo ao direito do mais forte? As absurdas experiencias do ferro, da agua, e da Cruz, naõ mudavaõ a justiça em força, e em industria? Semelhantes, e enormes abusos se encontraõ até em as Leis Lombardas, por outra parte taõ cheias de sabedoria, prudencia, e rectidaõ; que se mantiveraõ na Italia depois da expulsaõ dos Lombardos. Tal he o imperio do uso sobre a mesma razaõ.

Confusaõ perigosa de ambas estas especies de Leis.

Se os Conquistadores naõ adoptáraõ as Leis dos vencidos, tiveraõ bastante prudencia para lhes deixar o seu uso. O Romano na Italia, na Gaula, e na Hespanha, foi ao principio julgado pelas Leis Romanas. Mas além de que devia chegar a ser com o tempo Lombardo, Francez, ou Visi-Godo, por causa da confusaõ dos Póvos, semelhante contrarieridade de Leis occasionou necessariamente novas desordens, desde que a authoridade naõ se lembrou mais dos primeiros principios. A legislaçaõ, em lugar de se aperfeiçoar, mostrou-se cada vez mais

mais pessima, mais tenebrosa. Consequentemente, aquillo mesmo que devia contribuir para a felicidade da sociedade, contribuio tambem para a sua infelicidade.

Governo dos barbaros, admiravel na apparencia.

Naõ obstante he necessario conceder que o coraçaõ humano se interessa na forma do governo dos barbaros. Em lugar daquelle despotismo, que os Imperadores exercitavaõ, vemos neste lugar a liberdade sentada á sombra do Throno. As assembleas nacionaes contrabalançaõ juntamente com o Principe os direitos da naçaõ. As Leis, ás quaes todos se devem sujeitar, saõ a obra de todos, ou parecem providas com o consentimento de todos. Nunca os Barbaros consideráraõ os Reis senaõ como Generaes, ou como os Chéfes do governo. Esta he a razaõ por que a Coroa entre elles nunca já mais foi de tal sórte hereditaria, que qualquer Pai a podesse transmittir de direito a hum filho incapaz de a pôr na sua cabeça.

Inconvenientes que de semelhante governo resultaõ.

Naõ nos deixemos cegar com engonosas apparencias. Semelhante forma de governo, que parece a mais digna da natureza, e que seria excellente entre hum povo sabio, e prudente, chegou a ser huma origem de paixões extraordinarias, e da anarchia. Supprimo os numerosos exem-

emplos de grandes Reis assassinados, de pessimos Reis exaltados, ou por meio das facções, ou por meio da violencia: applico-me sómente ao essencial. O Povo, entre os mesmos Lombardos, cuja sabedoria, e prudencia tanto se louva, naõ fazia figura em as assembleas geraes. Toda a historia dá sufficiente próva do ponto de vileza, a que foi reduzida aquella parte da sociedade, que alimenta a outra parte por meio do seu trabalho; que põe limites taõ estreitos aos seus desejos; e que a pezar da civilidade dos nossos costumes, ainda he taõ miseravel quasi em toda a Europa. O direito, ou ao menos o poder de regular juntamente com o Principe os negocios do estado, pertencia effectivamente aos grandes, e aos magistrados guerreiros. A sua crueldade natural, o seu desprezo para a agricultura, para o Commercio, e para as Artes, tudo lhes fazia desprezar, e pizar aos pés huns homens, que apenas distinguiaõ dos seus escravos.

Abatimento do Povo.

E quanto aquelles Grandes, quanto aquelles membros do publico conselho, ciosos do seu poder, procuravaõ com ancia aproveitar-se das occasiões, que se lhes offereciaõ, para mais o dilatar! Dividindo a Legislaçaõ, e dispondo algumas vezes da Coroa, que meios naõ tinhaõ el-

Independencia dos Grandes.

elles para chegar ao fim, a que se encaminhaõ as almas ambiciosas? Os Reis conferiaõ-lhes beneficios, conhecidos depois com o nome de feudos. Semelhantes terras desunidas do Real Dominio, para entrar novamente nelle segundo a vontade do Soberano, eraõ como o soldo do serviço militar, e impunhaõ a sua obrigaçaõ. Porém pela mesma natureza das cousas, acaso naõ devia succeder que o uso-fructuario quizesse fazer-se possuidor; que se acostumasse a olhar como propriedade para a terra, de cuja posse gozava com grande gosto; que procurasse fazer della a herança da sua familia; e que tendo na maõ a força, se podesse lisongear de o conseguir?

Os feudos.

Eis-aqui a origem do governo feudal, incluido na constituiçaõ das novas Monarquias: o qual se descobrio insensivelmente, lançando por baixo da terra infinitas raizes incognitas, antes de produzir aquella monstruosa confusaõ de dignidade real sem poder, e de vassallagem sem sobmissaõ; confusaõ donde sahíraõ as maiores infelicidades da Europa.

Governo feudal.

Posto que a jurisprudencia dos feudos tenha a sua origem nos Lombardos, Giannones observa com razaõ que antes dos Lombardos já se conheciaõ os feudos na

Anarchia feudal.

na propria Italia Os Póvos Germanicos estabelecêraõ por toda a parte o seu uso, ligado com o seu systema de governo. Por toda a parte seriaõ necessarios engenhos superiores para prevenir os seus abusos; por toda a parte a cobardia, e a impericia dos Principes suscitáraõ infinitos, e innumeraveis usurpadores, que foraõ os tyrannos assim dos vassallos, como dos Principes. O governo feudal chegou a ser hum flagello universal, digno dos costumes, que caracterisavaõ os destruidores do Imperio.

Costumes Barbaros.

Se os Romanos, com taõ gande gosto, e com tanto luxo, conserváraõ sempre huns restos de barbaridade: testemunha a sua paixaõ pelos espectaculos sanguinolentos, e o furor com que eraõ animados os partidos do circo; se os costumes se endurecêraõ muito mais, quando se admittiraõ Barbaros em a milicia, e em os empregos, no corpo dos Cidadãos; o dominio dos mesmos Barbaros naõ podia deixar de fazer geral, e permanente a barbaridade. Theodorico, e alguns homens grandes suspendêraõ os seus effeitos, sem poder destruir o seu principio. A Italia ao principio foi a menos infectada da barbaridade, porque os seus Póvos eraõ mais bem governados: porém o caracter dos conquistadores im-

pri-

primio-se finalmente por todas as conquistas; e todo o bem, que dos vencidos alcançáraõ, degenerando augmentou talvez o mal.

Porque razaõ a antiga Roma tinha sido virtuosa.

A virtude republicana da antiga Roma, sem dúvida muito louvada, pois que estava ligada com a ambiçaõ, e com a injustiça, subsistio por muito tempo; ou por causa de huma pobreza honorofica, ou por causa dos innocentes trabalhos da agricultura, ou por causa da influencia das Leis tiradas da Grecia, as quaes produziraõ hum duplicado bem; cultura de costumes, e reforma de abusos.

Tudo devia peiorar entre os novos Póvos.

Entre os novos Póvos, tudo, pelo contrario, fomentou a barbaridade; a qual estava annexa ás suas Leis, ao seu Governo, e aos seus usos. Como os Barbaros desprezavaõ as artes, e só nas armas faziaõ consistir o merecimento, adquirindo repentinamente vastos dominios, contrahíraõ vicios, sem se despojar da ferocidade da sua natureza. Pouco era o caso, que os Barbaros faziaõ dos Romanos, para se formarem com o seu exemplo; e aquelles, que nesse tempo se chamavaõ Romanos pelas Provincias, quasi nenhuma outra cousa eraõ senaõ huns poucos de homens brutos, pouco dignos de lhes servir de modelo. Os combates, as violencias, e

os

os roubos perpetuáraõ-se. A espada foi o limite da honra, e a regra do justo, e do injusto. Quanto menos capaz era o governo de reprimir a excessiva liberdade, que authorizou frequentemente por causa dos seus excessos, tanto maior foi o motivo, que a mesma excessiva liberdade deo para o impeto do caracter nacional. Os Francezes, que Agathias descreve como Póvos muito doceis, e muito bem governados para barbaros, quantas atrocidades naõ manchaõ a sua historia? Quantos horrores depois de Clovis, sem fallar dos horrores do seu reinado? E por ventura naõ basta nomear Fredegunda, e Brunehaut, aquellas duas furias, que bebêraõ o sangue dos Póvos, para fartar a sua ambiçaõ, e a sua vingança? Humas mulheres taõ crueis, e taõ sanguinolentas, naõ faziaõ senaõ seguir a torrente dos costumes, com a inclinaçaõ juntamente das paixões. Carlos Magno, o prodigio do seu seculo, emprehendeo huma reforma, cujo unico projecto merece a immortalidade. Porém de que servíraõ os seus empenhos? Para deixar monumentos de hum zelo admiravel, e impotente. Este grande Principe, assim como o Czar Pedro, teria formado huma nova naçaõ, se, como elle, tivesse achado algum modelo, e naõ

Seus excessos.

Carlos Magno procurou de os reformar, mas em vaõ.

naõ encontrando por toda a parte senaõ barbaridades, deixou a Europa barbara.

Como he possivel que os Povos chegassem a ser humanos, justos, e sociaveis, entre as profundas trévas, em as quaes estava sepultada a razaõ? A ignorancia espalhada desde muito tempo pelo Imperio do Occidente, tendo extincto quasi todas as luzes de Roma, tinha-lhe substituido erros ou funestos, ou ridiculos. O máo gosto, indicio ordinario do falso entendimento, dominava em as obras. As letras naõ eraõ já cultivadas com cuidado: porque os perigos, e as calamidades absorviaõ a alma. A eloquencia consistia em vãs, e inuteis declamações; a Filosofia tinha-se perdido nos abysmos de huma Theologia sofistica; a guerra declarada, ou entre as duas Religiões, ou entre os Orthodoxos, e os Sectarios, tinha desviado os entendimentos das verdades naturaes, cujo esquecimento sempre he pernicioso á mesma Religiaõ; os principios da politica, e da moral tinhaõ-se alterado prodigiosamente, do que se encontra a sua próva até nas Leis.

A barbaridade fomentada pela ignorancia.

Porém a ignorancia dos Barbaros, em comparaçaõ da ignorancia dos Romanos, he como a noite comparada com o

Semelhante ignorancia devia augmentar-se.

o crepusculo. Consequentemente o reino da ignorancia, assim como o reino da barbaridade, devia-se estabelecer juntamente com elles. As poucas luzes, que aos vencidos ficavaõ, naõ podiaõ illuminar os inimigos da sabedoria, e da reflexaõ: os vencidos naõ podiaõ deixar de ceder ás preoccupações dos vencedores.

Na China se obrou differẽtemẽte, pois os Tartaros se illumináraõ.

Com tudo víraõ-se os Tartaros, depois da sua conquista da China, sobjugados de algum modo pela razaõ, e pelos principios dos Chinezes. Semelhante differença admira, porém póde-se explicar. Tendo o Imperio Chinez por base maximas uniformes, consagradas immudavelmente, e arraigadas nos corações de hum innumeravel Povo; extrahindo a soberana authoridade a sua força das suas maximas, e sendo as letras as depositarias das Leis, as bases da opiniaõ, e os moveis do governo; os Tartaros viaõ-se obrigados ou a mudar huma regiaõ taõ admiravel em deserto por meio de huma mortandade cruel, e a perder o fructo da sua conquista; ou a fazerem-se Chinezes para possuir tranquillamente a China. Pelo contrario, as Provincias successivamente desmembradas do Imperio Romano recebêraõ sem custo o jugo dos Barbaros: pois naõ possuiaõ naquelle tempo huma razaõ superior, que com ella podessem im-

impor ao ſeu entendimento. Tudo eſtava já mais, ou menos barbaro; tudo devia cada vez mais chegar a ſer muito mais barbaro.

Effeitos funeſtos da ignorãcia.

Naõ me demóro em deſcrever a horroroſa ignorancia, em que a Europa eſteve ſepultada; de que nos envergonhamos por cauſa dos noſſos antepaſſados, e choramos o bruto eſtado do humano entendimento. Se houverem ainda homens injuſtos, que ſe atrevaõ a calumniar a ſciencia, por ſe abuſar algumas vezes della; que comparem ao menos a ſemelhante abuſo as infinitas deſgraças da barbaridade antiga; tantas preoccupações deſtruidoras da ordem civil, do direito das gentes, da decencia, e da virtude; tantos erros eſtabelecidos ignominioſamente como verdades certas, e tantas verdades proſcrítas tyrannicamente como erros; tantos combates teimoſos por cauſa de frivolas opiniões; tantos Cidadãos ſacrificados, e tantos Eſtados arruinados por cauſa da influencia de principios falſos. Se ſemelhantes homens diſſimularem todas eſtas infelicidades, ſaõ culpados de impoſtura; e ſe as deſconhecerem, a hiſtoria falla, e a verdade triunfa.

Superſtiçaõ céga.

A peior infelicidade foi, ſem dúvida aquella de alterar huma Religiaõ Divina, que conhecida melhor, teria prevenido,

e emendado todas as desordens. Examinando-se o procedimento dos Barbaros, a pezar de taõ grande zelo para o Christianismo, procuraõ-se Christãos entre elles. A sua devoçaõ, igualmente cega, e cruel, vê continuamente milagres de Santos, e raras vezes os caracteres distinctivos da santidade; alimenta-se com fabulas, sem conhecer os preceitos do Evangelho; permitte-se os desordenados vicios, os roubos, e o homicidio, julgando comprar o Ceo por meio de práticas extravagantes, ou por meio de sumptuosas fundações; em o nome de Deos, para gloria sua, e pelos seus pretendidos oraculos, faz, em consciencia, todo o mal que póde inspirar o fanatismo, violando todas as beneficas virtudes ordenadas pela Religiaõ. Huns Christãos semelhantes foraõ algumas vezes preconizados por alguns Chronistas taõ ignorantes como elles: a razaõ he porque as liberalidades concedidas prodigamente ás Igrejas, e aos Mosteiros resgatavaõ todos os crimes, segundo o favor da opiniaõ commum.

Poder excessivo do Clero.

O grande poder, que o Clero alcançou em breve tempo para ser arbitro dos Póvos, e dos Soberanos, originou-se daquella mesma demencia, que contribuio para ser hum dos effeitos principaes do es-

estabelecimento dos Barbaros. Os Imperadores chamando o Clero para a Corte, e confundindo a Theologia com os negocios politicos, tinhaõ excitado por causa da sua imprudencia as emprezas de hum corpo taõ respeitavel, taõ util, e taõ santo em os primeiros seculos; o qual porém se podia fazer perigoso algum dia pelo abuso do seu augusto ministerio. O mal augmentou-se com huma celeridade sem igual.

Em Hespanha dispõe os Bispos da Coroa.

Quanto menos luzes tinhaõ os Barbaros, tanto mais supersticiosos eraõ, e tanto mais cégamente se entregáraõ tambem aos Pastores das almas, muito pouco illuminados estes mesmos Pastores para discernir o verdadeiro espirito do Christianismo, e muito sujeitos ás fraquezas da humanidade para se conter nos limites das suas funções. Os Bispos, des do principio da Monarquia Hespanhola dos Visigodos, dividem juntamente com os Cavalleiros o direito de eleger para a Coroa: os mesmos Bispos saõ absolutos nas suas Dioceses, regulaõ nos Concilios os negocios do Governo, e encarregados da commissaõ essencial de reformar, e de compilar as Leis, as fazem á satisfaçaõ do seu interesse, e das suas preoccupações. " Nós devemos ao Codigo dos „ Visigodos, diz o célebre Montesquieu,

„ todas as maximas , todos os princi-
„ pios , e todas as idéas da Inquiſiçaõ de
„ hoje em dia ; e os Monjes naõ fizeraõ
„ mais ſenaõ copiar humas Leis , feitas
„ antigamente por Biſpos contra os Ju-
„ deos. „ (*Eſprit des Loix*, *L.28. C.1.*)

Os Biſpos tambem daõ as Leis em Frãça.

Clovis, devedor em parte aos Prelados da ſujeiçaõ dos Póvos, foi pródigo a ſeu reſpeito de tudo quanto os podia fazer poderoſos. Os ſeus Succeſſores foraõ muito mais prodigos, por ſerem menos politicos. O Clero no tempo da primeira geraçaõ dos Reis de França, chegou a hum tal ponto de grandeza, que nada lhe faltava mais do que a occaſiaõ para privar do Throno, e para eleger os Monarcas, aſſim como fez hum Concilio de Toledo no fim do ſetimo ſeculo, no Reinado do infeliz Vamba. Pepino experimentou quanto era util para a ambiçaõ o favor dos Biſpos. Luiz o Benigno, Carlos o Calvo, e outros Principes experimentáraõ quanto era formidável para a Coroa a ſua inimizade.

As Leis Eccleſiaſticas confundidas com as Leis Civis.

As aſſembléas mixtas, taõ frequentes no tempo de Carlos Magno, chamadas humas vezes Concilios, e outras vezes Parlamentos; por muitos elogios que por outra parte mereçaõ, eraõ proprias para augmentar hum abuſo já commum no tempo dos Imperadores Romanos.

Con-

Confundindo as Leis Ecclesiasticas juntamente com as Leis Civis, confundíraõ tambem as mesmas assembléas cousas muito alheas, e bem fóra de todo o proposito, preparando a confusaõ total de ambas as Potencias. Se hum Principe, tal como Carlos Magno, podesse sem perigo admittir o Clero á vigilancia da legislaçaõ, naõ havia acaso motivo para temer que o Clero naõ pretendesse ser effectivamente legislador dos Reis cobardes, e ignorantes? O mesmo Clero chegou a ser Legislador, pois que muitas ordenaçoẽs suas, a respeito dos objectos pertencentes á ordem civil, tiveraõ muitas vezes maior força do que as mesmas Leis do Estado. Sejamos justos; semelhante poder antes o imputaremos á ignorancia dos leigos, do que á ambiçaõ dos Sacerdotes.

Tudo finalmente abisma-se por hum certo tempo em o majs horroroso cáhos. Os Bispos, e os Abbades, methamorfozeados em Cavalleiros seculares, abraçaõ as armas juntamente com os costumes militares; fazem Concilios, depois de ter mandado trópas; e introduzem no exercicio do poder espiritual o genio do dominio temporal. As Censuras Ecclesiasticas, destinadas para converter os peccadores, chegaõ a ser hum instrumento for-

Outros abusos.

formidavel para defender terras, para sustentar privilegios, e algumas vezes injustas pretenções. Os Clerigos, conservando unicamente huma tintura grosseira das letras, que se limita quasi em saber ler, e escrever, erigem, por este meio, para si hum tribunal soberano, onde julgaõ as causas com maximas incognitas á antiguidade. Os matrimonios, os testamentos, os contractos, os interesses de familia, os interesses de Corte, o estado dos vivos, e o estado dos mórtos, tudo serve para o estabelecimento do seu credito, e das suas riquezas. Arguir a Religiaõ de semelhantes abusos he huma impiedade absurda; porque a Religiaõ, liberta em fim das suas prisões, sempre deo próvas para os condemnar, e meios para os reformar. Accrescento huma observaçaõ certa: os Ministros do Altar, a pezar dos seus vicios, e das suas usurpações, ainda exercitavaõ huma authoridade salutifera, sem a qual o crime naõ teria conhecido especie alguma de freio.

Emprezas dos Papas.

Acaso devemos nós agora admirar se os Papas feitos Principes por meio dos beneficios dos Reis de França, confundiraõ em breve tempo os Direitos Sagrados da sua Sé com as chimeras da ambiçaõ? Se se comportáraõ muitas vezes, menos como Soberanos Pontifi-

ces,

ces, do que como Senhores Soberanos dos Estados Christãos? E se os Bispos, os Póvos, e os Monarcas, ficáraõ tantas vezes debaixo do despotismo da nova Corte Romana? Em hum tempo, em que para ser admittido ao Sacerdocio, bastava em muitas regiões entender a oraçaõ Dominical, ninguem hia ler no Evangelho que o Reino de Jesus Christo naõ he deste mundo; de donde ninguem poderia concluir que os Successores de Saõ Pedro naõ tivessem herdado delle o Imperio do Mundo; ninguem hia procurar em os monumentos ecclesiasticos as regras antigas, cuja existencia mesmo se naõ suspeitava; todos julgavaõ que os Papas eraõ superiores á humanidade, todos os tinhaõ por huns Deoses; infelizmente naõ eraõ senaõ homens.

Como a Europa ha de sahir em fim da barbaridade.

Taes foraõ as consequencias mais notaveis da revoluçaõ, que destruio o Imperio Romano. Estas mesmas consequencias procederaõ sem dúvida em parte do abatimento, em que aquelle Imperio se consumia antes da sua decadencia. Porèm taõ grande mal causáraõ os costumes, e a ignorancia dos Barbaros como a superstiçaõ, e os vicios dos Póvos subjugados. Acaso naõ se póde humanamente comprehender, como a barbaridade, e a politica, a loucura, e a razaõ, a tontice,

e

e a ſciencia, os males, e os bens, circulaõ de huma para outra comarca, e ſe ſubſtituem mutuamente em a meſma comarca? Ter-ſe-hia podido crer que os primeiros raios de luz, com os quaes a Europa ſeria illuminada no ſeio de huma ignorancia univerſal, lhe viriaõ daquelles Arabicos, que tinhaõ queimado a Bibliotheca de Alexandria, porque todas as verdades, conforme os meſmos Arabicos, eſtavaõ incluidas no alcoraõ? Ter-ſe-hia podido crer que a Italia deſtruida, e arruinada, opprimida com as prizões, ſeria a primeira que enſinaſſe aos Europeos a arte de eſcrever, e de penſar? Ter-ſe-hia podido crer, que a França, e Inglaterra, depois de tantos ſeculos de brutalidade, excederiaõ ás eſcolas de Athenas, naõ ſómente em materias ſcientificas, mas algumas vezes em materia de goſto? Ter-ſe-hia podido crer que a Alemanha, e a Succia, e as geladas Regiões do Nôrte, produziriaõ repentinamente fenomenos de literatura, e de ſciencia? Que huns Córpos literarios unicamente com a authoridade da razaõ, que huns particulares concentrados no ſeu gabinete, ſerviriaõ de Legisladores para o entendimento humano? Que eſtes meſmos illuminariaõ os governos, e os meſmos Póvos, e que huma multidaõ de in-

infinitos erros, feitos o flagello da sociedade, se dissipariaõ como hum leve vapor diante do Sol? Revoluções taõ maravilhosas, como todas as outras.

A Europa experimentará antes todas as infelicidades.

Semelhante descripçaõ nos dispensa de diversas individuações que accumulariaõ muito hum livro elementar. Os tristes objectos apresentados pela mesma descripçaõ fazem deploravel a sorte dos Póvos. A Europa taõ infeliz no tempo do Imperio Romano, será muito tempo infeliz no tempo do dominio dos barbaros. Seraõ necessarios muitos Seculos para que a boa ordem, e a humanidade sejaõ conduzidas pela razaõ. Mas em fim as trevas dissipar-se-haõ, a cultura dos talentos civilizará os costumes, e produzirá as virtudes sociaveis; e os Póvos, a pezar dos vicios da natureza, e dos effeitos dos governos, chegaráõ a hum estado de luz, em que se possa esperar que aperfeiçoando-se tudo, diminuindo as infelicidades com o número dos crimes, augmentando o bem geral, e o bem particular por meio de huma influencia reciproca, e soccorrendo-se mutuamente as Leis, e os costumes, governada a Europa com prudencia, e com sabedoria, gozará de todas as vantagens, que devem suavizar os isseparaveis trabalhos da vida.

Im-

Importa muito conhecer bem os costumes, e os principios dos Barbaros, que fundárão tantas Monarquias modernas. No fim das nossas primeiras Épocas, achar-se-hão diversas observações a respeito deste objecto; mas a passagem, que neste lugar ajunto, me pareceo ser muito propria para instruir os leitores, cuja attenção se inclina para as idéas geraes; póde servir de modelo, assim como a introducção da Historia de Carlos Quinto, por M. Robertson, *para formar hum excellente, e admiravel resultado dos factos particulares. Esta passagem trasladei eu de huma Obra Ingleza intitulada:* Tentativa sobre a historia da sociedade civil, por *M. Ferguson*, Professor de Filosofia moral na Universidade de Edimburgo. L. 2. C. 3.

Das nações grosseiras, debaixo da influencia da propriedade, e do interesse.

.... PARA a parte do Occidente da Europa, na America, do Meio-Dia para o Norte, com pouca excepção, debaixo da Zona Torrida, e geralmente nas regiões mais calidas, deo-se o genero humano a alguma especie de Agricultura, e teve inclinação a hum, ou outro estabe-

belecimento. Para a parte do Oriente, e Nórte da Asia esteve o mesmo genero humano totalmente dependente dos seus gados, e mudou sem cessar de lugar a fim de ter pastos. As artes, que suppoem o estabelecimento foraõ praticadas, e cultivadas por differentes maneiras pelos habitadores da Europa: aquellas artes que saõ convenientes para perpetuas mudanças, e passagens de humas para outras terras, sobsistiraõ, sendo quasi sempre as mesmas, entre os Scythas, e os Tartaros. A barraca formada sobre hum carro, o cavallo empregado para todo o objecto de trabalho, e de guerra, para as fabricas de leite, e para os açougues, fizeraõ sempre as riquezas, e a equipagem deste Povo errante, e vagamundo.

Porém de qualquer modo que sobsistaõ as Nações grosseiras, ha certos pontos, em que ellas se assemelhaõ muito, debaixo das primeiras impressões da propriedade. Homero viveo juntamente com hum Povo, que ainda se achava em tal estado, onde se vio obrigado a descrever o seu caracter. Tacito expoz o mesmo assumpto em hum Tratado particular. E se o genero humano merece ser considerado por este modo, temos certamente huma vantagem grande para ajuntar os

pas-

passos todos da descripçaõ: a qual acha-se já traçada pelos sujeitos mais habilidosos. As suas obras nos apresentaõ junto, o mesmo que se vê espalhado pelas relações dos Historiadores, ou o mesmo que se póde observar a respeito dos costumes actuaes dos homens, que ainda existem no mesmo estado.

Passando do salvage para o presente estado, conserva o genero humano em grande parte o seu caracter primitivo, pois aborrece sempre o trabalho, entrega-se á guerra, admira o valor; e conforme os termos de Tacito, he muito mais prodigo do seu sangue, do que dos seus suores. O mesmo genero humano procura extravagantes ornatos em o seu enfeite, e preenche com perigosos divertimentos, e com jógos de parar, os intervallos ociosos de huma vida dada á violencia. Toda a occupaçaõ servil he destinada para as mulheres, e para os escravos. Porém tendo já o individuo o seu particular interesse, os laços da sociedade devem de vir a ser menos fortes, e as desordens domesticas mais frequentes. Des que os membros de cada communidade se distinguem por meio de huma propriedade desigual, existe sempre hum principio de sobordinaçaõ palpavel, e permanente. .... Os particula-

res

res empenhaõ-se nas contendas da competencia, e da vingança; unem-se todos a dar vassallagem a huns Chéfes, que distinguem a sua riqueza, e o esplendor da sua origem; ajuntaõ o desejo do despojo com a paixaõ da gloria: e tendo para si que tudo quanto pela força se adquire pertence legitimamente ao vencedor; tornaõ-se em caçadores de homens, e decidem todas as contestações com a espada na maõ....

O mesmo espirito reinou sem excepçaõ alguma em todas as Nações Barbaras da Europa, Asia, e Africa. As antiguidades da Grecia, e Italia, e as fabulas de todos os Poetas antigos, contem exemplos do seu Imperio. Este mesmo espirito foi no principio parte para os nossos antepassados darem sobre as Provincias Romanas; e depois, talvez mais do que a sua veneraçaõ á Cruz, os levou para o Levante, a fim de dividir com os Tartaros os despojos dos Sarracentos.

Se ajuizarmos do genero humano, no seu estado mais simples a respeito dos salvagens, parece estar a ponto de estabelecer Repúblicas. O amor da igualdade, o uso de ajuntar-se em conselhos públicos, e o zelo da Tribu, de que cada hum he membro, saõ humas qualidades, que o fazem proprio pará esta especie de governo,

e

e pareçe naõ ter ſenaõ poucos paſſos que dar para o conſeguir. Falta sómente determinar o número dos membros do conſelho, regular a fórma das ſuas juntas, authoridade permanente para enfrear as deſordens, e fazer hum pequeno número de regulamentos á favor deſta juſtiça, já conhecida, e já tambem obſervada por inclinaçaõ.

Mas tudo iſto he mais difficultoſo de fazer-ſe, do que ſe julga ao primeiro lançar d'olhos. A reſoluçaõ de eleger entre os ſeus iguaes hum Magiſtrado, e ſujeitar as ſuas acções ao parecer de outrem, eſtá muito fóra do penſamento dos homens ſimples. Nenhuma eloquencia teria talvez força para empenhallo em ſemelhante paſſo, nem de lhes fazer ſentir a ſua utilidade.

Antes de admittir eſta mudança eſſencial, he neceſſario que os homens eſtejaõ acoſtumados a huma diſtinçaõ de lugares, e de ordens; e antes de julgar que a ſobordinaçaõ he huma materia de eleiçaõ, he neceſſario que a ſórte os guie a huma deſigualdade de condições. Os meſmos homens, deſejando a propriedade, naõ querem ſenaõ aſſegurar a ſua ſubſiſtencia; porém os valeroſos, que os guiaõ para a guerra, tem maior parte nos deſpojos. Os mais eminentes deſejaõ fazer

he-

hereditarias as ſuas honras ; e a plebe, que admira o pai , eſtá diſpoſta para dilatar o ſeu reſpeito ao filho.

As poſſes vaõ a menos , mas o eſplendor de huma familia augmenta-ſe com os annos. Hercules , depois de ter ſido por ventura hum grande guerreiro , veio a ſer hum Deos para a poſteridade, e o Supremo poder , a dignidade de Rei, eſteve ſempre anexa á ſua geraçaõ. Quando as diſtinções da fortuna eſtaõ unidas com as do naſcimento, o mais grado da Tribu tem preeminencia aſſim nas feſtas, como nas expedições. Os ſeus ſeguidores tem póſtos ſobordinados ; e em lugar de conſiderar-ſe como partes da Tribu , poem-ſe como companheiros do principal , tomando do ſeu nome os titulos, que tem. Os meſmos ſeguidores achaõ novo motivo para affeiçaõ pública , em defender a ſua peſſoa , e ſuſtentar a ſua dignidade ; para formar-lhe eſtado tiraõ da ſua ſubſiſtencia : e pretendem, como honra mais diſtincta , ſer admittidos no banquete, cujos gaſtos ſaõ feitos por elles meſmos.

Aſſim como o primeiro eſtado da humanidade parece encaminhar-ſe para a democracia , o preſente eſtado parece incluir os principios do Governo Monarquico. Mas ainda naõ he ſemelhante áquelle

le eſtabelecimento chamado depois *Monarquia.* A diſtinçaõ entre o Chéfe, e a ſua comitiva, entre o Principe, e o vaſſallo, naõ he obſervada ſenaõ imperfeitamente: as ſuas idades, e as ſuas occupações naõ ſaõ differentes; os ſeus entendimentos naõ tem cultura deſigual; comem todos do meſmo prato, dormem juntos pelo chaõ; aſſim os filhos dos Reis como os filhos dos vaſſallos, todos ſaõ paſtores, todos guardaõ rebanhos; o primeiro conſelheiro da Corte de Ulyſſes era hum porqueiro.

O Chéfe muito diſtincto na ſua Tribu para excitar a admiraçaõ, atrahe a ſi, naõ a inveja, mas ſim o reſpeito; pois todos o conſideraõ naõ como Senhor, e arbitro commum, mas como hum vinculo commum da uniaõ. O meſmo Chéfe he o mais expoſto aos perigos; e tem nas inquietações a maior parte. A ſua gloria conſiſte no número dos ſeus companheiros, na ſuperioridade do ſeu valor, e da ſua grandeza d'alma: a gloria dos ſeus companheiros conſiſte no ſeu zelo em derramar ſangue pelo ſeu ſerviço.

A pratica frequente da guerra encaminha-ſe a apertar os vinculos da uniaõ; e a pratica dos meſmos roubos públicos inclinaõ os homens aos lances de valor, e reciproco apego. Tudo quanto amea-

ça-

çava a destruiçaõ de qualquer boa disposiçaõ no coraçaõ humano, tudo quanto parecia banir a justiça das sociedades humanas, he realmente proprio para unir a especie em Tribus, e associações inimigas, na verdade, e tremendas humas para as outras, porém fieis, desinteressadas, e generosas na sua domestica sociedade. Os perigos, com os quaes se provaõ muitas vezes a fidelidades, e o valor, excitaõ o amor destas virtudes, dellas fazem objecto de admiraçaõ, e tornaõ amaveis todos os que as possuem.

O Barbaro, animado por meio de grandes paixões, do amor da gloria, e desejo da victoria; excitado com os ameaços de hum inimigo, ou com a vingança, e suspenso entre a ruina, e a conquista, consagra á preguiça todos os instantes de descanço, e naõ se póde humilhar ás sollicitações da industria, e ao trabalho mecanico: semelhante á ave de rapina quando dorme, dorme o guerreiro, ou o cassador, ao mesmo tempo que as mulheres, e os escravos trabalhaõ para o seu sustento. Porém mostrai-lhe qualquer victima ao longe, logo o Barbaro se mostra atrevido, impetuoso, sagaz, e ladraõ. Nenhuma barreira ha que possa suspender a sua violencia, e nenhuma fadiga, que possa extinguir a sua actividade.

O Genero Humano em semelhante estado, tem muita hospitalidade, e he generoso para com os estrangeiros..... As Tribus, e as Póvos saõ perseguidos; deixa-se passar tranquillamente, ou trata-se com magnificencia o viandante solitario, que naõ póde dar materia senaõ para a reputaçaõ de generosidade.

Posto que distinctos em pequenos Cantões ás ordens de differentes Chéfes, e quasi todos separados ou por causa de odio, ou de ciume, unem-se aquelles Póvos em grandes córpos, quando he necessario sustentar guerras, e rechassar inimigos poderosos. Estes mesmos Póvos, semelhantes aos Gregos na sua expediçaõ de Troia, seguem algum Chéfe illustre, e compõem com diversas Tribus isoladas huma especie de Reino. Porém estas uniões só saõ occasionaes, e em quanto duraõ, parecem-se antes com huma República, do que com huma Monarquia. Os Chéfes inferiores mantem a sua preponderancia; introduzem-se com hum modo de igualdade, no conselho do seu Commandante, assim como o Povo da sua Tribu se introduz ordinariamente no seu. E por que motivo huns hómens que vivem juntamente com a maior familiaridade, e entre os quaes só ha distinções de lugar taõ obscuras, poderiaõ renun-

ciar

ciar os seus sentimentos pessoaes, e ter huma obediencia implicita a hum Chéfe, que naõ está em estado nem de os atemorizar, nem de os corromper?

Foi necessario servir-se da força militar para violentar, ou dos baixos meios de corrupçaõ, para comprar a obrigaçaõ, que o Tartaro contrata com o seu Principe, promettendo « hir onde lhe ordenasse, vir quando o chamasse, matar todo » aquelle, que lhes fosse indicado, e considerar para o futuro a voz do Principe como huma espada. »

Taes saõ os termos, a que o coraçaõ indocil de hum Barbaro foi reduzido, em consequencia do despotismo por elle mesmo estabelecido. Os homens, neste estado rustico, experimentáraõ na Europa, e na Asia a escravidaõ politica Des que o interesse domina em todas as almas, o Soberano, juntamente com os seus seguidores, naõ póde evitar a sua infecçaõ: emprégа a força, que entre as mãos lhe pozeraõ, para se fazer huma propriedade do seu Povo. « Os Suinos, » diz Tacito, fazem caso das riquezas; » razaõ por que vivem sem armas, e na » escravidaõ..... »

Quando os Póvos rusticos livraõ-se deste flagello, necessitaõ de guerras estrangeiras para manter a paz domestica: se

por fóra naõ apparece inimigo algum, occupaõ o tempo com contendas particulares; e empregaõ nas suas dissensões o valor, que no tempo de guerra he empregado na defeza da Patria.

« Ha, diz Cesar, divisões entre os » Gaulezes; naõ só em cada naçaõ, e em » cada districto, ou Villa, mas quasi em ca- » da casa: cada qual deve recorrer a hum » proctetor para protegello. » Em taes circunstancias, naõ só as contendas das Tribus, mas as das familias, e ainda as differenças, e as pretenções dos individuos saõ decididas por meio da força. Se o Soberano naõ he soccorrido, e ajudado pela superstiçaõ, de balde procura exercer a sua jurisdiçaõ incerta, e sujeitar os homens á authoridade das Leis. Hum Povo acostumado a naõ possuir nada senaõ por meio de violencia, e que despreza a fortuna sem a reputaçaõ de valor, naõ admitte mais arbitro que a espada. Offerecendo Scipiaõ o seu arbitrio para terminar a differença de dous Hespanhoes, a respeito de huma successaõ, que entre si disputavaõ.: « Já rejeitámos, disseraõ elles, outro tal offerecimento, » que os nossos parentes nos fizeraõ; » naõ sujeitamos as nossas causas ao » parecer dos homens; e ainda en-

» tre

» tre os Deoses, só para Marte appella-
» mos. »

Naõ se ignora que as Nações da Europa, chegáraõ a pôr este uso em excessiva formalidade desconhecida das demais do mundo. O juiz civil, ou criminal, em muitos casos, o que fazia era indicar o terreno deixando decidir as partes a sua causa por meio do duelo. Julgava-se que o vencedor tinha a seu favor sentença do Ceo; e se algumas vezes senaõ seguia esta estranha forma de processo, sobsistiaõ-lhe outras appellações á sorte, muito mais extravagantes, persuadidos de que os Deoses nella declaravaõ tambem o seu parecer.

Aquelles Póvos ferozes amavaõ o combate, como se fora exercicio, e brinco. Quando naõ havia contenda verdadeira, os amigos desafiavaõ-se mutuamente para ensaios da sua destreza, nos quaes muitas vezes hum dos dous perdia a vida. Quando Scipiaõ celebrou as exequias de seu Pai, e de seu Tio, vieraõ os Hespanhoes combater-se a dous, e dous, a fim de augmentar a solemnidade por meio do espectaculo dos seus duelos.

Em semelhante estado de barbaridade sem Leis, onde os effeitos da verdadeira religiaõ teriaõ sido taõ desejaveis,
e

e taõ salutiſeos, naõ he raro, que a superstiçaõ dispute o ascendente ao proprio respeito, que se tem ao valor; e huma classe de homens, taes como os Druidas dos antigos Gaulezes, e Bretões, achaõ na confiança, que todos tem nos seus sortilegios, hum meio para se segurar do poder. A sua vara magica entra em concurrencia com a espada; pois dá a alguns Póvos, á maneira dos mesmos Druidas, os primeiros elementos do governo civil; ou qual o Lama entre os Tartaros mostra a outros os primeiros ensaios do despotismo, e da escravidaõ.

Difficultosamente comprehendemos, em geral, como pôde sobsistir o Genero Humano com usos, e costumes taõ differentes dos nossos, e exaggeramos voluntariamente a miseria dos tempos barbaros, imaginando o que nós mesmos soffreriamos n'hum estado, ao qual naõ estamos acostumados. Porém cada ſeculo tem suas felicidades, e suas infelicidades. No intervallo das offensas passageiras, e entre a mesma rusticidade, o cemmercio amigavel dos homens, he cheio de affectos, e de affabilidades. A pessoa, e a propriedade dos individuos, em aquelles tempos barbaros, estaõ seguras: porque todos além de ter o seu inimigo, tambem tem o seu amigo;

por-

porque se hum está disposto para offender, o outro se acha disposto para defender; e porque a admiraçaõ do valor, o qual se encaminha algumas vezes para consagrar a violencia, tambem inspira certas máximas de honra, e de generosidade, que se dirigem a prevenir as injúrias.

Os homens sopportaõ os defeitos da sua politica, assim como tambem as incommodidades, e trabalhos do seu modo de viver. Os temores, e as fadigas da guerra, chegaõ a ser hum passatempo necessario para aquelles, que tem o seu costume, e cujas paixões fortes naõ seriaõ excitadas com objectos menos perspicazes. Entre os Cortezãos de Attila, os velhos choravaõ quando ouviaõ o narraçaõ das acções heroicas, que já os mesmos velhos naõ eraõ capazes de executar; e entre os Celtas, quando qualquer guerreiro naõ estava já em estado de continuar os seus trabalhos marciaes por causa da idade, era uso a fim de abreviar huma vida ociosa, e inutil, pedir aos seus amigos que o matassem.

Com semelhante ferocidade, as Nações rusticas do Occidente foraõ sobjugadas pela politica, e sciencia militar dos Romanos. O ponto de honra, que os Bar-

Barbaros da Europa adoptáraõ como individuos, os expunha a hum prejuizo particular, inspirando-lhes aversaõ, ainda nas suas guerras nacionaes, para os ataques subitos, e fructos do estratagema. Além de que, posto que valerosos, e affoutos, quando separados; se se achavaõ juntos em grandes corpos, eraõ como os outros Póvos rusticos, dados á superstiçaõ, e sujeitos a terrores panicos...... Estes mesmos Barbaros, considerando voluntariamente cada successo como huma sentença dos Deoses, naõ tinhaõ nunca hum systema uniforme de prudencia, para tirar o melhor partido das suas forças, reparar os seus desastres, e augmentar as suas vantagens. (*)

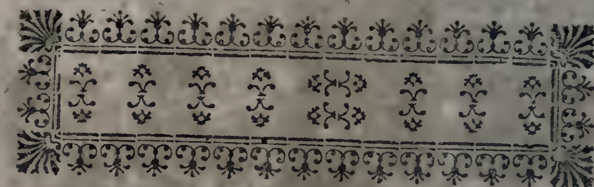
Governados estes diversos Barbaros pelo affecto, e pela paixaõ, eraõ generosos, e fieis huma vez que contrahiaõ qualquer obrigaçaõ; e quando concebiaõ odio eraõ implacaveis, máos, e crueis. Entregues ás desordens, e aos excessos de bebidas fortes, e espirituosas, deliberavaõ, quando estavaõ bebados, a respeito dos ne-

(*) M. Ferguſon falla dos Barbaros vencidos pelos Romanos. A politica formou-se juntamente com os estabelecimentos.

negocios do Estado ; e nestes temerosos instantes, ou formavaõ o projecto de huma empreza militar, ou terminavaõ as suas dissensões domesticas com o punhal, e com a espada.

Na guerra preferiaõ a morte ao cativeiro. Os Romanos victoriosos, tomando qualquer Cidade de assalto, ou forçando qualquer campo, encontráraõ Mãis que matavaõ os seus filhos para livrallos da escravidaõ, e Pais, os quaes depois de matar a sua familia ás punhaladas, embebiaõ no seu proprio peito o mesmo punhal.

Todas estas particularidades mostraõ huma alma vigorosa, propria para fazer respeitar até as proprias desordens, e para pôr os homens em estado, se for feliz a sua situaçaõ, de lançar os fundamentos da liberdade domestica, assim como de defender contra os inimigos estrangeiros a sua liberdade, e independencia nacionaes.



HISTORIA UNIVERSAL.

SEGUNDA PARTE.

HISTORIA MODERNA.

Designio desta parte da Historia Geral.

SENDO a Historia da Europa a unica materia, de que ha de tratar quasi toda a presente Obra, só escreveremos nella o que he necessario saber para cada qual dirigir-se no estudo particular das nações. Huma vista d'olhos, lançada de tempos em tempos pelas outras partes do mundo, daráõ as idéas geraes, que devem determinar o juizo a respeito do estado do Universo. Examinemos de passagem os primeiros seculos; porque quasi que basta observar a origem das cousas, nas trévas da barbaridade. Tomemos o fio dos successos principaes, sem nos sujeitar á ordem Chronologica, de que se originaria mais confusaõ do que clareza. Convem muito conhecer, naõ a data precíza

za dos factos, mas a sua correlaçaõ com o genero humano, e com a felicidade, ou com a desgraça da sociedade. A ordem das cousas he sem dúvida preferivel á dos tempos: e na immensidade das cousas he necessario limitar-se áquellas, de que podemos tirar grandes luzes, grandes conhecimentos. Todo o nosso estudo se dirige á verdade, e utilidade.

Na primeira Parte desta Obra, seguimos a Historia do Imperio Romano até o tempo de Mafoma; temos visto as conquistas, os primeiros estabelecimentos dos Barbaros, especialmente dos Ostro-Godos na Italia, e as revoluções, que soffrêraõ no tempo de Justiniano. Estes objectos tem particular correlaçaõ com a antiga Roma. Agora passaremos além do termo, a que tinhamos chegado; mas sem repetiçaõ, porque a ordem das materias assim o parece requerer.

PRI-



PRIMEIRA ÉPOCA.

FUNDAÇAÕ DA MONARQUIA FRANCEZA.



A BARBARIDADE ESPALHADA PELA EUROPA.

Desde CLOVIS *até* CARLOS MAGNO.

Espaço de quasi tres seculos, principiando em 486.

CAPITULO I.

Monarquia Franceza, até o tempo, em que dominaõ os Maires do Paço.

Idéa geral dos Barbaros, que tinhaõ destruido o Imperio.

AQUELLA multidaõ de Póvos barbaros, que sahiraõ da Germania, e que se estabelecêraõ sobre as ruinas do Imperio do Occidente, tinha introduzido por toda a parte o mesmo caracter, a mesma barbaridade, e talvez os mesmos usos. Estes Póvos ignoravaõ as artes pacificas, só respiravaõ guerra, e tinhaõ unicamente Leis cheias de abusos. Os seus Reis naõ eraõ propriamente mais que Generaes, os seus Magistrados ignorantes guerreiros, e as suas Juntas nacionaes hum corpo de soldados cobiçosos, e fogosos. Em quanto naõ fossem go-

governados por homens grandes, sempre raros, ainda entre as nações civilizadas, deviaõ por certo aquelles Barbaros ficar, depois da sua conquista, tanto mais tempo injustos, e ferozes, quanto menos exemplos de humanidade, de justiça, menos principios, e menos costumes, achassem nas provincias conquistadas. Se os Romanos naõ tivessem degenerado extraordinariamente, ou teriaõ vencido, ou civilizado os seus vencedores.

Os seus estabelecimentos na Gaula.

Os Visi-Godos tinhaõ-se assenhoreado da Hespanha, e de huma grande parte da Gaula. Os Borgonhezes occupavaõ vastas Provincias entre o Saona, o Rhodano, e os Alpes; os Francos, ou Francezes, senhores já de Tournay, e das praias do Escalda, tinhaõ-se extendido até ao Somma, rio que banha a Picardia; os Armoricos, situados entre o Sena, o Loire, e o Oceano, formavaõ huma especie de República independente. Naõ ficava aos Romanos senaõ a Gaula Belgica, onde Siagrio seu general affectava dignidade Real; quando Clovis, filho do Rei Childerico, com dezanove annos de idade, venceo a Siagrio perto de Soissons, expulsou os Romanos, e firmou por meio desta victoria os fundamentos da Monarquia Franceza.

An. de J. C. 486.

Clovis vẽcedor dos Romanos.

A

Sua politica a fim de grangear, e attrahir os Gaulezes.

A sua ambiçaõ, igual ao seu valor, lhe inspirou em breve tempo o intento de augmentar-se em todas as partes; para o que lhe servio tanto a politica como as armas. Os Gaulezes abominavaõ o dominio Romano, sendo muito apaixonados pelo Christianismo: Clovis grangeou a sua benevolencia, poupando-os, respeitando a sua Religiaõ, e favorecendo os seus Bispos. O seu casamento com Clotildes, sobrinha de Gondebaldo, Rei de Borgonha, deo-lhes grandes esperanças, de que abjurando Clovis a idolatria abraçaria a Fé Christã; para a qual o dispozeraõ pouco a pouco as exhortaçoes desta piedosa Princeza. Clovis naõ allegava já outra cousa senaõ a paixaõ dos Francezes pelo seu culto. Porém tendo o mesmo Clovis vencido os Alemães em Tolbiac, junto a Colonia, e attribuindo a sua victoria ao Deos de Clotildes, a quem tinha invocado neste perigoso combate, faz-se baptizar por S. Remigio, Bispo de Rheims. A maior parte seguíraõ seu exemplo. Hum Chéfe feliz, e prudente facilmente persuadia aquelles animos rusticos. Clovis mostrou des daquelle tempo muito zelo pela verdadeira Religiaõ, que veio a ser muito util para os seus projectos. Os Armoricos sujeitáraõ-se voluntariamente á sua Coroa. A qua-

Clovis casa com Clotildes.

496 Clovis, depois da batalha de Tolbiac, faz-se Christaõ.

qualidade de Catholico o fez amavel aos mais Gaulezes, porque os Borgonhezes, e Visi-Godos eraõ Arianos. Quanto ao demais, pela profunda ignorancia dos Francos se póde julgar do seu Christianismo, e da sua Catholidade. Tudo quasi que se reduzia ou a palavras sem idéas, ou a superstições sem virtudes, do que veremos infinitas próvas.

Guerra inutil cont a Gondebaldo, Rei de Borgonha.

Gondebaldo, homicida de seus irmãos, e usurpador dos seus Estados, dava pretextos de guerra ao ambicioso conquistador. Clovis, de concerto com Theodorico o Grande, Rei de Italia, e seu cunhado, intenta privar do Throno a Gondebaldo, e sem esperar pelos Ostrogodos, despoja com effeito o Rei Borgonhez. Clovis cede huma parte da conquista a Theodorico, segundo as convenções feitas entre si. Mas arrependendo-se Clovis de ter augmentado por este modo o poder de hum visinho mais temeroso do que Gondebaldo, determina pòr outra vez este ultimo de posse do seu reino. Tudo foi entregue. Huma politica mais perspicaz naõ teria emprehendido a guerra para naõ tirar della fructo algum.

Clovis accommette com o pretexto de

Resoluto Clovis a invadir o Estado de Alarico, Rei dos Visigodos, que estava senhor das Provincias entre o Rho-

da-

Religiaõ, ao Rei dos Visigodos.

dano, e o Loire, soube encobrir com a Religiaõ o intento, que a ambiçaõ lhe inspirava. Horrorosa cousa era a seu ver que os Arianos reinassem na Gaula. Posto que Alarico naõ fosse perseguidor, foi favorecido pelos Bispos daquelle paiz; e já se póde observar que entre os Póvos barbaros, assim como em Roma, e em Constantinopla, o Clero teve grande parte nas revoluções politicas. Os votos dos seguidores de Clovis foraõ coroados com a batalha de Vouillé junto a Poitiers em 507. Clovis matou o Rei Visigodo, e tomou muitas Provincias. Gondebaldo seu alliado nesta expediçaõ sitiava a Cidade de Arles.

Theodorico salva huma parte deste Reino.

Aquellas Provincias foraõ soccorridas por hum exercito de Theodorico; porque este Principe naõ podia socegar vendo os perigos, que ameaçavaõ a sua Naçaõ. Unidos outra vez Clovis, e Gondebaldo foraõ vencidos, ficando Theodorico senhor da Provença, da Provincia Narboneza, e de huma parte da Aquitania. A Europa naõ tinha Rei taõ poderoso, nem taõ prudente, nem taõ sabio: o qual tendo-o já dado a conhecer em outro lugar, naõ devo repetir o que já fica dito. (*Veja-se a Hist. Roman.*)

Des-

Deshonra Clovis o fim do seu reinado com perfidias, e com atrozes crueldades para com os seus proprios parentes, que despoja de tudo: e ao mesmo tempo funda Igrejas, e Mosteiros, persuadido, sem duvida, de que as Leis Divinas, assim como as dos Barbaros, perdoavaõ todos os crimes, por meio de dinheiro. Morreo Clovis em 511, depois de hum Concilio de Orleãs, para onde tinha mandado os artigos, pelos quaes devia regular-se a disciplina.

Crueldades, e fim de Clovis em 511.

Hum dos regulamentos principaes foi, que nenhum leigo, excepto os descendentes dos Clerigos, entrasse em o Clero sem ordem do Rei, ou licença do Juiz. Constantino tinha-se acautelado do mesmo modo, para que os homens necessarios para o serviço do Estado naõ fossem admittidos á dignidade do Cléro. Hum sem numero de homens abraçavaõ este estado pelos privilegios a elle annexos: a Lei foi mal observada.

Regulamẽto a respeito da recepçaõ dos Clerigos.

Quatro filhos de Clovis, Thierri, Clodomiro, Childeberto, e Clotario, fazem entre si partilhas da sua successaõ; e divide-se a Monarquia infelizmente em quatro Reinos; de Austrasia, ou de Metz, de Orleãs, de Pariz, e de Soissons. Desta divisaõ naõ podiaõ deixar de seguir-se infallivelmente gueras civis. Quando

Os quatro filhos de Clovis dividẽ a sua successaõ.

os irmãos tiveraõ interesses differentes tornáraõ-se em inimigos. As barbaridades as mais horrorosas saõ os acontecimentos ordinarios. Sigismundo, filho de Gondebaldo, he morto cruelmente com sua mulher, e seus filhos, por ordem de Clodomiro; e deste modo veio a acabar a guerra entre estes Principes. Depois da morte de Clodomiro, dous filhos seus saõ mortos ás punhaladas por seu Tio Clotario, unido com Childeberto, a fim de roubar-lhe a sua herança. A Historia daquelles tempos, cheia de atrocidades, e de perfidias, ou de fabulas ridiculas, só interessa quando descreve os antigos costumes.

Barbaridades que cõmettem.

Theodeberto, filho, e successor de Thierri, Rei de Austrasia, distingue-se por meio de grandes qualidades, e de vastas emprezas: faz-se respeitavel a seus Tios, cuja ambiçaõ o teria pretendido despojar: e depois une-se com elles, com a vista de conquistar o Reino de Borgonha, que obra de cem annos havia que fora fundado. Esta importante conquista foi acompanhada d'huma embaixada do Imperador Justiniano, que convidava os Reis de França para huma liga contra os Ostrogodos. Amalasonta, digna filha de Theodorico, os tinha sábia, e prudentemente governado, em nome

Theodeberto, Rei celebre de Austrasia.

Conquista do Reino de Borgonha em 534.

me de Athalarico, seu filho. Theodato, Successor de Athalarico, tinha sido privado do Throno, como hum cobarde, no tempo da expediçaõ de Belizario na Italia. (Os Barbaros assim como davaõ a Coroa tambem a tiravaõ, e queriaõ sobre tudo Reis valentes.) Vitigez eleito em lugar de Theodato, negocea com os Francezes, alliados já do Imperador, e estes acceitaõ sem escrupulo, assim os seus offerecimentos como o seu dinheiro. Guia Theodeberto hum grande exercito para além dos Alpes; accommette successivamente os Ostro-Godos, e os Romanos; vence-os, derrota-os, e volta para os seus Estados. Tal era a boa fé destes guerreiros, cobiçosos de roubar, e julgando ser-lhes tudo licito, com tanto que o successo coroasse as suas injustiças.

Os Francezes perfidos alliados dos Romanos, e dos Ostro-Godos.

Muitos annos depois, a Venecia, e huma parte da Liguria foraõ conquistadas por hum exercito de Theodeberto, ao mesmo tempo que Totila, em 547, levantava novamente o poder dos Ostro-Godos. Esta conquista foi inutil; o Principe Francez morreo sem ter tempo de fortificalla. Com taes Reis como Thedeberto poderia a Monarquia de Clovis vir a ser senhora dos Estados visinhos.

Outra expediçaõ para Italia.

Os homens, que naõ sabem reflectir, naõ podem ser instruidos pela experiencia.

562. A Monar-

quia dividida em quatro, depois da morte de Clotario I.

As muitas, e grandes infelicidades, que occasionáraõ a divisaõ do Reino, renováraõ-se por meio de outra divisaõ semelhante, depois da mórte de Clotario, unico Successor de seus irmãos, e de seus sobrinhos. Cariberto, Gontrano, Sigeberto, e Chilperico, seus filhos, tiráraõ sórtes sobre os quatro estados. Posto que o Reino de Pariz tocasse a Cariberto, ajustáraõ entre si que todos teriaõ direitos sobre aquella Cidade, de que Clovis tinha feito a sua Capital; e que nenhum poderia entrar nella sem o consentimento dos outros tres. Taõ extravagante tratado era semente de guerras civís. Tudo concorreo para as infelicidades da naçaõ.

Brunehaut, e Fredegunda, cõpetidoras furiosas.

Duas mulheres, mais dignas do nome de furias, do que do nome de Rainhas, Brunehaut, e Fredegunda, destiuíraõ a França por meio da sua sanguinolenta ambiçaõ. Brunehaut, Princeza de Hespanha, tinha casado com Sigeberto, Rei de Austrasia. Fredegunda, ao principio concubina de Chilperico, Rei de Soissons, o tinha induzido a fazer hum divorcio, a fim de chegar a ser sua esposa. O seu odio mutuo, e o imperio, que tinhaõ em seus maridos, produzíraõ crimes infinitos, taõ funestos para os Póvos como para a Real Familia. Sigeberto, sitiando a Chilperico em Tournay, he assassinado pe-

pelos Satellitas de Fredegunda. Como cruel madrasta, sacrifica esta mulher depois os filhos do primeiro matrimonio do seu esposo; Brunehaut de sua parte, ardendo em desejos de vingança, arma os Principes, e atea o fogo das guerras civís. A mesma Brunehaut cahe finalmente nas mãos de Clotario, filho de Fredegunda, o qual a condemna a horrosos supplicios, como culpada da morte de déz Reis, ou filhos de Reis, S. Gregorio Papa faz elogios a esta Princeza, a qual se mostrava zelosa, e liberal para a Igreja.

Gontrano, Rei de Borgonha, muito louvado pelos Historiadores daquelle tẽpo.

Gontrano, Rei de Orleãs, e de Borgonha, (morto em 593,) tinha passado de hum para outro partido, procedendo com o seu capricho, e accommodando-se ás conjuncturas. Principe pio sem luzes, prodigo em fundações, sujeito cégamente aos Bispos; docil, e cobarde quando necessitava de constancia; violento, e cruel quando necessitava de docilidade; e muito celebre em os nossos annaes antigos, porque os Escritores julgavaõ de tudo, e da propria virtude, conforme as preoccupações do seu seculo. Este Principe taõ docil tinha jurado de mandar matar os seus medicos, se naõ curassem a Rainha, estando perigosamente doente. A Rainha morreo: os

Me-

Medicos foraõ justiçados. Citaõ-se outros muitos exemplos desta natureza; porém tudo cobria a devoçaõ de Gontrano.

613. Clotario II., reina só.

Clotario II., filho de Chilperico, e de Fredegunda, reinou só depois da cruel mortandade de huma multidaõ de Principes. Clotario restabeleceo a tranquillidade, grangeou o amor dos seus vassallos, particularmente dos grandes, cujo poder augmentava; deixou o Governo da Austrasia, e da Borgonha aos Maires do Paço, semelhantes naquelle tempo a Vice-Reis, os quaes adquirindo cada vez mais authoridade, preparavaõ, e abriaõ de longe hum caminho para o Throno. Estes Officiaes, Juizes no Palacio, feitos Ministros dos Principes, e arbitros do Governo, deviaõ em breve tempo obrar como Soberanos, tanto que huns Reis cobardes, e pusillanimes fossem incapazes de os reduzir a fazer o seu dever.

Maires do Palacio.

O seu poder augméta-se no tempo de Dagoberto, e de seus Successores.

Os vicios de Dagoberto, filho de Clotario, e os impostos, com que opprimio o seu Povo, ou para acodir ás suas desordens, ou para expiallas segundo o uso, por meio de liberalidades pias, abatendo, e humilhando o real poder, o enfraquecêraõ. Ambos os seus filhos, Sigeberto II., e Clovis II. naõ souberaõ senaõ fundar novos Conventos, e occuparse em ninharias. Os Maires do Paço tu-

tudo fizeraõ. Grimoaldo, Maire do Paço de Austrasia, depois da morte destes Principes, atreveo-se a collocar no Throno o seu proprio filho. O usurpador foi expulsado, mas o exemplo da usurpaçaõ annunciava novas emprezas. E que limites lhe podia oppôr hum nome de Rei, o qual naõ era mais do que hum nome?

A Austrasia tyrannizada pelo Maire do Paço Ebroino, naõ quer mais Reis.

O Maire do Paço, Ebroino, sem consultar os Cavalleiros, tinha collocado no Throno de Austrasia a Thierri III., hum dos filhos de Clovis II. Os Austrasienses rapando a cabeça a este Principe, o mettêraõ em hum Claustro: o qual foi restabelecido por mórte de Childerico, seu irmaõ, que fora assassinado. Com tudo a Austrasia tyrannizada por Ebroino, soblevou-se pretendendo ter Duques, ou Governadores independentes. Pepino Heristel, digno da pública confiança, exercitou em Austrasia o supremo poder. Thierri, que reinava só em França, tendo-o irritado, cahio entre as suas mãos victoriosas.

O Duque Pepino governa a Austrasia, e chega a ser senhor da Monarquia.

Pepino, Senhor do Reino todo, governou com o titulo de Maire do Paço, vinte e sete annos, com prudencia, e com valor. Os Reis naõ eraõ mais que fantasmas condecorados, que appareciaõ algumas vezes ao Povo. O sobrenome de *Preguiçosos* expressa a sua frouxidaõ, e

a

a sua estupida inercia. O mesmo Pepino, restabelecendo as assembléas antigas da naçaõ, cujo uso tinha intorrompido o despotismo dos Maires do Paço, e tornando sobre tudo a impetuosa viveza dos Francezes contra os inimigos estrangeiros, que sempre venceo, e derrotou, gozou tranquillamente de hum poder, até entaõ nunca ouvido na Monarquia.

714. Carlos Martel, seu filho, he Successor de todo o seu poder.

Depois da mórte deste homem grande, a authoridade passou ás mãos da sua viuva Plectrudes, cujo neto, ainda menino, era Maire do Paço; porque Pepino tinha pretendido fazer hereditario para a sua familia hum emprego, que substituia a dignidade de Rei. Carlos Martel, filho de Pepino, e de huma sua concubina, foi preso por suspeito ao novo governo. Enojando-se logo a naçaõ de obedecer a huma mulher, elegeo hum Maire do Paço, chamado Rainfroi. Tinha Carlos fugido da prisaõ, e os Austrasienses o recebêraõ como hum libertador. Rainfroi, pretendendo sujeitar a Austrasia, experimentou muitas vezes juntamente com o Rei Chilperico II. a invencivel superioridade deste heroe. Carlos Martel, segundo o exemplo de seu pai, assenhoreou-se de toda a authoridade, de que era digno. Hum Governo sabio, prudente, e vigoroso, as victorias aturadas, n'huma

pa-

palavra, a gloria, e a prosperidade do Estado, foraõ os seus titulos mais respeitaveis. A França, a naõ ser Carlos Martel, teria sido sujcita aos Musulmãos, senhores já da Hespanha

---

CAPITULO II.

A Hespanha invadida pelos Sarracenos. --- Carlos Martel vence, e derrota os Sarracenos em França.

Estado do Reino dos Visi-Godos em Hespanha.

A HISTORIA da Hespanha, merece neste lugar a nossa attençaõ. Fundado que tivessem os Visigodos a sua Monarquia nesta Provincia Romana, conquistada já pelos Vandalos; o seu Clero em geral era mais absoluto do que os Principes, os quaes por consequencia merecem ser pouco nomeados. Quasi todas as causas corriaõ no Tribunal dos Bispos: os quaes muitas vezes decidiaõ nos seus Concilios os grandes negocios do Estado. Os mesmos Bispos juntos com os Cavalleiros entre os quaes occupavaõ o primeiro lugar, dispunhaõ da mesma Coroa, mais electiva do que hereditaria. Este Reino era hum Theatro de revoluções, e de crimes. O número dos Reis assassinados cau-

O Clero domina na mesma Hespanha.

Revoluções frequentes.

causa horror Os Barbaros, depois do seu estabelecimento, contrahiaõ novos vicios, chegando a sua ferocidade a ser mais inclinada para o homicidio. Que crimes lhes naõ devia inspirar só o interesse? Indiquemos sómente os principaes Reinados, onde se achaõ alguns factos memoraveis.

Reinados principaes.

Leuvigildes.

Leuvigildes, morto em 585, he célebre, ou pelas victorias, que alcançou contra os Suevos, cujos Estados conquistou; ou pelas suas violencias contra Hermenegildo seu filho, por ter abraçado a Religiaõ Catholica. Recaredo, outro filho seu, e seu Successor, abjura com tudo o Arianismo. Os Arianos tambem saõ perseguidos. Este espirito de perseguiçaõ reinou mais em Hespanha do que em outra parte. Sisebuto, em 612, obriga os Judeos, sob pena de mórte, a receber o baptismo: Principe sabio, e prudente a outros muitos respeitos, cujo valor tomou aos Imperadores do Oriente, o que ainda possuiaõ nas cóstas do Mediterraneo. Chintila desterra todos os Judeos, e hum Concilio declara que nenhum Principe poderá occupar o Throno sem ter jurado a observancia das Leis publicadas contra este desgraçado Povo: parece que já se formava, e se originava a Inquisiçaõ. No tempo de Recesuintho, a eleiçaõ

Recaredo.

Sisebuto.

Chintila.

Recesuintho.

çaõ dos Reis he reservada por hum Concilio para os Bispos, e para os Palatinos: (os Palatinos eraõ os Officiaes principaes da Coroa.) Neste lugar vemos perder o corpo da naçaõ hum dos seus mais preciosos direitos. Vamba, vencedor dos Sarracenos, que vinhaõ accommetter a Hespanha, envenenado pelo ambicioso Erviges, he excluido do Throno em 682, porque na fraqueza, e cobardia, a que o reduzio a enfermidade, o tinhaõ revestido com hum vestido de penitente. Empreza odiosa, a primeira deste genero, e que annuncia de longe as emprezas do Clero. O Throno foi concedido a Erviges por hum Concilio. Outro Concilio, que se teve no tempo do seu Reinado, prohibe aos Reis de casar com a viuva de qualquer Rei, como crime digno do Inferno. Este Canon basta para julgar do espirito da legislaçaõ. As crueldades, e as desordens de Vitiza, o qual permittio aos Clerigos o casamento, e aos leigos, que sustentassem tantas concubinas quantas quizessem, excitavaõ huma guerra civil em 710. Este Principe foi privado do Throno por Roderigo, ou Rodrigo, o qual tambem foi em breve tempo privado do Throno, por hum Povo, ao qual nada resistia.

Vamba.

Erviges.

Vitiza.

Roderigo.

No

Progressos do mahometismo.

No fim da Historia Romana fallámos do estabelecimento do mahometismo, religiaõ que excitiva as conquistas por meio do fanatismo, o qual fortificava por via das conquistas. Mafoma, seu fundador, tinha morrido em 633. Pouco tempo depois, o Imperio dos Arabicos, ou Sarracenos abrangia já Comarcas immensas ou na Asia, ou na Africa. O alcoraõ sustentado com as suas armas, parecia que tinha de sobjugar o mundo inteiro.

A Hespanha invadida pelos Sarracenos ou Mouros.

Conta-se que o Conde Juliaõ, acceso em cólera por causa de Rodrigo ter deshonrado sua filha, fora o mesmo, que convidára os Sarracenos para invadir o Reino de Hespanha. Este facto naõ he confirmado pelos monumentos antigos: hum exemplo seria de mais das revoluções occasionadas pelos vicios dos Principes. Os Sarracenos, senhores naquelle tempo da Mauritania, (donde tomáraõ o nome de Mouros,) deraõ sobre a Hespanha, e ganháraõ em 712 a batalha decisiva de Xerés na Andaluzia, depois da qual desappareceo para sempre o Rei Visi-Godo. Muza, que governava em Africa, como Vice-Rei do Califе Valid, veio logo acabar a conquista, offerecendo segundo a prudente politica da sua Seita, aos habitantes que os deixaria na

Batalha de Xerés em 712.

sua

sua Religiaõ, e Leis, e contentando-se com o mesmo tributo, que pagavaõ aos seus Soberanos. A maior parte das Cidades o recebêraõ sem resistencia, e elle queimou, e saqueou as outras. Oppas, Arcebispo de Sevilha, tio dos filhos de Vitiza, naõ se envergonhou de combater a favor dos Musulmãos, e de sacrificar a Patria, e a Religiaõ, ao odio que a Roderigo conservava. Mas Pelagio, heróe de sangue real, tendo-se retirado para as montanhas das Asturias, e de Burgos, acompanhado com infinitos Christãos, fundou nas mesmas montanhas hum pequeno Reino, onde se manteve por meio do seu valor. Affonso seu genro occupando depois o Throno, aproveitou-se, para adiantar as suas fronteiras, das guerras civís, que naõ tardáraõ muito tempo, que naõ dividissem os conquistadores.

Traiçaõ de Oppas.

Pelagio refugiado nas Asturias.

Com tudo a sua ambiçaõ naõ se podia conter nos limites dos Pyreneos. Accommettêraõ logo os Mouros, sem feliz successo, a Eudes, Duque de Aquitania, descendente da familia de Clovis. Abderamo, novo Emir, ou Governador de Hespanha, fez segunda invasaõ com forças superiores, e entrou até o coraçaõ da Cidade de Sens. Rechassado pelo Bispo Ebbon, deo sobre a Aquitania, venceo, e derrotou o Duque, adiantan-

732. Carlos Martel vence, e derrota os Mouros, que queriaõ conquistar a França.

do-

do-se para o centro do Reino. A esta invasaõ devia de ir á maõ Carlos Martel: o qual salvou a França por meio de huma batalha sanguinolenta, que deo entre Poitiers, e Tours. Abderamo foi morto. Os Sarracenos perdêraõ nesta batalha mais de trezentos mil homens. Porém as exaggerações desta especie merecem pouco lugar na Historia. Os inimigos, a pezar da sua derrota, ficáraõ alguns annos em Languedoc, e na Provença, donde finalmente os expulsou o herói Francez.

A Hespanha ao principio infeliz sob o seu Imperio.

A Hespanha foi infeliz no principio, com o dominio dos Mouros. Os Emires, dependentes dos Vice-Reis de Africa, que os deixavaõ pouco tempo no Governo, apressavaõ-se mais a estancar as Provincias, do que a fazer florecer nellas a justiça, e o socego. As guerras civís ateáraõ-se. Naõ só os Califes, cuja Corte era Damasco, naõ podiaõ pacificar de taõ longe as perturbações, mas tambem as discordias, que excitava a mesma dignidade de Calife, chegavaõ a ser favoraveis para as emprezas dos sediciosos.

Revoluçaõ da dignidade de Califa.

Esta grande dignidade Real, e Sacerdotal juntamente, passou em 750 da familia dos Ommiadas para a familia dos Abassidas. A revoluçaõ foi sanguinolenta, da qual nasceo outra verdadeiramente util para a Hespanha, pois a livrou dos seus oppressores.

O

O Principe Abderamo, a quem daõ o nome de Almanzor, livre da cruel mortandade dos Ommiadas, veio fundar nesta regiaõ hum Reino independente. Aclamado Abderamo Rei depois de huma victoria, sujeitou todas as Provincias, excepto a que Pelagio, e Affonso tinhaõ conquistado, ou conservado, e estabeleceo a sua residencia em Cordova, da qual fez a habitaçaõ das artes, da magnificencia, e das delicias. O mesmo Abderamo, sem perseguir os Christãos, achou infelizmente o meio de anniquilar quasi o Christianismo; ou reservando as mercês, e as dignidades para os seguidores de Mafoma, ou unindo por meio de casamentos huns com os outros. Nenhum Principe da Europa o igualava em politica, assim como Povo nenhum igualava aos Arabicos em tudo quanto dá honra ao humano entendimento. Os Arabicos, inimigos antigamente da razaõ, e das sciencias, tinhaõ aprendido a cultivallas, sahindo-se bem em diversos generos, ao mesmo tempo que huma ignorancia barbara degradava os outros Póvos. Este lugar he proprio para dilatar-nos em semelhante objecto.

Reino dos Mouros em Hespanha, fundado por Abderamo ou Almanzor.

Este Principe reina gloriosamente.

Temos anticipado por hum pouco a ordem dos tempos, a fim de naõ confundir as materias: outro qualquer methodo con-

confundiria as idéas, e opprimiria a memoria.

Carlos Martel naõ occupa o Throno vacãte.

Carlos Martel, depois da derrota dos Sarracenos, taõ capaz para o Governo, como invencivel na frente dos exercitos, mais Rei com o simples titulo de Maire do Paço, do que Soberano algum da Europa, naõ cessou de augmentar a gloria do nome Francez. Vagando o Throno em 737 por mórte de Thierri IV., reinou Carlos em qualidade de Duque, sem se dignar de eleger Rei, nem affectar hum titulo, que nada teria augmentado ao seu poder. Tinha elle entregue a Aquitania a Haraldo, filho de Eudes, reservando para si, e seus filhos os direitos de Soberania: estando a preparar-se para passar á Italia, para onde o Papa Gregorio III. o chamava com vistas politicas, offerecendo-lhe o reconhecello por Consul de Roma, morreo em 741, antes da execuçaõ deste projecto. Para seu Successor na Austrasia deixou destinado a Carlomano hum dos seus filhos, e a Pepino o *Breve*, para seu Successor na Neustria, ou na França Occidentel, e na Borgonha. A memoria de Carlos foi aniquilada por Authores Ecclesiasticos, que naõ podéraõ perdoar a este grande homem o ter concedido aos Cavalleiros o usofructo de varias terras da Igreja, a fim

Carlos Martel morre em 741, depois de ter dividido a Monarquia por ambos os seus filhos.

A sua memoria aniquilada pelos Ecclesiasticos.

fim de os pôr em estado de satisfazer ás obrigações do serviço militar. Como podiaõ os Ecclesiasticos esquecer-se, de que as suas armas tinhaõ preservado do jugo Mahometano assim a Igreja como o Reino? Brevemente examinaremos o motivo da sua animosidade.

Carloman, depois de ter mostrado o seu distincto valor na Germania, faz-se Monge; contribuindo o seu retiro para seu irmaõ ser poderosissimo. Aspirava Pepino á Coroa; posto que tivesse feito acclamar hum certo Childerico II., o qual naõ he nomeado ainda nos annaes do tempo. O Papa necessitando de Pepino contra o Imperador Grego, e contra os Lombardos, satisfez industriosamante á sua ambiçaõ. Esta a occasiaõ de lançarmos os olhos para Italia, Roma, e Constantinopla. A sua actual situaçaõ he a origem dos maiores successos.

Carloman fazêdo-se Mõge, deixa tudo a Pepino, seu irmaõ.

CAPITULO III.

Estado do Reino dos Lombardos, e do Imperio de Constantinopla --- Intrigas dos Papas. --- A geraçaõ de Clovis privada do Throno por Pepino.

Estado do Reino dos Lombardos, depois de Alboino.

JA' vimos como Alboino fundou, no tempo de Justino II., o Reino dos Lombardos em Italia, pouco tempo depois dos Generaes de Justiniano introduzirem nella o dominio gotico. Este novo poder augmentou-se por meio das armas, e avigorou-se por meio da sabedoria, e prudencia de muitos Principes. Autharico, terceiro Rei, fez a felicidade dos seus Póvos, agitados cruelmente por causa de déz annos de anarquia. As insinuações de Theodelinda sua mulher, Princeza Bavara, o convertêraõ ao Christianismo. Foi Autharico Ariano, assim como quasi todos os Barbaros convertidos; os Lombardos tambem foraõ Arianos; porém os Catholicos gozavaõ de huma inteira, e total liberdade: parecia que ainda reinava Theodorico o grande. He para admirar, que o Papa S. Gregorio diga naõ obstante isto que Deos fizera morrer o malvado Autharico (*nefandissimus*), em

Autharico abraça a Religiaõ Christã, e governa sabia, e prudentemente.

em castigo de ter prohibido que os meninos Lombardos se baptisassem na Religiaõ Catholica. Acaso naõ se teria podido, pelo contrario, louvallo por deixar os Catholicos seguir pacificamente a sua Religiaõ? Porém o zelo, especialmente nos seculos da ignarancia, dá a certos objectos huma còr, que a imparcialidade lhe naõ acha.

Agilulfo pertende conquiſtar Roma.

Agilulfo, Successor de Autharico, Principe valeroso, emprehendeo a conquista de Roma. As negociações, e presentes de Gregorio salváraõ a Cidade. Theodelinda que se correspondia com o Papa, tinha casado com Agilulfo, a quem inspirou os seus sentimentos de Catholicidade, os quaes naõ tinha podido inspirar ao seu primeiro esposo. Em quasi toda a Europa, vemos Rainhas mudar a Religiaõ dominante, e servir de Apostolos nas Cortes. O seu sexo as fazia mais susceptiveis das fórtes impresões da Fé Christã, e mais proprias para a communicar por meio do sentimento.

Sua mulher o reduz a abraçar a Religiaõ Catholica.

Rothar, legislador daquelle Reino.

Rothar excedeo a gloria dos seus Predecessores, dando aos Lombardos Leis escritas, feitas n'huma Junta geral no anno de 643. Professava Rothar o Arianismo, porém com tanta moderaçaõ, que a maior parte das Cidades tiveraõ dous Bispos, hum Ariano, e outro Catholico.

Em nenhuma outra parte se via tolerancia igual.

Luitprando. Sua Lei a respeito do duelo.

No tempo de Luitprando, cujo Reinado principiou em 712, estava a Naçaõ sujeita aos Dogmas da Igreja Romana. A sisudeza deste Principe manisfesta-se sobre tudo n'huma das suas Leis, na qual condemna *o ridiculo uso dos duelos*, *por cujo meio*, *segundo o capricho dos homens*, *pertende-se obrigar a Deos a manifestar a verdade*: accrescentando que tolera o seu abuso, *pela grande paixaõ que os Lombardos lhe tem*. Entre os Barbaros quasi todas as causas eraõ decididas por meio do duelo.

O Imperio Grego enfraquecia-se todos os dias, posto que os Sarracenos se sujeitassem ao tributo.

Pretendia Luitprando, activo, prudente, e valeroso, engrandecer-se, trabalhando pela felicidade dos seus vassallos. A fraqueza do Imperio de Constantinopla, e os funestos passos desta Corte davaõ-lhe occasiaõ para isso. As idéas supersticiosas dos Gregos influiaõ sempre nos negocios públicos: Constantinopla tinha sido muitas vezes sitiada pelos Sarracenos. Tendo as suas frótas sido consumidas pelo fogo Grego, que ardia na mesma agua, (invençaõ do engenheiro Callinico) foraõ os Sarracenos reduzidos no Reinado de Constantino Pogonato, a concluir huma tregoa de trinta annos, no espaço da qual deviaõ pagar hum

hum tributo. O sexto Concilio Geral que se ajuntou em 680, perecia dever extinguir as disputas de Religiaõ, condemnando o Monothelismo. Duplicada vantagem para os Gregos, se della se tivessem sabido aproveitar. Mas nada curava a Naçaõ das suas preoccupações, e da sua opiniaõ. Hum partido pretendeo coroar os dous irmãos de Constantino Pogonato, porque *assim como as pessoas da Trindade eraõ tres, eraõ necessarios tres Imperadores.* Discorria-se, e obrava-se de hum modo incomprehensivel. Este ridiculo espirito dominou no tempo de Justiniano II., o qual teve a imprudencia de interromper a tregoa com os Sarracenos, no tempo de Filipe Bardana, o qual animando novamente o Monothelismo, condemnou o seu sexto Concilio, no tempo de Anastacio II., e de Theodosio III., os quaes se fizeraõ ambos Monges, e por ultimo, no tempo de Leaõ Isauro, que por meio de huma nova heresia, ateou novas dissensões, mais funestas para o Imperio do que as precedentes.

A superstiçaõ cegava os Principes, e os Povos.

Em 727 proscreveo Leaõ o culto das Imagens, culto santo, e util em si, do qual abusava todavia rusticamente a céga credulidade, e naõ podia deixar de defendello com enthuziasmo. Em lugar de illuminar o Povo a respeito dos abusos, ti-

Heresia dos Iconoclastas no tempo de Leaõ Isauro.

tiraõ-lhe os objectos da sua veneraçaõ, e da sua confiança. Desfizeraõ-se as pinturas, destruiraõ-se as estatuas, depois de se ter prohibido inutilmente que naõ fossem honradas, e veneradas. Por toda a parte houveraõ sedições, e rebeliões. O vulgo fazia consistir a Religiaõ nestes objectos sensiveis, suppondo-lhes sempre alguma virtude milagrosa. A maior parte dos Padres, especialmente os Monges, interessados na sua conservaçaõ, entregavaõ-se a hum zelo taõ violento como contagioso. Constantino Copronymo, filho de Leaõ, levando vantagem nos excessos a seu Pai, achou huma resistencia taõ invencivel, que a perseguiçaõ mudou-se em furor. Os Iconoclastas (*destruidores de imagens*) foraõ hum objecto de horror para a plebe. Os Arianos, accommettendo a Divindade de Jesu Christo, naõ tinhaõ sido mais odiosos aos Catholicos.

Sedições excitadas por causa de semelhante heresia.

« A razaõ porque as disputas, a respeito das imagens, eraõ taõ fortes, » diz Montesquieu, he porque estavaõ » unidas com cousas muito delicadas : » tratava-se do poder; e sendo este usurpado pelos Monges, naõ o podiaõ » augmentar, ou sustentar, senaõ augmentando continuamente o culto exterior, » do qual eraõ partes os mesmos Monges.

Rebeliões excitadas pelos Móges.

» Monges. Esta he a razaõ por que as
» guerras contra as imagens sempre foraõ
» guerras contra elles, e por que, ven-
» cido que tivessem os Monges este pon-
» to, naõ foi o seu poder mais limita-
» do. » (*Grand. & Decad. des Romains, Chap. 22.*) He verdade que os Monges do Oriente, sediciosos, e fanaticos, geralmente fallando, ateáraõ o fogo da rebeliaõ: he evidente que o seu falso zelo era excitado mais por causa do interesse, do que por outro qualquer motivo; mas com que demencia davaõ os Imperadores sempre materias para o incendio.

A desordẽ em Italia tambem era grande.

Os Italianos naõ foraõ os menos fervorosos em defender as Imagens: pois sobleváraõ-se abertamente contra os decretos. Roma, Napoles, e as outras Cidades que dependiaõ do Imperio, entráraõ a tratar o seu Soberano, naõ como tal, mas como abominavel herege. Ravena, Capital do Exarcado, chegou a ser hum Theatro de perturbações, e soblevações. Aproveitando-se Luitprando das conjuncturas, sitiou aquella Cidade, da qual se senhoreou em 728: e tomando outras muitas Praças, esteve a ponto de sobjugar o resto da Italia. As excommunhões, com que excommungavaõ os Iconoclastas, dispunhaõ o Povo para sacudir o jugo de Constantinopla. A Pentapola, vi-

Toma Luitprando Ravena, e outras muitas Cidades.

si-

sinha de Ravenna, na qual estavaõ comprehendidas as Cidades de Pesaro, Rimini, Fano, Ancona, e Uniena, tinha declarado que a causa do Papa, era a causa da Provincia; e que estando excommungados o Exarca, e seus adherentes, pretendia eleger para si governadores Catholicos. Finalmente, parecia estar já resoluta a eleiçaõ de hum Chéfe; isto he, de hum Imperador.

Os Papas já poderosissimos em Roma.

Posto que Roma fosse governada por Duques, dependentes dos Exarcas de Ravenna, os Papas tinhaõ naquelle tempo a authoridade principal, de que eraõ devedores, naõ tanto ás suas grandes riquezas, como ao respeito, que a Religiaõ inspirava para a sua Sé, e á confiança que todos tinhaõ na sua pessoa. S. Gregorio tinha negociado, e tratado com os Principes em diversos negocios de Estado. Os seus Successores dividíraõ a sua vigilancia entre os objectos do Bispado, e os objectos da politica. Por ventura podia deixar de ser assim, des que as funções espirituaes se uniaõ com os interesses profanos? Os Papas igualmente interessados em libertar-se do dominio dos Imperadores, e em resistir ás emprezas dos Reis de Italia, procuráraõ todos os meios de desempenhar estes dous objectos; e empregando a industria, e a

E occupados em objectos politicos.

Religiaõ para este fim, adquiríraõ huma Monarquia. De todas as obras humanas, esta he talvez a mais digna de huma atenta curiosidade, ou por sua natureza, ou pelos seus progressos, ou pelas suas prodigiosas consequencias.

Gregorio II. faz expulsar os Lombardos de Ravenna.

Receando-se Gregorio II., e temendo sobretudo hum visinho tal como Luitprando, declarou-se a favor do Imperador Leaõ, e reclamou o soccorro dos Venesianos. Esta República, que de algum módo procedêra do terror que Attila espalhára, tinha chegado a ser consideravel, á força de valor, e de industria. Os Lombardos foraõ expulsados de Ravenna. Porém Leaõ naõ pareceo menos animado nem contra o Pontifice, nem contra as Imagens. Determinando suas violencias os Romanos á rebelliaõ, naõ reconhecêraõ mais outro Chéfe senaõ o Papa Gregorio II. Inimigo sempre dos Lombardos, empenhou-se a armar contra elles a Carlos Martel, que era seu aliado; mas esta negociaçaõ naõ teve effeito. Gregorio III. a renevou, fazendo offerecimentos mais vantajosos, e grangeou finalmente o heróe. Porém a execuçaõ da empreza ficou suspensa por causa da morte de Carlos. Cedeo Luitprando ás instancias do novo Papa Zacharias, a quem entregou tambem quatro

Gregorio III., e Zacharias seguem os seus pareceres.

tro Cidades do Ducado de Roma, de que se tinha assenhoreado. O mesmo Luitprando acabou em paz, no anno de 744, hum Reinado taõ dilatado, como glorioso.

Fim de Luitprãdo.

Sitiando Ratchis, seu Successor, a Perousa, tambem se deixou desarmar pelo Pontifice. Tal era a influencia da dignidade Pontificia, que este Principe, depois de huma conferencia com Zacharias, naõ sómente levantou o sitio, mas entregou-se inteiramenre ás religiosas impressões, até tomar o habito de Monge. Com tudo a situaçaõ de Zacharias, entre os Gregos, e os Lombardos, sempre era inquieta, e perigosa. Pensava pois Zacharias, assim como os seus Predecessores, em conservar a protecçaõ da França, e em supprir com a politica aos recursos, que a força naõ alcançava. Os meios da Religiaõ fortificavaõ as suas esperanças.

Ratchis, seu Successor, faz-se Monge, depois de huma conferencia cõ o Papa.

Nestas conjuncturas, o ambicioso Pepino, o qual sem dúvida, conhecia os desejos do Papa, propoem-lhe hum caso de consciencia, que ninguem se tinha ainda lembrado de sujeitar ao parecer de Roma. Tratava-se de decidir, a quem se devia deferir o titulo de Rei, se a hum Principe incapaz do Governo, ou a hum Ministro depositario da authoridade Real, a

750. Decisaõ de Zacharias a favor de Pepino, o qual pertende ser Rei.

a qual exercitava com honra. Decide Zacharias a favor do vassallo contra o Rei legitimo. O Clero favorecia a Pepino, porque este lhe restituia huma parte das terras, de que Carlos Martel o tinha despojado; os Cavalleiros respeitavaõ a Pepino, por ser capaz, e poderoso; a Naçaõ desprezava Reis negligentes, e sem reputaçaõ alguma, os quaes apenas conhecia no nome. Deste modo o parecer do Papa naõ deixou escrupulo algum. Raparaõ a cabeça ao Rei Childerico; isto he, foi Childerico degradado, e recluso n'hum Mosteiro juntamente com seu filho. Foi Pepino exaltado ao Throno; e o famoso Missionario dos Germanos, Saõ Bonifacio, Bispo de Moguncia, hum dos seus mais uteis seguidores, o sagrou solemnemente em Soissons.

Childerico privado do Throno por Pepino.

Esta ceremonia da sagraçaõ, extrahida dos Judeos, e até áquelle tempo desconhecida da Naçaõ Franceza, pareceo imprimir ao Rei hum caracter Divino. Porém como de tudo abusa a ignorancia, os Bispos imaginar-se-haõ conferir em breve tempo a dignidade de Rei, sagrando os Principes, cuja opiniaõ terá consequencias perigosas. Havia muito tempo que os Imperadores se faziaõ coroar pelos Patriarcas de Constantinopla: do mesmo módo coroáraõ os Papas os Impera-

Ceremonia da sagraçaõ, da qual se abusará algum dia.

do-

dores do Occidente. Suppor-se-ha que a coroaçaõ, e a sagraçaõ saõ necessarias para o Soberano Poder; e o Clero, de huma pia ceremonia, fará para si hum direito a respeito das coroas. Bom he prever as cousas des da sua origem.

752. Negociaçaõ atrevida de Estevaõ III. com Pepino.

Finalmente o successo correspondeo á politica dos Papas: o novo Rei de França pagou o seu favor com usura. Aistulfo, ou Astolfo, successor de Ratchis, toma Ravena, todo o Exarcado, a Pentapola, e ameaça o Ducado de Roma. Já naõ vivia Zacharias. Estevaõ III. (*) pede, mas em vaõ, soccorro a Constantino Copronymo, occupado unicamente na guerra das Imagens. Este Imperador o encarrega de negociar com Aistulfo; ou se for intratavel, de se dirigir ao Rei dos Francezes. Estevaõ parte, chega a França, sagra novamente a Pepino, e o declara assim a elle como a seus filhos, patricios de Roma; titulo ao qual se anexou a soberania. O mesmo Estevaõ obteve em recompensa huma doaçaõ do Exarcado, e da Pentapola, para a Igreja Romana. « Estes saõ daquelles factos, diz hum » esti-

(*) Zacharias teve por Succeffor outro Eftevaõ, o qual morreo tres dias depois da eleiçaõ, naõ fendo ainda fagrado. Alguns Authores naõ fazem mençaõ delle no número dos Papas, e daõ a efte o nome de Eftevaõ II.

» estimavel Author, de que se achaõ » poucos exemplos na Historia. Hum em- » baixador, encarregado de negociar com » hum Principe estrangeiro sobre a con- » servaçaõ de huma parte dos Estados de » seu Soberaño, faz duas partes daquel- » la porçaõ de Estados, e vende huma » ao Principe estrangeiro, com condiçaõ » do mesmo Principe dar-lhe a outra » quando della fosse senhor. » (*Abregé de l'Hist. d' Italie.*) Porém devemos confessar que o primeiro erro, procedia do Imperador, que abandonava os Romanos.

Carta artificiosa do Papa, para empenhar a Pepino na guerra contra os Lõbardos.

Preparava-se Pepino com diligencia para passar os Alpes. Aistulfo pede, e obtem a paz, e violando-a depois da retirada dos Francezes, põem sitio a Roma. Escreve entaõ Estevaõ ao seu Protector aquella famosa Carta, em nome de Saõ Pedro, na qual confunde industriosamente todas as idéas, o sagrado com o profano, os bens da Igreja com a natureza da Igreja, o interesse das almas com a fortuna dos pastores; e na qual, em premio de huma guerra politica, promette a felicidade deste mundo, e a bemaventurança eterna, naõ sem ameaço de condemnaçaõ, no caso de lhe negar soccorro. Linguagem artificiosa, que chegou a ser muito ordinaria. Dar á Igreja, era dar

dar a Deos, ou a S. Pedro; disputar qualquer cousa á Igreja, era accommetter a Deos, ou a S. Pedro. A credulidade, e a superstiçaõ soccorrêraõ huma, e outra com tanta força semelhantes sofismas, que delles resultou huma grande, e enorme desordem na ordem natural da sociedade.

755. Pepino cõcede ao Papa muitas Cidades, das quaes Aistulfo se tinha amparado.

Em breve tempo foi Pepino visto novamente na Italia. Offereceo o Imperador pagar-lhe os gastos da guerra, com tanto que as ultimas conquistas dos Lombardos fossem restituidas ao Imperio. Porém Pepino respondeo, que tendo feito a S. Pedro huma doaçaõ daquellas Provincias, naõ a revogaria por todo o ouro do mundo. Sitiado Aistulfo em Pavia, sua Capital, sobscreve ás condições, que se lhe impõem. Dá Pepino ao Papa a posse de Ravena, Classea, Cesarea, Rimini, Fano, Pesaro, Cesena, Sinigaglia, Comachio, Urbino, Forli, &c. conservando a soberania neste Estado, como patricio dos Romanos. Napoles governada por hum Duque, Gaeta, quasi toda a Calabria, a regiaõ dos Brutienses, e algumas Cidades maritimas, ficáraõ debaixo do dominio do Imperador. Deste modo se aproveitou a Sé de Roma, á sua custa, da disputa das Imagens.

Pepino cõserva a soberania como patricio.

Pe-

Pepino depois de huma série continuada de victorias; depois de ter sujeitado ao tributo os Saxonios, os Esclavonios, e o Duque de Baviera ao juramento de fidelidade; e depois de ter unido á Coroa a Aquitania: respeitado interior, e exteriormente, morreo em 763, no decimo setimo anno do seu Reinado. Nunca Pepino tinha affectado poder muito absoluto: pois sempre remettia os negocios principaes para as Juntas da Naçaõ, de quem pela sua prudencia, era o oraculo. O mesmo Pepino, com a approvaçaõ dos Cavalleiros, tinha dividido o Estado entre os seus dous filhos, Carlos, e Carlomano. A E'poca do primeiro será grande, e célebre na Historia. Demoremo-nos ainda alguns instantes em considerar a situaçaõ da Europa.

Morte de Pepino am 763.

CA-

CAPITULO IV.

Observações Geraes.

I.

Conformidade de todos os Barbaros estabelecidos no Imperio do Occidente.

OS Gaulezes antigos, os Germanos, os Bretões, os Escandinavos, e geralmente todos os Póvos Celtas espalhados pela superficie da Europa, (porque se suppõem com probabilidade todos esses Póvos de huma origem celtica) tinhaõ entre si muita conformidade no governo, nos costumes, e nas opiniões. Esta conformidade se vê em todos os Estados, que fundáraõ os Barbaros, desmembrando o vasto Imperio dos Romanos. As suas peixões dominantes eraõ a liberdade, e a guerra. Persuadidos elles, de que a força dá todos os direitos, e a victoria he huma próva certa da justiça, tanta ambiçaõ tinhaõ de vencer, e despojar os seus inimigos, isto he, aquelles que accommettiaõ, quanto mais evitavaõ de snjeitar-se á vontade absoluta de hum unico homem; de maneira que até na sujeiçaõ se mantinhaõ livres. O seu primitivo governo foi huma especie de democracia militar, governando hum General

O seu primeiro governo foi

ral, o qual ordinariamente intitulava-se Rei. Esta dignidade naõ podia ser hereditaria: naõ se cuidava n'outra cousa senaõ no presente: pretendia-se hum Chéfe capaz de reger o seu exercito, e inspirar obediencia. Se tal naõ era, em breve tempo lhe tiravaõ o poder, de que o tinhaõ revestido. Quando qualquer guerreiro se distinguia por meio de eminentes qualidades, outros muitos uniaõ-se com elle: huma mutua obrigaçaõ os obrigava a combater huns pelos outros. Todos se impunhaõ a obrigaçaõ de morrer pelo seu Chéfe: sobreviver-lhe era cobardia. Estas sociedades parecem ter sido a primeira origem do governo feodal.

huma democracia militar.

Os seus Reis, os seus Chéfes.

Todos os negocios principaes decidiaõ-se nas Juntas da Naçaõ, onde aquelles guerreiros, armados, sentindo as suas forças, e aborrecendo a violencia, naõ se rendiaõ senaõ á intima persuasaõ da utilidade das cousas, que se lhes propunhaõ. A Junta nacional chamou-se em França, ao principio *o campo de Março*, por se ter em campo descoberto no mez de Março; depois, *o campo de Maio*, porque chegando a ser commum o uso da cavallaria, Pepino transferio a mesma Junta para o tempo das forragens. No Outono havia outra Junta, porém menos consideravel. As Povoações chegáraõ a ser Na-

Assembléas da Naçaõ.

 ções,

ções, e as Juntas deviaõ tomar differente forma.

A democracia, depois do estabelecimento, chegou a ser aristocracia.

Tanto que os Barbaros tiveraõ estabelecimentos determinados, em breve tempo mudou-se a democracia em aristocracia militar. Os Grandes com dominios, e com riquezàs tiveraõ todas as qualidades de meios para reduzir os pequenos á dependencia, reservando para si mesmo o poder, do qual tinha gozado o corpo da Naçaõ. O Povo foi abandonado, e desprezado; o Rei, e os Cavalleiros dispozeraõ do Estado; e a desigualdade das riquezas trouxe nova ordem de cousas. Com tudo no tempo das duas primeiras gerações em França, o Povo, ou os homens livres sempre participáraõ, ao menos pelo direito, do poder legislativo:

Poder legislativo em o Povo.

as Leis faziaõ-se *com o consentimento do Povo*, conforme a expressaõ dos Capitulares. Porém parece ser mais que provavel que este consentimento chegasse a ser pura formalidade. Por ventura os Maires do Paço teriaõ-se atrevido, ou teriaõ podido supprimir as Juntas nacionaes, se a Constituiçaõ antiga naõ tivesse soffrido derogações essenciaes?

Como o Real poder se augmentou, sobre tudo em França.

Como toda a authoridade tende a engrandecer-se, a authoridade dos Reis, especialmente na Monarquia Franceza, adiantou-se; e estendeo-se muito: o que foi ef-

effeito da conquista, e das circunstancias. Por huma parte, os Póvos vencidos, acostumados ao jugo dos Imperadores, e exercitados pelo Christianismo n'huma continuada obediencia, tinhaõ principios muito favoraveis para a authoridade dos Principes. A sua mistura com os conquistadores devia influir muito a respeito das suas opiniões, mórmente quando a mesma Religiaõ lhes chegou a ser commua, e os Bispos todos Romanos tinhaõ muito imperio nos espiritos, e nos coraçóes. Por outra parte, possuindo os Reis vastos dominios, concediaõ-os com titulo de *beneficio* aos cavalleiros, cuja amizade pretendiaõ obter, e tornavaõ a tirallos quando o julgavaõ conveniente. Deste módo a esperança, e o temor, grandes moveis do coraçaõ humano, concorriaõ para as idéas da sua politica. Viraõ-se Reis, semelhantes a Chilperico I., exercitar tambem huma especie de despotismo violento. De mais disso os Francezes sempre deixáraõ a Coroa na familia de Clovis, posto que naõ conhecessem huma ordem rigorosa de successaõ, a favor dos primogenitos, ou dos mais proximos herdeiros. Que vantagens para os Principes desta casa! Se os Merovingienses (este he o nome que se dá á primeira geraçaõ) tivessem sustentado a sua dignidade com

Beneficios.

Successaõ á Coroa.

o merecimento; se entre elles tivesse havido Pepinos, e Carlos Martel sem dúvida ter-se-hiaõ feito Monarcas poderosos, em lugar de cahir na dependencia dos Maires do Paço. Entre mãos prudentes, sabias, e vigorosas, a authoridade para o bem commum augmentava-se. Tres gerações de homens grandes exaltáraõ o Imperio de Carlos Magno; ao mesmo tempo que por meio da inepcia dos negligentes, e preguiçosos se arruinava, e cahia o grande edificio, que Clovis tinha fundado.

AsLeis dos Barbaros muito suaves. Porque.

Pelas Leis se conhece o caracter dos Póvos; á proporçaõ que mais livres saõ os póvos, as Leis saõ mais suaves; porque huma grande liberdade naõ se sujeita a hum jugo, que a sobleva. Ordinariamente a traiçaõ, e a cobardia eraõ os unicos crimes, que naõ se perdoavaõ. Naõ havendo público castigo para o homicidio, cada qual vingava-se a si mesmo, vingava os seus parentes, ou compunha-se com o homicida. Aquelles Póvos Septentrionaes, sempre em guerra, tinhaõ hum particular interesse na conservaçaõ dos seus membros. Naõ he logo de admirar, que em lugar de penas capitaes, tenhaõ estabelecido penas pecuniarias.

O duelo na falta de

Taõ pouco he para admirar, que o duelo fosse ordenado para supprir as pró-

vas

vas judiciaes. O fructo da opiniaõ recebida era que a victoria próva a justiça; o duelo, segundo o seu systema, e a sua linguagem, era *o juizo de Deos*; tambem era para os Barbaros o meio mais breve de pôr fim ás differenças; era o alimento daquella virtude guerreira, considerada pelos Barbaros como a primeira das virtudes; e algumas vezes foi tambem preservativo contra o abuso do juramento. Gondebaldo, Rei de Borgonha, que authorizou principalmente o duelo, dá na sua Lei a seguinte razaõ delle: *para que os ñossos vassallos naõ façaõ mais juramentos quanto aos factos escuros, & naõ jurem falso a respeito de factos certos.* « Deste mo- » do, diz Montesquieu, ao mesmo tem- » po que os Ecclesiasticos declaravaõ » impia a Lei, que permittia o comba- » te, a Lei dos Borgonhezes tinha por » sacrilega a que estabelecia o juramen- » to. » Observaçaõ verdadeira n'hum sentido, e falsa no geral; porque os Borgonhezes admittiaõ algumas vezes o juramento dos proprios meninos. Mas em fim a loucura dos combates judiciarios naõ estava menos unida com os principios das nações Germanicas.

Próvas judiciaes. Porque.

Gondebaldo oppoẽ o duelo ao abuso do juramento.

A observaçaõ, que acabamos de fazer a respeito do duelo, tambem se póde applicar ás próvas extravagantes, por meio das

Absurdo das próvas judiciaes.

diciarias, fundado na opiniaõ das quaes se purificavaõ dos crimes em juizo. Tinha a opiniaõ estabelecido estas próvas, ella as sustentou por muito tempo. Des das primeiras idades, anexava-se aos alimentos huma virtude milagrosa, suppondo-os animados por meio de alguma intelligencia, que dirigia sempre a sua acçaõ, devendo necessariamente fazellos servir para o triunfo da equidade. Persuadiraõ-se que o fogo naõ queimaria o innocente, e que a agua arrojaria de si o culpado, e por conseguinte o innocente devia manejar sem perigo hum ferro em braza, ou metter as mãos em agua fervendo: e o criminoso naõ iria ao fundo mettido que fosse n'huma cuba de agua, onde seria mergulhado, de pés, e mãos atado. Taes eraõ as principaes próvas, a que chamavaõ *ordeal* em algumas terras.

Depois do estabelecimento do Christianismo, estas próvas ainda foraõ conservadas pela superstiçaõ

Naõ as pôde destruir o Christianismo, porque os Barbaros o amoldavaõ ás suas preoccupações, mais depressa, do que sujeitavaõ estas mesmas preoccupações aos seus principios. A superstiçaõ naõ deixou de procurar textos nos nossos livros Sagrados para authorizar huma pratica contraria á boa razaõ, e a superstiçaõ julgou tellos achado; por maneira que as próvas chegáraõ a ser ceremonias religiosas, que o Cléro se interes-

ressou em sustentar : sem fallar das outras utilidades, que dellas tirava, e huma era o fazello evidentemente arbitro de muitas grandes causas. A cruz, a agua benta, e a mesma Eucharistia chegáraõ tambem a ser próvas. Clerigos, Monges, e algumas vezes leigos, accusados por crimes, commungando, purificavaõ-se dos mesmos crimes, e semelhante abuso foi anthorizado por alguns Concilios.

Eraõ julgados pelos seus Pares.

Era no principio ponto essencial do direito público, o ser julgado pelos seus *Pares*, ou seus iguaes. Em França houveraõ *centenas*, sobdivididas em *dezenas*; isto he especies de districtos, compostos ao menos de cem familias, e comprehendendo outros districtos menos numerosos. Os Chefes *centenareos*, *dezenareos*, séntenciavaõ as causas pequenas. O *Conde*, em cada Provincia era o verdadeiro juiz ; e elegia para seus accessores huns Echevinos (*scabini*), eleitos entre o Povo, e ordinariamente das familias principaes. O Rei reservava para si o sentenciar os Bispos, os Abbades, e os Grandes. A dignidade de *Par* anexa aos grandes feudos da naçaõ Franceza, [illegible]e principio quando os feudos foraõ hereditarios.

Ordem da jurisdicçaõ

II.

II.

A Religiaõ devia alterar-se entre os Barbaros.

Se a Religiaõ Christã naõ tivesse sido logo infectada com superstições absurdas, e igualmente perniciosas, teria, sem duvida, convertido os Barbaros em outros homens. A sua moral benefica, e divina achou-se com envolta n'huma grossa, e grande capa, que a fazia desapparecer: o que tambem era effeito inevitavel das circunstancias. Antigamente tinhaõ os Sacerdotes imperio absoluto entre os Gaulezes; naõ era somenos a authoridade, que tinhaõ os sacerdotes Germanos. Estes Póvos, mudando de culto, foraõ mais sujeitos ao Sacerdocio. Por desgraça, naõ tinhaõ o Clero naquelle tempo nem bastantes luzes para regellos bem, nem a virtude necessaria para naõ abusar do seu poder. Como teria resistido o Cléro, sem hum grande milagre, á torrente dos costumes públicos; especialmente quando os Barbaros foraõ admittidos á dignidade de Bispo, e lhe introduziraõ os seus vicios com a sua ignorancia? Naquelle tempo tudo devia degenerar. Grandes abusos alteravaõ já a pureza do Christianismo; e augmentando-se cada vez mais, produziraõ outros maiores.

Os

Os Imperadores Christãos enriquecendo a Igreja, tinhaõ sido prodigos em conceder-lhe privilegios, e immunidades; estas falsas vantagens naõ tinhaõ contribuido pouco para a relaxaçaõ da disciplina, e para as desordens, mais ou menos sensiveis, que alteravaõ o espirito do santo ministerio. O mal no tempo do dominio dos Barbaros, augmentou-se com prodigiosa celeridade. Como os Barbaros estavaõ persuadidos, de que todos os crimes se remiaõ a dinheiro, e que dando á Igreja, se ganhava o Ceo; quanto mais se entregavaõ ás suas paixões brutaes, tanto mais pródigos se mostravaõ em semelhante especie de boas obras. « Julga» va-se de algum modo, diz o Abbade » de Mably, que a avareza era o pri» meiro attributo de Deos, que os San» tos commerciavaõ com o seu credito, » e sua protecçaõ. Donde procedeo o » bom dito de Clovis, que *S. Marti» nho naõ servia mal aos seus amigos, po» rém que se pagava muito caro pelo seu » trabalho.* » (Observações a respeito da Hist. de França, C. 4.) Aquelle dito de Clovis faz hum pouco suspeita a sua piedade. Na Historia encontraõ-se as lamentações de Chilperico seu neto, o qual muitas vezes dizia : *O nosso Fisco está pobre; as nossas riquezas passáraõ para as Igrejas;*

Enriquecêdo a Igreja, julgavaõ salvarse.

Lamentações de Clovis, e de Chilperico a este assumpto.

jos; e os Bispos saõ os Reis. Posto que haja quem descreva a Chilperico como hum impio, as suas queixas naõ eraõ sem fundamento.

Poder excessivo dos Bispos.

Com effeito, fazendo-se os Prelados Cavalleiros, e Senhores por meio das terras adquiridas, e ajuntando o poder da fortuna com o credito, que lhes dava a Religiaõ, foraõ muitas vezes os arbitros dos Estados. Dispunhaõ do Throno, e regulavaõ a legislaçaõ em Hespanha, França, e outras partes: e compilando tambem as Leis, naõ deixáraõ de estender as suas prerogativas: o que naõ podia ser de outro modo; pois que sabendo só o Cléro alguma cousa, havia necessidade de consultallos: os seus conselhos eraõ sentenças; fallavaõ ordinariamente em nome de Deos; e eraõ homens.

Discordias do Clero, e dos leigos; effeitos que dellas resultaõ.

Como o interesse dos leigos naõ concordava com o seu, desta opposiçaõ procedêraõ novas desordens. O Cléro valeo-se da astucia contra poderosos adversarios; inventáraõ-se fabulas a fim de os atemorizar, e sujeitar; consagráraõ-se as armas espirituaes á defeza dos bens temporaes; a doce, e suave linguagem da caridade foi mudada em terriveis excommunhões, como se a Religiaõ só respirára terror. Os mesmos Concilios tomáraõ muitas vezes mais por objecto os direi-

reitos lucrativos, que se pretendiaõ estabelecer, ou conservar, do que a disciplina. A estes meios se ajuntava o soccorro da espada. Alguns Prelados, guerreiros por gosto, e por costume, combatêraõ pelos seus dominios, ora para usurpar os dominios de outrem, ora para resistir ao Soberano. A historia offerece mil exemplos de escandalos semelhantes. As violencias dos leigos eraõ sem dúvida a sua causa primeira: porém sómente a inimizade de ambas as Ordens mostra que havia estranhos abusos, profundamente arraigados.

Os Bispos chegaõ a ser formidaveis aos proprios Reis.

Quando huma jerarquia numerosa de Cidadãos he isenta dos empregos communs, e está livre das sentenças ordinarias; quando lhe está a opiniaõ sujeita; quando suppõe os seus privilegios de direito divino, e lhe he favoravel a ignorancia junta com a superstiçaõ; huma vez que se governar por meio da ambiçaõ, e do interesse, póde emprehender tudo. Os Bispos chegáraõ a hum tal gráo de poder, que o imperioso, e cruel Chilperico, accusando de conspiraçaõ contra a sua vida a Pretextato de Ruaõ, lançou-se aos pés dos outros Bispos pedindo-lhes que o castigassem. Esta authoridade dos Prelados servio em muitas circunstancias de freio para o crime. Naquelle tempo

a

a authoridade era util; mas como segundo o curso das cousas humanas, o interesse devia corromper o seu exercicio, muitas vezes foi perigosissima.

Multiplicaçaõ perigosa de Monges no Oriente.

As fundações Monasticas, que se multiplicáraõ sobremaneira influíraõ muito na sórte dos Póvos. O Oriente, depois de tempos immemoraveis, tinha visto hum número grande de homens entregar-se a huma vida solitaria, e contemplativa. O calor do clima, e a viva imaginaçaõ inspiravaõ facilmente o gosto della. Entre os Judeos, os Therapeutas, e os Essenios tinhaõ dado o seu exemplo aos Christãos. Estes os seguiaõ com tanto ardor, quanto a Religiaõ os separava das cousas terrestres. O Egypto especialmente povoou-se de Monges. No quarto seculo, contavaõ-se déz mil Monges, e vinte mil Religiosas na Cidade de Oxyrinca na Thebaida, onde o número dos Mosteiros excedia ao numero das casas. Com tudo poucas saõ as pessoas, que saõ chamadas pela providencia a hum estado taõ contrario á ordem natural da sociedade (*), e para o qual saõ necessarias virtudes muito superiores ás forças hu-

(*) Quaes saõ os homens, que saõ chamados pela Providencia para hum estado contrario á ordem natural da sociedade?

manas, e conseguintemente a relaxaçaõ, e a desordem deviaõ introduzir-se nos Claustros. Infinitos Monges vagamundos, fanaticos, e sediciosos, inundáraõ o Oriente, onde perturbáraõ a paz da Igreja, e abaláraõ o proprio Throno. O Imperador Valencio, naõ imaginando outro meio para reduzillos á obediencia, ordenou por huma Lei, em 376, que servissem nos exercitos. Taes Leis cahem sem execuçaõ, e o mal augmenta com o remedio. A regra de S. Basilio estabeleceo huma regularidade edificante, a qual todavia teve por limites os muros de alguns Mosteiros. A mesma regra naõ impedio, que nas dissensões Theologicas, os Monges, senhores já da Dignidade Episcopal, naõ fizessem a primeira figura.

Regra de S. Basilio.

Conhecidos eraõ já os Monges no Occidente, onde tinhaõ principiado a estabelecer-se, quando S. Bento fundou a sua Ordem em Italia, no principio do sexto seculo. O celebre Cassiodoro tendo setenta annos de idade, largou a Corte para abraçar a nova Regra. Totila, aquelle grande Principe, a fez mais respeitavel honrando o seu Fundador. Milhares de Proselytas foraõ attrahidos pelas virtudes da nova Ordem, onde o fervor se sustentava com o trabalho. Os Principes, e os Cavalleiros abraçáraõ a devoçaõ do Claus-

Os Monges estabelecem-se no Occidente. S. Bento.

Claustro, como o melhor caminho da salvaçaõ; semelhante devoçaõ se espalhou por todas as partes juntamente com a força do entusiasmo.

Fundações de Mosteiros.

Fundar Mosteiros com grandes despezas, assim nas Cidades como nos campos, enriquecellos com offertas, e com doações, foi hum dos principaes actos do Christianismo dos Barbaros. Os Monges adquiriraõ huma parte consideravel das terras; das quaes arroteáraõ muitas, o que era ao menos de utilidade para a terra, em que habitavaõ. Porém chegando os Monges a ser muito poderosos, e muito numerosos, perdêraõ insensivelmente a idéa da santidade do seu Instituto, chegando a ser cobiçosos, vãos, ambiciosos, guerreiros, e cavalleiros do mesmo modo que o Cléro secular; e contrahindo os vicios do seu seculo, sahíraõ os escandalos do mesmo azilo da religiosa austeridade. A preguiça, a miseria, as calamidades públicas, ou huma devoçaõ momentanea, ou a fantasia dos parentes, era a vocaçaõ da maior parte daquelles que ao Claustro se consagravaõ. Por ventura podiaõ os Monges, mudando de habito, mudar o seu genio? Logo o Estado perdia muitos vassallos, e adquiria poucos exemplos bons. Os principios sempre cegáraõ a todos; nunca se quiz prever

Os vicios entraõ nos Mosteiros. Porque.

ver as consequencias, posto que a experiencia do passado annunciasse evidentemente o futuro. A preoccupaçaõ, e o costume governaõ os póvos.

Os Monges ao principio eraõ sujeitos aos Bispos; porém em breve tempo obtiveraõ isenções contrarias ao direito commum. Requerêraõ isenções aos Papas: a mesma Rainha Brunehaut, por exemplo, pedio isenções a S. Gregorio para Mosteiros, que tinha fundado. Os Papas, concedendo as isenções, tinhaõ duas utilidades, a primeira de estender a sua authoridade a respeito do Bispado, e a segunda de unir a si mais estreitamente os córpos Monasticos. Donde procedêraõ diversos inconvenientes; huma alteraçaõ natural na disciplina, huma opposiçaõ de interesses entre os Bispos, e os Monges, e hum grande apego dos mesmos Monges á Corte Pontificia. Sendo os Monges os Missionarios dos Pontifices, prégavaõ juntamente com a Religiaõ, a inteira, e total obediencia ás suas ordens; quanto menos pertenciaõ á ordem civil, e politica, tanto mais trabalhavaõ em estender este estranho poder, do qual recebiaõ tantas prerogativas, e tantos favores. Deste modo he que a Inglaterra, como em outro lugar o veremos, e outras regiões cahiráõ n'huma especie de escravidaõ. A

Isenções Monasticas uteis para os Papas.

mes-

mesma Roma se admiraria, se tivesse comparado as regras antigas com o seu novo governo.

Augmento da authoridade Pontificia.

Os Papas, cabeças da Jerarquia, ordinariamente mais illuminados, e mais sabios do que os outros Bispos, tinhaõ sido muitas vezes consultados nos importantes, e difficultosos negocios: pouco a pouco se tinhaõ acostumado a expedir ordens, porque os seus avisos eraõ respeitados: e pertendêraõ depois ter Vigarios, os quaes governassem por toda a parte em seu nome; e naõ sómente a liberdade das Igrejas, mas tambem o poder politico, tiveraõ frequentes assaltos, antes de ser opprimidos.

Ordens que os Papas daõ a respeito do que lhes naõ pertence.

Fazendo Pepino, e Carlomano a guerra em Alemanha, o Presbytero Sergio, mandado por Zacharias ao Duque de Baviera, lhes ordenou da sua parte, e em nome de S. Pedro, que se retirassem, como se ordenasse a observancia de alguma Lei da Igreja. Com tudo Pepino, e Carlomano combatêraõ, e sahiraõ vencedores. *Se S. Pedro*, disse Pepino a Sergio, *tivesse julgado injusta a nossa causa, naõ nos teria soccorrido.* Compare-se esta acçaõ com as intrigas para collocar a Pepino no Throno; para expulsar da Italia os Reis Lombardos, e para sacudir o jugo dos Imperadores: ver-se-ha já de longe, até onde deviaõ os Papas

ir

ir com as suas emprezas, quando o seu dominio estivesse mais sólidamente firmado.

Demoro-me contra minha vontade, em semelhantes, e desagradaveis objectos, cujo conhecimento he infelizmente necessario. A prodigiosa influencia do Sacerdocio em os públicos negocios, chegou a ser a origem dos successos principaes. Duas classes, divididas nos interesses, dividem os Reinos: a sua competencia, humas vezes encoberta, e outras vezes manisfesta, produzirá por muito tempo perturbações, que augmentaráõ tambem os partidos oppostos em cada classe. Hum Pontifice estrangeiro ha de sujeitar as mesmas Coroas, com preoccupações de Religiaõ, ao mesmo tempo que a Religiaõ desfigurada, e desconhecida, servirá de pretexto para mil intrigas intestinas. Finalmente as infelicidades da Igreja estaráõ essencialmente unidas com as infelìcidades do Estado, até que a verdadeira sciencia dissipe as trévas de muitos seculos.

O conhecimento dos abusos em materia de Religiaõ he essencial.

Temos visto na Historia Antiga que quasi todos os Sacerdotes das falsas religiões tinhaõ reconcentrado a sciencia no centro da sua Jerarquia; porque este era o meio de sustentar, e dilatar a sua authoridade. Estes Sacerdotes queriaõ que

O que augmentou a ignorancia. Politica pessima do Clero.

tudo se ignorasse, excepto o que elles mesmos julgassem ser conveniente ensinar; faziaõ mysterio das cousas mais importantes: n'huma palavra, tinhaõ a verdade captiva. Os Druidas Gaulezes, com este intento, reprovando severamente a Escritura, tinhaõ-se mettido na posse de pronunciar os seus oraculos, sem que fosse possivel sujeitallos ao menor exame. O Cléro, por meio de huma infelicidade muito natural, seguio entre os Barbaros huma politica taõ perniciosa; conservando o seu soberbo desprezo ás letras. Tendo este desprezo chegado a ser commum aos Bispos em geral, imbuidos nos costumes da Naçaõ, quasi que em nenhuma outra parte se escreveo senaõ nos Claustros. Nelles se copiáraõ diversas Obras dos Antigos, e por esta via nos foraõ conservadas muitas, cuja perda teria sido irreparavel; porém nos mesmos Claustros occupáraõ-se mais em compôr Chronicas pessimas, e fabulosas lendas: o que alterou sobre maneira a Historia, a Religiaõ, os principios, e os direitos da sociedade.

Veja-se a Historia dos Celtas.

Céga credulidade dos homens.

Huma rustica, e grosseira superstiçaõ forjou todos os dias novas cadeias para os homens. Os falsos milagres, as falsas reliquias, os falsos actos, e as fraudes que se suppunhaõ pias, multiplicáraõ-se in-

infinitamente. Para nos atemorizarmos da estupida cegueira dos Póvos, basta só lançar os olhos para os Historiadores daquelle tempo. Beda, e Gregorio de Tours, recebem muitos absurdos por factos certos. S. Gregorio, Papa taõ digno de elogios, por causa das suas virtudes, desprezava, e aborrecia a bella litteratura, que fórma o entendimento, e o juizo. As suas proprias Obras provaõ que elle necessitaria de critica.

As questões vãs, que lhe fazia o Monge Agostinho, Apostolo da Inglaterra, e as respostas do Pontifice a estas questões, bastariaõ para fazer sentir quanto se confundiaõ naquelle tempo as falsas idéas com o ensino, e com as práticas do verdadeiro culto. O que faz este ponto muito mais sensivel he a correspondencia de Bonifacio, o Missionario dos Germanos, com o Papa Zacharias. Participa-lhe Zacharias n'huma carta que aos Christãos he ordenado que se abstenhaõ da carne das gralhas, pegas, cegonhas, lebres, &c. e n'outras cartas diz o mesmo Zacharias: « Vós me perguntais quanto » tempo he necessario conservar o toucinho antes de comello. Os Padres nada » prescrevêraõ sobre isto. Com tudo o » meu parecer he que se naõ deveria » comer o toucinho, senaõ depois de

Falsas ideas de Religiaõ que se lhes davaõ.

» se seccar ao fumo, ou cosido no lume. Mas se o quizerem comer crû, » bom será esperar que passem as festas » da Pascoa. » Em que se torna a Religiaõ, cuja essencia he adorar a Deos *em espirito, e em verdade*, conforme o Oraculo de Jesu Christo; em que se torna a Religiaõ, quando a unem com humas ninharias despresiveis, e ainda com práticas perniciosas?

As infelicidades deviaõ augmentar.

Quasi todos os Europeos sem estudos, sem arte, sem commercio, nem politica, nem principios, naõ podiaõ deixar de ser mais Barbaros, e mais infelices, em quanto huma revoluçaõ singular naõ forçasse, por assim dizer, a natureza. Grandes esforços fará Carlos Magno: terá grandes successos: mas depois delle tudo cahirá novamente na confusaõ, e desordem.

SE-



SEGUNDA ÉPOCA.

CARLOS MAGNO,

OU O NOVO IMPERIO DO OCCIDENTE.



INVASAÕ DOS NORMANDOS

Des do fim do oitavo seculo até ao meio do decimo.

CAPITULO I.

Guerras de Carlos Magno.

Principios do Reinado de Carlos Magno.

ESTAVA a Monarquia dividida entre os dous filhos de Pepino; Carlos, chamado depois Carlos Magno, e Carlomano. Deshouveraõ-se os dous irmãos entre si; e a sua desavença teria tido funestas consequencias, se a mórte de Carlomano, em 771, naõ tivesse posto fim ás disputas. Achando-se com toda a liberdade o vasto, e ambicioso engenho de Carlos, na frente de hum Imperio poderoso, formou em breve tempo projectos capazes de immortalizar o seu nome. Hum Reinado de quarenta e seis annos, fecundo em victorias, em politicas instituições, e em suc-

Mórte de seu irmaõ.

successos singulares, nos offerecerá, no meio da Barbaridade, espectaculos dignos da nossa occupaçaõ.

Odio mutuo dos Papas, e dos Reis Lombardos.

Havia sempre em Italia huma origem de perturbações, conservada por causa do odio mutuo dos Papas, e dos Lombardos. Os Duques de Espoleto, e de Benevente naõ queriaõ reconhecer a Didier por Successor de Aistulfo. Este Principe, que attribuia a sua rebeliaõ ás intrigas Pontificias, tinha assolado o que chamavaõ o *patrimonio de S. Pedro.* Tinha-se depois ajustado com o Papa Paulo I., cuja politica imitava a dos seus Predecessores. Conservaõ-se cartas de Paulo para Pepino, nas quaes este Principe he havido por novo Moysés, os Francezes, por naçaõ santa, e os Lombardos, posto que filhos, assim como os outros, da doutrina Catholica, por inimigos da Igreja, e da Fé. Os elogios, e os vituperios eraõ dictados pelo interesse.

Paulo I. e Didier.

Ingratidaõ de Estevaõ IV. para com Didier

Por mórte de Paulo I., subido que tivesse Constantino, filho do Duque de Nepi, á força d'armas, para a Cadeira Apostolica, favorecendo a eleiçaõ de Estevaõ IV. (em 772) tinha Didier suffocado hum scisma escandaloso. Naõ deixou Estevaõ de recorrer á França para obrigallo á restituiçaõ de alguns bens da Igreja. A ingratidaõ de Estevaõ ainda foi

772.

mui-

muito mais excessiva. O projecto dos dous casamentos de Carlos Magno, e de seu irmaõ Carlomano, com duas filhas do Rei da Italia, causando a Estevaõ grandes, e fortes temores, empenhou-se a desfazellos, e naõ só instou a respeito de que ambos os Principes já eraõ casados, mas descreveo-lhes os Lombardos como huma naçaõ digna de desprezo, e de horror, *da qual sabemos certamente*, disse Estevaõ, *que procederaõ os leprosos.* Esta imputaçaõ que tanto ultraja, naõ servio de obstaculo para que Carlos Magno deixasse de casar com a filha de Didier, a qual pouco tempo depois repudiou, provavelmente com o intento de conquistar o Reino do Pai.

Carlos Magno casa com a filha deste Rei, e a repudia.

Enojado Didier com esta affronta, dá azylo á viuva de Carlomano, e a ambos os seus filhos, os quaes Carlos Magno privára dos direitos do seu nascimento: empenhando-se depois com o Papa Adriano I. para que fosse a seu favor, e naõ podendo conseguillo, accommette as terras da Igreja. Voa entaõ Carlos Magno, cujas disposições eraõ conhecidas de Adriano, passa os Alpes, toma Verona, onde os filhos, e a viuva de Carlomano estavaõ recolhidos: assenhoreou-se de Pavia depois de hum dilatado sitio, em 774, e destroe a Monarquia

O Reino dos Lombardos destruido por Carlos Magno, conforme a vontade de Adriano I.

774.

quia dos Lombardos, que duzentos e seis annos havia, que subsistia. Morreo Didier n'hum Mosteiro. A Historia naõ falla do que aconteceo aos sobrinhos de Carlos Magno; e por ventura ignorar-se-hia, se fosse objecto de elogio para o vencedor?

Sua viagẽ a Roma, no tempo do sitio de Pavia.

Durante o sitio de Pavia, tinha Carlos Magno ido para Roma. Todo o Clero sahio a recebello com pendões, e Adriano o recebeo pomposamente na Igreja de S. Pedro, cantando o Povo, *bemdito seja aquelle que vem em nome do Senhor.* Segundo os Historiadores, a doaçaõ de Pepino foi confirmada. Com tudo naõ apparecendo depois nem o original, nem copia alguma de hum acto taõ importante, daqui nascêraõ as duvidas de certos criticos.

Os seus direitos, e os direitos do Papa.

Por muito generoso que Carlos Magno fosse para com a Santa Sé, naõ desprezou os seus proprios interesses. Ajuntou ao titulo de Rei dos Lombardos, como patricio dos Romanos, os direitos de Soberania em Roma, e nos Estados concedidos aos Papas. Conta-se que Adriano lhe concedêra o direito de ordenar, e confirmar a eleiçaõ dos Pontifices; porem os Reis Ostro-Godos, e os Exarcos tinhaõ usado de semelhante direito, como pertencente aos Soberanos de Roma. Se julgarmos por huma moeda do

do Pontifice, parece que tivera a soberania em Roma : quando, e como, he cousa que se naõ póde averiguar. Fez Adriano sem duvida todo o possivel para obter novas concessões. Por outra parte, tudo dá motivo para crer que Carlos naõ se despojou das suas conquistas.

Idéa geral das guerras daquelle tempo, simplices. expedições

Naõ seguiremos a este heróe nas expedições, que distinguem quasi cada anno do seu Reinado. A guerra daquelle tempo fazia-se sem systema, e sem continuadas operações. Naõ havia tropas reguladas, nem fundos para as subsistencias. Todo o Cavalleiro capitaneava os seus soldados, e só devia servir hum certo tempo. Ordinariamente eraõ todos obrigados a acabar o serviço depois da campanha : despediaõ-se as trópas, e no caso de necessidade voltavaõ no anno seguinte. A guerra porém contra os Saxonios, a pezar de continuadas victorias, durou trinta annos. Contentemo-nos de observar os factos memoraveis.

Expedições da Hespanha contra Abderamo.

Reinava gloriosamente em Hespanha Abderamo, ou Almanzor, esse Principe Arabico, de que já fallámos. Os pequeno Reis Christãos das Asturias tinhaõ prudentemente pedido a paz. Porem rebelando-se os Governadores de Saragossa, e de Aragaõ, chamaõ a Carlos Magno,

e

e reconhecem-o por seu Soberano. Passa este Principe os Pyreneos em 778: sujeita toda aquella regiaõ até o Ebro; ou para melhor dizer he nella recebido pelos Cavalleiros, com os quaes tinha trato secreto. Ao voltar elle desta expediçaõ, derrotou-lhe o Duque de Gascunha a retaguarda em Roncesvalhes; onde morreo Roldaõ taõ celebrado pelos Romancistas, e que se suppõe ser sobrinho de Carlos. As idéas da Cavallaria ainda naõ eraõ taes, como se ajuiza, á vista das suas fabulas.

Morte de Abderamo

Morreo Abderamo em 778; e a sua mórte, a que se seguíraõ guerras civís entre os seus filhos, deo aos Christãos de Hespanha occasiaõ para se exaltarem de novo. A grandeza deste Monarca ainda respira n'huma soberba Mesquita, que veio a ser a Cathederal de Cordova: edificio de seiscentos pés de comprimento, e duzentos e sincoenta de largo, sustentado em trezentas sessenta e sinco colunas de alabastro, jaspe, e marmore preto. Semelhantes obras naõ teriaõ podido ser concebidas, nem executadas por outro Povo, senaõ pelos Arabicos.

Mesquita de Cordova sobsistente.

Guerra de trinta annos com os Saxonios.

Muito tempo havia já que os Saxonios estavaõ em guerra com a França. Conservavaõ estes Póvos toda a ferocidade dos costumes Germanicos, sendo o seu

seu valor inflammado tambem pelo amor da liberdade. Sujeitos ao tributo por Pepino, que de mais disso os tinha obrigado a receber Missionarios; naõ podiaõ suportar nem o tributo, nem huma Religiaõ pacifica, taõ contraria ás paixões humanas. Tendo aquelles Barbaros morto alguns Missionarios, o Abbade de Fulda, n'huma Junta de Wormes em 772, moveo o Rei a armar-se contra elles. Os Saxonios foraõ vencidos muitas vezes, e sempre rebeldes. O célebre Witekind, seu General, naõ cessava de despertar na sua alma o ardor dos combates, e o amor da indipendencia. O mesmo Witekind, em 782, alcançou huma victoria completa contra os Francezes.

Mortandade cruel, feita por Carlos Magno.

Carlos Magno vingou-se cruelmente com a mortandade cruel de Verden, onde quatro mil e quinhentos Saxonios, dos principaes, foraõ degolados. Depois de sanguinolentas victorias sujeitou-se Witekind, e abraçou o Christianismo, e sendo fiel em cumprir aquillo, a que se obrigava, nunca já mais pôde inspirar aos seus compatriotas saudavel docilidade. Tantas eraõ as sobmissões, quantas as rebelliões. Finalmente foraõ os Saxonios sobjugados, depois de trinta annos de guerra; muitos milhares de familias foraõ transportadas para Flandres,

Witekind sujeito.

e

e para outros partes. Os mais valerosos leváraõ comsigo para a Escandinavia o seu implacavel odio ao jugo, e á Religiaõ dos Francezes.

Violencias para o estabelecimento do Christianismo em Saxonia.

O conquistador considerando com razaõ o Christianismo, como o melhor meio de domar hum Povo feroz, ignorava que os Christãos naõ se fazem á força. Os seus Capitulares a respeito dos Saxonios parecem ser quasi taõ barbaros como os seus costumes. Obriga-os sob pena de mórte a receber o baptismo; impõe-lhes os dizimos Ecclesiasticos, a que os mesmos Francezes naõ se queriaõ sujeitar: condemna ao ultimo supplicio os transgressores da abstinencia da Quaresma, n'huma palavra, sobstitue a violencia á persuasaõ. Estas primeiras Leis Saxonias saõ contrarias á humanidade. Com tudo acostumando-se o Povo finalmente a ellas, as fez confirmar pelo Imperador Conrado II. Huns tribunaes sanguinarios, chamados *Corte Vehmica*, *Justiça Westphaliana*, exercitáraõ por muito tempo mais huma horrorosa inquisiçaõ, do que huma verdadeira justiça. Sem outra fórma de processos, e sómente com o testemuuho de alguns vís delatores, eraõ condemnados todos os accusados. Estes tribunaes naõ foraõ abolidos senaõ no seculo decimo sexto, e a naõ suppormos que

Duraçaõ das Leis Saxonias, posto que Barbaras.

a superstiçaõ tinha mudado de alguma sórte a natureza, parece inexplicavel este fenomeno.

Tudo quanto se atreveo a mover-se em Alemanha ficou sujeito ás armas do heróe Francez. Tassilaõ, Duque de Baviera, a quem tinhaõ obrigado a receber a investidura, tendo-se soblevado, foi despojado do seu Estado. Os Esclavonios da Pomerania foraõ sobjugados, e os Hunos ou Abaros, estabelecidos na Hungria, expulsados alem do Raab. Bastava apparecer Carlos Magno para desapparecerem seus inimigos. Nós o veremos muito maior entre os seus vassallos.

Alemanha sujeita á França.

CAPITULO II.

Concilio de Francfort, e negocios Ecclesiasticos. ---- Carlos Magno Imperador. ----- Fim do seu Reinado.

ENTRE tantas guerras, occupava-se Carlos Magno no governo, nas leis, nos costumes, nas letras, e na Religiaõ; tinha frequentes Juntas nacionaes, para regular os negocios do Estado, e da Igreja: examinava tudo, e a tudo presidia com incansavel zelo. O Concilio de Francfort, em

A vigilancia de Carlos Magno chegava a tudo.

em que foi condemnado o culto das Imagens, offerece á Historia huma materia interessante, que dará a conhecer as preoccupações do seculo, a authoridade do Soberano, os inconvenientes de huma Theologia contenciosa, e os remedios para o mal, que ella póde produzir.

794. Famoso Concilio de Francfort.

O primeiro objecto deste Concilio era condemnar a doutrina de Felix Urgel, e de Elipando de Toledo, Bispos Hespanhoes, os quaes para refutar a imputaçaõ de Polytheismo, feita aos Christãos pelos Judeos, e Musulmãos, sustentavaõ que Jesu Christo era filho de Deos unicamente por adopçaõ, e parecendo defender, destruiaõ a Trindade. Trezentos Bispos, com dous Legados do Papa, rendêraõ-se ás ordens do Rei, e Francfort se tornou n'outra Nicea; onde o dogma da Igreja devia triunfar da heresia.

O Rei em semelhante Concilio manifesta a sua authoridade.

O mesmo Carlos, sentado em hum Throno, fez a abertura da Junta, e propôz a condenaçaõ. N'huma carta dirigida ás Igrejas de Hespanha, se explicou nos seguintes, e notaveis termos: *Instaveis comigo para que eu mesmo julgasse: assim o fiz; assisti como auditor, e como arbitro na Junta dos Bispos; temos visto e com o favor, e ajuda de Deos, determi-*

minado o que he nescesario crêr. Nem Constantino, nem os outros Imperadores muito ciosos de decidir as materias Theologicas, usáraõ de expressaõ mais forte, e Carlos Magno em lugar de ser por essa causa vituperado, sempre foi muito elogiado. Todos os defeitos do seu procedimento, foraõ, sem dúvida, encobertos com a sua authoridade, e com os seus beneficios.

Irene restabelece o culto das Imagens.

Mostrou Carlos Magno muito maior altivez na questaõ das Imagens. Leaõ IV., filho de Constantino Copronymo, imitando a perseguiçaõ de seu Pai, tinha desterrado Irene, sua propria mulher, por ocultar Imagens debaixo da cabeceira da sua cama. Esta Princeza, devota, e ambiciosa, alcançou depois o Governo na menoridade de seu filho Constantino Porfyrogeneto, Imperador ainda menino, ao qual foi associada. Pretendia Irene restabelecer hum culto, que amava por gosto, e por politica. Tarasio, Secretario de Estado, eleito Patriarca de Constantinopla, foi o instrumento dos seus designios. O segundo Concilio de Nicea, em 787, decidio que se deve dar ás Imagens a *adoraçaõ* de honra, e naõ a verdadeira *latria*, que só he devida á Natureza Divina. Humas obras falsas, e huns factos apocryfos, citados nos Actos deste Concilio,

Decisaõ do Concilio de Nicéa.

pró-

próvaõ bem a ignorancia dos Gregos, mas segundo a observaçaõ dos grandes Theologos, naõ prejudicaõ o parecer sustentado com obras verdadeiras.

Faz Carlos reprovar aquelle Cócilio com desprezo.

Era por desgraça taõ defeituosa a traducçaõ dos Actos, que o Papa Adriano mandou paraFrança, que nella se liaõ estas palavras: *Recebo, e honro as Imagens, segundo a adoraçaõ que dou á Trindade.* Tanto naõ era necessario para escandalizar os Francezes, prevenidos já contra os Gregos, e contra o seu culto; porque na Monarquia naõ se dava honra alguma ás Imagens. Carlos mandou compôr por varios Bispos, e publicou em seu nome os *Livros Carolinos*, cujo titulo he o seguinte: *Contra o Concilio que se teve oculta, e arrogantemente na Grecia, para fazer adorar as Imagens.* Sómente este titulo dá idéa de hum compendio de injurias, e de sofismas. Finalmente, o Concilio de Francfort reprovou o de Nicéa com o ultimo desprezo; e o Rei mandou ao Papa os seus Livros Carolinos, taõ proprios para atear mais o fogo á disputa.

Livros Carolinos.

Prudencia, e politica do Papa Adriano.

Entre hum Povo de sofistas, tal como os Orientaes, apaixonado pelas controversias da Theologia, consequencias muito temerosas teria infallivelmente tido hum negocio taõ melindroso: e se as naõ teve, a razaõ foi, porque o Cléro na-

cio-

cional penſava do meſmo modo que o Principe, e por que a prudencia de Adriano ſabia, por outra parte, conformar-ſe com as conjuncturas. A ſua reſpoſta a Carlos Magno he toda circunſpecta, e nella ſuſtenta a doutrina de Nicéa, ſem condemnar a de França; ſe recebeo o Concilio dos Gregos, he com receio, diz Adriano, de que naõ tornaſſem ao erro; falla geralmente dos projectos, que fórma *para a exaltaçaõ da Igreja Romana*, *e do poder Real*. Eſtes projectos eraõ provavelmente os que temos de vêr póſtos em obra por ſeu Succeſſor. Os Papas abominavaõ o Imperio de Conſtantinopla, e experimentavaõ quanto lhes era util a protecçaõ da França: qualquer Imperador Francez, que lhes foſſe devedor da ſua dignidade, devia-ſe intereſſar mais na *exaltaçaõ da Igreja Romana*. Chega o tempo, em que Carlos Magno ha de receber eſte titulo.

Os ſeus projectos a favor de Carlos pela Santa Sé.

Queria eſte que Adriano excommungaſſe o Imperador Grego, perſuadido ſem dúvida, de que a excommunhaõ adiantaria os ſeus intentos. O Papa já o naõ podia excommungar na occaſiaõ das Imagens; mas prometteo (couſa paſmoſa) declarar por herejes a Conſtantino, e a Irene, ſe negaſſem a reſtituiçaõ de certas terras da Igreja. Regulará pois o in-

Adriano promette excommũgar ſem outra razaõ ſenaõ a do temporal.

intereſſe temporal, o uſo das armas eſpirituaes! Quantas tormentas ſe vaõ formando ao longe contra os Principes!

Leaõ III. fugitivo para a Corte de Carlos.

Leaõ III., Succeſſor de Adriano em 796, mandou com toda a diligencia a Carlos Magno o Eſtandarte de Roma, pedindo-lhe que enviaſſe alguem para receber o juramento de fidelidade dos Romanos: próva ſenſivel dos ſeus direitos de ſoberania em Roma, ſempre reconhecidos. Tres annos depois, dous homens conſideraveis do Cléro, parentes do ultimo Pontifice, e inimigos de Leaõ, naõ ſó foraõ ſeus accuſadores, mas até o accommetêraõ na rua; onde o maltratáraõ, e prendêraõ meio morto em huma prizaõ Monaſtica. Foge Leaõ da priſaõ, e vai ter com Carlos Magno, o qual manda-o hir para Roma cheio de honras, diſpondo-ſe a acompanhallo para Italia.

800. Eſte Principe ſentencea o Papa em Roma.

Eſte Principe, depois de chegar a Roma, teve por eſpaço de ſeis dias, conferencias ſecretas com o Papa; depois do que convocou os Biſpos, e os Cavalleiros, para examinar as accuſações, que lhe imputavaõ. Exclamáraõ entaõ os Prelados: *A Sé Apoſtolica naõ póde ſer julgada por peſſoa alguma.* Naõ era eſte o ſentimento de Simaco, quando requereo no tempo de Theodorico, o ſer julgado por hum Concilio. Fallou todavia Leaõ como ac-

accusado, dizendo que o Rei tinha vindo *tomar conhecimento da causa*, e purificou-se por meio do juramento.

Carlos Magno coroado Imperador pelo Papa Leaõ.

Vai Carlos Magno ouvir Missa no dia de Natal á Igreja de S. Pedro. O Papa, repentinamente, entre as Ecclesiasticas ceremonias, poem lhe na cabeça a Coroa Imperial, e o Povo clama de todas as partes: *Vida, e victoria para Carlos, Augusto, coroado pela maõ de Deos, grande, e pacifico Imperador dos Romanos.* Este Principe, se dermos credito a Eginhardo seu Secretario, naõ esperava tal cousa: pois testificou naõ sómente a sua admiraçaõ, mas tambem a sua dor. Porém por pequena que seja a reflexaõ, que se faça a respeito da ambiçaõ de Carlos Magno, da sua politica, e da politica do Papa, das suas occultas conversações, e das circunstancias do successo, desconfiar-se-ha muito de taes demonstrações. Demais disso, que direito tinhaõ os Romanos, e particularmente o Papa para acclamar hum Imperador? Que direito podia dar semelhante titulo, conferido por este modo ao Principe Francez? Nenhum, talvez, se o julgarmos pelo estado de Roma, e do Occidente. As palavras bem ou mal entendidas determinaõ as opiniões. Julgou-se pois que o Imperio, do qual naõ existiaõ já vestigios, estava restabelecido;

Segundo Imperio do Occident, em que fundado.

e Carlos Magno obrou como Succeſſor dos Auguſtos.

Irene privada do Throno por Niceforo.

Irene, que tinha privado do Throno, e mandado matar a Conſtantino, a fim de reinar ſó, propôz a Carlos Magno caſar com ella, com o receio de perder o que conſervava na Italia. Concluido eſtava o matrimonio, quando o Patricio Niceforo conſpirando contra Irene, a deſterrou para hum Moſteiro, e occupou o Throno. Temendo Niceforo o poder de Carlos Magno, enviou-lhe Embaixadores, e foraõ regulados os limites de ambos os Imperios. Por meio de hum novo Tratado em 311, os Gregos ficáraõ ſenhores da Calabria, da Sicilia, da coſta maritima de Napoles, da Dalmacia, e de Veneza. Algumas próvas ha da independencia, em que Veneza ainda eſtava. Porém merecendo, e aſpirando a meſma Veneza a huma inteira, e total liberdade, em breve tempo a alcançou.

Tratado com o Imperador do Oriente.

Veneza ainda independente.

Carlos Magno em correſpondencia cõ Aaraõ Raſchild.

Chegava até á Aſia a fama de Carlos: o qual conſervava correſpondencia com o famoſo Aaraõ Raſchild, vigeſimo quinto Xarife, hum daquelles, que contribuíraõ mais para illuſtrar, e civilizar os Arabicos. No ſentir de Eginhardo, a amizade do Rei de França, parecia-lhe digna de ſer preferida á amizade de todos os outros Principes. Prova do grande caſo

ſo, que della fazia, he o ter-lhe cedido o Senhorio de Jeruſalem, Cidade para onde a devoçaõ attrahia já infinitos Chriſtãos. Entre os curioſos mimos, que Aaraõ Raſchild lhe mandou, foi particularmente admirado pelos Francezes hum relogio, que dava as horas, o primeiro que no Reino ſe tinha viſto. Por muito empenho que Carlos Magno tiveſſe para illuminar a naçaõ, os Sabios da ſua Corte naõ eraõ para comparar-ſe com o proprio Xarife. Podiaõ naquelle tempo os Arabicos ſervir de meſtres a toda a Europa, ſepultada nas trévas da barbaridade. Digamos alguma couſa a reſpeito de taõ admiravel fenomeno.

O Xarifes cōtribuiraõ para que a Sciencia, e as Artes floreceſsẽ.

Os Abaſſidas, occupando novamente o Throno, tinhaõ trasladado o do Imperio Muzulmaõ, de Damaſco para Caffa, e depois para Bagdad, nas margens do Tigre: para onde o Xarife attrahio as Sciencias, e as Artes; das quaes tinhaõ os Gregos dado a idéa, e communicado o goſto aos ſeus Barbaros vencedores: eſpecie de triunfo reſervado para os Póvos civilizados, no ſeu proprio abatimento; triunfo conſolador, ſe alguma couſa ha que poſſa conſolar na eſcravidaõ, depois da ruina de huma glorioſa liberdade! Aquellas precioſas ſementes foraõ cultivadas por Mahadi, Succeſſor de Alman-

manzor; Raſchild, Succeſſor de Mahadi; augmentou a ſua fecundidade por meio dos ſeus trabalhos, e das ſuas luzes. No tempo de Almamon, de Motaſſem, e de Watike, as Artes, e as Sciencias florecerão muito mais; até que finalmente as diſcordias, e guerras civís, roubárão aos Arabicos, aſſim como a outras muitas Nações, os fructos do engenho annexos ordinariamente á felicidade, e tranquillidade politica. Em todos os Imperios ſe encontraõ as meſmas revoluções produzidas pela meſma cauſa; e nada ha que mereça ſer mais obſervado, quando ſe eſtuda ſábia, e prudentemente a Hiſtoria.

Divisaõ da Monarquia Franceza.

Huma das cauſas da decadencia dos Eſtados foi ſempre a diviſaõ entre muitos Principes. O ſeu uſo eſtava eſtabelecido. Carlos Magno o ſeguio em 806, por meio do ſeu teſtamento, que fez, e mandou aſſignar pelos Biſpos, e pelos Cavalleiros: mandando-o depois a Roma para ſer aſſignado pelo Papa. Declára eſte teſtamento que no caſo de diſputa entre os ſeus tres filhos, recorrer-ſe-ha á ſentença da Cruz a fim de conſervar a vontade de Deos. (Era eſta huma das próvas judiciarias a mais ridicula: porque aquelle que podeſſe eſtar mais tempo com os braços em cruz, ganhava a cauſa.)

Em

Em 813, ficando unicamente dos tres irmãos, Luiz, Rei de Aquitania, Carlos o associou no Imperio, e ordenou-lhe que tomasse a Coroa no Altar, dando a entender por este meio, que sómente a recebia de Deos. Veremos em breve tempo estabelecer o Cléro outros principios. Luiz, socio de Carlos no Imperio.

CAPITULO III.

Observações a respeito de Carlos Magno. — Estado de Inglaterra, até o fim da Heptarquia.

A GLORIA do Imperio Francez pareceo sepultar-se juntamente com Carlos Magno: o qual morreo em Aquisgran, sua residencia ordinaria, de idade de setenta e hum annos. Estava elle senhor de toda a França, e de toda a Alemanha, de huma parte da Hungria, dos Paizes-Baixos, Condado de Barcelona em Hespanha, e continente da Italia até Benevente. Para sustentar poder taõ vasto, era necessario tal engenho, como o seu. 814. Fim de Carlos Magno. Extençaõ do seu Imperio.

Este heróe, pelos seus talentos, e pelas suas proezas, grandes idéas, incrivel actividade, sisudo governo, e virtudes proprias, posto que nellas se possaõ ob- Suas grandes qualidades.

obſervar muitos defeitos, foi o prodigio do ſeu ſeculo. Ao meſmo tempo que meditava, e executava as mais vaſtas emprezas, naõ deſprezava infinitas individuações. A ſua caſa era hum modelo de economia, e a ſua peſſoa hum modelo de ſimplicidade, e de verdadeira grandeza. Eſtabeleceo o excellente uſo de mandar pelas Provincias Commiſſarios, para examinar o procedimento dos Duques, que as governavaõ, e dos Condes que lhes adminiſtravaõ a juſtiça; para ouvir as queixas, enfrear as vexações, e manter o ſocego. Aquelles *Enviados Reaes* faziaõ a ſua viſita de tres em tres mezes. Muitas vezes ſe víraõ em Roma, os meſmos enviados, onde a ſua authoridade era reſpeitada pelos proprios Pontifices.

Enviados Reaes, eſtabelecidos por CarlosMagno.

Sendo o Clero o unico corpo que tinha alguns conhecimentos, e algumas luzes, naõ he para admirar que Carlos Magno, amigo das ſciencias aſſim como da Religiaõ, o tiveſſe ſempre enchido de favores, e de mercês. Carlos Magno empregou os Biſpos em todos os negocios; aſſocion-os com os Condes para a adminiſtraçaõ da juſtiça; e fez juntamente com elles, e com os Cavalleiros aquelles Capitulares muito númeroſos, nos quaes ſe achaõ abuſos confundidos com

O que Carlos Magno fez a favor do Cléro.

boas

boas Leis. Prefcreveo Carlos o dizimo, em compenfaçaõ das terras que fe retinhaõ á Igreja: impofto que excitou por muito tempo grandes murmurações. Porém por outra parte, ordenou o mefmo Carlos Magno, que os Bifpos deixaffem de trazer armas; que fe applicaffem ao eftudo, e ao minifterio de Paftores: n'huma palavra, empenhou-fe para pôr novamente em vigor a difciplina Ecclefiaftica; e fe o naõ pode confeguir, he a próva maior, de que o mal era incuravel. A fobmiffaõ do Cléro ás fuas ordens, naõ he menor próva do feu talento para reinar.

Carlos Magno muito prefumido de Theologo.

Temos vifto até onde fe eftendia a authoridade defte Principe em materias de Religiaõ, fem que nem os Bifpos, nem os Papas lhe fizeffem a menor refiftencia: do que fe vê hum novo exemplo na famofa difputa a refpeito da Terceira Peffoa da Trindade. O Symbolo de Nicéa dizia que o Efpirito Santo *procede do Padre*. Depois do fetimo feculo, os Hefpanhoes, e os Francezes accrefcentavaõ, *e do Filho* (*Filioque*). Era efte hum efcandalo horrorofo nos olhos dos Gregos; huma novidade digna de condemnar-fe nos olhos da Igreja Romana, a qual defapprovava tambem o ufo de cantar o Symbolo. O Rei convocou, em 809,

Negocio das palavras *Filioque*, accrefcentadas ao Symbolo.

O

o Concilio de Aquiſgran, a fim de confirmar a addiçaõ. Carlos Magno ſuſtentou-a como doutor n'huma carta dogmatica, cheia de textos compilados, a qual remetteo ao Papa Leaõ III. Eſte Papa naõ decidio nada, juſtificou ſómente o uſo de Roma, e aconſelhou que ſe fizeſſe deſcahir a pouco, e pouco o uſo de França. O *Filioque*, ſem a condeſcendencia do Pontifice, teria talvez occaſionado hum ſciſma entre os Italianos, e os Francezes, aſſim como entre os Gregos, e os Latinos. Felicidade era naõ ſe entregarem o Cléro, e os Monges do Occidente, naquelle tempo ao eſpirito de controverſia: n'outro qualquer tempo eſtes paſſos do Soberano poderiaõ ter chegado a ſer ſignal de diſenſsões civís.

Leaõ III. pela ſua prudencia prevenio hum Sciſma.

Projectos, e eſtabelecimento de Carlos Magno.

Se Carlos Magno, ſeguindo o exemplo dos Imperadores de Conſtantinopla, ſe eſtimulava de ſer Theologo, ao menos o ſeu engenho naõ ſe limitava a hum circulo de vãs ſubtilezas: pois ſempre tendia para tudo quanto era grande, e util em todos os generos. Formou elle huma marinha, para oppor-ſe aos aſſaltos dos Normandos, piratas terriveis, que inſultavaõ já o Reino, e o aſſoláraõ depois da ſua mórte. O meſmo Carlos Magno emprehendeo unir o Oceano com o mar Negro, por meio de hum canal de com-

communicaçaõ entre o Rheno, e o Danubio. Que utilidade naõ tiraria o commercio de ſemelhante projecto: mas eraõ neceſſarios para a ſua execuçaõ conhecimentos ſuperiores á capacidade de todos os Francezes.

Ajuntando eſte Principe infinitos Sabios na ſua Corte, formou no ſeu palacio huma eſpecie de Academia, de que era membro. Eſtabelece eſcólas nas Cathedraes, e Moſteiros; nas quaes nenhuma outra couſa ſe enſinava ſenaõ Grammatica, Arithmetica, e o Canto da Igreja; o que era muito, pois que alguns Concilios tinhaõ requerido que os Sacerdotes podeſſem comprehender a oraçaõ Dominical.

Eſcóla; o que nellas ſe aprendia.

Naõ fallo na liberalidade, que Carlos Magno uſou com as Igrejas, eſpecialmente com a de Roma, para onde Eginhardo ſe admira que elle ſó fizeſſe quatro viagens por devoçaõ: eſte foi o eſpirito dominante de muitos ſeculos. Os theſouros dos Hunos, e dos Lombardos ſuppriaõ as neceſſidades públicas, e davaõ para o goſto de piedoſas prodigalidades. Couſa parece bem fóra do commum, que reprehendendo Carlos aos Eccleſiaſticos o amor das riquezas, continuaſſe a enriquecellos. Tres grandes Abbadias foraõ a recompenſa de Alcuino, Inglez ſabio, que

Liberalidades para a Igreja.

O Abbade Alcuino,

ſabio, e rico, por Carlos Magno.

que Carlos tinha attrahido para França, cujo merecimento era por elle meſmo admirado, e cujas Obras naõ podem encontrar já quem as leia. O poderoſo Abbade era arguido por ter vinte mil eſcravos. Sendo o Povo ſervo, e podendo conter as ſuas tres Abbadias vinte mil ſubditos, naõ o arguiaõ ſem razaõ: ao menos Alcuino nos dá alguma idéa da opulencia Eccleſiaſtica.

A reſpeito da Inglaterra, depois da conquiſta dos Saxonios.

Principia a Patria de Alcuino a merecer lugar na Hiſtoria. Depois que os Romanos abandonáraõ a Grã-Bretanha, para defender o reſto do Imperio contra os Barbaros, a meſma Grã-Bretanha tinha chegado a ſer a victima dos Saxonios, os quaes chamados para ſoccorrer os Bretões contra os Pictas, e contra os Eſcoſſezes, rematáraõ tudo em ſobjugallos. Os Saxonios, juntos com os Anglos, ou Inglezes (originariamente o meſmo Povo), fundáraõ quaſi no meio do quinto ſeculo os ſete Reinos pequenos, chamados Heptarquia. (*) O Chriſtianiſmo foi introduzido no Reino de Kent,

Como ſe eſtabeleceo o Chriſtianiſmo em Inglaterra.

pela Rainha Bertha, filha de Cariberto, Rei de Pariz, e mulher d'El-Rei Ethelberto. Naquelle tempo mandou Gregorio o

(*) Reinos de Kent, Suſſex, Eſſex, Weſſex, Mercia, Eſtanglia, e Northumberlandia.

o Grande o Monge Agoſtinho a prégar a Fé a eſtes Barbaros. O zelo de Bertha foi imitado por huma Rainha de Northumberlandia, e por outra de Mercia. Por toda a parte penetrou a verdadeira Religiaõ. De tempos em tempos renováraõ-ſe as venerações dos idolos, porque o Povo mal inſtruido, e quaſi ſem principios, ſeguia as meſmas fanteſias dos Principes. Finalmente os idolos deſapparecêraõ para ſempre. Se a Inglaterra foi muito ſujeita á Sé de Roma, he porque os Monges Miſſionarios, ou os ſeus ſucceſſores, fizeraõ diſto huma das principaes obrigações da ſua Religiaõ.

Parte o Rei Offa para Roma, a fim de obter a abſolviçaõ.

Offa, o mais célebre dos Reis de Mercia, depois de ter aſſaſſinado o Rei de Eſtanglia, e envadido os ſeus Eſtados, occupou o Throno em 755. Indo para Roma a fim de pedir a abſolviçaõ, recebeo-a do Papa Adriano I. O meſmo Offa eſtabeleceo *o dinheiro de S. Pedro*, eſpecie de impoſto de hum dinheiro por cada caſa (quaſi quatro centos e oitenta reis de hoje em dia), cujo impoſto requerêraõ depois os Papas como tributo. N'huma palavra, deſvaneceo a lembrança dos ſeus crimes por meio de ſumptuoſas fundações, que hum Eſtado pobre de nenhum modo podia ſuſtentar. Sendo eſte Principe alliado de Carlos Magno, enviou-

Dinheiro de S. Pedro

viou-lhe o famoſo Alcuino, venerado por hum prodigio de ſciencia, porque apenas ſe ſabia ler.

Egberto unio os ſete Reinos da Heptarchia.

Findou a Heptarchia em 827. Egberto, Rei de Weſſex, o unico que ficou das antigas familias Reaes tornou a unilla n'hum ſó Reino. Vendo-ſe perſeguido na ſua mocidade, tinha achado hum azylo, e lições na Corte de Carlos Magno: onde deſpojando-ſe da ferocidade Saxonia, tinha tomado coſtumes mais doceis, e mais cultos; porque o Hiſtoriador Malmesbury deſcreveo os Francezes como o modelo dos Póvos do Occidente, poſto que os meſmos Francezes ainda eſtiveſſem muito chegados á barbaridade antiga. A prudencia, a ſabedoria, e o valor de Egberto ſalvárão o Reino, accommettido pelos Dinamarquezes; piratas, que ſe fazião cada vez mais tremendos.

Invasões dos Dinamarquezes

Brevemente veremos eſtabelecidos os Dinamarquezes ſeja em Inglaterra, ou em França. Huma parte dos Saxonios, fugindo das religioſas, e politicas crueldades de Carlos Magno, tinha-ſe refugiado entre os Dinamarquezes, inſpirando-lhes o deſejo da vingança, juntamente com o odio do Chriſtianiſmo. Tornemos á Monarquia Franceza, que ſerá por muito tempo na Hiſtoria da Europa, huma eſpecie de centro commum, onde ſe devem

vem unir novamente os raios extrahidos da circonferencia.

CAPITULO IV.

Reinado froxo, e infeliz de Luiz o Benigno. ---- Divisaõ do ſeu Reino.

NO tempo de Luiz, intitulado o Benigno, filho de Carlos Magno, tudo anuncia huma proxima decadencia. A devoçaõ puſillanime do Principe, a frouxidaõ do ſeu caracter, e a limitaçaõ do ſeu engenho, devia ceder ao pezo de hum Imperio taõ vaſto. Luiz entregou toda a ſua confiança a hum Monge pio, o qual todavia naõ era proprio ſenaõ para governar bons Monges: fez-ſe odioſo ao Cléro, por cauſa de projectos de refórma, ſem prever que eſte poderoſo corpo naõ teria para elle, a meſma ſobmiſſaõ que tinha para ſeu Pai: e finalmente cuidou muito em ſantificar-ſe, e pouco em reinar; como ſe a ſantidade naõ conſiſtiſſe em ſatisfazer as ſuas principaes obrigações; e ſe as práticas do Clauſtro ſuppriſſem as funções do Throno!

814. Frouxidaõ e devoçaõ de Luiz.

Hum

817. A Monarquia dividida imprudentemente por Luiz o Benigno.

Hum dos grandes erros de Luiz foi o dividir a Monarquia pelos ſeus filhos, e enfraquecer tambem por eſte meio huma authoridade, já fraca por cauſa do deſmazelo do Governo. Doou Luiz a Aquitania a Pepino, a Baviera a Luiz, e para o Imperio aſſociou-ſe com Lothario, o primogenito dos tres Principes. Bernardo, Rei de Italia, e neto de Carlos Magno indignou-ſe com eſta diviſaõ. Neſta qualidade de Rei de Italia, e como filho de hum primogenito do Imperador, Bernardo attribue a ſi huns direitos incompativeis com a ſociedade de Lothario. Os ſeus liſonjeiros o incitaõ á rebelliaõ, e elle aliſta gente contra ſeu Tio, deſprezando a imperial dignidade, a que eſtava ſujeita a ſua Coroa. As ſuas trópas o abandonaõ. Vê-ſe preſo, ſentenciado, e condemnado á mórte. Commutando Luiz a pena, mandou-lhe tirar os olhos. Tres dias depois morreo o Principe ainda moço, e a fim de prevenir novas perturbações, mettêraõ n'hum Clauſtro os tres filhos naturaes de Carlos Magno, que elle tivera de diverſas concubinas, mulheres da ſegunda jerarquia.

Rebeliaõ de Bernardo, Rei de Italia.

Seu caſtigo.

Luiz humilha-ſe ſem razaõ.

Depois deſtes rigores, agitado cruelmente por cauſa de remorſos, arguindo-ſe de ſer o homicida de ſeu ſobrinho, e o tyrano de ſeus irmãos, e conſervando-o

do-o nos seus escrupulos Monges, e Prelados, ou imprudentes, ou ambiciosos, accusou-se Luiz a si mesmo n'huma Junta geral, e supplicou aos Bispos que o admittissem á penitencia pública. Todos se mostrárão edificados deste procedimento; porém soube-se quanto sería facil de subjugar hum fraco entendimento, cuja devoção mal entendida humilhava a suprema Magestade.

Desenvolvêrão-se, e brotárão todas as sementes da rebellião, por causa da ambição de Judith de Baviera, segunda mulher do Imperador. Carlos, seu filho, (depois Rei, com o titulo de Carlos o Calvo) parecia ser excluido da successão, segundo a divisão regulada entre os filhos do primeiro matrimonio. Para assegurar-lhe hum estado, obriga Judith a Luiz a que faça huma nova divisão: para o que obtem o consentimento de Lothario, mais interessado do que qualquer outro em se lhe oppor, não tardando muito tempo, que se não arrependesse da sua complacencia. Formão os tres Principes hum partido tremendo; e hum Monge de sublime nascimento, que antigamente tinha grande credito na Corte de Carlos Magno, privado do favor, e amizade do Principe, e descontente, mas respeitado como hum Santo; Vala, digo,

829 A Imperatriz Judith perturba toda a familia Real.

O Abbade Vala, Chéfe dos sediciosos.

TOM. V. L Ab-

Abbade de Gorbia, põe-se á frente dos sediciosos, e move assim pelo seu exemplo, como pelos seus discursos, hum número grande de Prelados. Inventaõ-se prodigios a fim de animar o Povo credulo. Declama-se contra o Governo, e particularmente contra a Imperatriz, que he accusada por todos de ter trato adultero com o Conde Bernardo, Ministro resoluto, e odiado. Finalmente teme Luiz, treme, e humilha-se; sua mulher foi mandada para hum Convento; e elle vê-se quasi obrigado a tomar o habito: pois pretendiaõ reduzillo a isto, e se conserva a Coroa, he por causa das intrigas de hum Monge, o qual semea a discordia pelos Principes. Os Monges chegavaõ a ser no Occidente, o mesmo que eraõ no Oriente havia muitos seculos.

Luiz he quasi privado do Throno.

Antes que a rebelliaõ se manifestasse, tinha Luiz ajuntado quatro Concilios, e sujeitado á sua censura o seu procedimento, e o de seus filhos, todos os abusos, e por consequencia toda a administraçaõ. Nos Actos do Concilio de Paris, os unicos, que subsistem daõ-se-lhe excessivos pareceres a favor da Dignidade Episcopal; de Constantino dizem ser estas extraordinarias palavras, dirigidas aos Bispos: *Deos vos tem concedido o poder de julgar-nos, mas naõ podeis ser julgados pelos*

Luiz tinha-se sujeitado á censura dos Bispos.

Discurso extraordi-

los homens. Deos vos tem estabelecido a nosso respeito como Deoses, e naõ he conveniente que o homem julgue dos Deoses. O que só pertence áquelle, de quem está escrito: Deos sentou-se na Synagoga dos Deoses, e os sentencea. Esta he a melhor explicaçaõ das emprezas do Cléro contra as Coroas. Com taes principios até onde naõ devia chegar a audacia, des que os Principes naõ tivessem nem prudencia, nem vigor?

nario a respeito da Dignidade Episcopal.

Erros multiplicados, origem de rebelliaõ.

Tantas próvas de frouxidaõ, acompanhadas tambem de hum perdaõ geral, naõ eraõ proprias, senaõ para augmentar a insolencia dos sediciosos. Pertende Luiz agora obrar como Senhor; novo meio para soblevar os vassallos: pois chama novamente a Judith, a qual vendo-se sem o veo de Religiosa, traz para a Corte a sua ambiçaõ irritada com o desejo de vingança. Desterra a Vala, cujo castigo deve irritar o fanatismo dos seus admiradores, e declara a Lothario privado do Imperio; desherda o Rei da Aquitania, réo de segunda rebelliaõ, a favor do novo Carlos, e por este meio se expõe Luiz ao irreconciliavel odio de seus filhos desnaturalizados, e torna-se odioso ao proprio Conde Bernardo, seu Ministro, entregando-se aos conselhos de hum Monge;

razaõ por que o Ministro chega a ser seu inimigo.

1832 Gregorio IV. une-se com os Principes rebeldes.

Em breve tempo se ateou a guerra civil. Lothario, Pepino, e Luiz ajuntaõ as suas tropas na Alsacia, contra hum Pai que desprezaõ, e consideraõ como hum tyranno. Com estes Principes une-se o Papa Gregorio IV. sob pretexto de pacificar os animos. Porém espalha-se a noticia que o Papa vem para excommungar o Imperador. Huns Bispos fieis o arguem de ser traidor ao seu Soberano; ameaçando-o de lhe retribuir excommúnhaõ por excommunhaõ, e tambem de o depôr, se perseverar no partido dos rebeldes. Agobardo de Leaõ, o mais célebre entre os Prelados Francezes, segue principios totalmente diversos. O mesmo Agobardo, recebendo ordem para vir á Corte, naõ obedece ao Principe, sustentando que se deve obedecer ao Papa.

Agobardo a favor do Papa.

Falsas decretaes, de que se abusava.

A origem destes erros procedia das falsas decretaes, forjadas no tempo de Carlos Magno, para dilatar, e ampliar sem limites a authoridade dos Pontifices. Nunca impostura alguma teve consequencias mais contagiosas. Estes suppostos decretos, attribuidos aos Papas dos quatro primeiros seculos, posto que evidentemente contrarios á disciplina delles, passáraõ por Leis inviolaveis da Igreja, infectáraõ

a

a legislaçaõ de todos os Estados, e ainda conservariaõ a sua influencia, se a critica moderna naõ tivesse mostrado a sua falsidade. Huma compilaçaõ de textos extrahidos em parte de huma origem taõ corrupta, obra de Vala, e do Monge Ratberto, seu discipulo, persuadio a Gregorio que tinha direito para julgar tudo, sendo superior a todo, e qualquer juizo. Esta a razaõ por que a sua resposta aos Bispos Realistas, respira huma altivez até aquelle tempo nunca ouvida.

Marcha todavia o Imperador com suas Trópas, e queixa-se de abusar-se contra elle da authoridade Pontificia. O artificioso Lothario envia-lhe o Papa como para tratar do ajuste. Ignora-se o que entre elles se passou; sabe-se porém que Luiz se achou repentinamente desamparado, que a deserçaõ foi geral, e que se entregára naquella occasiaõ nas mãos dos rebeldes. Sendo Luiz deposto por huma Junta de sediciosos, conferio o Imperio a seu filho. Voltou o Papa entaõ para Roma.

Luiz he atraiçoado, e entrega-se áos rebeldes.

Este o meio extraordinario que os Prelados deraõ, para avigorar esta revoluçaõ, e prender para sempre o infeliz Imperador. « Qualquèr penitente, diziaõ » elles, deve ser excluso de toda a » fun-

833 Os Bispos servem-se da penitencia para excluillo do Throno.

» funçaõ civil: » consequentemente hum Rei penitente será incapaz de reinar: sujeitar Luiz á publica penitencia, será impedir-lhe o caminho para o Throno. Ebbon, a quem Luiz, tirando-o da condiçaõ de escravo, tinha exaltado á Cadeira de Rheins, foi o principal instrumento desta infame conspiraçaõ: e depois de ter invectivado contra o Soberano n'huma Junta geral, mandou-o condemnar á penitencia por toda a vida.

Circunstâcias ignominiosas desta ceremonia.

Foraõ dizer ao Principe devoto, que tendo perdido a sua dignidade, naõ deve cuidar n'outra cousa senaõ na sua salvaçaõ. Luiz, em lugar de mostrar-se indignado, ainda respeita estes perfidos, indignos do Santo Ministerio. Estando o Imperador prezo no Mosteiro de Saõ Medardo de Soissons, ajuntáraõ-se os Prelados no mesmo Mosteiro para a fatal ceremonia. Estendido Luiz sobre hum cilicio, confessa-se culpado: e naõ sendo sufficiente esta confissaõ, daõ-lhe escrito o que deve dizer; obrigando-o a que se acuse, entre outros muitos crimes, de ter mandado marchar tropas no tempo da quaresma, de ter convocado huma Junta em Quinta Feira Santa, e de ter-se armado contra os seus filhos: porque a superstiçaõ naquelle tempo podia transformar em crimes as cousas as mais ne-

ce-

cessarias, e menos dignas de condemnar-se. Depois de se ter o Imperador assim confessado de tudo quanto se pretendia, tirando o seu talabarte, e despindo os Reaes vestidos, veste o sacco de penitente, e fechaõ-o n'huma céla. O mesmo Agobardo, cuja virtude errava naquelle caso, escreveo a fim de justificar estes hororres: tudo justifica a preoccupaçaõ.

Perém o clamor da natureza, e a voz da justiça fizeraõ maior impressaõ nas almas. Foi Lothario aborrecido; e seus dous irmãos uniraõ-se contra elle. O mesmo Lothario guiando violentamente seu Pai para Aquisgran, guiou-o depois para Paris; e obrigado a fugir, o deixou em S. Diniz, onde os Cavalleiros vieraõ logo tributar-lhe homenagem, como a seu legitimo Soberano. Naõ se atreveo Luiz a reconhecer-se por tal, senaõ depois de ter recebido a absolviçaõ.

834 Lothario fugitivo: o Imperador restabelecido.

Escreveo ao Abbade Hilduino, para dizer-lhe que tinha tomado novamente o talabarte *por meio da authoridade, e da sentença dos Bispos*; attribuindo esta graça aos merecimentos de S. Diniz; e convidando o Monge para compor a Historia do seu Protector. Compoz Hilduino com effeito huma vida deste primeiro Bispo de Paris, ou para melhor dizer huma novel-

Luiz reconhece dever a Coroa aos Bispos, e a S. Diniz.

Vida fabulosa do Santo.

vella, pela qual confundindo-o com Diniz o Areopagita, o descreve, depois do martirio, recolhendo a sua cabeça cortada, a qual traz depois nas mãos. Foraõ muito tempo respeitadas estas fabulas por falta de luzes.

Processo dos Bispos os mais culpados.

Agobardo de Leaõ, depois de ser notificado tres vezes, por hum Concilio de Thionvilla, a quem se queixou Luiz contra os Bispos os mais culpados (os quaes segundo se julgava naõ podiaõ ser sentenciados de outro modo) para comparecer, foi deposto á terceira vez por naõ obedecer á notificaçaõ. Ebbon, que estava prezo, fazendo huma confissaõ occulta, e renunciando de seu motu proprio o episcopato, evitou a ignominia de hum acto de processo. Em breve tempo tudo foi esquecido. O Imperador restabeleceo Agobardo, mostrou sempre grande respeito á Gregorio IV., e recebeo os avisos, e pareceres do Concilio de Thionvilla, onde novamente se inculcou o pertendido discurso de Constantino, já referido. Luiz, docil ás idéas de semelhante assemblea, obrigou a Pepino a restituir os bens ecclesiasticos, que se reclamavaõ.

Luiz sempre frouxo.

Finalmente ao mesmo tempo que os Normandos faziaõ as suas incursões ordinarias pelas Provincias, e as desordens arruinavaõ o estado, occupa-se Luiz em devoções.

Re-

Renovando-se os mesmos erros, produziaõ sempre as mesmas infelicidades. Pepino morreo; a Imperatriz Judith contribuio, para que os seus filhos fossem despojados da successaõ, a favor do Principe Carlos, para quem tinha alcançado ultimamente a Neustria. Lothario, posto já novamente na posse do Reino de Italia, teve parte no despojo de Pepino, e jurou de sustentar por meio deste premio o filho de Judith. O Rei de Baviera, offendido de huma divisaõ, da qual se via excluido, armou-se contra seu Pai: o mais indulgente de todos os Pais, e o mais docil de todos os Principes, sempre era accommettido como se fosse hum tyranno, porque os vicios da frouxidaõ, e da cobardia, assim como a tyrannia, pódem dar motivo para grandes sublevações.

Novos erros acompanhados de huma rebelliaõ.

Hindo combater aquelle filho rebelde, o Imperadór afflicto, melancolico, e atemorizado por causa de hum eclipse do Sol, o qual tomou per presagio de mórte, cahio doente junto a Moguncia, e espirou no vigesimo outavo anno do seu Reinado. Foi este Principe dotado de erudiçaõ, das virtudes de hum particular, e daquellas virtudes que qualquer Monge póde possuir: mas naõ daquellas que devem estar annexas ao cara-

840 Morte de Luiz o Benigno.

racter de hum Rei, razaõ por que ignorou Luiz sempre que cousa era ser Rei.

Reſtabelecimẽto das eleições canonicas.

Logo no principio tinha Luiz restabelecido a liberdade das eleições Canonicas, das quaes era o Clero muito cioso, mas ellas em si difficultosas de conciliar-se com o interesse da Coroa. Alem dos partidos, e dos escandalos occasionados muitas vezes pelas mesmas eleições, tudo contribuia para que os Bispos, e os Abbades fossem muito poderosos n'huma Monarquia, para se referirem a respeito da sua eleiçaõ á fantesia dos eleitores. Esta a razaõ por que os mesmos Reis da primeira geraçaõ nomeavaõ, ou indicavaõ os sujeitos que era necessario eleger. Luiz o Benigno vio, e experimentou muito quanto dependia naquelle tempo da sobmissaõ do Clero a segurança do Principe. O luxo, o orgulho, o dominio, os gostos profanos dos Cavalleiros ecclesiasticos, e as preoccupações daquelles, cujos costumes eraõ irreprehensiveis, chegáraõ a ser taõ funestas, que fallando em nome de Deos, quasi sempre eraõ obedecidos.

E acaſo eraõ convenientes aquellas eleições para a ſegurança da Coroa?

Doações á Igreja em prejuizo dos filhos.

As doações feitas á Igreja, com prejuizo dos filhos, e dos proximos parentes do doador, foraõ declaradas nullas por hum acto capitular de 816. Este abu-

abuso, condemnado já por Carlos Magno, cresceo com tudo cada vez mais.

Os Papas aproveitáraõ-se da fraqueza do Imperador.

Os Papas, taõ capazes de aproveitar-se de todas as occasiões, viraõ a vantagem, que podiaõ ter a respeito de hum Principe escrupuloso, e pusillanime. Naõ esperando Estevaõ V., que fora eleito em 816, que a sua eleiçaõ fosse confirmada, mandou desculpar-se formalmente, e veio sagrar o Imperador, que se prostrou tres vezes aos seus pés, ao mesmo tempo que Adriano tinha-se prostrado na presença de Carlos Magno. Qual podia ser o motivo da viagem de Estevaõ? Provavelmente houve a ceremonia da coroaçaõ como hum titulo para nomear o Imperador, sendo este hum direito que a Corte Romana arrogou a si. Seguindo Pascoal I. o exemplo de Estevaõ V., tomou posse do Pontificado sem a approvaçaõ do Imperador, e desculpou-se do mesmo modo que o mesmo Estevaõ V. se tinha desculpado.

Com tudo o Imperador exercitava a soberania em Roma.

Vemos todavia que exercitando Luiz, e Lothario a Soberania em Roma, lhe mandavaõ os seus Officiaes para administrar a Justiça. Vemos que os Papas lhes mandavaõ dar juramento de fidelidade pelo Povo. Porem a clausula do juramento, salva a fidelidade promettida ao Senhor Apostolico (ao Papa), descobre ideas

po-

politicas, cujo successo deve de proceder das circunstancias. Eugenio II., e Valentim foraõ consagrados na presença dos Commissarios. Gregorio IV., querendo esperar a confirmaçaõ do Imperador, nem por isso lhe foi ao depois menos infiel.

Os Sarracenos em Sicilia, &c.

No tempo deste ultimo Pontificado tendo os Sarracenos sobjugado a Sicilia, infestáraõ o mar de Toscana. A Italia via-se ameaçada das suas armas. Gregorio, receando que os Sarracenos senhoreando-se do Tibre, naõ viessem accommetter a Roma, mandou reedificar, e fortificar Ostia. Sarracenos para a parte do Meio-Dia, Normandos para a parte do Norte, perigos por todas as partes; e interiormente, miseria, confusaõ, discordias, crimes horrorosos, e guerras civís: tal he o essencial da Historia por hum dilatado espaço de tempo. As infelicidades da França merecem especialmente a nossa attençaõ.

CA-

CAPITULO V.

Perturbações, e guerras civís no tempo de Carlos o Calvo.

HUM filho máo nunca chegará a ser hum bom irmaõ; porque suffocando-se huma vez os sentimentos da natureza, as paixões senhoras do coraçaõ naõ respeitaõ obrigaçaõ alguma. Consequentemente he necessario preparar-se para vêr armados os filhos de Luiz o Benigno huns contra os outros. O Imperador Lothario esquecendo-se logo dos seus juramentos a favor de Carlos o Calvo, emprehendeo de o despojar, e ao mesmo tempo formou projectos contra o Rei de Baviera. Ambos estes filhos segundos, unidos por hum commum interesse, vencêraõ, e derrotáraõ a seu irmaõ primogenito em Fontenai na Borgonha. Poucas batalhas foraõ taõ sanguinolentas; nesta manifestou o odio fraternal todos os seus furores.

841 Filhos de Luiz o Benigno, desconcordes.

Batalha de Fontenai.

Nada faltava mais a Luiz, e a Carlos do que assegurarem-se dos Estados de hum irmaõ vencido, e fugitívo: para o que se dirigem ao Cléro com huma confiança taõ bem fundada, que Lothario, a

O Cléro concede os Estados de Lothario a seus irmãos.

a fim de ter trópas, tinha promettido aos Saxonios a liberdade de abjurar o Christianismo, ou para melhor dizer, a liberdade de consciencia. Varios Bispos juntos em Aquisgran, depois de feito o exame do máo procedimento do Imperador, perguntaõ a ambos os Princepes, se pretendem ou seguir o seu exemplo, ou governar conforme a Lei de Deos. A sua resposta he facil de se adevinhar. *Recebei pois o presente Reino por authoridade Divina*, continuaõ os Prelados, *para o que nós vos exhortamos, nós vos ordenamos.* Se Lothario tivesse respeitado aquelle preceito como seus irmãos, o mesmo preceito teria tido todo o seu pleno effeito.

Nova divisaõ entre elles.

Porém este Principe ainda era formidavel. Por meio de hum novo Tratado de divisaõ, deixáraõ-lhe o Imperio juntamente com a Italia, e as regiões situadas entre o Rhodano, e os Alpes, o Mosa, e o Rheno. Carlos conservou a Neustria. e a Aquitania. Luiz, intitulado o Germanico, ficou com todas as provincias situadas além do Rheno, e algumas Cidades para a parte de cá.

A Monarquia ameaçada por todas as partes.

O fim da guerra civil naõ foi mais que huma infelicidade de menos. As invasões dos Normandos, das quaes tratarei em outro lugar; as emprezas dos Sarracenos, que faziaõ temer, e tremer a

Ita-

Italia; a independencia dos Cavalleiros, acostumados desde o ultimo reinado a desprezar o Principe, e as Leis; e o descontentamento do Cléro, attento sempre ás emprezas dos Cavalleiros: tudo prognosticava fataes revoluções, tudo inspirava temores.

Famosa Junta de Mersen.

Os tres Monarcas, em huma assembléa de Mersen, junto ao Mosa, occupados em commum dos seus interesses, convieraõ que os filhos seriaõ herdeiros da Coroa dos Pais, com tanto que tivessem o respeito conveniente para seus Tios. Esta cautella posto que insufficiente, podia impedir guerras civís. Porém outros regulamentos de Mersen atacáraõ a Real authoridade, que necessitava de ser sustentada. Ajustou-se, que os vassallos naõ seriaõ mais obrigados a acompanhar o Rei, senaõ nas guerras geraes, no caso de estrangeiras invasões. Ajustou-se que todo o homem livre poderia eleger, entre o Rei, e os seus vassallos, aquelles que quizesse para seu Senhor. O primeiro Artigo augmentou a independencia dos vassallos, e o segundo, as suas forças; porque infinitos vassallos preferiraõ antes depender immediatamente de hum Grande, cuja protecçaõ esperavaõ, do que do soberano, do qual esperavaõ menos soccorro.

Regulamẽtos funestos para a authoridade Real.

Lo-

855 Morte de Lothario: divisaõ entre os seus tres filhos.

Lothario, poucos annos depois, morreo com habito de Monge: devoçaõ commoda, por meio da qual Principes máos julgavaõ ser santos no artigo da mórte. Lothario tinha dividido os seus estados entre os seus filhos, e em virtude do tratado de Mersen, cumpriraõ-se as ultimas vontades. Consequentemente Luiz possuio a Italia, com o titulo de Imperador; Lothario II. as Provincias situadas entre o Rhodano, o Saona, o Mosa, o Escalda, e o Rheno: estas Provincias foraõ intituladas do seu proprio nome, o Reino de Lorena (*Lotharingia*). Carlos ficou com o Reino de Provença, situado entre o Rhodano, o Mediterraneo, e os Alpes. Estas continuadas divisões destruiraõ a Monarquia de Carlos Magno; o que ainda naõ era o maior mal.

Carlos o Calvo sem prudencia nos perigos.

Por toda a parte se espalhaõ as desordens, e o temor, principalmente nos Estados de Carlos o Calvo, Principe taõ cobarde, e taõ frouxo como seu Pai, e taõ intrigante como sua mãi. Os Normandos entraõ pelo interior do Reino, assolando tudo quanto encontraõ, até Ruaõ, e até ás pórtas de Pariz. Pepino o Moço, filho do ultimo Rei de Aquitania, rapado por força, e rebelde por vingança, alliou-se com os piratas. Nómenoes, Duque de Bretanha, úsurpa o ti-

titulo de Rei. Carlos, em lugar de tomar sabios, e prudentes cautelas, naõ se occupa naquelle tempo senaõ em ter Concilios, e em metter-se em huma disputa de Monges, e de Bispos a respeito da predestinaçaõ, fomenta as intestinas discordias, e parece abandonar o Estado aos inimigos. O Cléro agita-se contra os Cavalleiros que o despojaõ. Reclama os seus bens, os *bens de Deos*, o *patrimonio dos pobres*, de tal sorte expostos aos roubos publicos, que as mesmas Abbadias de homens eraõ possuidas por mulheres mundanas. Ameaça, excommunga, e todavia vê-se com horror desprezado. Por outra parte os Cavalleiros declamaõ contra o Clero, e o descrevem como author das perturbações, e como inimigo da Coroa. Os mesmos Cavalleiros conseguem, em huma assemblea geral de Epernai, em a qual naõ saõ os Bispos admittidos, reduzir os Canones dos ultimos Concilios, a hum numero pequeno de regulamentos, que só saõ relativos á disciplina ecclesiastica. Nesta occasiaõ commetteo o Rei dous erros essenciaes: favorçceo os Cavalleiros, (*) inimigos da real dignidade; e irritou os Bispos, capazes

Diffensões entre o Clero, e os Cavalleiros.

Triunfo dos ultimos em Epernai.

(*) Neste Volume se repetem varias vezes *Cavalleiros*, que vem a ser *Senhores*, ou *Fidalgos*.

zes de privar do Throno a hum Principe cobarde, e frouxo com as armas da Religiaõ.

858
Luiz o Germanico, chamado contra seu irmaõ.

Como todos os dias se experimentavaõ irremediaveis infelicidades, o espirito de rebelliaõ chegou a ser quasi universal. Luiz o Germanico he convidado por alguns sediciosos para invadir o Reino de seu irmaõ. Luiz chega na frente das suas tropas, e recebe a homenagem da maior parte dos Cavalleiros. Venilaõ, Arcebispo de Sens, hum dos principaes conjurados, mostra-se o mais ansioso em favorecer a sua empreza. Se os Bispos das Provincias de Ruaõ, e de Rheins tivessem seguido este exemplo, Carlos ó Calvo estava perdido. O célebre Hincmar, escreveo em seu nome huma carta ao usurpador, cheia de reprehensões, na qual com tudo se descobre menos valor, do que politica. *Quando nos virmos*, dizem os Prelados, *se Deos resolveo de salvar a Igreja por vosso meio, e de pôr o Reino debaixo do vosso dominio; nós procuraremos de fazer no tempo do vosso sabio, e prudente governo o que julgarmos mais conveniente; porque Deos póde dar hum bom fim, ao que foi mal principiado.*

Luiz he expulsado: e os Bispos

Posto que semelhantes palavras naõ annunciaõ huma grande, sincera, e verda-

dadeira fidelidade, com tudo os Prelados das duas Provincias, naõ se declarando contra o Rei, fizeraõ muito a seu favor. Carlos vencendo tempo, e ajuntando hum exercito, expulsou o Germanico. Naquelle tempo, huma deputaçaõ do Cléro de França mandou a Luiz ordens terriveis, como se a sua jurisdicçaõ tivesse podido estender-se até a Alemanha. Luiz, citado por elles para se sujeitar á penitencia, e ás mais asperas condições, contentou-se em responder, que naõ podia tomar o seu partido, senaõ depois de ter consultado os Bispos do seu Reino, Deste modo se manisfesta a frouxidaõ, e a cobardia até na sua resistencia.

Francezes lhe mãdaõ as suas ordens.

Sua resposta cobarde!

Naõ menos admiravel, nem menos singular, he o procedimento de Carlos o Calvo a respeito do traidor Venilaõ. Carlos, a fim de o sentenciar, ajunta hum concilio em Savonieres perto de Toul; em o qual apresenta hum requerimento contra elle. Diz Carlos em o seu requerimento: *Eu naõ devia ser deposto, ou ao menos devia antecedentemente ser julgado pelos Bispos que me deraõ a Real Unçaõ; sempre fui sujeito á sua correcçaõ, e ainda estou prompto a sujeitar-me a ella.* Venilaõ, fazendo a sua paz com o Principe, livrou-se da sentença; e os Bispos do Concilio obrigáraõ-se por hum Canone a fi-

Processo de Venilaõ de Sens.

Requerimento do Rei Carlos.

ficar unidos, *para corrigir os Reis, os Grandes, e o Povo.*

Os Bispos julgavaõ-se senhores de dispôr da Coroa.

Todos os monumentos mostraõ que o Clero julgava ter o direito de dispôr da Coroa; que fundava este direito sobre a sagraçaõ dos Soberanos; que fazia remontar ao tempo de Clovis esta ceremonia da sagraçaõ, instituida a favor de Pepino; que para se fazer independente, empregava ficções, e sofismas: que negava o juramento de fidelidade, *porque mãos sagradas naõ podiaõ, sem abominaçaõ, sujeitar-se a mãos impuras*; e que humas pertenções taõ improvaveis se arraigavaõ por meio do costume.

Como se fortificavaõ as suas pertenções

Ao primeiro passo seguia-se outro; hum direito procedia de hum abuso; huma equivocaçaõ parecia huma Lei Divina. Tudo authorizava a ignorancia. E que conclusaõ se naõ devia tirar das ignominiosas palavras de Carlos, que reconhece em hum Concilio, que os Bispos o podem depor? He necessario convir, que os excessos do Cléro procedêraõ em grande parte do erro dos leigos cégos, e igualmente viciosos. As Historias Ecclesiasticas naõ dissimulaõ nenhum dos factos que refiro: he este hum grande testemunho a favor do mesmo Clero, quando condemna o mesmo que a opiniaõ parecia antigamente consagrar. (Veja-se *Fleury*, *& l' Hist. de l'Egl. Gallicane.*)

CA-

CAPITULO VI.

Emprezas dos Papas. --- Divorcio de Lothario, e suas consequencias. --- Fim de Carlos o Calvo.

Os Papas feitos mais independentes. Acçaõ de Sergio II.

SE os Bispos conseguissem estabelecer o seu systema de independencia, era huma preoccupaçaõ bem favoravel ao systema da Corte Romana. Sergio II., Successor de Gregorio IV., em 844 tinha tomado posse da Sé sem a approvaçaõ de Lothario, Imperador naquelle tempo. Lothario irritado mandou Luiz, seu filho, juntamente com trópas, e com Prelados. O Papa tendo conduzido aquelle Principe para a porta de Saõ Pedro: *Eu vos concedo a entrada, se boas saõ as vossas intenções*, lhe disse o mesmo Papa, *senaõ*, *nunca consentirei que entreis.* Sergio mandou fechar as mesmas pórtas de Roma, na occasiaõ de algumas violencias dos Francezes. Houveraõ queixas, Sergio foi notificado para hum Concilio, e comparecendo, justificou-se. Leaõ IV., célebre por causa do valor, com que defendeo Roma contra os Sarracenos, e Bento III. eleito contra a vontade do Im-

Imperador, estiveraõ em paz com as Coroas. Porém Nicoláo I. mais atrevido do que todos os seus Predecessores, fazendo-se Juiz assim dos Reis, como dos Bispos, declarou verdadeira a quimera das falsas Decretaes.

Maximas de Nicoláo I. a favor da dignidade de Papa, contra as Coroas.

Os principios consignados nas suas Cartas, e consagrados pelo seu procedimento, saõ: Que a authoridade da Santa Sé approva, ou reprova todos os escritos, (donde se seguiria que tudo o que os Papas escrevêraõ, ou approváraõ he verdadeiro, e que tudo quanto por elles he reprovado, he falso: ao que nada poderia resistir). Que todas as causas Ecclesiasticas podem ser appelladas para o Papa, o quál póde mandar Legados por todas as partes, e ajuntar por todas as partes Concilios, a fim de as julgar: devendo-se referir ao seu parecer, ainda mesmo fóra do caso de appellaçaõ (consequentemente sería o Papa propriamente o unico Juiz do Universo). Que os Canones devem preferir ás Leis, quando as Leis saõ contrarias aos Canones (o que sería hum meio para diminuir muito o poder legislativo). Que se devem sujeitar aos Principes, com tanto que estes se comportem bem, e que governem bem os seus vassallos: *De outro modo*, diz o mesmo Papa Nicoláo, *todos os devem ter*

por

por tyrannos, antes do que por legitimos Reis, e em lugar de lhes obedecer favorecendo os seus vicios, todos devem resistir-lhes. O verdadeiro sentido desta maxima, tal como muitas vezes se tem praticado, he que hum Principe máo, especialmente hum Principe desobediente á Igreja, perde os seus direitos á Coroa. Com tudo S. Pedro ordenava de obedecer ao Rei *como sendo superior a tudo*; e S. Pedro fallava de Nero. Mas depois de S. Pedro tudo tinha mudado prodigiosamente.

862 Lothario repudia sua mulher, e casa com a sua concubina.

Grande occasiaõ se offerece ao Papa para exercitar em França a authoridade que a si proprio se attribuia. Lothario, Rei de Lorena, repudia Teutbergia sua mulher, accusada falsamente de incesto. Teutbergia justificou-se ao principio por meio da experiencia da agua fervendo: e ao depois foi convencida pela sua propria confissaõ, se acaso póde servir de próva evidente, huma confissaõ involuntaria, effeito da violencia, e do temor. Lothario he authorizado por hum Concilio de Aquisgran, para casar com Valdrada, sua concubina. Suspirava Lothario unicamente por este casamento; hum amor criminoso o tinha arrastado para o precipicio. O escandalo era grande. Nicoláo toma conhecimento da causa, e emprehende obrigar ao Principe para que re-

receba novamente a sua primeira esposa. Este Pontifice o devia sem duvida admoestar como Pai commum dos Fieis; mas acaso tinha poder o mesmo Pontifice para sentenciar, e para constranger, e obrigar a Lothario?

Idéa do matrimonio, uso do divorcio.

O matrimonio, até aquelle tempo, tinha sido considerado menos como sacramento (posto que a Igreja o considerasse debaixo dessa conformidade), do que como o contrato mais essencial de todos os contratos civís. Os Imperadores Christãos tinhaõ regulado as suas condiçǒes: as Leis Romanas, que permittiaõ o divorcio, mantiveraõ-se muito tempo depois de Constantino; o duplicado divorcio de Carlos Magno naõ teve consequencias difficultosas; os mesmos Concilios de Verberia, e de Compienha, no meio do oitavo seculo, tinhaõ publicado Canones favoraveis aõ divorcio. Tal era a força dos costnmes, e dos usos, contra a verdadeira doutrina da indissolubilidade do matrimonio. A empreza do Papa era pois taõ extraordinaria, quaõ extraordinarias eraõ as cores, com que qualquer sentença Ecclesiastica coroava o erro do Rei, e quaõ extraordinaria era o protecçaõ, com que o Papa naquelle tempo postegia Balduino, Conde de Flandres, arrebatador da huma filha de Carlos o Calvo.

Com

Com tudo Nicoláo ordena aos Bispos, que façaõ, juntamente com os seus Legados, hum Concilio em Metz, para o qual seja notificado Lothario, e no qual seja o mesmo Lothario sentenciado. Sendo confirmado o divorcio pelo Concilio, contra a esperança do Pontifice, depõe este os Bispos de Treveris, e de Colonia, encarregados de lhe apresentar os seus Actos. Aquelles Prelados vaõ queixar-se ao Imperador Luiz. Logo o Imperador parte para Roma, onde manifestando toda a sua authoridade, parece estar resoluto a reprimir o poder Pontificio. Porém adoecendo Luiz, e preoccupando-se de hum temor supersticioso, retira-se depois de ter approvado o procedimento de Nicoláo: o qual por esta causa faz-se mais imperioso. Inutilmente se humilha Lothario, até prometter de vir justificar-se em pessoa. O Papa pretende que Valdrada seja antecedentemente expulsada. Finalmente o Rei he ameaçado por hum Legado de huma prompta excommunhaõ, se persistir na desobediencia. Intimidado aquelle Principe sujeita-se, perdoa, e chama novamente a Teutbergia, e consente que a propria Valdrada seja conduzida para Roma pelo Legado; especie de triunfo muito indecente. Valdrada fugindo no caminho, toma novamen-

Nicoláo pertende sentéciar o Rei de Lorena &c.

Lothario, a pezar de todos os generos de submissões, he sempre inflexivel.

mente, e em breve tempo o seu lugar de Rainha, e de Senhora absoluta. A mesma Teutbergia, a infeliz, e desgraçada Teutbergia opprimida, e perseguda, pede licença para se separar de Lothario, protestando ser nullo o seu matrimonio, e que o matrimonio de Valdrada he legitimo. Nada póde porém abrandar a Nicoláo.

Suas emprezas a respeito de outros objectos.

O Papa Nicoláo tinha alcançado ultimamente huma victoria contra o Clero de França, restabelecendo a Rothado de Soissons, deposto por hum Concilio Provincial. Nicoláo recebia a appellaçaõ de todos os Ecclesiasticos, descontentes dos seus Bispos: deste modo acostumava os Povos a reconhecerem hum tribunal supremo, fóra da sua patria, e por consequencia hum dominio estrangeiro: e dava ordens para a successaõ do Rei de Provença, que Carlos o Calvo disputava ao Imperador Luiz, irmaõ do morto. *Ninguem poderá impedir ao Imperador*, escrevia Nicoláo, *o governo dos Reinos, de que elle está de posse, por huma successaõ confirmada pela Santa Sé, e por meio da Coroa que o Soberano Pontifice colocou na sua cabeça.* Por ventura quando Nicoláo foi arguido pelos Bispos de Treveris, e de Colonia, em huma invectiva, de se fazer *Imperador do mundo todo*, era sem

Nicoláo he arguido por se fazer Imperador do Universo.

sem fundamento huma taõ forte, e taõ cruel expressaõ? Nicolao I. póde ser considerado como o precursor de Gregorio VII., e nas mesmas circunstancias, teria provavelmente commettido os mesmos excessos. O Papa Nicoláo morreo em 867.

Os seus principios tinhaõ prevalecido tanto, que Adriano II. mais moderado, e desejando a paz, julgou fazer muito em permittir ao Rei de Lorena, que viesse a Roma, ou para justificar-se, ou para receber a penitencia. Carlos o Calvo, e Luiz o Germanico, esperavaõ com impaciencia pela excommunhaõ de seu sobrinho, persuadidos que em semelhante caso teriaõ direito para lhe tomar os seus Estados. Deste modo favorecia a céga ambiçaõ dos Principes emprezas, cujo perigo deviaõ recear que a elles mesmos lhes acontecesse. Lothario partio, e empregou todos os meios imaginaveis para abrandar o Papa: e depois de ter jurado que naõ tivera commercio algum criminoso com Valdrada, depois da prohibiçaõ de Nicoláo, e que nenhum teria dalli em diante, recebeo a Communhaõ da sua maõ. Voltando Lothario de Roma, morreo em Placencia. Naõ se duvidou que naõ fosse este hum castigo Divino do seu perjuro; e semelhante accidente fez mais respeitavel a prova da Eucharistia.

869 Lothario parte para Roma a fim de justificar-se.

Lothario he absolvido.

Sua morte.

O

Adriano II. ameaça o Rei de França como usurpador.

O Imperador Luiz II., irmaõ de Lothario, devia legitimamente succeder-lhe; occupado porém contra os Sarracenos, que eraõ senhores de Bari, e de Tarento, e que assolavaõ a Italia, naõ podia sustentar os seus direitos por via das armas: ao que pretendeo Adriano suprir, ameaçando os usurpadores com a excommunhaõ. *As armas que Deos nos dá*, escreveo Adriano, *estaõ promptas para sua defeza.* Carlos o Calvo naõ deixa de invadir a successaõ. Os Cavalleiros, especialmente os Bispos do Reino de Lorena, sujeitaõ-se voluntariamente a Carlos. Seu irmaõ o Germanico tem parte em hum taõ excellente despojo.

Carta famosa de Hincmar ao Papa.

Neste tempo he que o famoso Hincmar de Rheims dirigio ao Papa fortes, e vigorosas demonstrações, em as quaes, trazendo-lhe á memoria a lembrança do respeito, e da sobmissaõ dos Pontifices antigos a respeito dos Principes, dá-lhe a entender que a sua dignidade naõ lhe concede direito algum sobre o governo dos Estados; que naõ póde ser Bispo, e Rei juntamente; que aos Póvos pertence a eleiçaõ dos seus Soberanos; que as excommunhões mal applicadas naõ tem effeito algum em as almas; e que huns homens *francos* naõ se deixaráõ sujeitar por hum Bispo de Roma; &c.

Adria-

Adriano, em lugar de se sujeitar a semelhantes razões, manifesta toda a sua colera assim contra o Rei, como contra Hincmar; e toma o partido de Carlomano, filho de Carlos o Calvo, Diacono, e Abbade de diversos Mosteiros, o qual chegou a ser rebelde, e Chéfe de salteadores. Adriano ordena ao Rei que restabeleça a Carlomano nos seus bens, e nas suas honras; prohibe aos Vassallos sob pena de condemnaçaõ, de armar-se contra elle; e com a mesma animosidade, declara-se a favor do Bispo de Laon, sobrinho de Hincmar, inimigo do Soberano, e de seu Tio. Mas depois conforme as conjunturas muda o Papa de termos. Vendo Adriano a inutilidade dos seus ameaços, e querendo a amizade do Rei de França, porque o Imperador estava quasi para morrer, escreve a Carlos huma carta cheia de elogios; admirando a sua piedade, e a sua sabedoria; e promettendo-lhe de naõ reconhecer senaõ a elle por Imperador, ainda quando o quizessem desviar de semelhante promessa por meio de alqueires de ouro. Esta he a ultima carta de Adriano II., taõ atrevido como Nicoláo, porem mais brando, e mais politico.

Empreza de Adriano contra Carlos o Calvo.

Adriano acaba, lisongeando publicamẽte a Carlos.

O seu projecto a favor de Carlos foi executado pelo seu successor Joaõ VIII.

875

Joaõ VIII. concede o

Imperio a este Principe.

VIII. O Imperador morreo sem deixar filhos varões. Luiz o Germanico via-se ameaçado de huma mórte proxima, e os seus tres filhos deviaõ enfraquecer o seu Reino dividindo-o. Carlos o Calvo, tendo hum unico filho, parecia mais capaz para proteger a Corte de Roma: titulo certo de preferencia. Carlos passou os Alpes com hum exercito; e recebeo a Coroa Imperial, como hum presente do Pontifice. Em huma assemblea de Pavia, foi Carlos reconhecido Imperador pelos Bispos, pelos Abbades, e pelos Cavalleiros Italianos, em os seguintes termos: *Pois que a bondade Divina, pelos merecimentos dos Santos Apostolos, e pelo seu Vigario o Senhor Joaõ, vos exaltou ao Imperio, conforme o parecer do Espirito Santo, nós unanimemente vos elegemos para nosso protector, e Senhor.* Semelhantes formulas saõ muito dignas de observaçaõ, pelas consequencias que dellas he facil de tirar.

Como Carlos foi reconhecido pelos Italianos.

Carlos procura estabelecer em Fraça hum Vigario do Papa.

Carlos tinha espalhado prodigamente os seus thesouros, e quasi comprado o Imperio. Quando Carlos voltou de Roma, trouxe huma ordem do Papa, que elegia o Arcebispo de Sens para Vigario da Santa Sé, com o poder de convocar Concilios, e de regular os negocios. Carlos empenhando-se para dar ex-

execuçaõ a semelhante ordem em hum Concilio de Ponthyon, naõ pôde obter da assembléa senaõ a seguinte resposta: *Nós, segundo as regras, obedeceremos ao Papa, como aos seus obedecêraõ os nossos predecessores.* Hincmar de Rheims, e os outros Bispos ao menos sabiaõ defender algumas vezes a liberdade das suas Igrejas. Qualquer Vigario do Papa chegaria a ser em breve tempo senhor absoluto dos Bispos.

Carlos o Calvo sempre ambicioso, e imprudente, pretendeo, depois da mórte de Luiz o Germanico, apossar-se de huma parte da successaõ, em que adquirio sómente a ignominia de ficar vencido. Os seus tres Sobrinhos, Carlomano, Luiz, e Carlos, conserváraõ a sua herança. O primeiro possuia a Baviera, o segundo a Saxonia, e o terceiro a Suabia.

Carlos pertende despojar os filhos de seu irmaõ Luiz o Germanico.

Ao mesmo tempo que tudo se desmembra, e se enfraquece, os Sarracenos continuando as suas invasões, saqueaõ Comachio. O Papa Joaõ reclama o soccorro do Imperador, convidando-o a lembrar-se da maõ que lhe concedeo o Imperio; *com receio*, accrescenta o mesmo Papa, *que se vós nos desesperais, naõ mudemos talvez de parecer.* Esta ameaça assaz evidente teve todo o seu effeito. Posto que

877 Carlos he chamado pelo Papa contra os Sarracenos

que a França se visse inundada pelos Normandos, e posto que Carlos naõ lhes podesse resistir, com tudo sempre o mesmo Carlos emprehendeo de combater os Sarracenos. Apenas tinha chegado o Imperador a Italia, recebeo logo a noticia, que Carlomano seu sobrinho, marchava para lhe tirar a Coroa Imperial. Carlos, vendo-se atreiçoado pelos Cavalleiros, fugio, adoeceo, e morreo em huma palhoça, com sincoenta e quatro annos de idade.

Morte de Carlos, na Italia.

Acto capitular por meio do qual se introduz a herança dos feudos

Hum acto capitular do ultimo anno do seu Reinado permitte, e dá faculdade para que os Cavalleiros possaõ transmittir os seus empregos a seus filhos, ou a seus parentes. Esta he huma das origens principaes do governo feudal, que se estabeleceo nas ruinas da dignidade de Rei. Porém tudo, depois da morte de Carlos Magno, caminhava para a anarquia. Trataremos desta materia em as observações geraes no fim da terceira E'poca. Acrecentaremos sómente neste lugar que estando a Naçaõ dividida, os Cavalleiros Seculares formando hum partido e os Ecclesiasticos outro, sem que o Povo tivesse influencia, e sem que a authoridade Real podesse contrabalancear a forças contrarias, era impossivel, que todo o Reino naõ se destruisse, e arruinas-

nasse por causa das intestinas discordias.

CAPITULO VII.

Invasões dos Normandos em França, e em Inglaterra ---- Reinado de Álfredo o Grande.

ATÉ agora naõ temos senaõ indicado as emprezas dos Normandos, cujas piratarias infestavaõ a Europa, e annunciavaõ novas revoluções. Convém formar huma idéa do seu caracter, e das suas sanguinolentas expedições. Os Póvos da antiga Escandinavia, hoje em dia a Suecia, e a Noruega, a que tambem he necessario accrescentar a Dinamarca, foraõ chamados Normandos (*homens do Norte.*) Dalli tiraõ a sua origem diversas Nações Germanicas, estabelecidas no Imperio Romano. Estas povoações conservavaõ os costumes dos primeiros Celtas, os mesmos costumes dos Scythas, costumes simplices, crueis, e ferozes, com os quaes sempre foraõ conquistadores formidaveis. A sua religiaõ era digna de semelhantes costumes. Os Normandos adoravaõ Odino, o Deos Supremo,

Idéa gelral dos Normandos.

Sua religiaõ feroz.

que era nomeado pelos Saxonios Woden. Os mesmos Normandos o descreviaõ como o *Deos terrivel*, *o author da despovoaçaõ*, *o Pai da mortandade*, *o incendiario*, *&c.* Sacrificavaõ-lhe humanas victimas; julgava-se, e cria-se que as suas recompensas eraõ para aquelles que matavaõ mais guerreiros nos combates; aspirava-se á felicidade de se embebedar com cerveja no seu palacio. As caveiras dos inimigos, que se matassem, eraõ as preciosas taças que deviaõ servir para aquelles eternos banquetes.

A esperança que os Normandos tinhaõ na outra vida.

Como pudéraõ Nações innumeraveis transformar o Pai da natureza, o ser infinitamente bom, em hum tyranno sanguinario, e destruidor? A razaõ he porque os homens, quando vivem sepultados na ignorancia, forjaõ para si huma Divindade do seu gosto, a quem attribuem as suas paixões. Se alguem discorria entre aquelles Barbaros, naõ podendo admittir monstros por divindade, e naõ tendo a idéa de hum espirito puro, e infinito, precipitavaõ-se no Atheismo. Vemos dizer hum guerreiro a Oláo, Rei Christaõ de Suecia, em o undecimo seculo: *Os meus companheiros, e eu, naõ temos confiança senaõ nas nossas forças: esta he a nossa unica religiaõ; isto he segundo o nosso parecer, tudo quanto he necessario.*

Atheismo de todos aquelles que discorriaõ.

O

O grande principio dos Celtas, e particularmente dos Escandinavos, era que o direito procede da força, e que a victoria prova a justiça. Os Normandos tudo decidiaõ com a guerra; naõ suspiravaõ senaõ pelos combates; e corriaõ de huma para outra empreza, a fim de ajuntar, e amontoar despojos. Donde procedêraõ aquellas frequentes emigrações, attribuidas falsamente a hũma grande povoaçaõ (porque o Paiz estava quasi sem artes, e sem cultura;) emigrações que naõ procedendo senaõ da sua atrevida inclinaçaõ para o roubo, despovoavaõ necessariamente aquellas terras salvagens. (*)

Seus principios: ſuas emigrações

As fadigas, as feridas, e as armas serviaõ de algum modo de brinco, e de divertimento para a infancia, e para a mocidade. O mesmo nome de medo foi prohibido pronunciar-se em os perigos os mais terriveis. As mulheres, e os homens, todos desprezavaõ a morte. Naõ sómente sabiaõ os Normandos morrer com intrepidez, mas muitas vezes affectavaõ de o fazer com sinaes de jubilo. A educaçaõ,

O ſeu valor commum ás mulheres.

Deſprezo da morte.

(*) Com tudo aquellas terras ſalvagens deraõ immenſas povoações, que invadiraõ huma grande parte da Europa. Naõ se póde acaſo crer que a povoaçaõ era ſavorecida pela aſpereza dos coſtumes?

as preoccupações, os costumes, o exemplo, e o habito de soffrer, tudo domava nelles a natureza. Nada lhes faltava mais do que a militar disciplina, para estar certos, e seguros de sujeitar as Nações polidas. Mario, por meio da disciplina militar, tinha triunfado dos Cimbros, visinhos da Escandinavia. Porém no tempo em que fallamos, naõ havia já Romanos.

Invasões dos Normandos, depois de Carlos Magno.

Carlos Magno, estabelecendo huma Marinha, que defendia, e guardava as embocaduras dos rios, prevenio as invasões dos Normandos; que atemorisáraõ, e aterráraõ a França no tempo de Luiz o Benigno, e no tempo de Carlos o Calvo commettêraõ horrorosas assolações. As suas frotas compostas de barcos pequenos, e leves, despresando as tempestades do Oceano, penetravaõ por toda a parte. Viaõ-se os Normandos chegar ás Costas, e entrar pelo interior das Provincias, sem que nada os podesse suspender. O governo naõ sabia de nenhum modo acautelar-se, e os Póvos abandonados naõ conservavaõ senaõ o terror.

Suas assolações

Os passos de semelhantes salteadores distinguiaõ-se por toda a parte, com as crueis mortandades, e com os incendios. Os Normandos roubavaõ, juntamente com os seus despojos, os meninos que encontra-

travaõ, dos quaes faziaõ ao depois outros tantos piratas: com o que supriaõ a povoaçaõ, Os mesmos Normandos apenas se retiravaõ, voltavaõ logo com novas forças: finalmente Ruaõ foi duas vezes saqueada, e Pariz foi sorprendida, e queimada em 845 pelos Normandos, que pozeraõ a fogo, e a sangue a Aquitania, e outras Provincias, reduzindo o Rei á ultima extremidade.

Paz comprada por Carlos o Calvo.

Carlos, entrincheirado em S. Diniz, quando a sua Capital era victima dos Barbaros, em nada mais cuidava, assim como o Povo, do que em salvar as reliquias. O mesmo Carlos em lugar de combater, comprou, ou julgou comprar a paz, por huma quantia de sincoenta e quatro quintaes, duas arrobas, e vinte e quatro arrateis de prata. Este era o meio para dar, e para inspirar aos inimigos a vontade de principiar novamente, e em breve tempo a guerra. Violar os juramentos nada lhes custava. Os prodigios que os Monges referiraõ depois, lhes eraõ pouco persuadivos. Hum Capitaõ Normando saqueando a Igreja de S. Germano foi segundo as Chronicas Monacaes, morto de hum modo milagroso, clamando que o Santo á força de golpes o matava. Com tudo sempre saqueáraõ, e principalmente as Igrejas.

Pa-

Contribuições ordenadas para os Normandos.

Para maior infamia, hindo Carlos o Calvo em socccorro do Papa, no ultimo anno do seu Reinado publicou hum Acto Capitular para regular as contribuições, que se pagariaõ aos Normandos. Semelhante tributo consistia em hum soldo (oito réis) por cada casa de Cavalheiros; os impostos dos homens livres, e dos servos, eraõ á proporçaõ; e os Bispos tinhaõ ordem para fazer contribuir os seus Clerigos. Deste modo he que o Rei, e a Naçaõ se sabiaõ defender. Os Sarracenos de Hespanha obráraõ melhor, pois obrigáraõ os piratas que os accommettiaõ, a se retirarem.

A Inglaterra tambem era devastada.

Se a Inglaterra experimentou o mesmo flagello, ao menos achou a sua salvaçaõ em hum grande Principe. Os Dinamarquezes, no tempo de Ethelwolf, Successor de Egberto, fizeraõ muitas assolações, porque o Rei desprezava a vigilancia do governo, por praticas de devoçaõ. Tres filhos seus reináraõ tambem com pouca gloria. Alfredo, seu irmaõ segundo, homem admiravel no seculo dos horrores, occupou felizmente o Throno em 871. O mesmo Alfredo, armado sempre contra os Dinamarquezes, tinha alcançado diversas victorias contra elles. Porém como novos enxames de piratas vinháõ continuamente unir-se com os primei-

Alfredo occupa o Throno em 871.

meiros, Alfredo vio-se abandonado pelas suas trópas desanimadas; motivo que o obrigou a se disfarçar em saloio, vivendo alguns mezes em casa de hum pastor; ao depois entrincheirou-se Alfredo no centro de huma lagoa, fazendo incursões contra o inimigo, e esperando a occasiaõ de o vencer.

Suas infelicidades.

Finalmente, sabendo Alfredo que os Dinamarquezes foraõ vencidos por hum Cavalheiro Inglez em hum encontro, sahe com semelhante noticia do seu azylo, e fingindo-se tocador de harpa, entra com segurança no seu campo, onde os entretem, engana-os, examina tudo, reconhece a sua indiscipiina, e a sua céga confiança, fórma o seu plano de ataque, e retira-se para o executar. Alfredo, em breve tempo, manda avisar, e ajunta os seus melhores vassallos; os quaes o julgavaõ morto. Todos concorrêraõ para alistar-se debaixo dos seus estandartes. Tendo Alfredo vencido os inimigos, pensa em fazer delles outros tantos vassallos; permittindo-lhes hum estabelecimento em Northumberlandia, e na Estanglia, regiaõ despovoada, com a condiçaõ de abráçarem o Christianismo. Esta branda, e suave politica parece ser a melhor que as circunstancias permittissem. A agricultura, e a Religiaõ podiaõ suavizar os cos-

Como Alfredo vence, e derrota os Dinamarquezes.

Alfredo permitte-lhes o estabeleceremse nas Provincias despovoadas.

costumes dos piratas; os quaes podiaõ chegar a ser os defensores de hum Estado no qual se achassem permanentes; e deviaõ amàr, e respeitar hum Rei benefico, cujo valor, cujos recursos eraõ por elles conhecidos. Todas as condições foraõ acceitas, e a Inglaterra em fim respirou.

Sabedoria do seu governo.

O essencial era prevenir novos desastres. Alfredo procurando os meios para isso, os executou. As Praças recuperadas; huma milicia regular espalhada pelas Provincias; huma marinha consideravel, formada em muito pouco tempo; os Inglezes exercitados na navegaçaõ, que era por elles desprezada até aquelle tempo; e hum governo recto, justo, e prudente, que punha toda a sua vigilancia nas necessidades públicas: taes foraõ os primeiros fructos da paz Estes eraõ os penhores da segurança, e da victoria. Huma terrivel invasaõ de Dinamarquezes, renovou em 895, as infelicidades da França, mas sendo para Inglaterra huma pequena, e passageira tormenta, desbaratou Alfredo em breve tempo os inimigos.

Suas instituições para a justiça, e para o socego.

Consagrou Alfredo o resto do seu Reinado aos trabalhos politicos, dignos do seu genio, e da sua grande alma. Aperfeiçoou as Leis, e administrando elle mesmo a justiça, a mandou administrar

trar por toda a parte; estabeleceo *jurados* para o exame dos crimes: pela relaçaõ destes jurados, *pares* do accusado, he que os Juizes pronunciaõ a sentença. Dividio o Reino em Condados, e os Condados em *centenas*, *dezenas*, ou em pequenos districtos; de modo que facilmente se mantinhaõ o socego, a boa ordem, a harmonia, e a sobordinaçaõ. A liberde pública resultava do imperio das Leis a respeito de cada particular. Queria Alfredo que os Inglezes fossem livres obedecendo ás Leis; e obedecendo-lhes o mesmo Alfredo, reinava por meio dellas. (*)

Excita Alfredo ao estudo, dádo o exemplo.

A sciencia, que illumina a razaõ para formar os costumes, lhe parece hum dos meios para proprios para fazer felizes os seus vassallos. Acareou os sabios, estabeleceo escólas, fundou a célebre Universidade de Oxford, e recompensou sempre o merecimento. Dava o exemplo do estudo, e escrevia sobre a Moral. As Artes, a agricultura, e o commercio, nada escapou ao zelo activo que o animava. Espalhou todas as sementes da felicidade, e da virtude: as quaes foraõ quasi suffocadas nos seguintes reinados, por

(*) A Inglaterra parece dever os principios da sua constituiçaõ a Alfredo.

por causa dos infinitos obstaculos, que infelizmente as impedíraõ de arraigar-se.

Sua morte. Este Rei taõ digno de admiraçaõ, e talvez superior a Carlos Magno, morreo em 901, com sincoenta e tres annos de idade.

CAPITULO VIII.

Decadencia total do Imperio Francez.

Luiz o Gago, como sujeito aos seus vassallos. CALAMIDADES, desordens, e anarquia he tudo quanto nos offerece o continente da Europa. Vemos hum Luiz o Gago, filho de Carlos o Calvo, comprar de algum módo a Coroa, com as condições que os Bispos, e os Cavalleiros se atrevem a impôr-lhe; e só he reconhecido Imperador depois de ter promettido aos primeiros, que o Cléro gozaria dos mesmos bens, e dos mesmos privilegios, de que gozava no tempo de Luiz o Benigno. Semelhante promessa tinha Hincmar de Rheims exigido de Carlos o Calvo. Os Soberanos achavaõ-se reduzidos a tratar com vassallos muito pouco zelosos da Naçaõ.

878 Joaõ VIII. Vem Joaõ VIII. fazer hum Concilio em Troyes na Champanha, para excommun-

mungar a Lamberto, Duque de Spoleto, e a Adalberto, Duque de Toscana, os quaes accommettiaõ o estado Ecclesiastico. Hum Canon deste Concilio declara: *Que as potencias do mundo naõ teráõ já mais o atrevimento de se sentarem na presença dos Bispos, se primeiro estes o naõ ordenarem.* O Papa fugitivo promulga em França Leis geraes, affecta de senhorear os Soberanos, coroa o Rei, e pede trópas sob pena da vingança Divina. Basta indicar semelhantes factos, para que se julgue do estado de huma Monarquia.

posto que fugitivo, vem mandar, e governar em França,

A Luiz, o Gago, succedêraõ em 879 Luiz III., e Carlomano, ambos filhos seus, e de sua primeira mulher, que elle tinha repudiado. O Duque Boson, sogro de Carlomano, lhes alcançou a Coroa. Dividindo estes o Imperio, vivêraõ unidos. Mas a Monarquia nem por isso foi menos desmembrada pelos vassallos. Hum Concilio de Manta, do Delfinado, concedeo *por inspiraçaõ Divina*, segundo os seus termos, o Reino de Arles, ou de Provença, ao Duque Boson, Cavalleiro ambicioso, industrioso, e cujas intrigas tinhaõ adquirido o favor, e a amizade do Papa, e do Clero, os quaes sem maior trabalho foraõ traidores á Casa de Carlos Magno. A Italia estava debaixo do poder de Carlomano, Rei de Baviera, o qual

Boson, feito Rei de Provença por hum Concilio.

Desmembramentos

qual obrigou tambem a que lhe cedessem huma parte da Lorena. Já a maior parte das terras eraõ possuidas pelos Cavalleiros; e hum Rei de França pouco, ou nada possuia.

884 O Imperador Carlos o Gordo, eleito Rei de França.

Despojados deste modo, e mórtos ambos os filhos de Luiz o Gago, Carlos, seu irmaõ, intitulado depois o Simples, devia ser seu Successor pelo direito do nascimento. Porém como naõ tinha mais de sinco annos, e era necessario hum Rei capaz de resistir aos inimigos, elegêraõ Carlos o Gordo, filho de Luiz o Germanico, já Imperador, e herdeiro de ambos os seus irmãos. Carlos, o Gordo, unio a si todo o Imperio Francez, excepto o Reino do usurpador Boson. Semelhante Imperio era muito vasto para hum Chefe sem engenho, e sem valor.

Os Normãdos irritados por causa da sua cobardia, e da sua perfidia.

Carlos, comprando a retirada dos Normandos, cujo furor tambem Alemanha experimentava, tinha-se deshonrado. O mesmo Carlos depois de ter cedido aos Normandos a Frisa, e depois de lhes ter promettido hum tributo, os irritou por meio de huma perfidia, ao mesmo tempo que lhes parecia despresivel por causa da sua cobardia. Mais furiosos os Normandos do que nunca, accommettêraõ a França, penetráraõ até Pontoise, e depois de queimar esta Cidade sitiáraõ Pariz.

Es-

Este sitio he célebre na nossa Historia. De huma, e outra parte, fizeraõ todos grandes prodigios. Eudes, Conde de Pariz, a quem veremos occupar o throno, Roberto, seu irmaõ, o Bispo Goslin, e depois o Bispo Anscherico, e o Abbade Eble, sobrinho de Goslin, distinguiraõ-se especialmente pelo seu patriotismo, e sua valentia. Os sitiados defendendo-se, havia mais de hum anno, Carlos o Gordo naõ apparecia nunca.

886 Famoso sitio de Pariz.

Carlos, sendo chamado para soccorrer a sua Capital, chega em fim com hum exercito numeroso; e seguro quasi da victoria, naõ se atreve a combater; prefere antes huma ignominiosa negociaçaõ, obriga-se a pagar aos inimigos huma grande somma de dinheiro, e lhes permitte de ir esperar o pagamento em Borgonha, isto he, de continuar as suas assolações.

Carlos faz retirar os inimigos á força de dinheiro.

Tendo os Normandos feito huma cavalharice do Mosteiro de S. Germano, tinhaõ tambem pedido aos Monges mil e quatrocentos marcos de prata, a fim de se resgatarem do incendio. Os Monges attribuiraõ depois ao Santo o livramento de Pariz.

Igreja de S. Germano, saqueada.

Todos os Póvos do dominio Francez

888 Rebelliões

contra Carlos. — cez indignados do infame procedimento do Imperador, naõ respiravaõ senaõ rebelliaõ. Os Allemães foraõ os primeiros

Em Alemanha. — que se sublevâraõ. Carlos querendo abolir a herança dos feudos, tinha attrahido a si o odio dos Cavalleiros; álem do odio que os Prelados lhe tinhaõ, por fazer o processo a Luitwardo, Bispo de Verceil, seu primeiro Ministro, accusado de hum Commercio criminoso com a Imperatriz. Luitwardo excita os descontentes. O Imperador depois de ser deposto em huma dieta, vê-se reduzido a viver das liberalidades do Bispo de Moguncia. Arnoul, filho bastardo de Carlomano, Rei de Baviera, he eleito para seu Successor.

Em Italia. — A Italia sujeita-se a Berenger, Duque de Friul, e a Gui, Duque de Spoleto, ambos descendentes da casa de França por suas Mãis: e sendo ambos antecedentemente amigos, fizeraõ-se competidores, e armáraõ-se para destruir, e arruinar a Italia.

Em França. — O Conde Eudes, que tinha salvado Pariz, e cujo Pai, Roberto o Forte, Duque de França, tinha tambem sido hum heroe,

Eudes eleito Rei. — Eudes he eleito Rei: porém parece que Eudes acceitára sómente a Coroa como tutor de Carlos o Simples. Estes homens grandes saõ os antepassados de Hugo Capeto, em quem principiará a terceira geraçaõ.

No-

Novos desmembramentos, além das continuadas usurpações dos Cavalleiros, enfraquecêraõ, e debilitáraõ a França, a pezar do valor, e dos talentos do famoso Eudes. Tendo-se levantado hum partido a favor do herdeiro legitimo, Eudes cedeo-lhe huma porçaõ do Reino. O Conde Raoul, ou Rodolfo estabeleceo-se Rei da Borgonha Transjurana, que comprehendia Bugei, Saboia, Genebra, e huma parte da Suissa. Chamava-se Borgonha Cisjurana (relativamente ao monte Jura) o Reino de Arles, do qual era seguro possuidor o filho de Boson, por hum Concilio, do mesmo modo que o Pai o era tambem por outro Concilio. Se a historia abraçasse as individuações do que a violencia, e o artificio produzíraõ por toda a parte na anarquia, chegaria a ser hum cáhos. Nenhuma outra cousa se via senaõ feudos desunidos da Coroa.

Eudes divide oReino comCarlos o Simples.

Reino de Borgonha Transjurana.

Eudes morreo em 898, sem ter podido dar remedio ás chagas do Estado. Carlos o Simples, muito digno do seu sobrenome, naõ podia deixar de as augmentar por causa da sua frouxidaõ. Os Cavalleiros, aspirando todos á independencia, irritáraõ-se huns contra os outros. Os Normandos aproveitáraõ-se da oc-

912 Carlos o Simplescede aosNormandos.

occasiaõ para o seu estabelecimento. Rollon, hum dos seus mais illustres Chéfes, depois de ter sido o terror da Inglaterra, chega a tomar a Cidade de Ruaõ, da qual faz huma Praça de armas. O mesmo Rollon faz-se taõ formidavel, que o Rei manda-lhe offerecer sua filha em casamento, juntamente com a regiaõ maritima, que os piratas despovoavaõ. Hum Bispo encarregado da negociaçaõ, requer unicamente que o Normando abrace o Christianismo, e para o obrigar a este fim prega-lhe a respeito do Inferno, e do Paraizo. Rollon decide-se por causa do interesse, e depois de ter consultado os seus soldados, que pouco se embaraçavaõ da religiaõ, promette de concluir, com tanto que tambem lhe cedaõ a Bretanha, até que a outra Provincia esteja cultivada. Depois de se consentir em tudo, Rollon dá homenagem á Coroa, mais como Conquistador, do que como vassallo.

Rollon, Duque de Normandia.

Este guerreiro merecia bem fundar hum estado. A Normandia, que tomou o seu nome dos piratas, chegou a ser feliz, e florecente com as suas Leis. Rollon domou a ferocidade do seu Povo, ao roubo fez succeder a agricultura, em huma palavra, reprimio inteiramente o rou-

Rollon cõtribue para a felicidade dos seus vassallos.

roubo entre os Barbaros acostumados a viver de rapinas. Taõ grande he o poder, que as Leis tem, quando a agricultura inspira o gosto da sociedade! Deste modo he que os destruidores do Imperio Romano tinhaõ ao principio estabelecido o seu poder.

Rebelliaõ cõtra o Rei Carlos.

O mentecapto Carlos, governado por Haganon, ministro odioso, foi o ludibrio assim dos Cavalleiros, como dos Normandos. Roberto, irmaõ do Rei Eudes, formou huma conspiraçaõ. Carlos, em lugar de ajuntar forças, recorreo a hum Concilio, mandando já antecedentemente excommungar todos aquelles, que se soblevassem. A rebelliaõ, por algum tempo suspensa, manifestou-se em 922. Sendo Carlos obrigado a despedir o seu Ministro, promettêraõ-lhe debaixo desta condiçaõ, de lhe obedecerem ainda hum anno. Porém no fim de sete mezes, o Arcebispo de Rheims, que lhe tinha dado azylo na sua Diocese, sendo-lhe traidor, cöroou a Roberto, o qual morreo em huma batalha. Hugo ò Grande, ou o Abbade, seu filho, podia senhorear-se da Coroa, porém preferio antes polla na cabeça de Raoul, Duque de Borgonha. O novo Rei, prodigo em distribuir os seus dominios attrahio a si a paixaõ, e o amor dos Grandes.

Carlos he despojado dos seus Estados, e privado do Throno.

929 Carlos morre na prisaõ.

Herberto, Conde de Vermandois, tendo mandado buscar a Carlos o Simples, com o pretexto de o defender, o prendeo: deo-lhe porém depois a liberdade: mas para lhe ser ainda traidor, em premio do Condado de Laon, que Raòul lhe abandonou. No mesmo anno morreo Carlos na prisaõ.

Revoluções em Italia.

No tempo do seu deploravel Reinado, perdeo a Casa de França a Alemanha juntamente com o Imperio. O Papa Estevaõ VI. tinha coroado Imperador a Gui, Duque de Spoleto, inimigo de Berenger, e depois a Lamberto, filho daquelle Duque ambicioso. O Papa Formoso tinha coroado a Arnoul, filho bastardo de Carlomano, depois de o ter obrigado a senhorear-se de Roma. Luiz IV., filho de Arnoul, menino de sete annos, tinha-lhe succedido no Reino de Alemanha. Outro Luiz, Rei de Arles, filho do usurpador Boson, tinha alcançado a Coroa Imperial por meio de Bento IV. Porém sendo sorprendido em Verona por Berenger, o qual lhe mandou tirar os olhos, Berenger tinha occupado novamente o Throno de Italia. Estas revoluções annunciavaõ outras maiores.

Berenger fica sendo Rei.

A casa de França naõ reina mais em Alemanha.

Por morte de Luiz IV., em 911, a Alemanha pertencia de direito a Carlos o Simples. Os Alemães o desprezavaõ mui-

to

to para o reconhecer, e a sua mesma cobardia naõ lhe permittio de reclamar a successaõ. Os Estados elegêraõ por hum unanime consentimento a Otton, Duque de Saxonia, o qual rejeitando a Coroa por causa da sua velhice, propoz Conrado, Duque de Franconia. Conrado foi Rei de Alemanha, pelos votos da Naçaõ. Berenger, Rei de Italia, foi coroado Imperador em 916, pelo Papa Joaõ X. Deste modo perdia a geraçaõ de Carlos Magno successivamente todos os fructos da politica, e das victorias deste heroe, porque nenhum dos seus successores se tinha mostrado digno de ser seu descendente.

Conrado, Duque de Franconia, Rei por eleiçaõ.

Hum flagello imprevisto renovou os horrores com que a Europa gemia havia tanto tempo. O Imperador Arnoul tinha chamado para o soccorrer, contra hum Rei de Moravia, os Hunos, ou Hungaros, e tinha destruido trincheiras edificadas por Carlos Magno, pela Costa do Raab, a fim de suspender as suas invasões. Os Hungaros, taõ ferozes como os seus antepassados, foraõ em breve tempo os destruidores daquelles, que tinhaõ vindo soccorrer. Os mesmos Hungaros desde o anno 901, assoláraõ a Baviera, a Suabia, e a Franconia. Toda a Alemanha vio-se depois exposta ao seu

Assolações dos Hunos ou Hungaros.

avido furor. Luiz IV. tendo-se sujeitado a hum tributo annual a fim de se livrar dos Hungaros, elles cahiraõ sobre a Italia, e muitas vezes a saqueáraõ; tambem despovoáraõ a Alemanha, no tempo de Conrado I., que se obrigou do mesmo modo ao tributo, e penetráraõ até á Lorena, e ao Languedoc, saqueando as terras, matando cruelmente os homens, naõ respeitando cousa alguma.

Fanatiſmo juntamente com as infelicidades.

Naõ nos devemos admirar se o fanatismo se originou de tantas, e taõ grandes infelicidades. Todos viaõ chegar o fim do mundo. Todos despojavaõ-se dos seus bens a favor das Igrejas, e dos Mosteiros. As desordens multiplicavaõ-se entre o Povo, no Clero, na nobreza, e nos governos. A sem razaõ, e a mais profunda ignorancia, caracterisaõ o decimo seculo: o qual consequentemente tambem era o seculo dos crimes, porque naõ havia freio algum para as paixões.

936 O Rei Luiz de Ultramar prisioneiro de Hugo o Grande

Depois da morte de Raoul, Hugo o Grande, que possuia diversas, e ricas Abbadias juntamente com o Condado de Paris, e com os Ducados de França, e de Borgonha, desprezando ainda o titulo de Rei, ou receando de o parecer usurpar, chamou a Luiz de Ultramar, filho de Carlos o Simples, refugiado em Inglaterra, para onde sua Mãi o tinha con-

conduzido no tempo das perturbações. Este Rei naõ foi Rei senaõ no nome, assim como outros muitos tambem o foraõ. Querendo Luiz governar, Hugo chegou entaõ a ser seu inimigo, prendeo o, e naõ lhe deo a liberdade senaõ com a condiçaõ de lhe ceder o Condado de Laon, ao qual se reduzia quasi todo o dominio.

Singularidades deploraveis.

Otton I. de Saxonia, Rei de Alemanha, depois de Henrique o Passarinheiro, seu Pai, foi o medianeiro da paz, entre o Soberano, e o vassallo. Hugo tinha sido excommungado por Concilios, e pelo mesmo Papa. Luiz tinha sido soccorrido por hum exercito dos Bispos Lorenezes. Muitos annos tambem se tinhaõ combatido, a respeito do Arcebispado de Rheims, que o Conde de Vermandois tinha mandado dar a seu filho, de sinco annos de idade, a fim de elle mesmo o possuir em nome do filho. A historia nada mais offerece senaõ huma serie desforme de extravagancias, e de roubos.

954 Lothario succeffor de Luiz.

Luiz de Ultramar, morrendo deixou a Lothario seu filho huma sombra de Dignidade de Rei; ou para melhor dizer, Hugo o Grande consentio em lhe conceder o titulo, conservando o poder. Este Cavalleiro, taõ formidavel, como os antigos Maires, morreo dous annos depois.

pois. Hugo Capeto, seu filho, herdou assim as suas Abbadias, como as suas dignidades, e o seu poder. Lothario sendo dotado de actividade, e de valor, emprehendeo recuperar a Lorena, da qual os Alemães se tinhaõ senhoreado. Observemos antecedentemente neste lugar, que o Imperador Otton II. teve a industria de lhe oppor hum competidor, cedendo a Lorena inferior a Carlos, irmaõ do Rei, que a recebeo a titulo de vassallo. Descontente o Rei de semelhante tratado, accommetteo a Lorena, sorprendeo o Imperador, e o obrigou a fugir. Foi Lothario tambem derrotado; e ainda foi outra vez vencedor. Finalmente Lothario renunciou o Reino de Lorena, que ficou dividido entre Otton, e o Principe Carlos. A fortuna dos Ottons faz E'poca, e merece a nossa attençaõ.

Lothario perdeo o Reino de Lorena.

TER-

TERCEIRA ÉPOCA.

OTTON O GRANDE.

O IMPERIO TRANSFERIDO AOS ALEMAES. —— A FRANÇA SUJEITA AOS CAPETOS.

Desde o meio do decimo seculo até ao tempo do Gregorio VII.

CAPITULO I.

A Casa de Saxonia chega a alcançar a dignidade de Rei, e o Imperío. —— Reinados dos Ottons.

Henrique o Passarinheiro, Duque de Saxonia, Rei eleito pelos Estados.

HUMA Potencia formidavel tendo-se exaltado em Alemanha, tinha reunido a dignidade Imperial juntamente com a dignidade de Rei. Este he o lugar, em que se deve considerar esta nova revoluçaõ. Conrado, Duque de Franconia, foi eleito Rei, como já fica dito, por conselho, e por causa da negativa do Duque de Saxonia. Conrado morreo sem filhos varões em 919, depois de ter designado para Successor dos seus Estados, a Henrique, filho do Duque Otton, ao qual era de-

devedor da sua Coroa. Os Estados compostos *do Cléro*, *da principal nobreza*, *e dos principaes do exercito*, elegêraõ effectivamente a Henrique o Passarinheiro. Chamavaõ-lhe Passarinheiro porque divertia-se com a caça dos passaros. Este Principe valente, sabio, e prudente sujeitou vassallos rebeldes, disciplinou as trópas, edificou fortalezas, e Cidades, recusou o tributo aos Hungaros, venceo-os, e pôz em segurança o seu Reino.

Henrique qualifica-se *approvado* de Roma, posto que as trópas o tivessem ñomeado Imperador

Naõ vemos que Henrique já mais se intitulasse Imperador, posto que este titulo lhe fosse conferido pelas suas trópas. Vemos que em hum acto de 932, Henrique qualifica-se sómente, *approvado de Roma*; isto he, defensor do temporal da Igreja Romana: qualidade que indicava ordinariamente qualquer official da Igreja.

Otton I. o maior Principe do seu seculo.

Otton I., seu filho, lhe succede em 936, pela eleiçaõ dos Estados. Otton triunfa de muito rebeldes; sujeita ao tributo a Dinamarca, e a Bohemia; e chega a ser o maior Principe do seu seculo.

Revoluções, e perturbações em Italia.

A Italia dividida por tyrannos desunidos, arruinada, e destruida por causa de partidos, e guerras continuadas, e sempre exposta ás assolações dos Sarracenos, que occupavaõ huma parte della, era huma das Provincias as mais infelizes

zes da Europa. Raoul, ou Rodolfo II, Rei de ambas as Borgonhas Transjurana, e Cisjurana, tendo privado do Throno a Berenger, tinha sido privado do Throno por Hugo, Marquez de Provença, cujo filho Lothario foi do mesmo modo privado do Throno por Berenger II.

A mudança de Senhor lhes era gostosa

Os Italianos naõ se contentando jámais com o seu Rei, viaõ sempre augmentar cada vez mais as suas infelicidades por causa da mudança. As divisões foraõ fomentadas por alguns Papas escandalosos, entregues a mulheres impudicas. Os estrangeiros eraõ chamados para Italia; procurava-se de algum modo o jugo, a fim de se livrarem dos oppressores; arrependendo-se, e naõ querendo obedecer, sempre elegiaõ Reis casualmente. Ordinariamente saõ as revoluções os fructos da discordia. Os Alemães alcançáraõ o Imperio por causa destas perturbações.

Otton deixa o Reino de Italia a Berenger II.

Otton passa em 952 para Italia, para onde o chamava Adelaida, viuva do Rei Lothario, que Berenger II. tinha cativa, e preza em hum castello. Otton dando a liberdade a esta Princeza, casa com ella: recebe depois o juramento de Berenger, deixa-lhe o Reino, e parte para Alemanhá a fim de reprimir rebeldes. Roma tendo-lhe fechado as suas pór-

pórtas, estas lhe foraõ abertas alguns annos depois, por hum Papa.

961 Joaõ XII. chama novamente a Otton em seu soccorro contra Berenger.

Joaõ XII. tinha sido collocado na Santa Sé, na idade de dezoito annos. Este Papa, neto da célebre Marosia, concubina de Sergio III., pussuia além dos costumes corruptos do seu seculo hum caracter atrevido, e confiado. Excitando a tyrannia de Berenger, e de Adalberto, seu filho, por toda a parte o espirito de rebelliaõ, conjura este Pontifice a Otton, *para que venha pelo amor de Deos, e dos Santos Apostolos livrar a Igreja Romana das garras de dous monstros, que a despedaçavaõ.* O Rei de Alemanha condescende com os seus rógos. Berenger, e seu filho

Otton he coroado Rei, e Imperador.

sendo depostos, Otton he coroado em Milaõ, Rei de Italia, e sendo o mesmo Otton no anno seguinte coroado Imperador em Roma por Joaõ XII., confirma as doações dos Principes Francezes, taõ interessantes para a dignidade Papal.

Otton atreiçoado pelo Papa.

Esquecendo-se o Papa em breve tempo dos seus empenhos, e unido com Adalberto contra o Imperador, ajunta tambem trópas. Mas vendo-se muito fraco para resistir, foge. Os Romanos daõ hum novo juramento de fidelidade, pelo qual se obrigaõ a naõ eleger, nem a consagrar Papa algum sem o consentimento do Imperador, ou de seu filho.

Hum

Hum Concilio faz o processo a Joaõ, accusado de crimes enormes. Joaõ duas vezes he citado, e nenhuma outra resposta se recebe delle senaõ ameaços de excommunhaõ. Finalmente depondo-se a Joaõ, elege-se a Leaõ VIII., simples leigo, porém homem virtuoso. O Pontifice deposto naõ perde o animo; contribue para que os Romanos se sublevem; entra na Cidade, e ajunta hum Concilio no qual Leaõ tambem he deposto. A sediçaõ naõ se extinguio com a morte subita de Joaõ XII. Bento V. foi eleito para o substituir; porque os Romanos naõ pensavaõ já mais no seu juramento. Este Povo, conforme Luitprando, Bispo de Cremona, Lombardo de origem, e author contemporaneo, era taõ desprezado naquelle tempo, posto que sempre taõ altivo, que bastava sómente o nome de Romano para indicar hum homem perfido, cobarde, e infame.

Joaõ, deposto, author da rebelliaõ dos Romanos.

Idéa, que havia de semelhante Povo.

Tanta audacia contra hum grande Principe teve o mesmo effeito, que tem as emprezas insensatas. Otton, que tinha ultimamente preso a Berenger em Montefeltro, põe Roma em sitio, reduzindo-a á ultima extremidade. Os Romanos, sujeitando-se alcançaõ o perdaõ. Bento comparecendo na presença de hum Concilio, confessa-se culpado, e despoja-se dos ha-

964 Roma subjugada por Otton I.

bi-

Decreto famoso de Leaõ VIII.

bitos Pontificaes. Leaõ VIII., junto com *todo o Cléro, e com todo o Povo Romano*, publica hum Decreto celebre, que he considerado como Lei fundamental do Imperio, declarando: « Que Otton, e os » seus Successores do Reino de Italia, » teráõ o poder perpetuo para eleger » hum Successor, para nomear o Papa, » e para dar investidura aos Bispos. »

Se aquelle Decreto he falso.

Muratori, e outros duvidáraõ da probabilidade deste Decreto, que se acha por extracto em Graciano. Porém observa-se que a sua fórma póde ser falsa, sem que seja menos verdadeiro o seu fundamento, pois que Luitprando refere o facto conforme ao mesmo acto. « A » Collecçaõ de Goldasto, diz M. Pfeffel, » está cheia de Leis, e de Constituições » semelhantes, que em parte saõ verda» deiras, e que todavia saõ impostu» ras. »

Nova rebelliaõ dos Romanos castigada.

Apenas o Imperador tinha-se ausentado de Italia, quando os Romanos, por meio de hum novo attentado, expulsáraõ a Joaõ XIII., eleito na presença dos Commissarios Imperiaes, depois da mórte de Leaõ VIII. Otton, justamente irritado, vindo pela quarta vez para o seu reino, castiga severamente os sediciosos: desterra os Consules, manda prender os Tribunos, e ordena que o Prefeito de Ro-

Roma seja açoutado pelas ruas. Vemos que as antigas dignidades subsistiaõ ainda sómente no nome, alimento vaõ do orgulho de hum Povo taõ cobarde como turbulento.

O Imperador Grego, Niceforo, tendo reconhecido a dignidade Imperial de Otton, e tendo desposado sua filha com o filho deste Principe, com tudo mandou assassinar os Embaixadores, que deviaõ conduzir a Princeza. Ateou-se a guerra. Os Alemães accommettêraõ a Apulia, e a Calabria. Ficando vencido hum exercito Grego, foraõ mandados os prisioneiros para Constantinopla, com o nariz cortado. Niceforo tendo sido morto pelos seus vassallos, Joaõ Zimiscés, seu Successor, concluio a paz com Otton, cedendo-lhe a soberania de Capua. Otton morreo em 973. N titulo de Grande naõ era para Otton huma homenagem da lisonja, mais hum dom do seu merecimento.

969 Guerra de Otton com os Gregos.

Imitador Otton de Carlos Magno nas suas emprezas, amou, como Carlos, as letras; e Bruno, Arcebispo de Colonia, seu irmaõ, inspirou-lhe o gosto de huma especie de Academia. Otton, semelhante a Carlos Magno, foi excessivo na conversaõ dos Barbaros, que pretendia sujeitar, fundando varios Bispados no Nórte,

Otton imitava a Carlos Magno.

te, onde o Christianismo estendia já os seus ramos. O mesmo Otton, ou por devoçaõ da móda, ou por má politica, deo grande poder ao Cléro de Alemanha, conferindo-lhe Ducados, e Condados, com os mesmos privilegios, e direitos dos outros Cavalleiros, ou Principes. Porém Otton, a fim de contrabalancear este poder, estabeleceo *approvados*, por nomeaçaõ do Imperador, os quaes deviaõ dividir o governo com os Prelados. Os Prelados livrar-se-haõ em breve tempo destes *approvados*. Otton, assim como Carlos Magno, ou naõ previo sufficientemente o futuro, ou deixou-se conduzir pelas circunstancias.

Otton fez o Clero muito poderoso.

A herança dos feudos, outro principio de desordens, estabeleceo-se quasi geralmente em Alemanha. O Imperador ordenou que se decidisse por meio do duelo, huma das grandes questões, que poderiaõ excitar a sagacidade dos Jurisconsultos; tratava-se de saber, se a representaçaõ devia ter lugar em linha recta; se por exemplo hum neto, representando o filho, devia succeder em preferencia a seus tios. O direito dos sobrinhos prevaleceo, porque o seu campeador foi vencedor: a Lei sempre subsiste. Em o seguinte Reinado, foi ordenado em huma dieta, que as causas duvido-

Herança dos feudos estabelecida.

Direito de representaçaõ.

O duelo decide.

sas

sas naõ seriaõ mais decididas por meio de juramento, mas sim por meio do duelo. Ao menos os cobardes perdêraõ a vantagem, que podiaõ tirar do perjuro.

Otton II., tendo sómente dezoito annos de idade, succedêo a seu pai, que o tinha feito eleger desde 961; providencia necessaria para segurar a Coroa em huma familia. A sua mocidade deo occasiaõ a infinitas perturbações, que elle mesmo teve a força de dissipar. Roma, por meio de novos crimes, abrio hum Theatro, no qual administrou Otton a sua justiça. Crescencio, ou Cincio, filho da impudica Theodora, que se diz ter sido concubina de Joaõ X., tendo formado o projecto de restabelecer a República Romana, sublevou o Povo, e fez morrer n'huma prisaõ o Papa Benedicto VI., a quem os sediciosos deraõ para successor Benedicto VII. Bonifacio VII. foi eleito por outro partido, e outro partido houve, que elegeo Joaõ XIV., do qual Bonifacio foi homicida. Estes horrores eraõ taõ frequentes, e taõ rápidos que os Historiadores naõ concordaõ entre si nem a respeito dos nomes, nêm a respeito das datas. O Papa de huns he o Anti-Papa dos outros.

972 Otton II.

Perturbações de Roma.

Papas, e Anti-Papas em grande número.

Em a ultima E'poca fallámos da guerra de França a respeito do Reino de

O Imperador morre em Italia.

de Lorena, que Otton dividio politicamente com o irmaõ do Rei Lothario. Acabada esta guerra, chega o Imperador a Roma, e reprime os sediciosos. Pretendendo depois Otton tomar a Calabria aos Gregos, os Sarracenos, alliados naquella occasiaõ dos mesmos Gregos, derrotáraõ todo o seu exército. O Imperador morreo em Roma, onde fazia novos preparos.

983 Crescencio renova em Roma as sublevações.

Otton III., seu filho, já eleito, succede-lhe na idade de tres annos. A avó, e a mãi do Imperador menino disputando entre si a authoridade, huma regencia tumultuosa perturba a Alemanha. Os partidos, e os escandalos renascêraõ em breve tempo em Roma, onde Crescencio pôz tudo em fogo por causa do seu fanatismo da liberdade. Joaõ XV., chamando o Imperador em seu soccorro, Otton appareceo em Italia em 996. O mesmo Otton, sendo morto o Papa, substituio-lhe Gregorio V. fazendo-se coroar pelas suas mãos. Gregorio era parente chegado do Imperador. Crescencio naõ deixando de o expulsar, estabeleceo outro Pontifice, com o nome de Joaõ XVI., e persuadio ainda aos Romanos que estavaõ livres.

Crescencio castigado.

Porém Otton entra em Roma em 998, põe sitio ao Castello de Santo An-

ge-

gelo, onde o rebelde se tinha encerrado, toma-o por assalto, ou conforme os Authores Italianos, entra nelle por capitulaçaõ, e manda em fim cortar a cabeça a Crescencio. Os Romanos tinhaõ tirado os olhos ao seu Anti-Papa. Gregorio V. foi taõ excessivo na sua vingança, que chegou a mandar que o levassem pelas ruas montado sobre hum jumento, cuja cauda lhe servia de freio. Depois de huma acçaõ semelhante, julgue cada qual dos costumes públicos pelos costumes dos Chefes da Religiaõ, que infelizmente arrastados pela torrente destes perversos costumes, lhe ajuntavaõ a força de hum exemplo contagioso. finalmente por Otton III.

Esterilidade da historia.

Neste lugar andamos por entre os abrolhos da historia. Os objectos confundem-se, parecem-se, e naõ offerecem quasi individuaçaõ alguma interessante. Razaõ por que nos vemos obrigados a indicar sómente os factos principaes, até que mais agradavelmente se possaõ desenvolver as materias. Estes primeiros passos saõ necessarios para entrar pelos campos ricos, e ferteis por causa da cultura. Sempre adiantando-nos acharemos alguns fructos para colher; por onde conheceremos que as individuações chegaráõ a ser uteis.

CAPITULO II.

Húgo Capeto priva do Throno em França a Casa de Carlos Magno. ---- Roberto. ---- Filippe I.

Hugo Capeto pertẽde apropriar-se da Coroa de França.

AO mesmo tempo que a Casa de Saxonia possuia a Alemanha, e a Italia, desmembradas do Imperio Francez, a Casa de Carlos Magno perdeo a Coroa de França, que naõ era mais do que quasi hum titulo sem realidade. Luiz V., filho do Rei Lothario, pouco tempo sobreviveo á mórte de seu Pai. Hugo Capeto, taõ illustre pelo seu merecimento, como pelo seu nascimento, e pelo seu poder, aproveitou-se da occasiaõ para se apropriar daquella mesma Coroa, que cingio a cabeça de Roberto seu avô, e de Eudes seu tio. A Coroa de França pertencia pelo direito do sangue a Carlos, Duque de Lorena, irmaõ de Lothario. A qualidade de vassallo do Imperador pareceo ser hum titulo legitimo para o excluir da mesma Coroa. Carlos foi desacreditado como cobarde, indigno do seu sangue, e traidor á sua mesma Patria.

Hu-

Hugo, renunciando ás Abbadias, que tinha herdado de seu Pai, obteve o favor, e a protecçaõ do Clero, e dos Monges. Huma grande devoçaõ verdadeira, ou apparente, para as reliquias, lhe attrahia os seus votos, e a veneraçaõ do Povo. Saõ Riquier, de quem se diz trouxe Hugo descalço o Cofre de suas Reliquias, era citado, como tendo-lhe promettido a Coroa; e semelhante noticia, espalhada a tempo, lhe preparava o seu caminho. Finalmente a industria, e a força ambas contribuiraõ para o feliz exito da sua ambiçaõ. Hugo fez-se reconhecer em huma assembléa nacional; fez-se sagrar em Rheims, e teve a providencia de se associar com Roberto, seu filho. Carlos, por meio da traiçaõ do Arcebispo Arnoul, seu Tio, entrou no Reino, senhoreou-se primeiramente de Laon, e depois de Rheims. Porém sendo o mesmo Carlos atreiçoado pelo Bispo de Laon, e cahindo nas mãos do seu competidor, morreo prisioneiro, em 992.

Como Hugo tinha adquirido o favor do Clero, e dos Monges.

Hugo he sagrado cõ prejuiso de Carlos Duque de Lorena.

O processo de Arnoul de Rheims, taõ ingrato para com o seu bemfeitor, para com hum Rei, por elle reconhecido, e a quem já tinha dado juramento, foi hum grande negocio de Estado. Ajunta-se hum Concilio a fim de o sen-

Processo de Arnoul de Rheims, traidor ao Rei.

tenciar. Os seus sequazes sustentaõ que sua causa deve ir a Roma. Arnoul de Orleans, hum dos Bispos mais respeitaveis do Reino, prova o contrario: e depois de descrever fortemente os escandalos, com que a Santa Sé se tinha deshonrado, diz: *Se o Papa for recommendavel pela sua sciencia, e pela sua virtude, nada temos que recear da sua parte, e se pelo contrario se apartar do bom caminho ou por ignorancia, ou por paixaõ, muito menos o devemos nós temer.* Finalmente decidio-se que o Coneilio podia sentenciar. O mesmo Rei veio em pessoa para proseguir com actividade a sentença. O culpado lançando-se humildemente aos seus pés, e despojando-se dos distinctivos da sua dignidade passou o seu acto de demissaõ. Hugo prometteo-lhe a conservaçaõ da vida, se naõ commettesse outro qualquer novo crime digno de ser *castigado com o alfange.* O famoso Gerberto substituio o lugar de Arnoul de Rheims.

Disputas a respeito da jurisdicçaõ do Papa.

Gerberto, homem humilde, exaltado por causa do seu engenho, tinha sido Monge em Aurilhac. Vendo-se exposto ao odio invejoso dos outros Monges que despresava, tinha-se retirado para Hespanha, onde tinha estudado a sciencia dos Arabicos. Como Mathematico, e Filosofo, era tido, e havido entre o Po-

Gerberto Arcebispo de Rheims.

Povo por Feiticeiro. Porém tendo o mesmo Gerberto praticado, e communicado com as Cortes, chegando a ser Mestre de Otton III., e depois de Roberto, filho de Hugo Capeto; o Rei naõ o podia recompensar melhor, senaõ dando-lhe a cadeira de Rheims.

Joaõ XV. pretende depor a Gerberto.

Vivia Gerberto muito exposto por causa da sua fortuna, e merecimento. Alguns Bispos invejosos escrevêraõ a Joaõ XV., que a deposiçaõ de Arnoul, era nulla por ter sido feita sem o consentimento do Papa. Esta razaõ pareceo decisiva. A pezar das respeitosas demonstrações do Rei, naõ duvidou o Papa Joaõ de censurar, e prohibir as funcções de todos os Prelados do Concilio. Gerberto em semelhante occasiaõ, entregando-se á viveza natural do seu engenho, invectivou contra o Soberano Pontifice, em huma Carta dirigida ao Arcebispo de Sens. « Naõ demos motivo aos nossos adversarios, diz Gerberto, para crer, que o Sacerdocio esteja de tal modo sujeito a hum só, que se acaso este homem deixar-se corromper, ou enganar por meio do dinheiro, e do favor, e temor, ou da ignorancia, naõ se possa mais ser Bispo sem empregar com a sua pessoa semelhantes meios. » O poder de Joaõ XV. foi maior. A Corte naõ o queria

Sua carta contra o Papa.

Gerberto, deposto.

ria irritar, porque tambem naõ approvava o matrimonio do Rei Roberto com Bertha. Hum Legado veio da sua parte dar ordens, e fazer Concilios. Arnoul foi restabelecido, e Gerberto deposto. Porém o primeiro ficou prezo até a morte de Hugo Capeto, e o segundo, achado que tivesse azylo em Otton III., seu discipulo, chegou a ser Arcebispo de Ravenna, e depois Papa com o nome de Silvestre II.

996 Gregorio V. annulla o matrimonio do Rei Roberto.

Tanto que Roberto succedeo a seu Pai, vio-se logo exposto ás emprezas da Corte de Roma, pois álem de hum caracter frouxo, tinha huma devoçaõ escrupulosa, e pouco illuminada. A Igreja tinha prohibido os matrimonios dos parentes até ao setimo gráo. Roberto era parente de Bertha, sua amada esposa, em quarto gráo. Vários Bispos tinhaõ authorisado o seu matrimonio. Gregorio V. emprehende annullallo, e em hum Concilio de Roma, sem exame da causa, e sem ouvir as partes, com a maior, e mais despotica authoridade, publíca hum Decreto fulminante, por meio do qual ordena ao Rei, e á Rainha que se separem sob pena de excommunhaõ, e por meio do qual se achaõ tambem interdictos todos os Bispos complices do seu preten-

tendido crime, até que venhaõ dar satisfaçaõ á Santa Sé.

Detido Roberto, por causa da ternura conjugal, naõ sendo muito prompto em obedecer, consentio, e soffreo a excommunhaõ. Segundo a relaçaõ do Cardeal Pedro Damiaõ, os Cortezáos evitáraõ toda a communicaçaõ com Roberto; ficáraõ-lhe sómente para o servir dous domesticos, cuja superstiçaõ chegava até purificar por meio do fogo a baixella, com que á meza se servia. Accrescenta mais o mesmo author crédulo, que a Rainha parira hum monstro com pescoço, e cabeça de ganço: castigo evidente do incesto. Roberto convertido por meio deste prodigio, ou temendo antes huma subleváçaõ, e cedendo aos terrores supersticiosos, repudiou Bertha, casou com Constança, filha do Conde de Arles, e em lugar da amavel esposa, que se via obrigado a deixar, achou-se com huma tyranna. O mesmo Roberto foi obrigado por Gregorio a restabelecer o traidor Arnoul á Sé de Rheims. Quantas cousas naõ annunciaõ taõ extraordinarias Scenas? Veremos abrazar em breve tempo os raios do Vaticano a Europa toda, abalar todos os Thronos, e romper os laços os mais fortes da sociedade.

Effeitos da excommunhaõ deste bom Principe.

Sujeita-se Roberto.

Com

Roberto rejeita a Corôa de Italia.

Com tudo se Roberto fosse dotado de ambiçaõ, e de fortaleza, teria podido chegar a ser Soberano dos Papas. Os Italianos, depois da mórte de Henrique II., Successor de Otton III., o ultimo Imperador da casa de Saxonia, desgostados do dominio Alemaõ, offerecêraõ-lhe a sua Coroa, e o Imperio. Roberto teve a prudencia de rejeitar. A casa de Franconia substituio a casa de Saxonia, na pessoa de Conrado II., cujo Reinado principia em 1024.

Partidos naquella Regiaõ.

No Reinado de Henrique II., Ardoino, Marquez de Ivrea, intitulando-se Rei de Italia, tinha sustentado a guerra contra o Monarca Alemaõ. Pavia seguia hum partido, Milaõ seguia outro. Hum odio implacavel levantou-se entre ambas aquellas Cidades. Toda a Europa seguia os seus partidos, mas em parte nenhuma eraõ estes mais tumultuosos do que na Italia. Póde-se julgar que o violento Estado de Roma, dividida entre os Imperadores, os Papas, e o amor da liberdade, imprimia em os mais Estados o movimento, ou dava maior actividade á inquietaçaõ nacional.

Roberto tyrannisado por sua mulher.

O segundo matrimonio de Roberto, foi huma origem de pezares, e infelicidades. A Rainha Constança dominava com huma altiveza insupportavel: pretendeo

deo regular a successaõ : e naõ amando o Principe Henrique, o primogenito dos seus filhos, moveo tudo para que o Rei se associasse com o segundo, chamado Roberto. Irritada Constança por causa de lhe negarem a sua pretençaõ, perseguio ambos os irmãos, unidos por huma sincera amizade. Foi Constança causa de se armarem os filhos contra seu Pai, cujas vontades sempre eraõ dictadas por ella. Felizmente reconhecendo os filhos o mal, que tinhaõ obrado, em breve tempo entráraõ novaménte a exercer o que deviaõ.

Hereges de Orleãs.

Naõ ha nada mais proprio para dar huma idea desta Princeza, e dos costumes do Seculo em geral, do que o negocio dos Hereges de Orleans. Huma mulher Italiana tinha dogmatizado occultamente, e seduzido diversas pessoas, entre as quaes se achavaõ Ecclesiasticos de reputaçaõ. A sua heresia accommettia os dogmas, e os usos da Igreja. Os Hereges foraõ prezos : e sendo examinados em hum Concilio, no qual disputáraõ com os Bispos, foraõ condenados ao supplicio do fogo. Estava Constança á porta da Igreja, a tempo que aquelles infelizes passáraõ para ser conduzidos ao cadafalso : e com huma vareta, que tinha na maõ, tirou hum dos olhos a hum dos prin-

Acçaõ cruel da Rainha.

principaes, que tinha sido seu Confessor: applaudindo-se provavelmente disso, como se esta acçaõ fora effeito de hum grande zelo, e virtude.

1031 Reinado de Henrique I. Henrique I. a quem Roberto tinha mandado sagrar em sua vida, succedeo-lhe em 1031. Constança armou o seu outro filho contra este irmaõ, do qual se tinha mostrado amigo até aquelle tempo. O Rei fugitivo no principio em Normandia, e dissipando pouco tempo depois a sediçaõ, concedeo o Ducado de Borgonha ao rebelde. O successo mais singular do seu Reinado he o segundo casamento de Henrique com a filha de Jarodisláo, Czar ou Principe da Russia.

O matrimonio difficultosissimo por causa dos impedimentos. Os impedimentos do matrimonio tinhaõ-se multiplicado tanto, e o exemplo de seu Pai era taõ horroroso; que Henrique julgou, sem duvida, dever procurar huma mulher naquelle incognito Paiz, a fim de se livrar dos perigos da excommunhaõ. Tal era a confusaõ de todas as cousas na ordem civil, que o mesmo Rei naõ sabia como se havia de casar!

Paz de Deos ordenada pelos Bispos. He impossivel descrever as desordens, que por outra parte produzia a anarchia. A *paz*, e a *tregoa de Deos*, imaginadas como hum remedio, daráõ ao menos alguma idéa do mal. Os Bispos, em

1033,

1033, publicáraõ hum Decreto, que elles supponhaõ ser de inspiraçaõ Divina, por meio do qual todo o Leigo era obrigado a naõ usar mais de armas, a naõ exigir a restituiçaõ de hum bem usurpado, a naõ vingar a morte de seus parentes, a perdoar aos homicidas, a jejuar na Sexta Feira a paõ, e agua, e a absterse de carne no Sabbado. Todo aquelle, que se naõ quizesse obrigar a este Decreto por juramento, devia ser excommungado, e privado da sepultura.

Hum sabio Prelado he o unico que se lhe oppõe.

Hum unico Bispo atrevendo-se a condemnar esta ordenaçaõ, representou que a ninguem mais do que aos Reis pertencia ordenar ou a paz, ou a guerra; que este juramento serviria sómente para multiplicar os perjuros; e que a prudencia naõ permittia impôr obrigações insupportaveis ao maior número. Este Bispo foi tido, e havido por inimigo da paz, em quanto naõ seguio o exemplo dos outros.

Esta paz destruida por si mesma.

Porém a experiencia mostrou em breve tempo a sisudeza do seu parecer. As guerras particulares, e as violencias tornáraõ a começar depois de hum breve accesso de devoçaõ, e os escrupulosos foraõ necessariamente as suas victimas. Qualquer pequeno Cavalleiro era naquelle tempo o tyranno da sua terra, e o inimigo

dos

dos seus visinhos; todo o Cavalleiro maior era hum tyrannò mais terrivel. Naõ havia já nem Leis, nem Justiça; tudo decidiaõ as armas.

A paz de Deos, mudada em tregoa, tambem inutil.

Vendo os Bispos a utilidade das suas censuras, mudáraõ a paz de Deos em tregoa, quasi no anno de 1040. Ordenou-se que des da quarta feira á noite, até á segunda feira pela manhã as violencias seriaõ prohibidas, sob pena de condemnaçaõ, e excommunhaõ: e sendo este praso ainda muito dilatado, restringio-se este regulamento ao espaço do Sabbado á noite até a segunda feira pela manhã; de fórma que em todos os mais dias da semana, podiaõ parecer authorizados o homicidio, e o roubo. Qualquer governo de salvagens naõ nos póde offerecer cousas peiores. Tal he a descripçaõ da situaçaõ dos Francezes no Reinado de Henrique I., ò qual acabou em 1060. Vejamos os outros Povos, dos quaes basta presentemente ter huma idéa geral. Por toda a parte veremos os mesmos principios de calamidades.

CA-

CAPITULO III.

Inglaterra, Hespanha, Imperio dos Arabicos, e Imperadores de Constantinopla, no tempo das duas ultimas épocas, depois de Carlos Magno.

INGLATERRA.

Depois de Alfredo, tudo vai em decadencia em Inglaterra.

A INGLATERRA, depois de Alfredo o Grande, perdeo cada vez mais os fructos das suas admiraveis instituições, que naõ se podiaõ avigorar no Reino por causa das perturbações, guerras, e barbaridade. Duarte o Antigo, filho de Alfredo, esteve continuamente armado contra os Dinamarquezes. Os tres filhos de Duarte, Athelstan, Edmundo I., e Edredo reináraõ successivamente com pouca tranquillidade. No tempo de Edredo, os Monges da Ordem de S. Bento estabelecêraõ-se como reformadores; accommettêraõ o Cléro, e os outros Monges, cujas desordens eraõ publicas; governáraõ o animo do Rei, occasionáraõ huma rebelliaõ contra Edwy, seu Successor, que naõ seguia o mesmo systema; chegáraõ a ter maior poder no Reinado de Edgar, cujas virtudes, posto que manchadas com infini-

Os Benedictinos chegaõ a ser poderosissimos em Inglaterra.

nitas maculas, foraõ por elles louvadas, e reináraõ de algum modo com o nome de Duarte o Martyr. O célebre Abbade Dunstan, Bispo de Worcester, e de Londres, Arcebispo de Cantuaria, possuindo juntamente todas as tres Cadeiras, com a reputaçaõ de santo, foi a alma de todos os movimentos a favor dos Monges: servindo-se para este fim da gloria, e do serviço de Deos. O grande imperio, que os Monges alcançáraõ por meio de Dunstan, servio para augmentar o poder que tomava a Corte de Roma.

O Abbade Dunstan, author do seu credito.

Ethelredo, Principe sem talento, e sem valor, excitou o cobiça dos Dinamarquezes, comprando a sua retirada; meio que naõ era proprio para os rechassar, pois as suas invasões principiáraõ novamente em 991. Swenon, Rei de Dinamarca, e Oláo, Rei de Noruega, accommettendo a Inglaterra, vencêraõ huma batalha, e vendêraõ por cento e vinte sinco quintaes de prata, huma paz ignominiosa, que annunciava novas hostilidades.

Invasaõ dos Dinamarquezes, no Reinado de Ethelredo.

Os Inglezes, assim como a maior parte dos outros Germanos, tinhaõ degenerado do seu valor antigo, e daquelle amor da liberdade, que chegava a desprezar a morte. Os mesmos Inglezes sujeitáraõ-se á Swenon, em 1013. Canuto o Grande, seu filho, principiou a reinar em 1017.

Os Dinamarquezes sobmettem o Rei.

Canuto o Grande.

1017. Este Principe firmando o seu poder, conquistando a Noruega, e possuindo tres Reinos, acabou o seu Reinado nos exercicios de devoçaõ, peregrino em Roma, e fundador de Igrejas em Inglaterra. Ambos os seus filhos, Haroldo, e Canuto II. naõ sustentáraõ a sua gloria. O seu Reinado foi breve. Os Inglezes, por morte do ultimo, em 1041, sacudindo o jugo Estrangeiro, chamáraõ a Duarte o Confessor, Principe da antiga Casa Real, refugiado em Normandia, o qual reinou como Principe frouxo. Tendo Duarte dado motivo para que o seu matrimonio fosse esteril, por causa de hum voto indiscreto de virgindade, deixou a Inglaterra exposta á ambiçaõ do famoso Guilherme, Duque de Normandia, como veremos na seguinte E'poca.

reina depois de Swenon.

Duarte o Confessor, succede aos Dinamarquezes.

HESPANHA.

A HESPANHA, mais agitada do que a Inglaterra, naõ nos offerece, senaõ hum quadro confuso de grandes desordens, de pequenos combates, e de pequenas revoluções. Os Christãos motiváraõ a sua perseguiçaõ no Reino de Cordova, ultrajando com os seus discursos o Mahometismo, o que as Leis prohibiaõ sob pena de mórte. Hum prudente, e sabio

Os Christãos perseguidos por culpa sua no Reino de Cordova.

bio Bispo declarou, mas em vaõ, que todos aquelles, que sem necessidade chegassem a amaldiçoar a Mofama, naõ deviaõ ser tidos, nem havidos por Martyres; em vaõ hum Concilio, que Mariana trata por Conciliabulo, prohibio este excesso de zelo, do qual viraõ-se numerosos exemplos, celebrados como heroicas acções.

Os Chriſtãos augmentavaõ o Reino das Aſturias, e fundavaõ o Reino de Navarra.

O pequeno Reino das Asturias, fundado por Pelagio, unico parente dos Reis Godos, augmentou-se por meio do valor, e da prudencia de Affonso III., intitulado o Grande. Garcia Ximenes, Francez de origem, fundava ao mesmo tempo o Reino de Navarra, que chegou a ser depois o mais consideravel de todos os Estados Christãos daquella regiaõ. Os Mouros, on Arabicos, com tudo, ainda possuiaõ Portugal, Murcia, Andaluzia, Valença, Granada, Torstosa, e o interior das Provincias, até além dos montes de Saragoça, e da Castella; isto he, mais das tres quartas partes da Hespanha, e as mais ferteis Comarcas.

Os Mouros poſſuiaõ mais das tres quartas partes da Heſpanha.

Diviſões entre os Chriſtãos, ainda no Reinado de Affonſo o Grande.

Entre os Mouros, haviaõ infinitos Cavalleiros muito poderosos, que affectavaõ a independencia; o Soberano tinha sempre de combater os subditos. Os Christãos porém naõ estavaõ entre si mais unidos: sempre em guerra com os Mou-

Mouros, tambem se destruiaõ mutuamente. O Reinado de Affonso o Grande foi cheio de conspirações, e de rebelliões. Sua propria mulher, e ambos os seus filhos foraõ rebeldes. Affonso entregando a Coroa a Garcia, o Primogenito, e combatendo generosamente debaixo das suas proprias ordens, morreo em 912, com a gloria de hum heróe. Ha huma Chronica de Affonso o Grande, na qual se faz mençaõ do Reinado de Wamba.

Os Mouros vencidos por Ramiro II. em Simencas.

Ramiro II., outro heróe da Hespanha, Rei de Leaõ, e das Asturias, alcançou em 938 a célebre victoria de Simencas, contra os Mouros, dos quaes morrêraõ, segundo se refere, oitenta mil.

Seu voto a Sant-Iago.

Tinha Ramiro promettido a Sant-Iago, em huma peregrinaçaõ, que fez a Compostella, que se ficasse vencedor, todos os seus vassallos dariaõ cada anno huma certa porçaõ de trigo áquella Igreja. Esta Igreja chegou a ser poderosa, e o nome de Sant-Iago servio para os Hespanhoes de voz de guerra. Por toda a parte se encontraõ alguns factos semelhantes, e algumas vezes a confiança, que elles inspiráraõ, produzio por toda a parte grandes, e felizes successos.

Almanzor vencedor dos Chris-

Com tudo o valeroso Almanzor, Vice-Rei de Cordova, inimigo célebre dos Christãos, venceo-os, e derrotou-os

tãos, e vencido depois.

em 995, tomou Leaõ de assalto no anno seguinte, saqueou depois Compostella, e roubou os thesouros de Sant-Iago, cujas pórtas mandou transportar para Cordova, ás cóstas dos vencidos. Sendo Almanzor obrigado a retirar-se, e a fugir, por causa de huma doença epidemica, os Christãos naõ duvídando que o Ceo fosse o seu vingador, reuníraõ-se finalmente, e vencêraõ a Almanzor em 998. Este General, que os tinha, segundo se conta, vencido em mais de oitenta combates, e que além das virtudes politicas, possuia o heroismo militar, e governava os Judeos, e os Christãos com a mesma rectidaõ, com que governava os mesmos Musulmãos, naõ podendo sobreviver á sua derrota, deixou-se morrer á fome.

Morte deste grande homem.

Poucos annos depois, dous Cavalleiros Mouros disputaõ entre si o Throno de Hissem II., ultimo Rei do sangue de Abderamo. Os Condes de Barcelona, e de Urgel, juntamente com tres Bispos armaõ-se a favor de hum contra o outro; e os tres Bispos morrem combatendo. Qual podia ser o motivo destes Christãos, unidos com huns Infieis, a pezar do odio de Religiaõ? seria, sem dúvida, o desejo de se aproveitar das suas guerras civís, póde ser que tambem o gosto da ca-

Tres Bispos mórtos combatendo pelos Mouros.

cavallaria, e a paixaõ das aventuras, que os Sarracenos inspiravaõ com o seu exemplo.

O Reino de Cordova, des do principio do undecimo seculo, foi desmembrado por causa da ambiçaõ de infinitos Cavalleiros, os quaes com o favor das perturbações, usurpáraõ o titulo de Reis. Toledo, Valença, Saragoça, Sevilha, Orihuela, e quasi todas as Cidades grandes, tiveraõ Reis independentes. As Provincias mudáraõ-se em Reinos. Os Reinos multiplicáraõ-se do mesmo modo entre os Christãos. Hum Sancho, Rei de Navarra, intitulado o grande, por causa das conquistas, que fez aos Mouros, teve a imprudencia de dividir os seus Estados entre os seus quatro filhos; e houve Reis de Leaõ, Reis de Navarra, Reis de Castella, Reis de Aragaõ; os quaes procedendo do mesmo tronco chegáraõ a ser inimigos: tal era o fructo das divisões. N'huma palavra, a Historia antiga de Hespanha, ao mesmo passo que se sobdivide em mais ramos implicados, sempre he menos interessante, e mais tenebrosa: nada mais se descobre nella senaõ huma collecçaõ confusa de crimes que a discordia produz em outro qualquer lugar mais manifestamente.

O Reino de Cordova dividido em muitos Reinos.

A mesma divisaõ de Reinos entre os Christãos.

Causa por que a Historia de Hespanha he fastidiosa.

Os Ricos homens de Aragaõ.

Huma cousa digna verdadeiramente de attençaõ, he que sendo o Povo por toda a parte escravo, e opprimido, a nobreza de Aragaõ alcançou-lhe grandes privilegios naquelle Reino, a fim de obter hum partido poderoso contra o Soberano. Os *Ricos homens*, eleitos pelo Povo, formáraõ hum Tribunal muito tremendo para a Coroa. O Presidente deste Tribunal era o Regedor das Justiças, o qual recebia o juramento do Rei, e pondo-lhe huma espada núa sobre o coraçaõ, pronunciava as seguintes palavras: *Nós que somos iguaes a ti, te elegemos para nosso Rei, e Senhor, com condiçaõ que manterás os nossos privilegios, e as nossas liberdades; senaõ, naõ.* O Regedor, no caso em que o Rei violasse os privilegios, tinha direito para o citar perante os Estados geraes, e para o mandar depôr. O mesmo Regedor era o interprete, o arbitro das Leis, e o Juiz supremo. Com o andar do tempo, em 1461, creou-se hum Tribunal, por nomeaçaõ dos Estados, para sentenciar, no caso de necessidade o Regedor das Justiças. Eraõ-lhe necessarios Eforos. No Reinado de Filippe II. principiou este Magistratura a perder a sua authoridade: hoje em dia naõ he mais do que hum titulo.

Authoridade do Regedor das Justiças a respeito do Rei.

IM-

IMPERIO DOS ARABICOS.

O GRANDE Imperio dos Arabicos tambem padecia as revoluções que produzem a discordia, e a guerra, e que cedo, ou tarde destroem os Thronos os mais firmes. A gloria, e a dignidade de Califé se escureceo quasi no meio do nono seculo, depois de Watik. Os Governadores, no tempo dos Principes ou frouxos, ou malevolos, sacodem o jugo da authoridade. Argel, Tunes, e Tripoli, formaõ Estados particulares. Em breve tempo as disputas de Religiaõ augmentaõ as desordens, e daõ armas aos ambiciosos. A seita dos Fatimitas levânta-se juntamente com o furor do fanatismo, e funda hum Imperio no Egypto. O Cairo, Capital deste Imperio, chega a ser ao mesmo tempo a residencia de hum novo Califé, e huma Cidade de commercio muito florecente.

Discordias funestas para o Imperio dos Arabicos.

Califé do Cairo.

Outros fanaticos, persuadidos de que a relaxaçaõ introduzida na religiaõ de Mafoma, requeria huma refórma, entregando-se aos delirios do enthusiasmo, e attrahindo perseguições, e excommunhões contra si, adquirem forças, porque saõ perseguidos: e sublevados, alcançaõ victorias, e tomaõ as Cóstas occidentaes da

Terceiro Califé em Africa

da Africa. Finalmente o seu Chéfe unindo, assim como ambos os outros Califes, o Sacerdocio, e a dignidade Real, governa com o nome de Miramolim, aquelle novo Imperio desmembrado de hum corpo immenso.

Os Turcos chamados pelos Califes de Bagdad, os despojaõ em breve tempo.

Os Califes de Bagdad tinhaõ recebido para trópas auxiliares os Turcos, da geraçaõ dos Hunos, Povo que sahindo da Tartaria, naõ suspirava senaõ pela guerra, e pelas Conquistas. Estes auxiliares aproveitáraõ-se da occasiaõ para sobjugar aquelles mesmos, que defendiaõ: senhoreando-se das Provincias da Asia, despojando os Califes da Real authoridade, e venerando a sua Dignidade Pontificia; porque sujeitáraõ-se com prudencia á Religiaõ do Paiz. Viraõ-se nascer muitos Estados com Monarcas chamados Soldãos, os quaes recebendo a investidura do Califе, tinhaõ grande cuidado de naõ lhe deixar tomar muita authoridade. O Rei Pontifice, quasi no meio do undecimo Seculo, era já semelhante aos Reis da Europa: quanto mais vassallos tinha, tanto menos era o seu poder.

IM-

IMPERIO DE CONSTANTINOPLA.

Tudo em Constantinopla causa piedade, e horror.

O IMPERIO de Constantinopla, na sua decadencia, offerece sempre hum espectaculo de frouxidaõ, de loucura, de superstiçaõ, de crimes, e de soblevações. Nicephoro, a quem vimos tirar o Throno a Irene, foi hum tyranno abominavel. Os Sarracenos tomáraõ-lhe a Ilha de Chypre, o os Bulgaros, flagello da Thracia, o matáraõ n'huma batalha, em 811, depois de ter destruido o seu exercito.

Nicephoro.

Estauracio.

Estauracio, seu filho, fez-se taõ odioso des do principio do seu Reinado, que foi obrigado a ser Monge por causa de huma rebelliaõ geral.

Miguel Rangabé.

Miguel Rangabé recusou de fazer a paz com os Bulgaros, porque hum Monge decidio que em consciencia naõ se podiaõ entregar os desertores. Vencendo entaõ os Bulgaros, e derrotando inteiramente os Gregos, fugio o Imperador, e os Officiaes irritados acclamáraõ Leaõ o Armenio.

Leaõ o Armenio, iconoclasta.

Pretende Leaõ o Armenio mandar assassinar o Rei dos Bulgaros, o qual vinga-se saqueando os arrabaldes de Constantinopla. O Imperador nenhuma cousa ima-

imagina melhor, a fim de salvar o Estado, do que destruir a idolatria, isto he, as imagens. O mesmo Imperador, ordenando huma nova perseguiçaõ, foi morto cruelmente em 820 em huma Igreja.

Miguel o Gago.

Miguel o Gago, seu Successor, tolera ao principio o Culto das Imagens, porém mudando depois de systema, persegue, e até quer que se guarde o Sabbado, e que se celebre a Pascoa como os Judeos. Os Sarracenos aproveitando-se da sua fraqueza, tomaõ a Ilha de Creta (hoje em dia Candia); tomaõ quasi toda a Sicilia, e entraõ pela Apulia, e pela Calabria

Theodora semelhante a Irene.

No Reinado de Theofilo, posto que mais digno de reinar, redobra a perseguiçaõ, e os Sarracenos dilataõ as suas Conquistas. Por sua mórte, a Imperatriz Theodora, Regente na menoridade de Miguel III., restabeleceo o Culto das Imagens, assim como Irene tinha feito; e pretendendo depois converter os Maniqueos por meio do terror, manda degollar milhares, e milhares dos mesmos Maniqueos. Aquelles que fugindo escapaõ do supplicio, vaõ augmentar as tropas dos Sarracenos, e deste modo tem o Imperio por inimigos os seus proprios vassallos. Manda Miguel recolher Theodora n'hum Convento, entrega-se a todos

Miguel III.

os

os crimes, e a sua impiedade passa ao excesso de fazer ludibrio das ceremonias ecclesiasticas: finalmente he assassinado Miguel em 867 por Basilio, com o qual se tinha associado, e a quem queria imprudentemente depôr.

Basilio, antigamente mendigante, acha-se Imperador. A sua virtude, e a sua justiça saõ por todos louvadas: mas Basilio he a victima do célebre Patriarca Phocio, a quem entrega toda a sua confiança depois de o ter desterrado; porém occupando Basilio a sua frota na Fabrica de huma Igreja, perde Syracusa, que foi tomada pelos Sarracenos. Basilio

Leaõ, seu filho, compondo Sermões ao mesmo tempo que os inimigos fazem assolações, e conquistas, he com tudo chamado o Filosofo, por amar o estudo, e favorecer os sabios. Leaõ o Filosofo.

Constantino Porphyrogeneto, filho de Leaõ, cujo Reinado principia em 912, e acaba em 959, merece elogios, como protector das Sciencias, que cultivava. A Filosofia, a Geomêtria, e a Rethorica foraõ ensinadas por homens da primeira qualidade; mas os negocios do Imperio hiaõ cada vez mais em decadencia. Constãtino Porphyrogeneto.

Em maior decadencia hiaõ os negocios no Imperio de Romano, filho de Romano, seu filho, o envenena.

de Constantino, o qual tendo morto seu Pai com veneno, foi o tyranno do seu Povo.

Nicephoro Phocas.

Nicephoro Phocas teve a gloria de vencer os Sarracenos, de lhes tomar Antioquia, e outras muitas Conquistas. Com tudo foi abominado por causa da avareza, e da tyrannia; sua mulher pondo-se na frente de huma conspiraçaõ, o matou a punhaladas no seu proprio leito.

Joaõ Zimiscés.

Joaõ Zimiscés, hum dos assassinos, apoderou-se do Imperio: pelo qual tendo os Russos entrado, Joaõ os venceo em Andrinopla, e na Bulgaria. O Eunuco Basilio, seu Mordomo Mór, rico por causa das concussões, temendo ser castigado, e despojado, envenenou aquelle valeroso Principe em 976, conservando o seu credito no Imperio de Basilio II., neto de Constantino Porphyrogeneto.

Basilio II.

Naõ foi Basilio mais que hum guerreiro terrivel: o qual depois de vencer os Bulgaros, mandou tirar os olhos a quasi quinze mil pessoas. Os seus vassllos opprimidos com impostos naõ podiaõ gozar das suas victorias, porque Basilio naõ combatia para elles, mas sim para si.

Crime da Princeza Zoé.

A' sua morte seguiraõ-se crimes taõ horrorosos que apenas se encontra em outra qualquer parte algum exemplo de se-

semelhantes crimes. A Princeza Zoé, filha de Constantino, irmaõ, e Collega de Basilio, tinha casado com Romano Argyro, que foi acclamado Imperador em 1028. Namorando-se Zoé de Miguel Paphlagoniense, homem de humilde nascimento, envenena o seu marido a fim de conceder o Throno ao seu amante; e naõ obrando o veneno assaz prontamente mandou Zoé affogar Argyro em hum banho. Repugnando o Patriarca de Constantinopla o matrimonio da Imperatriz com Miguel; os seus escrupulos se desvanecêraõ com o presente, que a Imperatriz lhe fez de sincoenta mil arrateis de ouro.

Zoé manda matar Romano a fim de casar com Miguel.

Em 1041, o Imperador Paphlagoniense, opprimido de enfermidades, e remorsos, morre com o habito de Monge. Concede Zoé o Imperio juntamente com a sua maõ a Miguel Calaphate, filho de hum Calafate de navios, e de huma irmã do primeiro Miguel, na esperança de ser o Ministro das suas vontades. Este novo Imperador, cioso do governo a desterra para huma Ilha. Depois de huma grande soblevaçaõ, a Imperatriz he reconduzida para a Corte juntamente com Theodora sua irmã, e tiráraõ os olhos a Calaphate. Ambas as irmãs reinando juntamente hum anno, naõ se occupaõ senaõ em cousas frivolas. Pretendendo o

Zoé casa com Calaphate, que a desterra.

Tiraõ-se os olhos a Calaphate.

Po-

vo finalmente hum Principe, casa Zoé com Constantino Monomaco, hum dos seus antigos amantes, e o manda coroar.

Zoé casa com Monomaco seu antigo amante.

Este novo Imperador despreza sua mulher por huma concubina. Enfurecendo-se os Gregos, prendem-o n'huma Procissaõ, e declaraõ que naõ querem obedecer senaõ ás duas Imperatrizes. Se as Princezas naõ tivessem applacado os amotinadores, sem dúvida o teriaõ despedaçado. Monomaco, pelo meio dos seus violentos roubos; augmentou a fraqueza do Imperio. As Provincias fronteiras, sendo obrigadas a defender-se contra os Barbaros, eraõ por esta razaõ livres de impostos. O mesmo Monomaco, encarregando-se do cuidado de as governar, quiz que pagassem tributos do mesmo modo que as outras. Estas Provincias, a pezar dos impostos foraõ muito mal defendidas.

Sediçaõ cõtra este Principe.

Temos tratado o que basta para dar a conhecer o estado de Constantinopla; onde se algumas vezes se encontra hum Principe capaz, e valeroso, vê-se sempre o mesmo espirito dominante. Isaac Comneno, hum dos melhores Imperadores, acclamado em 1077, he aborrecido pelos Monges, por applicar ás publicas necessidades o superfluo das suas riquezas. Os Mon-

O espirito de superstiçaõ domina sempre no Imperio.

Isaac Còmneno faz-se Monge.

Monges gritaõ contra a impiedade, e sacrilegio. O Imperador, enfermo por causa de huma quéda de cavallo, entregando-se á devoçaõ, despoja-se da Coroa a favor de Constantino Ducas, e recebe o habito de Monge em 1059.

Erros de Constantino Ducas.

Ducas, amante da paz, deixa as Provincias expostas aos estragos dos Turcos. Fazendo Constantino Ducas os seus tres filhos Imperadores, deixa o Governo a Eudocia, sua Mãi, requerendo que naõ casasse outra vez; ao que Eudocia se tinha obrigado por escrito. A mesma Eudocia resolveo-se em breve tempo a casar com Romano Diogenes, a quem ultimamente tinha condemnado á morte; do qual porém se enamorou por causa da belleza, e formosura do seu rosto. A sua promessa feita nas mãos dos Patriarcas, lhe causava grandes inquietações; e a fim de retiralla, finge Eudocia, que determina a sua eleiçaõ a respeito de hum parente do Patriarca. Approvando este naquelle tempo o segundo matrimonio da Imperatriz, naõ se demora em entregar o escrito. Eudacia casa logo com Romano, e por este meio lhe alcança o Imperio. Por ventura os Gregos daquelle tempo valiaõ mais do que os Barbaros? E que cousas uteis aprenderiamos nós, se

A sua viuva engana o Patriarca a fim de casar segunda vez.

nos

nos dilatassemos a respeito das uniformes individuações da sua historia?

CAPITULO IV.

Scisma dos Gregos.

OPatriarca Ignacio substituido por Phocio em o anno 858.

O SCISMA dos Gregos consummado quasi no mesmo tempo, he hum objecto de curiosidade digno da Historia, independentemente das suas correlações com a Religiaõ. A fim de seguir os seus progressos, he necessario chegar á sua origem. Tendo sido deposto em 858 Ignacio, Patriarca de Constantinopla, por travessuras da Corte, foi nomeado para substituir o seu lugar, Phocio, simples leigo, de hum nascimento illustre, engenho superior, e o homem mais sabio da Europa; mas de temeroso caracter, traveço, astuto, e hypocrita, humas vezes docil, e humilde com subtileza, e outras vezes soberbo com altiveza. Chegou Phocio em seis dias á dignidade Patriarcal. No primeiro dia recebeo o habito de Monge, porque entre os Gregos era necessario ser Monge para exaltar-se ás dignidades da Igreja; no segundo dia, foi Leitor; no terceiro, Sobdiacono; no quarto, Diaco-

cono; depois, Sacerdote, finalmente Bispo, e Patriarca.

Concilio, cujo parecer foi annullado por Nicoláo I.

Como o antigo, e o novo Patriarca tinhaõ cada hum os seus sequazes, e a discordia perturbava o Estado, Miguel III. dirigio-se ao Papa Nicoláo I., que nenhuma outra cousa desejava senaõ ser Juiz da Igreja Grega, assim como era Juiz das Igrejas do Occidente. A deposiçaõ de Ignacio, e a eleiçaõ de Phocio, foraõ confirmadas em 861 por hum Concilio de mais de trezentos Bispos, presidido por dous Legados sobornados. Porém Nicoláo, n'hum Concilio de Roma, depois de ter annullado a sentença de Constantinopla, excommungou Phocio, *por authoridade de Deos, dos Apostolos, de todos os Santos, dos seis Concilios Geraes, e da sentença que o Espirito Santo pronuncia pela boca do Pontifice.*

Excommunhaõ de Phocio.

Vingança do Patriarca.

Enojado Phocio por causa de hum procedimento taõ injusto, convocando da sua parte hum Concilio, excommungou, depôz o Papa, e intitulou-se Patriarca Ecumenico, ou universal; titulo que em Roma se naõ podia soportar. Pretendendo o mesmo Phocio, conforme o sistema que muito tempo havia que fora formado, ter sido a primasia transferida para Constantinopla juntamente com o Throno Imperial, concebeo o projecto de fazer a

Phocio intitula-se Ecumenico.

Como Phocio argue a Igreja Romana.

a Igreja Grega independente da Romana; a fim desacreditar esta por meio de accusações capazes de persuadir o Povo, arguio-lhe a licença que dava do uso do queijo, e do leite no tempo da Quaresma; por seguir o Maniqueismo, impondo o celibato aos Sacerdotes; porém especialmente, por accrescentar ao Symbolo a palavra *Filioque*: impiedade monstruosa, dizia Phocio, e destructiva do Christianismo. Do mesmo modo era condemnado por Phocio o jejum do Sabbado, e o uso dos Clerigos fazerem a barba. Hum grande engenho, se naõ tivesse querido conformar-se com as baixas idéas do vulgar, teria, sem dúvida, imaginado aggravos menos frivolos.

Phocio expulsado por Basilio, e restabelecimento de Ignacio.

Basilio, o homicida, e Successor de Miguel III., suspendeo a contenda mandando restabelecer Ignacio. Phocio, que o arguira fortemente por causa do seu parricidio, foi expulsado. N'hum Concilio de Constantinopla, (oitavo Concilio Geral), em que se acháraõ tres Legados de Adriano II., fulmináraõ excommunhões contra Phocio. A paz sim pareceo estar restabelecida entre as duas Igrejas competidoras, porém naõ podia durar, nem permanecer, porque a competencia se naõ podia extinguir. O interesse deo occasiaõ para huma segunda rotura.

Abra-

Abraçado que tivesse o Christianismo o Rei dos Bulgaros, cuja mulher era Christã, o seu exemplo foi, segundo o uso, seguido de huma grande parte do Povo. Por ventura a Bulgaria devia sujeitar-se á jurisdicçaõ do Papa, ou á jurisdicçaõ do Patriarca de Constantinópla? Esta foi a materia de huma famosa disputa. O Concilio de Constantinopla decidio a favor do Patriarca. Porém reclamando contra a decisaõ os Legados de Adriano, Joaõ VIII., seu Successor, ameaçou Ignacio que o excommungaria, e que o deporia se naõ chamasse logo os Padres, e os Bispos empregados na Bulgaria. Sendo todavia aquelle Reino hum desmembramento do Imperio Grego, Roma ainda pretendia sujeitar tudo ao seu Imperio.

Disputa entre as duas Igrejas a respeito da Bulgaria.

Ignacio ameaçado de excommunhaõ por Joaõ VIII.

Depois da mórte de Ignacio, e depois de Phocio ter recuperado o seu credito na Corte, tendo o Papa necessidade de Basilio (porque os Sarracenos o tinhaõ sujeito a hum tributo de vinte e sinco mil marcos de prata), tudo mudou em breve tempo de figura. Joaõ VIII. resoluto a reconhecer Phocio, manda Legados para este effeito. Hum Concilio de quasi quatrocentos Bispos, junto em Constantinopla no anno de 879, restabelece solemnemente o Patriarca, e annulla os pa-

Phocio restabelecido pelo Papa depois da morte de Ignacio.

receres dos outros Concilios, em os quaes o mesmo Phocio foi condemnado. Tambem o Papa escreveo huma carta, na qual tratava de transgressores todos aquelles que ao Symbolo tinhaõ accrescentado a palavra *Filioque*.

Phocio porém he depois excommungado pelo Papa, por causa da Bulgaria.

O Papa naõ duvidava que Phocio renunciasse a sua pretençaõ a respeito da Bulgaria. Vendo o mesmo Papa que succedia o contrario, recorreo ás armas, das quaes continuamente usava; fulminou excommunhões. Os seus Successores naõ quizeraõ reconhecer o Patriarca: o qual sendo desterrado por Leaõ o Filosofo, deixou, morrendo, a origem de hum scisma eterno, no qual naõ se póde chorar sufficientemente a influencia do espirito de partido nas materias de Religiaõ.

Fim de Phocio.

Miguel Cerulario renova as disputas, no undecimo seculo.

O rompimento fatal só succedeo no meio de undecimo seculo. O Patriarca Miguel Cerulario, menos habil, e taõ ambicioso como Phocio, emprehendendo sacudir o jugo dos Papas, invectivou contra a Igreja Latina, applicando-se a ninharias, e fazendo crimes de tudo. Comer carnes soffocadas, e animaes immundos, carne na quarta feira, ovos, e queijo á sexta feira, jejuar no Sabbado, servir-se de paõ azymo, ou naõ levedado para a Missa, e naõ cantar *alleluia* no tempo da Quaresma, eraõ, segundo o mes-

mesmo Miguel Cerulario, abominações. N'huma resposta feita a Roma, se diz que os Latinos impunhaõ aspera penitencia a todo aquelle, que comesse sangue, e carnes soffocadas, excepto no perigo de morrer á fome. Cerulario sendo animado antes pela paixaõ, do que pela preoccupaçaõ, naõ procurava senaõ pretextos, a fim de coroar a sua empreza.

Os Gregos arguidos por Leaõ IX.

O odio do Patriarca irritou-se por causa de huma carta muito forte de Leaõ IX., que arguia aos Gregos mais de noventa heresias, condemnadas pela Igreja Romana; e provava o poder temporal dos Papas com a quimerica doaçaõ de Constantino. As suas razões eraõ quasi iguaes ás de Cerulario; o qual naõ quiz vêr huns Legados enviados a Constantinopla. Naquelle tempo depozeraõ os mesmos Legados no Altar de Santa Sofia, em 1054, hum acto de excommunhaõ, declarando *que Miguel, e os seus seguidores sejaõ excommungados juntamente com os Simoniacos, e os Hereges, e com o diabo, e seus anjos se acaso naõ se converterem.* Os Gregos saõ accusados neste acto de fazer os seus hospedes Eunucos, e depois Bispos, de dizer que a Lei de Moysés he maldita, de observar as purificações judaicas, de cortar do Symbolo a processaõ do Espirito Santo, por permittir o

1054 Excõmunhaõ singular cõtra elles.

matrimonio aos Sacerdotes, por exigir que se traga a barba, e os cabellos compridos, n'huma palavra, por renovar todas as heresias antigas.

Insulta Cerulario da sua parte os Latinos.

Cerulario da sua parte respondeo aos Legados por meio de hum Decreto injurioso: *Huns homens impios, que sahiraõ das trévas do Occidente, vieraõ para esta pia Cidade, donde a fé orthodoxa se espalhou por todo o mundo; emprehendêraõ corromper a fé orthodoxa por meio da diversidade dos seus Dogmas.* Este unico principio mostra quanto se inflammaõ os animos na disputa, quando se apartaõ dos limites da moderaçaõ. Os Gregos desprezavaõ soberanamente os Romanos, pois os tinhaõ por barbaros ignorantes; e indignando-se do Imperio, que os Papas pretendiaõ ter sobre todo o Universo, davaõ excommunhões por excommunhões. Os Imperadores de Constantinopla necessitando dos soccorros do Occidente, algumas vezes se empenháraõ em reunir ambas as Igrejas; porém os politicos interesses naõ soffocaõ os odios de religiaõ. O Scisma, posto que tenha havido algum intervallo de paz apparente, perpetuou-se. Ainda teremos occasiaõ de tratar deste mesmo scisma.

Perpetua-se o Scisma para sempre.

CA-

CAPITULO V.

Observações geraes a respeito das duas ultimas Epocas.

Utilidade das observações seguintes.

PARA conhecer o preço, e a necessidade das luzes que a razaõ deve adquirir por meio do estudo, importa muito reflectir a respeito dos erros dos nossos antepassados. Para vêr as utilidades de hum bom governo, no qual a authoridade se reveste da força conveniente, e no qual a sujeiçaõ he fundada no bem público, importa muito considerar as desordens de hum governo absurdo, e odioso. Estes os dous objectos, que me proponho em as seguintes Observações.

A ignorancia, e a anarquia produzem infinitas infelicidades.

Quantas desordens naõ ha arraigadas por toda a parte depois de Carlos Magno! com quantas infelicidades naõ he opprimido o Genero Humano! A ignorancia, e a anarquia concorrem para a grande infelicidade das Nações. Huma anniquila os principios, e outra os direitos. A primeira naõ só embrutece os homens, mas até os constitue escravos de infinitos erros, e de nocivas preoccupações, dos quaes ao menos saõ isentos os brutos:

e

e a segunda faz da sociedade huma monstruosa uniaõ de salteadores irritados para se destruirem huns aos outros, de tyrannos ferozes, e de escravos estupidos, ou furiosos. Es-aqui o caracter dos ultimos seculos, e o que requer algumas novas observações.

I.

Os Monges, e os Clerigos a favor da ignorancia assenhoreaõ-se da authoridade.

Era a ignorancia taõ profunda no Occidente, excepto entre os Mouros da Hespanha, que muito poucas pessoas havia que soubessem ler, e muito menos escrever. Os Clérigos, e os Monges, sendo os unicos, que possuiaõ este importante segredo, fizeraõ-se necessariamente os arbitros, e juizes de todas as causas. Os mesmos Monges, e Clerigos incluiraõ na sua jurisdicçaõ os Matrimonios, os contratos, e os testamentos, os quaes tinhaõ o cuidado de considerar debaixo de alguma correlaçaõ mystica. Por este modo achàraõ novas origens de authoridade, e riquezas a fim de compensar-se dos bens, que os Cavalleiros lhes tinhaõ tirado. Tudo tomou huma cor de Religiaõ; o civil achou-se confundido com o espiritual; desta confusaõ contraria á natureza das cousas nascêraõ infinitos abusos.

Os Monges, e os Clerigos dilataõ

Naõ citemos nenhuma outra próva senaõ o mesmo matrimonio, o mais essencial, sem duvida, de todos os laços da so-

sociedade, e aquelle, por consequencia, a respeito do qual devem as Leis civís ter a maior inspecçaõ. Os Imperadores Christãos tinhaõ seguido a este respeito, o exemplo dos Legisladores antigos, sem que fosse reclamado por pessoa alguma. Porém o Cléro, depois de chegar a ser quasi Soberano, naõ vio no Matrimonio senaõ hum Sacramento. O mesmo Cléro pôz novos impedimentos de parentesco, de affinidade, e até de affinidade espiritual, os quaes dilatou tanto, que se naõ sabia quasi onde se podesse encontrar huma esposa legitima, porque naõ as havia até ao setimo gráo. Os Papas arrogáraõ a si hum direito especial a respeito deste grande objecto, do qual todos os mais dependem. Como usáraõ os Papas deste direito? Roberto, o Pio, Rei de França, foi obrigado a desquitar-se de sua mulher, por ser parenta sua em quarto gráo; posto que a sua casta, e terna uniaõ fosse authorisada por Prelados Francezes. Henrique, filho de Roberto, a fim de evitar taes violencias, nada melhor imaginou, do que mandar vir huma esposa de Moscovia.

mais a authoridade a respeito do Matrimonio.

Pois que a Religiaõ era a unica, que podia exercitar algum imperio a respeito de huns barbaros desenfreados, o poder dos seus Ministros teria sido muito sa-

Porém os mesmos Ecclesiasticos Barbaros, e ig-

norantes deviaõ abusar do seu poder.

salutifero, se o tivesse sabido geralmente empregar com prudencia, e com sabedoria. Porém se os mesmos Ministros eraõ barbaros, e ignorantes, como poderiaõ ser bons guias, e bons Pastores? As preoccupações accumuláraõ-se, a Religiaõ desfigurou-se; e por consequencia os religiosos motivos, que tudo regulavaõ, apartando-se daquelle fim, para o qual era necessario encaminhar-se, chegáraõ muitas vezes a ser principios de erro, e de loucura.

Ás praticas, e as formulas substituidas ás obrigações.

Em lugar das obrigações essenciaes do Christianismo, taõ proprias para estabelecer o socego, e para inspirar a justiça, constituio-se a virtude em certas práticas arbitrarias, as quaes facilmente se unem com o crime. A moral achou-se quasi soffocada debaixo de hum montaõ de devoções. Com reliquias, peregrinações, offertas, e Legados pios, parecia estar aberta a porta do Ceo para os homens mais malvados. Antigamente a severidade da penitencia continha huns, e emendava os outros; a qual penitencia se julgou supprir por meio destes equivocos sinaes de piedade, os quaes algumas vezes tomaõ por titulo os corações corrompidos, a fim de ser impunemente viciosos. Persuadidos com effeito que Deos nada mais exigia, compráraõ de al-

algum modo o direito de seguir sem remorsos a inclinaçaõ das paixões.

Abuſo enorme da excommunhaõ.

Se os Prelados ignoravaõ o Espirito do Christianismo, muito muis ignoravaõ os limites da sua authoridade. Em vez de consagrar para o bem das almas as censuras Ecclesiasticas, as consagráraõ para a defeza dos seus privilegios, e para sustentar as suas pretenções. O Sacerdocio destinado principalmente para abençoar, exercitou-se muito mais em amaldiçoar. Excommungou-se naõ para salvar, mais para condemnar; excommungou-se á satisfaçaõ da politica, e da vingança; excommungáraõ-se os Grandes, os mesmos Reis, que se pretendia, ou despojar, ou reduzir á escravidaõ, e esta arma invisivel chegou a ser hum instrumento de guerras, e de sanguinolentas revoluções, como adiante veremos.

O eſpirito da Religiaõ oppoſto a eſtes exceſſos.

Finalmente naõ ha genero algum de excessos, nem de illusões, que a ignorancia naõ consagrasse. A Historia daquelles seculos he o opprobrio do humano entendimento. A mesma religiaõ deshonrar-se-hia, se lhe podessem imputar o que ella condemna nos seus proprios Ministros. Produzia ella sempre alguns exemplos grandes de virtude, absorvidos infe-

felizmente por causa da impetuosidade dos vicios, porém proprios ao menos para confundir os viciosos.

Os costumes do Cléro corrompidos em aquelle tẽpo.

Hum Cléro ignorante, cobiçoso, que erigia para si hum tribunal universal, tinha por infamia o dar juramento de fidelidade ao Soberano; pretendia dispor da Coroa, da qual verdadeiramente dispoz muitas vezes em França, Hespanha, e n'outras partes; e pretendendo julgar de tudo, naõ reconhecia Juiz algum; hum Cléro, que via aquellas absurdas pretenções consagradas por meio de falsas decretaes, dos escritos de Prelados virtuosos, e sabios, de hum Agobardo de Leaõ, e tambem do célebre Hincmar de Rheims: hum Cléro, o qual ordenava a paz, ou a guerra, o qual com tudo, exposto sempre ás violencias dos Cavalleiros, servia-se taõ frequentemente da espada como das censuras; por meio de que milagre teria elle tido os costumes do seu estado? Apenas se conhecia o que era decente. O escandalo reinava até na Santa Sé. Viaõ-se, com desprezo dos severos Canones da Igreja Romana, Bispos casados publicamente. Os Clerigos, e os antigos Monges, tinhaõ, pela màior parte ou suas mulheres, ou suas concubinas, sem vergonha,

e

e sem escrupulo. (*) Os bens da Igreja serviaõ de patrimonio para os bastardos dos Beneficiados. A maior parte das vezes aquelles mesmos bens vendiaõ-se em leilaõ, e a simonia, especialmente em Roma, era hum negocio público, em o qual a violencia confundia-se com as destrezas do interesse. Os proprios monumentos Ecclesiasticos naõ deixaõ dúvida alguma a respeito de factos taõ deploraveis. Acaso he necessario admirar-se da perda dos costumes, quando os vicios saõ authorisados pela ignorancia?

A reforma de Cluni pareceo hum remedio para o mal.

Como he impossivel que as grandes desordens naõ animem novamente os sentimentos de zelo, e de virtude; como, por outra parte, as publicas calamidades de que a Europa estava opprimida, inspiravaõ hum fervor religioso, a reforma mo-

(*) Na Concilio de Nicéa, em 325, Paphnucio, Bispo da Thebaida superior, oppoz-se fortemente á Lei do Celibato, que se pretendia impor aos Padres. Naõ foi senaõ quasi em o setimo seculo, que se unio ao Celibato huma idéa de perfeiçaõ, e de virtude. Gregorio VIII., perseguidor zeloso dos Ecclesiasticos casados, excitou grandes perturbações. Pouco faltou que o Bispo de Moguncia naõ fosse maltratado pelo seu Cléro, o qual tinha mandado ajuntar em Erforte para introduzir esta innovaçaõ. Naõ he necessario pois collocar na ordem dos escandalos públicos o procedimento dos Clérigos, que naõ queriaõ sujeitar-se a huma Lei nova, e manifestamente contraria ao voto da natureza.

monastica de Cluni nasceo no principio do decimo seculo, e e os seus progressos foraõ prodigiosamente rapidos. Hum novo espectaculo de santidade persuadio, e compungio os Póvos. Huns Monges pios, e austeros parecêraõ Anjos vindos do Ceo para salvar o Genero Humano. Quanto mais desprezadas eraõ por estes mesmos Monges as riquezas, tanto mais concorriaõ todos para os enriquecer. Contribuindo todos os generos de infelicidades a persuadir que era chegado o fim do Mundo, pouco se cuidava das necessidades de huma familia. Todos imaginavaõ segurar para seus filhos, e para si mesmo a felicidade da outra vida, dando os seus bens aos servos zelosos de Deos, aos quaes o fim do mundo naõ lhes servia de impedimento para os receber. Todos mais ambiciosamente desejáraõ aggrerar-se ao seu corpo. Desprezáraõ-se Bispos, Clerigos, e Monges, cujo procedimento era realmente digno de desprezo; e os reformadores adquiriraõ tanto crédito, e tauta authoridade, quanta era a veneraçaõ, e a confiança que todos nelles tinhaõ. Daqui procedêraõ as competencias, e as disputas entre o Cléro Secular, e o Cléro regular, entre os antigos, e os novos Monges. Estes finalmente domináraõ, o que ainda foi huma origem

Distribuẽ-se prodigamente as riquezas pelos novos Monges.

Desprezo do Clero, e dos antigos Monges, origẽ de discordias.

gem de desordens; porque este dominio contrario á ordem por sua natureza, era para elles mesmos o precipicio das virtudes, as quaes alcançando-lhes tanto poder, os faziaõ taõ respeitaveis.

A Religiaõ carregada demasiadamẽte com novas práticas monacaes.

Neste tempo he que a Religiaõ, tendo já descahido muito da sua antiga simplicidade, vio-se em extremo carregada com muitas praticas do Claustro. Entaõ he que as Orações vocaes se dilatáraõ infinitamente, que as genuflexões, e outras ceremonias adquiriraõ hum merecimento superior, que as particulares devoções foraõ muito mais respeitadas, do que as obrigações; que se inventáraõ meios estranhos para alliviar os mórtos, e para expiar os crimes dos vivos: e que pretendêraõ, por exemplo, satisfazer a Justiça Divina, naõ só por si mesmo, porém por outrem, dando-se hum certo número de açoutes, os quaes deviaõ resgatar de hum certo número de annos de purgatorio. Neste tempo he, que se enchêraõ as vidas dos Santos de infinitas fabulas, a fim de acreditar tudo quanto ao Povo se inspirava. Estas fabulas foraõ introduzidas entre os Gregos por Metaphrastes: os Latinos como mais ignorantes, deviaõ de ser muito mais credulos. N'huma palavra, os escritos daquelle tempo estaõ cheios de extravagancias, porque a

Fabulas dos authores das lendas.

pe-

penna era dirigida pela superstiçaõ, ou cega, ou interessada, e porque tanto gostavaõ huns de enganr, quanto os ou-tros gostavaõ de crer. Os monges sa-bios ou Ecclesiasticos de hoje em dia reconhecem todos aquelles abusos, assim como nós reconhecemos todas as loucu-ras dos nossos antepassados. (*Veja-se Fleu-ry.*)

Diſputas Theologicas do nono ſeculo.

Quasi no fim do nono seculo, de-pois de se perderem já as regras do sen-so commum, ainda se mettiaõ a discor-rer. Consequentemente levantáraõ-se em França algumas controversias Theologi-cas. O Monge Godescalco, julgou illus-trar o mysterio da predestinaçaõ com a doutrina de Santo Agostinho. Porém en-controu no famoso Hincmar de Rheims hum terrivel adversario, o qual naõ o podendo reduzir por meio dos argumen-tos, o mandou fustigar no presença do Rei Carlos o Calvo. O Monge Ratberto expressou o dogma da presença Real em termos taõ duros, e taõ novos, que ou-tros dous Monges, Raban, e Ratram (*), parecêraõ combater o dogma, posto que naõ

Godeſcalco fuſtigado.

Ratberto, e outros Monges oppoſtos a reſpeito da Euchariſtia.

(*) Eſta diſputa ſerve para dar a conhecer qual foi antigamente a eſte reſpeito a doutrina da Igreja: porém eſta Hiſtoria naõ he livro de controverſia. Felizes os Chriſtãos; ſe nunca ſe tiveſſe eſcrito hum ſó livro de controverſias.

naõ accommettessem senaõ as expressões de Ratberto. Naquelle tempo a curiosidade inclinou-se á digestaõ da Eucharistia, do parto da Virgem, e das materias, que os mesmos sabios Theologos naõ poderiaõ tratar, sem o perigo de profanar os mysterios. Felizmente todas aquellas disputas se desvanecêraõ no cáhos do decimo seculo. Que teria chegado a ser a doutrina da Igreja, se a ignorancia a mais profunda naõ tivesse impedido o dogmatizar ainda?

Dialectica perniciosa do undecimo seculo.

Os estudos se renovaõ no undecimo seculo: porém que estudos! Huma falsa dialectica subtiliza a respeito de palavras, e naõ dá idéa alguma das cousas. Querendo analizar tudo, tudo confunde, fórma huma prática scientifica, e capaz sómente de anniquilar toda a sciencia, e abre hum campo de batalha para os animos ardentes, os quaes, segundo o exemplo dos Gregos, vaõ atear juntamente com os seus sofismas o fogo das controversias, e das heresias. Como os novos doutores naõ se daõ senaõ por Theologos, o objecto principal do seu trabalho saõ as materias Theologicas; e como naõ conhecem nem a Historia, nem a Antiguidade, nem a Critica, o seu trabalho naõ póde produzir nenhuns fructos. Esta a razaõ por que Berenger, Conego de Tours

Berenger, e Lanfranc

oppoſtos a respeito da Transubſtanciaçaõ.

Tours, querendo explicar a presença Real, dará origem á disputa a respeito da *Transubstanciaçaõ*; e o Monge Lanfranc, seu competidor, mandando-o condemnar por muitos Concilios, movendo contra Berenger assim os Bispos como os Papas, exporá a Transubstanciaçaõ, a respeito da qual se naõ disputava senaõ n'huma unica escóla, a ser accommettida por legiões de Seitarios.

Poder infinito attribuido ao Papa pelos Monges.

O número dos absurdos devia augmentar-se por causa dos pessimos estudos, do que veremos infinitos exemplos: porém o maior de todos he o grande poder, que a opiniaõ concedeo aos Papas. Esta foi principalmente a obra daquelles pios Monges, que chegáraõ a ser os oraculos da Europa. A Corte de Roma lhes dava prodigamente privilegios nunca ouvidos, isentava-os de outr[a] qualquer jurisdicçaõ, que sua naõ fosse, os prendia por meio de todos os laço[s] imaginaveis. Além de que acostumados de[sde] da mocidade a receber as ordens absolu[tas] de hum superior, como ordens [da] Divindade, suppozeraõ facilmente que [a] cabeça da Igreja, o Vigario de Jesu Chri[s]to, tinha huma authoridade illimitav[el]. A preoccupaçaõ, e o interesse fizeraõ [os] seus principios; a ignorancia, e o ent[hu]siasmo os consagráraõ. O primeiro pas[so]

sem

sempre guiou para outro mais atrevido. Qualquer successo parece em breve tempo hum titulo certo. Em lugar de demonstraçaõ houve sofismas, e falsidades. Finalmente as emprezas de Gregorio IV. contra Luiz o Benigno, de Nicoláo I. contra Lothario, Rei de Lorena, de Adriano II. contra Carlos o Calvo, de Joaõ VIII. contra diversas Potencias, e de Gregorio V. contra o Rei Roberto; nada saõ em comparaçaõ das emprezas, que formará Gregorio VII., o qual terá zelosos imitadores.

Influencia das idéas religiosas.

Deste modo a Religiaõ servirá mais do que nunca de pretexto para os excessos os mais estranhos. Entrará ella em todos os grandes negocios, e será o primeiro movel dos successos. Logo ha huma necessidade de conhecer os erros, e os abusos, que a corrompiaõ, os quaes devem-se considerar como essenciaes para a historia politica: porque as idéas religiosas absorviaõ naquelle tempo toda a intelligencia dos homens, que certamente nunca já mais tiveraõ taõ pouco conhecimento nem da politica, nem da mesma Religiaõ.

II.

Como os feudos se multiplicá-

Outro caracter distinctivo destas duas E'pocas, he a anarquia originada do governo feudal. Os *beneficios*, ou *feudos*,

raõ á custa da dignidade Real.

que os Reis davaõ aos Grandes para recompensar os seus serviços, e para os pôr em estado de servir, sendo moveis na origem, deviaõ sustentar a Real authoridade, em lugar de destruir os seus fundamentos, se todos os Reis tivessem sido outros taes como Carlos Magno. Porém a ambiçaõ, e a avareza dos Cavalleiros souberaõ aproveitar-se da fraqueza dos Principes, e extorquindo novos feudos, arruináraõ o dominio. Naõ satisfeitos de ser usufructuarios, pertendêraõ chegar a ser proprietarios, e a herança determinou nas suas familias os despojos da Coroa. Infelicidade inevitavel, des que os Reis naõ sabiaõ mais reinar; des que as dissensões civís, e os perigos sempre de novo reproduzidos os obrigavaõ a comprar o soccorro, e naõ sei se diga, a protecçaõ dos seus vassallos, e des que os Cavalleiros tiveraõ a força de usurpar aquillo mesmo, que era perigoso negar aos seus desejos. O exemplo de alguns foi o titulo, e o direito dos outros: rebentado que tivesse huma vez o dique, a torrente trasbordou por todas as partes.

A herança os determina nas familias.

Os Cavalleiros, e o Clero senhoreaõ-se das Cidades, e das terras.

Os *Duques*, ou Governadores das Provincias, os *Marquezes* prepostos para a guarda, e conservaçaõ das fronteiras, os mesmos *Condes* encarregados da administ-

nistraçaõ da justiça, antecedentemente officiaes do Rei, em breve tempo se assenhoreáraõ dos seus Ducados, dos seus Marquezados, e dos seus Condados. Os Bispos, e os Monges se apoderáraõ, como elles, assim das Cidades como das terras, onde se achavaõ os mais fortes. Estes fizeraõ-se muito mais poderosos em Alemanha, do que em outra qualquer parte, porque a pessima politica dos Ottons, pretendeo fazer com elles hum partido contra os Grandes. Certifica-se que aquelles Principes concedêraõ á Igreja as duas terças partes dos bens do Reino. Por ventura naõ deviaõ elles antever que o Cléro teria as mesmas paixões, que os leigos, e que lhes ajuntaria a arte de as encobrir com tudo o que a Religiaõ tem de tremendo, e capaz de impôr?

O Cléro em Alemanha mais poderoso do que em outra qualquer parte.

No nono, e decimo seculo lançou o governo feudal as mais profundas raizes. Quasi todos os Estados modernos da Europa adoptáraõ a sua constituiçaõ, ligada talvez com os antigos usos Germanicos. O Rei, como *Suzerano*, recebia a homenagem, e o juramento de fidelidade dos seus vassallos, a respeito dos feudos da Coroa, que occupavaõ, os quaes naõ havendo herdeiros, deviaõ voltar para o seu dominio. O mesmo Rei ti-

Governo feudal, estabelecido por toda a parte.

nhá o direito de os convocar para a guerra; de os sentenciar na sua Corte com os seus *pares* juntos; e de confiscar os seus feudos no caso ou de falta de fidelidade, ou de rebelliaõ. Porém em quanto ao mais, os poderosos vassallos gozavaõ nas suas terras dos direitos Reaes, pois batiaõ moeda, exercitavaõ soberanamente a justiça, davaõ Leis, tinhaõ a sua Corte, e os seus vassallos, n'huma palavra, eraõ pela maior parte bastantemente poderosos para fazer tremer o Monarca, se se póde dar tal nome a huns Principes sem authoridade Real.

Feudos, e retro-feudos, multiplicados ao infinito.

Deixando a anarquia huma carreira livre para as violencias, e sendo a protecçaõ immediata dos primeiros Cavalleiros mais util do que a protecçaõ do Rei, o número dos seus vassallos augmentou-se cada vez mais. Todos queriaõ participar das utilidades do corpo feudal. Os possuidores das terras livres, chamados *livres possuidores*, porque naõ reconheciaõ nenhum outro Senhor, davaõ-as a algum Grande, a fim de as receber delle como feudo; e constituindo-se feudatarios, tinhaõ hum defensor. Daqui procedeo multiplicarem-se os feudos infinitamente; intitularem-se os moinhos, e fornos feudos; procederem de huns retro-feudos outros retro-feudos; e formar-se huma cadeia de di-

direitos respectivos, taõ complicados, e taõ escuros, que em vaõ se empenhariaõ a explicallos.

Desordens horrorosas, procedidas da anarquia feudal.

Do governo feudal, onde a força decidia tudo, nasciaõ as desordens mais horrorosas. Os grandes, e pequenos Cavalleiros, sempre armados, naõ cuidavaõ senaõ em invadir, ou em defender-se. Naõ podendo nenhuma authoridade castigar o crime, os homicidios, e os roubos perpetuavaõ-se sem interrupçaõ. As guerras particulares eraõ huma especie de direito publico. A maior parte dos Cavalleiros, tyrannos nas suas terras, e salteadores fóra dellas, em nada estimavaõ os principios da equidade, e os sentimentos da natureza. Os homens faziaõ-se animaes ferozes, e naõ he para admirar, que os Bispos recorressem a huns expedientes extravagantes, inventassem *a paz de Deos*, e a *tregoa de Deos*, para pôr freio ao furor geral. Máos Medicos pretendiaõ curar males irremediaveis; e os remedios eraõ huma nova origem de males.

O serviço militar devido ao Soberano, reduzia-se a pouca cousa.

O serviço militar, obrigaçaõ principal dos vassallos, taõ pouco tinha regras determinadas, nem para a duraçaõ da campanha, nem para a distancia dos lugares, nem para a natureza das guerras; era limitado por hum espaço de tempo,

ses-

sessenta, quarenta dias, mais ou menos, conforme as convenções arbitrarias, que naõ podiaõ ser sólidas. Em certos casos, os vassallos, em lugar de ser obrigados a servir o Suzerano, tinhaõ o direito de combatello. O Soberano achava-se algumas vezes sendo o vassallo dos seus vassallos. Finalmente tudo dependia das circunstancias, porque o mais forte, ou dava as Leis, ou recusava sujeitar-se a ellas. Os Scythas, errantes juntamente com os seus trabalhos, eraõ certamente muito mais bem governados.

Miseria, e escravidaõ do Povo.

Inutil seria descrever o deploravel estado do Povo: o qual facilmente se póde imaginar. A escravidaõ, a que o Povo se achava por toda a parte reduzido, affige muito menos a humanidade, do que as violencias das quaes era victima o mesmo Povo. Embrutecido por causa da oppressaõ, e das publicas calamidades, capaz porém de tornar outra vez à si, sua debil, e frouxa razaõ devia acumular as suas desgraças. A unica observaçaõ que neste lugar se póde fazer, he que huma grande parte do Povo se tinha constituido voluntariamente escravo, ou do Clero, e dos Monges, ou dos seculares; humas vezes por causa de huma estupida devoçaõ, outras vezes para adquirir o paõ com o trabalho, e outras ve-

vezes para se livrarem de huma tyrannia mais cruel. A escravidaõ (quem o julgariá?) foi hum recurso naquelles horrorosos tempos.

III.

O gosto da cavallaria augmentava a paixaõ das armas.

O gosto da cavallaria, já muito commum, util a certos respeitos, chegou a ser funesto, augmentando a paixaõ das armas, e das aventuras. Entre os antigos Germanos, armavaõ-se, pela primeira vez, os mancebos com certas ceremonias proprias para inspirar o ardor marcial. Porém a cavallaria, considerada como huma ordem militar, ainda era moderna no undecimo seculo. Lem-se com gosto, em as memorias de Monsieur de Sainte Palaye (*Academie des Inscrip. T.* 20.) as individuações, que dizem respeito a este estabelecimento. Onde se vê a Religiaõ, ou a devoçaõ de tal sórte unida com a cavallaria, que alguns enthusiasmados a transformavaõ n'huma especie de sacramento, e a comparavaõ com o Sacerdocio, e com o mesmo Episcopato: idéa totalmente digna das loucuras antigas. Depois dos jejuns prescritos, de passar a *vigilia das armas* em orações n'huma Igreja, da recepçaõ dos sacramentos, e de diversas ceremonias religiosas; nas quaes se empregava o ministerio dos Sacerdotes, e dos padrinhos; recebendo o novi-

Religiaõ confundida com a cavallaria.

vi-

viço a espada, e a accollada dedicava-se solemnemente á defeza da Fé, das viuvas, dos orfãos, e dos opprimidos.

Galantaria romanesca procedida dos Mouros.

Os Mouros da Hespanha tinhaõ espalhado huma galantaria romanesca, que chegou a ser hum dos caracteres principaes da cavallaria. Combater em honra das damas, especialmente para gloria daquella, da qual se declaravaõ Cavalleiros, foi huma inviolavel, e sagrada obrigaçaõ. Sentimentos generosos começavaõ a formar-se; podiaõ elles por ventura apurar-se entre huns vicios dominantes?

Enthusiasmo para a cavallaria.

Esta instituiçaõ dizia muito bem com os costumes guerreiros, para naõ inspirar o enthusiasmo. A nova nobreza, educada nas casas dos Cavalleiros, aprendeo com elles o Officio das armas, a religiaõ, e o amor. A mesma nobreza moça os servia primeiramente como pagens, depois como escudeiros, aspirando ao lugar supremo da cavallaria, a que se naõ chegava senaõ depois de próvas manifestas de valor. Daqui resultavaõ duas utilidades para a Nobreza. A que se achava na posse dos feudos, educava valerosos guerreiros annexos ao seu serviço, e aquella que era pobre, achava recursos, huma educaçaõ, e meios para o adiantamento. Porém limitando-se toda a idéa de merecimento aos objectos da cavallaria, a

Utilidades que a nobreza tira da cavallaria.

a ignorancia, a superstiçaõ, e o furor dos combates chegáraõ a ser mais do que nunca o caracter distinctivo da nobreza.

Abuso da cavallaria.

A pezar dos elogios que *Monsieur de Sainte Palaye* faz á cavallaria, a sua imparcialidade o obriga a convir: « Que » os Seculos, e em que era mais florecen- » te a cavallaria, foraõ Seculos de bar- » barbaridade, de vicios desordenados, de » roubos, e de horror; e que muitas ve- » zes todos os vicios, e crimes se acha- » vaõ juntos nos mesmos Cavalleiros, que » naquelle tempo se erigiaõ em Heroes. » (*Cinquieme Mémoire*) « Os homens saõ in- » consequentes, accrescenta aquelle sa- » bio judicioso; sempre ha muita diffe- » rença da especulaçaõ á pratica. Nos Es- » tados os mais regulares, o número da- » quelles que vivem conforme as regras » sempre he o mais pequeno, excepto » talvez nos primeiros principios. A' pro- » porçaõ que se apartaõ da origem, o » tempo introduz abusos; porém estes » abusos devem ser imputados aos ho- » mens, e naõ á profissaõ, que abraçáraõ. » A cavallaria teve a este respeito a sorte » de todos os outros institutos; e além » de que, para naõ disfarçar causa algu- » ma, a sua mesma constituiçaõ era isse- » paravel de diversos inconvenientes. Se » a considerarmos quanto á guerra, com

1. Nenhuma disciplina.

» que

» que desordem naõ devia combater huma milicia impetuosa, que nenhumas outras Leis recebia senaõ aquellas, que o seu valor lhes inspirava, e parecia procurar unicamente os meios de multiplicar os perigos; que confundia a ostentaçaõ com a gloria, a temeridade com o valor; e que cheia das suas falsas preoccupações, naõ teria já mais podido crer que houvesse Póvos mais prudentes, taes como os Lacedemonios, e os Romanos, entre os quaes o excesso do valor era castigado como cobardia: huma milicia finalmente quasi incapaz de reunir-se, e por consequencia de reparar os seus erros, e as suas perdas?»

2. Superstiçaõ.

--- « Huma religiaõ, toda supersticiosa, parecia ser a unica regra do seu estylo de proceder; pois naõ conheciaõ senaõ práticas exteriores, recommendadas pelos Presbyteros, pela maior parte tão ignorantes, como aquelles, cujas consciencias governavaõ. »

3. Desordens.

--- « Como naõ havia senaõ hum passo para dar da superstiçaõ dos nossos devotos Cavalleiros para o atheismo, tambem naõ tinhaõ senaõ hum passo para dar do seu fanatismo de amor, para os maiores excessos da libertinagem, &c. »

Sem

Sem demorar-nos em descrever os Cavalleiros andantes da Hespanha, nem as justas, e os torneios, que os Mouros introduziraõ, observemos sómente que estes jógos soberbos, e homicidas, foraõ em breve tempo introduzidos entre os outros póvos, e que os Cavalleiros de todas as terras se entregáraõ á paixaõ das aventuras. Esta paixaõ deo motivo para as Conquistas dos Normandos em Italia; e foi huma das principaes causas das Cruzadas. As emprezas da cavallaria, confundidas com as emprezas do poder Pontificio, faráõ huma das E'pocas mais interessantes.

Justas, e torneios; paixaõ das aventuras.

Fim do Tomo quinto.

IN-

INDICE

CHRONOLOGICO

De alguns factos principaes da Historia Moderna, até o decimo quinto seculo.

ESTE Indice me pareceo ser muito necessario: I. porque tendo continuado a Historia do Imperio Romano até á Conquista dos Arabicos, referi antecedentemente diversos factos consideraveis, posteriores á E'poca de Clovis: II. porque os primeiros Seculos da Historia Moderna offerecem huma mistura taõ confusa, que he impossivel observar na narraçaõ ordem certa, na qual se veja sufficientemente observada a correlaçaõ dos tempos. Limito-me ás cousas mais essenciaes.

486. *Clovis* vence, e derrota os Romanos perto de Soissons, e toma tudo quanto elles possuiaõ na Gaula. Neste tempo he que propriamente principia a Monarquia Franceza. Os *Francos*, já se tinhaõ estabelecido em Tournay, e nos seus circuitos; porém ignora-se totalmente quaes foraõ os seus primeiros

Reis.

Reis. O novo Conquistador abraçou o Christianismo em 496, depois da batalha de *Tolbiac* contra os Alemães.

Alarico, Rei dos *Visi-Godos*, vencido em Vouillé por Clovis. Senhorea-se o vencedor daquelle Reino, cuja Capital era Tolosa; porém Theodorico, Rei dos Ostro-Godos, toma-lhe novamente huma parte do mesmo Reino por meio dos seus Generaes. 507.

Morte de *Clovis*. A Monarquia dividida entre os seus quatro filhos. Estas divisões foraõ funestas por muito tempo. As guerras civís sucedêraõ-se quasi sem interrupçaõ. 511.

Morte de *Theodorico o Grande.* Theodorico tinha governado a Italia como grande Rei, ao mesmo tempo que os Imperadores Romanos se faziaõ despreziveis. O Imperador *Justino* morreo no anno seguinte, e teve por Successor o celebre *Justiniano* cuja reputaçaõ excedeo ao merecimento. 526.

Conquista da Africa contra os *Vandalos*, por *Belizario*. Este General de *Justiniano* teria podido exaltar o Imperio, se os seus fundamentos estivessem menos arruinados. Belizario servia huma Corte depravada, e ingrata. 533.

Fim do Reinado dos *Borgonhezes*. Os Reis Francezes dividíraõ esta conquista, 534.

ta, a qual augmentou consideravelmente a Monarquia.

537. Expediçaõ de *Belizario* para Italia. *Belizario* violentando em Ravenna a *Vitigez*, Rei dos Ostro-Godos, pareceo ter entregue a Italia ao Imperio, em 540; porém o Imperio naõ a podia conservar por muito tempo. *Totila*, marchando pelos mesmos passos de *Theodorico*, obrigou em breve tempo os Romanos a se retitarem.

553. O Eunuco *Narsés*, mandado por Justiniano com hum bom exercito, vence, e derrota a *Totila*. A Italia he tomada aos Godos, que poucos annos depois seráõ substituidos por outros Barbaros.

568. Governando *Justiniano II.*, Successor de Justiniano, *Alboino* estabelece em Italia o Reino dos *Lombardos*. O Imperio naõ conserva em Italia senaõ o *Exarcado* de Ravenna.

575. Principio das guerras civís excitadas em França pelas Rainhas *Fredegunda*, e *Brunehaut*. Nunca se viraõ maiores horrores. Naõ eraõ tanto o fructo da ambiçaõ daquellas duas mulheres, como da atrocidade dos costumes geraes, e das idéas supersticiosas que corrompiaõ a influencia da Religiaõ.

590. *S. Gregorio*, intitulado o Grande. Este Pontificado he célebre, ou por causa das

das virtudes do Pontifice, ou porque teve grande credito nas Cortes. Mandou S. Gregorio os primeiros Missionarios para a Grã-Bretanha, que os Saxonios, e os Inglezes tinhaõ sobjugado havia quasi hum seculo.

Phocas priva do Throno o Imperador *Mauricio*. Revoluçaõ notavel por horrorosas circunstancias. *Heraclio*, que privou do Throno a Phocas em 610, venceo os Persas; porém augmentou as infelicidades do Imperio por meio de hum pessimo governo, e de novas dissensões Theologicas. 602.

A *Hegira* dos Mahometanos, ou fugida de *Mafoma*. Este formidavel impostor, obrigado a fugir da Mecca, naõ deixou de sujeitar em breve tempo á sua Religiaõ, e ao seu poder os Arabicos, ou Sarracenos, dos quaes fez hum Povo fanatico, e igualmente Conquistador. Os Califes seus Successores, Reis Pontifices, sobjugáraõ em muito pouco tempo, a Syria, a Persia, e a Africa. 622.

Constantinopla sitiada pelos *Sarracenos*. Já se vê ameaçada a Capital do Imperio. O fogo Grego, inventado pelo Engenheiro Callinico, a salvou: porém as Provincias rendiaõ-se de todas as partes. 672.

Wam-

681. *Wamba*, Rei de Hespanha, privado do Throno por hum Concilio de Toledo, sob pretexto de penitencia. Os Bispos dominavaõ em Hespanha; davaõ Leis; e deraõ o exemplo de huma empreza nunca ouvida contra o Soberano.

711. Conquista da *Hespanha* pelos *Sarracenos* de Africa, chamados *Mouros.* Hum Heroe do Sangue Real dos Visi-Godos, chamado *Pelagio*, retirou-se para as montanhas das *Asturias*, onde fundou hum pequeno Reino Christaõ, e daqui sahiráõ inimigos tremendos dos Conquistadores.

714. Morte de *Pepino Heristel.* Tinha Pepino reinado gloriosamente em França com o titulo de Maire do Paço, porque os Reis *Negligentes* naõ tendo poder algum, os Maires tinhaõ toda a authoridade. *Carlos Martel*, o qual succedeo a Pepino, seu Pai, ainda o excedeo por causa das suas proezas.

725. O Imperador *Leaõ Isauro* pretende destruir o Culto das Imagens. Excitando esta nova heresia dos *Iconoclastas* as perturbaçóes mais funestas, soblevou os Papas, e os Póvos contra o Imperio.

732. *Carlos Martel* vence, e derrota perto de Tours os *Sarracenos*, os quaes sahindo da Hespanha, tinhaõ entrado na França,

ça, que os mesmos Sarracenos teriaõ talvez sujeitado ao Alcoraõ, se o Heroe Francez os naõ tivesse derrotado. As suas guerras civís contribuíraõ depois para a salvaçaõ dos Estados Christãos.

Pepino, filho de Carlos Martel, priva do Throno a geraçaõ de Clovis, ou os *Merovingienses*. O que em parte foi effeito da politica da Papa *Zacharias*. Querendo os Papas livrar-se do Imperio de Constantinopla, e da inquietaçaõ, que lhes causavaõ os Reis Lombardos, confiavaõ-se na França. Pepino passou duas vezes á Italia, e obrigou a *Aistulfo*, Rei dos Lombardos, a que cedesse algumas Praças á Santa Sé. 752.

Morte de *Pepino*, o qual deixa a Coroa aos seus dous filhos, *Carlos Magno*, e *Carlomano*. O primeiro reinou só em 771. As suas expediçóes, leis, e governo, formaõ huma E'poca das mais memoraveis da Historia. 768.

Fim do Reino dos *Lombardos*. Tinha o Papa *Adriano* chamado Carlos Magno contra o Rei *Didier*, que foi prezo em Pavia, sua Capital. Este Reino foi encorporado com a Monarquia Franceza. 774.

Abderamo, ou *Almanzor*, Principe Arabico, tomando a Hespanha aos Califes, 778.

fes, a governava gloriosamente como Rei.

794. *Concilio de Francfort*, célebre por causa da condemnaçaõ do segundo Concilio de Nicéa, no qual o Culto das Imagens tinha sido restabelecido, em 787, governando a Imperatriz Irene. Carlos Magno naõ se mostrou bom Theologo nesta causa, na qual taõ pouco se comprehende o sentido do Decreto de Nicéa.

800. O Papa Leaõ III. coroa Carlos Magno *Imperador*. Julgou-se restabelecer o Imperio do Occidente, do qual naõ ficava vestigio algum. O poder temporal dos Papas, cujos fundamentos Pepino tinha lançado, achou-se estabelecido mais sólidamente. Tendo *Niceforo* privado do Throno a Irene, ajustou-se com Carlos Magno. Os limites de ambos os Imperios foraõ regulados.

807. *Haroun-al-Raschid*, Califе, o qual cultivava, e fazia florecer as Sciencias, cede Jérusalem a Carlos Magno por amizade, e estimaçaõ, que delle fazia. Huma das mais notaveis revoluções do entendimento humano, he a profunda ignorancia, em que a Európa cahe, ao mesmo tempo que os Arabicos se illuminaõ.

814. Morte de *Carlos Magno*. O seu Imperio in-

incluia a França, Alemanha, Italia, Catalunha, &c. Seu filho, *Luiz o Benigno*, foi o ludibrio dos partidos, aos quaes naõ oppoz senaõ huma devoçaõ pusillanime.

Primeiras invasões dos *Normandos*, ou *Dinamarquezes*. Estes piratas, sahindo das praias do Mar Baltico, deviaõ ser por muito tempo hum dos flagellos da Europa, e produzir nella grandes revoluções. 820.

Egberto, Rei de Wessex, que se tinha formado na Corte de Carlos Magno, reunio debaixo do seu dominio em Inglaterra os sete Reinos pequenos Anglo-Saxonios, chamados a *Heptarquia*. 827.

O Imperador *Luiz*, privado do Throno por seus filhos rebeldes, ou antes por Bispos, que o sujeitáraõ á penitencia publica, a fim de lhe tirar a Coroa. Luiz sim foi restabelecido, mas naõ aprendeo a reinar. 830.

Depois da morte de Luiz, os seus tres filhos, *Lothario*, *Luiz o Germanico*, e *Carlos o Calvo*, dividem a Monarquia. Nova origem de guerras civís. 840.

Os *Normandos* entraõ na França, e chegaõ até quasi a Pariz: seus assaltos chegáraõ a ser continuamente cada vez mais terriveis. O Rei Carlos o Calvo 845.

os accommodava com dinheiro; isto he, dava-lhes motivo, e vontade para tornar, e era incapaz de lhes resistir. A Inglaterra achava-se taõ arruinada como a França.

860. Divorcio de *Lothario*, Rei de Lorena. Este foi o motivo da sua famosa disputa com o Papa Nicoláo I., que deo o exemplo das medidas mais violentas contra as cabeças coroadas. As disputas com Roma chegaráõ a ser cada vez mais frequentes; e os Papas venceráõ aos Reis. --- Nicoláo excommungou o Patriarca *Phocio*. Origem do Scisma dos Gregos.

871. Reinado do grande *Alfredo* em Inglaterra. Este he o prodigio do seu seculo, juntamente com *Carlos Magno*.

877. Morte de *Carlos o Calvo*, feito Imperador. O seu Reinado póde ser considerado como a E'poca do *governo feudal*, o qual perpetuou por muito tempo a anarquia, e as violencias.

885. Sitio de Paris pelos *Normandos*. A Cidade defendeo-se dous annos. *Carlos o Gordo* fez huma paz ignominiosa com os Barbaros. *Carlos o Simples* foi obrigado a ceder-lhes, em 912., o Paiz chamado do seu nome a Normandia: na qual reinou Rollon, seu Chéfe, gloriosamente com o titulo de Duque.

Re-

Refórma de *Cluni.* Neste tempo he que os Monges com costumes respeitaveis chegáraõ a ser poderosissimos, porque o Cléro era muito corrompido, e os Póvos muito estupidos. 910.

Conrado, Duque de Franconia, eleito Rei pelos Alemães. Deste modo a causa de França perde a Alemanha. Carlos o Simples, herdeiro daquella Coroa, naõ era senaõ hum fantasma de Rei. Os Cavalleiros Francezes o despojáraõ sem muito custo: morreo Carlos na prizaõ (929.) 912.

Ramiro II., Rei de Leaõ, e das Asturias, vence, e derrota os Mouros em Simencas, batalha famosa. Os Mouros da Hespanha estavaõ divididos por causa das guerras civís, das quaes se aproveitáraõ os Christãos, posto que pouco unidos entre si. Os progressos dos ultimos eraõ vagarosos; pórem o seu valor avigorava-se com as esperanças. 938.

Otton o Grande, coroado Rei de Italia, e Imperador no anno seguinte. Era filho de *Henrique o Passarinheiro*, Duque de Saxonia, que tinha sido eleito Rei de Alemanha. *Joaõ XII.* chama Otton para Italia contra Berenger, o qual tyrannizava aquella regiaõ. O Imperio foi concedido aos Alemães pouco mais, ou menos do mesmo modo, que tinha si- 961.

sido concedido aos Francezes. Pórem soblevada Roma em breve tempo por causa do Papa, foi sobjugada pelo Imperador. O Cléro no governo dos Ottons, chegou a ser poderosissimo em Alemanha, onde se estabeleceo a herança dos feudos.

Os Pontifices, depois de algum tempo, participavaõ da depravaçaõ dos costumes; e a augmentavaõ com o seu exemplo. A ignorancia, a superstiçaõ, os escandalos, e os crimes estavaõ no seu auge. Todavia neste seculo he que se estabeleceo o Christianismo em Dinamarca, Suecia, Polonia, Russia, Hungria, &c.

987. *Hugo Capeto*, chegando a possuir a Coroa de França, he privada do Throno a geraçaõ dos *Carlovigienses*. Assim esta geraçaõ, como a primeira, tinha cahido em desprezo por causa da frouxidaõ dos Principes. A casa reinante de hoje em dia descende de Hugo Capeto, cujo avô, e o tio já tinhaõ sido condecorados com o titulo de Reis.

998. *Roberto*, filho de Hugo Capeto, excommungado por Gregorio V. Esta excommunhaõ o obrigou a desquitar-se de sua mulher.

1017. Os *Dinamarquezes*, governando *Canuto*, Rei de Dinamarca, sobjugaõ Inglaterra;

ra; na qual reinou Canuto como grande Principe. *Sweyn* seu Pai tinha principiado a revoluçaõ.

Huns aventureiros de Normandia fundaõ em Italia a Cidade de Aversa. Estes nobres *Normandos*, animados do antigo espirito da sua Naçaõ, saõ os fundadores do Reino das *Duas Sicilias*, fructo da sua ambiçaõ, e valor. 1029.

Paz de Deos, publicada pelos Bispos, governando Henrique I., Rei de França. Esta extravagante instituiçaõ próva o excesso das desordens, e calamidades, e a impossibilidade de lhes dar remedio. 1033.

Morte de *Sancho*, Rei de Navarra, intitulado o Grande, por ter feito conquistas aos Mouros. Sancho dividio os seus Estados entre os seus quatro filhos. Eis-aqui quatro Reinos pequenos Christãos em Hespanha: *Leaõ, Navarra, Castella, e Aragaõ.* Origem de guerras civis. 1035.

Scisma dos Gregos, consummado pelo Patriarca *Cerulario*, a quem o Papa Leaõ IX. naõ respeitou. A Corte de Constantinopla era hum Theatro de Crimes. Vivia entaõ a famosa Imperatriz *Zoé*. 1054.

Os *Normandos* estabelecidos em Italia tomaõ a *Sicilia* aos Sarracenos. Esta fami- 1058.

milia de heróes naõ cessava de engrandecer-se.

1066. Conquista de *Inglaterra* por *Guilherme*, Duque de Normandia. Guilherme sobjugou inteiramente a Naçaõ por meio de huma cruel politica.

1073 *Hildebrando*, Papa, com o nome de *Gregorio VII.* Nenhum Pontificado he mais célebre por causa das emprezas contra as Coroas. Vê-se hum systema de Monarquia universal formado por este Pontifice, que trabalhou menos efficazmente em reformar os costumes do Cléro, do que em abalar a constituiçaõ dos Estados.

1076. O Imperador *Henrique IV.* (da casa de Franconia) excommungado, e deposto por *Gregorio VII.* Principia entaõ a guerra do Sacerdocio com o Imperio, cujas circunstancias causaõ horror. O Papa era defendido pelos Normandos, feitos vassallos da Santa Sé, e pela famosa Condeça *Matilde*, que lhe fez doaçaõ dos seus Estados. Morreo Gregorio em 1085. Os seus Successores seguíraõ os seus passos.

1085. O *Cid* toma Toledo aos Mouros. Os Christãos deHespanha continuavaõ sempre os seus progressos. O Reino de *Portugal* principiou em 1132.

1095. *Cruzada* prégada por *Urbano II.* no Conci-

cilio de Clermont, no qual excommungou Urbano o Rei de França, *Filippe I.* As Cruzadas daõ a conhecer perfeitamente qual era o espirito, que reinava naquelle tempo. Esta terminou-se com a tomada de Jerusalem em 1099; conquista muito pouco sólida.

Henrique IV., privado do Throno por seu filho *Henrique V.*, a quem *Pascoal II.* tinha excitado para a rebelliaõ. Esta era a consequencia da contenda de Gregorio VII. O novo Imperador com tudo a continuou. Faltando Pascoal em 1112 a hum ajuste, que tinha feito quanto ás investiduras, ateou-se a guerra. 1105.

Guerra de *Luiz o Gordo*, Rei de França, com *Henrique I.*, Rei de Inglaterra, e Duque de Normandia. Este he o principio das guerras taõ dilatadas entre aquellas duas Coroas. Estas guerras eraõ inevitaveis, des que o Rei de Inglaterra possuia hum grande feudo em França. 1115.

Fim da guerra das *Investiduras*, por meio de hum ajuste singular entre Calisto II., e Henrique V. Porém o uso de soblevar os vassallos por meio da excommunhaõ dos Soberanos perturbará por muito tempo a Europa. 1122.

Scisma de *Anacleto*, que disputava a digni- 1130.

da-

dade de Papa a *Innocencio II.* O célebre São *Bernardo*, fez com que Innocencio fosse reconhecido. Houve guerras a este respeito. Innocencio prisioneiro de *Rogero*, Rei de *Sicilia*, confirmou-lhe este titulo de Rei, que Anacleto lhe tinha concedido.

1140. *Abelardo* condemnado em Sens. *Berenger* tinha sido condemnado em França, e em Roma quasi no meio do seculo precedente. Nós o observamos, como a E'poca da falsa *dialectica*, da qual procedêraõ tantos erros, e tantas disputas funestas. Os estudos animavaõ-se novamente, e nem por isso eraõ melhores. *Arnaldo de Brescia* dogmatizava por fanatismo. Adriano IV. o perseguio: Arnaldo foi queimado em 1155. Deste modo principiaõ novamente as heresias, que chegaráõ a ser mais perigosas, á proporçaõ que se inflámmarem as disputas.

1146. Segunda *Cruzada*, prégada por S. Bernardo. *Luiz o Moço*, e *Conrado III.* primeiro Imperador da Casa de Suabia, passáraõ para a Asia com grandes exercitos. Vencidos, e derrotados pelos Turcos, hum depois do outro, voltáraõ em 1149.

1156. *Frederico Barba-ruiva*, Imperador; o qual empenhou-se muitas vezes, mas em vaõ, a domar o espirito de liberdade, e rebel-

bellião, que se espalhava pela Lombardia. Em 1176, os Milanezes vencêraõ, e dorrotáraõ o Imperador. Este he o tempo, em que o Povo sahia de todas as partes da escravidaõ, comprando *isenções*. O governo *municipal* estabelecia-se nas Cidades; os Cidadãos adquiriaõ sentimento, e industria. *Veneza*, já poderosa por causa do commercio, defendeo a Adriano IV. contra o Imperador Frederico.

Principio da contenda de *Henrique II.*, Rei de Inglaterra, com *Thomaz Becket* (Santo Thomaz de Cantuaria), a respeito dos immunidades Ecclesiasticas. Henrique era o Rei mais poderoso da Europa; pois possuia diversas Provincias de França: esta contenda porém contribuio para a sua infelicidade. 1164.

Terceira *Cruzada* contra *Saladin*, o qual tinha tomado ultimamente Jerusalem. *Frederico Barba-ruiva* morreo nesta expediçaõ: na qual naõ foraõ muito bem succedidos nem *Filippe Augusto*, nem *Ricardo*, Rei de Inglarerra. Tudo reduzio-se á tomada de *Acre*. Voltando Ricardo em 1192, foi prisioneiro do Imperador Henrique VI. Filippe Augusto, que o tinha precedido, aproveitou-se da sua ausencia, a fim de lhe causar todo o mal que podesse. 1188.

O

1196. O Imperador *Henrique VI.*, Senhor da *Sicilia*, com cuja herdeira tinha casado. Esta he a origem principal do odio dos Papas contra a casa de Suabia, que elles naõ queriaõ consentir em Italia.

1198. Principio do Pontificado de *Innocencio III.* o qual a certos respeitos, excedeo a Gregorio VII. Innocencio principiou pondo hum interdicto á França por causa de hum divorcio do Rei.

1202. *Filippe Augusto* confisca as Provincias, que *Joaõ*, Rei de Inglaterra, possuia em França; cuja confiscaçaõ foi executada por via das armas. Joaõ era taõ cobarde como violento.

1204. *Constantinopla* tomada na quarta *Cruzada.* Baldoino, Conde de Flandres, sendo o seu Chéfe, foi Imperador. Os Cruzados, parecendo que só se armavaõ contra os Infieis, sempre as suas intençóes eraõ contra a Cidade. *Veneza* teve muita parte nesta expediçaõ, na qual adquirio a Morea, e Candia.

1208. Cruzada contra os *Albigenses*. Raimundo, Conde de Tolosa, foi a victima desta atrocidade. Naquelle tempo principiou a *Inquisiçaõ*.

1212. Innocencio III. differente com *Joaõ*, Rei de *Inglaterra*; concedeo aquelle Reino a Filippe Augusto. Constitue-se Joaõ vassallo do Papa, o qual muda entaõ de dis-

disposições. Soblevados os Cavalleiros Inglezes, obrigaõ o seu Rei em 1215 a assignar o *registo principal* dos antigos titulos do Estado.

Principio das *Ordens Mendicantes*. Este estabelecimento de Innocencio III. influio muito nos negocios da Igreja. --- As *Universidades* estabeleciaõ-se. Prohibia-se ler a Metafisica de *Aristoteles*. O estudo do *Direito Romano* preparava huma revoluçaõ politica. 1215.

Mórte de *Filippe Augusto*. A sua politica tinha augmentado o poder da sua Coroa. 1223.

Gregorio IX. excommunga *Frederico II.* Este Imperador esteve continuamente exposto ás emprezas da Corte de Roma, que pertendia a ruina da Casa de Suabia. Frederico adquirio Jerusalem por meio de hum Tratado com o Soldaõ do Egypto, e naõ obstante foi novamente excommungado. 1227.

Gengis Kaõ, que morrêra ultimamente, estabeleceo na Asia, e n'huma grande parte da China, o dominio dos Tartaros *Mogoes*.

S. Fernando, Rei de Castella, toma *Cordova* aos Mouros. O mesmo Fernando lhes tomou depois Sevilha. *Jacques I.*, Rei de Aragaõ, tambem lhes tomou Valença. Ambos estes Principes foraõ 1236.

Le-

Legisladores. O Reinado de *Affonso o Sabio*, Rei de Castella, em 1252, naõ he menos célebre. As sciencias principiáraõ a nascer em Hespanha. ---- O Reino de Navarra tinha passado em 1234, ao Conde de Campanha.

1245. Concilio geral de Leaõ, no qual *Frederico* he deposto por *Innocencio IV.* Gregorio IX., alguns annos antes, tinha offerecido o Imperio a S. *Luiz* para seu irmaõ; e o virtuoso Rei o tinha rejeitado. O Imperador sustentou-se pelo seu valor; e morreo em 1250. As disputas com Roma, depois de Henrique IV., anniquilavaõ a dignidade Imperial.

1248. Cruzada de *S. Luiz*; o qual, a pezar da sua heroica virtude, foi prisioneiro no Egypto, e nada pôde fazer na Palestina.

1258. Fim da dignidade de *Calife*. Os Califes depois de muito tempo quasi que naõ tinhaõ mais do que hum grande titulo sem poder. Hum neto de Gengis Kaõ lhes tomou a sua Capital.

1261. Os Latinos perdem *Constantinopla*, que *Paleologo* lhes toma. Este Imperio reduzia-se quasi meramente á Cidade

1264. *Henrique III.*, Rei de Inglaterra, despojado pelos nobres. S. Luiz tinha sido eleito para arbitro entre aquelle Rei e os rebeldes; porém o Conde d

Lei-

Leicester eludio a sentença. Neste lugar se acha a E'poca da Camera dos *Communs*

Carlos de Anjou priva do Throno a *Conradino*, Rei de *Napoles*, *e de Sicilia.* Conradino era neto de Frederico II., e Clemente IV. tinha concedido o seu reino ao Principe Francez, o qual o mandou degollar. 1266.

Morte de S. Luiz na Africa, para onde o tinha conduzido a devoçaõ das Cruzadas. 1270.

Rodolfo de Habsburgo, Imperador. Esta he a origem da grandeza da Casa de *Austria*. Rodolfo despojando o Rei de Bohemia, Ottocar, concedeo a Austria a hum dos seus filhos. 1273.

Vesperas Sicilianas. Todos os Francezes foraõ cruelmente mórtos em Sicilia. *Pedro III.*, Rei de *Aragaõ*, assenhoreou-se daquelle Reino, que foi separado do Reino de *Napoles.* 1282.

Duarte I., Rei de Inglaterra, recebeo a homenagem da *Escossia*: effeito da violencia junta com huma politica ambiciosa. *Filippe o Bello* confiscou, e tomou a Guienna áquelle Principe. 1293.

Pontificado de Bonifacio VIII., que foi emulo de Innocencio III. As suas disputas com *Filippe o Bello*, fazem E-poca. 1294.

Oth-

1300. *Othman* estabeleceo o Imperio dos Tur-
cos, o qual se augmentou rapidamente
no tempo dos seus Successores. A Casa
Othomana descende de *Othman.*

1302. *Estados Geraes* em França, nos quaes saõ
convocados os *communs* pela primeira
vez. A Junta nacional declarou-se con-
tra as enormes pretenções do Papa,
que tinha excommungado o Rei, e
o pretendia depôr.

1306. *Roberto Bruce* livra *Escossia* do jugo de
Inglaterra.

1308. Principio da Republica dos *Suissos*. A Ca-
sa de Austria os opprimia. Tres Can-
tões deraõ o exemplo de huma mode-
raçaõ, e de hum valor heroico, cujo
premio foi a liberdade.

1309. *Clemente V.* traslada a Santa Sé para *Avi-
nhaõ*, onde reináraõ sete Papas Fran-
cezes.

1314. Morte de *Filippe o Bello*: o qual sim
firmou o Throno, porém commetteo
muitas injustiças. O *Parlamento* foi fi-
xado em Pariz no tempo deste Rei-
nado.

1321. O *Dante* morre, depois do qual *Petrarca*,
e *Bocacio* aperfeiçoáraõ a Lingua Italia-
na. Os outros Póvos naõ tinhaõ gos-
to algum.

1323. O Imperador *Luiz de Baviera*, excom-
mungado por *Joaõ XXII.* Esta gran-
de

de contenda renovou os antigos escandalos.

Duarte II., privado do Throno de Inglaterra. O famoso *Duarte III.*, seu filho, succede-lhe. 1326.

Filippe de Valois, Rei de França. Duarte III. era parente mais próximo do ultimo Rei, por parte porém das mulheres. A Lei *Salica* triunfou felizmente. Ambos os competidores declaráraõ guerra em breve tempo. O Inglez ganhou a batalha naval de *Eclusa* em 1340, a de *Creci* em 1346, e tomou depois Calais. 1328.

Batalha de *Poitiers*, em que Joaõ, Rei de França, he prisioneiro dos Inglezes. A França, e especialmente Paris chegáraõ a ser o Theatro de horrorosas desordens. 1356.

Em o mesmo anno, o Imperador *Carlos IV.* estabeleceo sete *Eleitores* pela sua *Bula de ouro.*

Pedro o Cruel, Rei de Castella, privado do Throno por Henrique de *Transtamara*, seu irmaõ natural. 1368.

Carlos V. (o Sabio) expulsa os Inglezes de França por meio dos seus Generaes, especialmente de *du Guesclin.* — Este seculo he a E'poca mais brilhante da *cavallaria.* 1370.

1379. Grande *Scisma do Occidente*, depois da mórte de Gregorio XI. Quarenta annos foraõ estes de infelicidades publicas para a Religiaõ, e para os Póvos.

1380. *Joanna*, Rainha de *Napoles*, deposta por Urbano VI. Joanna deo o seu Reino ao Duque de Anjou, que se naõ pôde estabelecer nelle: e do qual Durazzo se tinha assenhoreado.

Em o mesmo anno, morreo *Carlos V.* hum dos maiores Reis que a França tenha tido. Nunca a França foi taõ desgraçada, como no tempo do dilatado reinado de Carlos VI., seu filho.

1386. *Jagellon*, ou *Uladisláo V.*, Rei de *Polonia.* Este Principe unio á sua Coroa o Graõ-Ducado de Lithuania, e outros estados que lhe pertenciaõ.

1390. *Bajazet I.* filho de Amurath, Soldaõ dos Turcos, põem o sitio a *Constantinopla.* Houve tratados de huma, e de outra parte, e Bajazet retirou-se. Porém este terrivel inimigo dos Christãos teria depois anniquilado o Imperio Grego, se lhe naõ tivessem suscitado hum competidor tal como *Tamerlaõ*, o qual o venceo em 1402.

1396. Batalha de *Nicopolis*, na qual *Sigismundo*, Rei de Hungria he vencido, e derrotado pelos Turcos. Este he aquelle mesmo Sigismundo que foi Imperador em

em 1410, e que mandou ajuntar o famoso Concilio de Constança, onde acabou o grande Scisma.

Ricardo II. privado do Throno em Inglaterra por *Henrique IV.*, cujo filho, Henrique V., chegou a ser taõ tremendo para a França por causa das guerras, que lhe suscitou. 1399.

COMO as principaes Potencias que fazem maior figura na Historia Geral dos primeiro seculos, e que formaõ quasi todo o systema politico da Europa, saõ os Papas, os Reis de França, os Imperadores de Alemanha, e os Reis de Inglaterra, os seguintes Indices Chronologicos pódem ser de utilidade particular.

Os algarismos denotaõ o anno da mórte.

PAPAS OS MAIS CELEBRES

Depois de Gregorio II., *até o grande Scisma.*

Ser-

Sergio II. desprezou o Imperador Lothario. 847
Leaõ IV. defendeo Roma contra os Sarracenos. 855
Benedicto III., eleito a pezar do Imperador. 858
Nicoláo I., muito confiado; pois erigio-se Juiz do Rei Lothario, de todos os Bispos, e excommungou Phocio, Patriarca de Constantinopla. 865
Adriano II. abraçou o partido contra Carlos o Calvo. 872
Joaõ VIII. pretendeo dar o Imperio a este Principe: e contribuio para fazer Boson Rei de Provença. 882
Estevaõ VI. coroou Imperador o Duque de Espoleto. 891
Sergio III. deshonrou a Santa Sé, e teve infelizmente alguns imitadores. 912
Joaõ X. coroou Berenger Imperador. 928
Joaõ XII., Papa de desoito annos de idade. Chamando Joaõ para Italia a Otton o Grande, e coroando-o Imperador, rebelou-se ao depois. 963
Leaõ VIII. substituio a Joaõ XII. deposto. 965
Diversos Papas, e Anti-Papas: em Roma tudo era desordem.
Joaõ XV. chamou Otton III. em seu soccorro contra Crescencio, fazendo com que Hugo Capeto o temesse. 996

Gre-

Vi-

Victor III. proseguio a disputa das investiduras. 1087

Urbano II. prégou a Cruzada em França, depois de ter excommungado o Rei Filippe I. 1099

Pascoal II. acabou a ruina do Imperador Henrique IV., excitando seu filho para a rebelliaõ. 1118

Gelasio II. O Imperador Henrique V. oppoz-lhe o Anti-Papa Burdino. 1119

Calisto II. excommungou novamente o Imperador. 1124

Honorio II., excommungou Conrado, competidor de Lothario no Imperio. 1130

Innocencio II., em guerra com Anacleto, o qual disputava a dignidade de Papa. Innocencio poz a França em interdicto, porque Luiz o Moço naõ queria reconhecer hum Bispo Sagrado em Roma. 1143

Eugenio III., fugitivo, e refugiado em França. Eugenio abalou a Europa com huma Cruzada, por via de S. Bernardo. 1153

Adriano IV. concedeo a Irlanda a Henrique II. por huma Bulla; e obrigou ao Imperador Frederico I., a que lhe pegasse no estribo. 1159

Alexandre III. expulsado pelo Anti-Papa Victor, defende Santo Thomaz de Can-

dolfo de Habsburgo para o Imperio, e depois o excommungou. 1276

Nicoláo III., hum dos authores da conspiraçaõ contra Carlos de Anjou, Rei de Napoles. 1280

Martinho IV., favoravel a Carlos de Anjou, deo o Reino do Rei de Aragaõ, Pedro III. 1285

Celestino V. cujo Successor, (Caetano), induzio-o a demittir-se do seu cargo, em 1294, e o mandou matar na prisaõ.

Bonifacio VIII. (Caetano). Pretendeo privar do Throno a Filippe o Bello, e impor a Lei ás Coroas. 1303

Benedicto XI. levantou a excommunhaõ de Filippe. 1304

Clemente V., dedicado a Filippe o Bello; destruidor dos Templarios; estabelecido em Avinhaõ. 1314

Joaõ XXII., célebre por causa das suas exacções, e da sua contenda com o Imperador Luiz de Baviera. Este Papa adquirio Bolonha, e enganou os Bolonhezes. 1334

Benedicto XII. proseguio a contenda com Luiz de Baviera. 1342

Clemente VI. ordenou que se elegesse outro Imperador. Clemente aproveitou-se das desgraças de Joanna, Rainha de Napoles, para comprar Avinhaõ. 1352

In-

REIS DE FRANÇA

Desde Pepino até Carlos VI.

PRINCIPIO esta Lista na segunda geraçaõ, porque na primeira depois de Clovis, naõ se vê senaõ divisaõ, e confusaõ.

Car-

Carlos o Gordo, Imperador, incapaz de reinar. 888

Eudes (tio de Hugo Capeto), preferido a Carlos o Simples. 898

Carlos III. (o Simples) sem poder, e privado do Throno em 922.

Raoul, por eleiçaõ; foi prodigo na concessaõ dos feudos. 936

Luiz IV. (de Ultramar) combatido, e derrotado pelos seus vassallos. 954

Lothario, quasi sem dominio. 986

Luiz V. (o Negligente). 987

Fim da Segunda geraçaõ

GERAÇAÕ DOS CAPETOS.

HUGO *Capeto*, Principe capaz. 996

Roberto, bom, e frouxo. 1031

Henrique I., tambem frouxo. 1060

Filippe I., desprezado, por naõ ter parte alguma nos grandes successos do seu Reinado. 1108

Luiz VI. (o Gordo) adquirio authoridade. 1137

Luiz VII. (o Moço), imprudente, e infeliz por causa da sua Cruzada, e do seu divorcio. 1180

Filippe II. (Augusto) ambicioso, politico, e poderoso. 1223

Luiz

IMPERADORES DE ALEMANHA

Até Wenceslão.

A CASA de França perdeo o Imperio, e o Reino de Alemanha, por morte de Luiz IV. em 912. Os Alemães elegêraõ para seu Rei a Conrado, Duque de Franconia, o qual teve por Successor.

Ot-

Otton I. (o Grande), filho de Henrique, coroado por Joaõ XII., imitador de Carlos Magno. 973
Otton II., filho de Otton I. 983
Otton III. filho do precedente. 1001
Henrique II. da mesma casa. 1024.
Conrado II. de *Franconia.* 1039
Henrique III. filho do precedente. 1056
Henrique IV., filho de Henrique III. 1106
Henrique V., filho de Henrique IV. 1125
Lothario, de *Suplemburgo.* 1137
Conrado III., de *Suabia.* 1152
Frederico I. (Barba-ruiva), sobrinho de Conrado. 1190
Henrique VI., filho de Frederico. 1197
Filippe, da mesma Casa. 1208
Otton IV. de Brunswick. 1212
Frederico II. filho de Henrique VI. 1250
Guilherme, de Holanda. 1256
Rodolfo, de *Habsburgo.* 1291
Adolfo, de Nassau. 1298
Alberto I. de Austria. 1310
Henrique VII. de Luxemburgo. 1313
Luiz V. de Baviera 1343
Carlos IV. de Moravia. 1378
Vencesláo, filho de Carlos IV. 1400

REIS

REIS DE INGLATERRA

Des da conquista dos Normandos, até Henrique V.

Hen-

Henrique IV., usurpador, com merecimento, Pai de Henrique V., o qual se fez coroar Rei de França.

Fim dos Indices Chronologicos.

SUM-



SUMMARIO
DAS
MATERIAS DESTE QUINTO VOLUME.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

A RUINA do Imperio Romano, grande objecto de reflexões. Esta revoluçaõ explica-se por meio das causas moraes. Como os Romanos tinhaõ adquirido o seu Imperio. Como, e até que ponto se corrompêraõ os Romanos. Alguns grandes Imperadores naõ remediáraõ o mal, senaõ de passagem. Licença horrorosa dos Soldados. Vicios, e miseria do Povo. Estado deploravel do Occidente, depois da fundaçaõ de Constantinopla. Roubos públicos Revoluções continuas. Traições empregadas contra os Barbaros. Já naõ ha virtude, já naõ ha honra. Odios de Religiaõ depois do estabelecimento do Christianismo. Violencias contra os Pagãos. Daqui procedêraõ as discordias, e o fanatismo. Os mesmos Christãos divididos entre si. Imperadores Theologos, e perseguidores. Grande Imperio que o Cléro tomava. Paixaõ furiosa das Seitas. Leis pessimas de Theodosio, e dos seus filhos. Os Barbaros muito superiores aos Romanos daquelle tempo. Os Vandalos no reinado de Genserico. Alarico, e os Visi-Godos. Atila, homem grande a muitos respeitos. Odoacro, e Theodorico, Conquistadores da Italia. A sua tolerancia, comparada com a intolerancia de Justino. Clovis, e os Francos. Revoluçaõ passageira no tempo de Justiniano. Erros enormes deste Impe-



PRIMEIRA ÉPOCA.

FUNDAÇAÕ DA MONARQUIA FRANCEZA.

A BARBARIDADE ESPALHADA PELA EUROPA.

Desde CLOVIS *até* CARLOS MAGNO.

Espaço de quasi tres seculos, principiando em 486.

no. Autharico abraça a Religiaõ Chriſtã, e governa ſabia, e prudentemente. Pretende Agilulfo conquistar Roma. Sua mulher o reduz a abraçar a Religiaõ Catholica. Rothar, Legislador daquelle Reino Luitprando. Sua Lei a reſpeito do duelo. O Imperio Grego enfraquecia-ſe todos os dias poſto que os Sarracenos ſe ſujeitaſſem ao tributo. A ſuperſtiçaõ cegava os Principes, e os Póvos. Hereſia dos Iconocloſtas no tempo de Leaõ Iſauro. Sedições excitadas por cauſa deſta hereſia. Rebeliões excitadas pelos Monges. A fermentaçaõ em Italia tambem era grande. Luitprando aſſenhorea-ſe de Ravenna, e de outras muitas Cidades. Os Papas já poderoſiſſimos em Roma, e occupados em objectos politicos. Gregorio II. faz expulsar os Lombardos de Ravenna. Gregorio III., e Zacharias ſeguem os ſeus paſſos. Fim de Luitprando. Ratchis, ſeu ſucceſſor, faz-ſe Monge, depois de huma conferencia com o Papa. Deciſaõ de Zacharias a favor de Pepino, o qual pretende ſer Rei. Childerico privado do Throno por Pepino. Ceremonia da Sagraçaõ, da qual ſe abuſará algum dia. Negociaçaõ atrevida de Eſtevaõ III. com Pepino. Carta artificioſa do Papa para empenhar á Pepino na guerra contra os Lombardos. Pepino concede ao Papa muitas Cidades, de que Aiſtulfo ſe tinha apoderado. Pepino conſerva a ſoberania como Patricio. Morte de Pepino, em 768.

I. Conformidade de todos os Barbaros eſtabelecidos no Imperio do Occidente. O ſeu primeiro governo foi huma democracia militar. Os ſeus Reis: os ſeus Chéfes. Juntas da Naçaõ. A democracia depois do eſtabelecimento, chegou a ser ariſtocracia. Poder legislativo em o Povo. Como o Real poder se augmentou, ſobre tudo em França. Beneficios. Succeſſaõ á Coroa. As Leis dos Bar-

SE-

SEGUNDA ÉPOCA.

CARLOS MAGNO,

OU O NOVO IMPERIO DO OCCIDENTE.

INVASAÕ DOS NORMANDOS

Des do fim do oitavo seculo, até meiados do decimo.

Frouxidaõ, e devoçaõ de Luiz. A Monarquia dividida imprudentemente por Luiz o Benigno. Rebeliaõ de Bernardo, Rei de Italia. Seu caſtigo. Humilha-se Luiz sem razaõ. A Imperatriz Judith perturba toda a familia Real, O Abbade Vala, Chefe dos sediciosos. Luiz he quaſi privado do Throno. Tinha ſe eſte Principe ſujeitado á cenſura dos Bispos. Diſcurſo extraordinario a reſpeito da dignidade Epiſcopal. Erros multiplicados, origem da rebeliaõ. Gregorio IV. une-ſe com os Principes rebeldes. Agobardo pelo partido do Papa. Falſas Decretaes, de que se abusava. Luiz he trahido, e entrega-se aos rebeldes, que o depõem. Os Biſpos ſervem-ſe da penitencia para o excluir do Throno. Circunſtancias ignominioſas deſta ceremonia. Lothario fugitivo; o Imperador reſtabelecido. Luiz reconhece dever a Coroa aos Bispos, e a S. Diniz. Vida fabuloſa do Santo. Proceſſo dos Bispos os mais culpados. Luiz ſempre frouxo. Novos erros acompanhados de huma rebeliaõ. Morte de Luiz o Benigno. Reſtabelecimento das eleições Canonicas. Se eraõ convenientes aquellas eleições para a segurança da Coroa. Doações á Igreja em prejuizo dos filhos. Os Papas aproveitáraõ-ſe da fraqueza do Imperador. Com tudo o Imperador exercitava a ſoberania em Roma. Os Sarracenos em Sicilia. &c.

Filhos de Luiz o Benigno desavindos. Batalha de Fontenai. O Cléro concede os Eſtados de Lothario a seus irmãos. Nova diviſaõ entre elles. A Monaquia ameaçada por todas as partes. Regulamentos funeſtos para a authoridade Real. Morte de Lothario, diviſaõ entre os seus tres filhos. Car-

CAP.

do

TERCEIRA ÉPOCA.

OTTON O GRANDE.

O IMPERIO TRANSFERIDO AOS ALEMAES.— A FRANÇA SUJEITA AOS CAPETOS.

Des do meio do decimo seculo até ao tempo de Gregorio VII.

cre-

Fim do Indice das materias do quinto Volume.



